



Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Tecnologia
Programa de Pós-Graduação
em Arquitetura e urbanismo

CÍNTIA SOARES DE OLIVEIRA

**Henri Lefebvre: Possibilidades
teórico-metodológicas para
Arquitetura e urbanismo**

Natal, 2011.

Catálogo da Publicação na Fonte e normalização: Érica Simony F. de Melo, CRB15/296 e Fernando Antony G. Alves, CRB15/303

Oliveira, Cíntia Soares de.

Henri Lefebvre: Possibilidades teórico-metodológicas para Arquitetura e urbanismo.
/ Cíntia Soares de Oliveira– Natal, RN, 2011.
213 f. ; il.

Orientador: Amadja Henrique Borges.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Tecnologia. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.

1. Henri Lefebvre – Teoria e metodologia - Tese. 2. Arquitetura e Urbanismo – Tese. 3. Fenômeno urbano – Tese. 4. Totalidade – Tese. I. Borges, Amadja Henrique. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

CDU 72(043.3)

CÍNTHIA SOARES DE OLIVEIRA

HENRI LEFEBVRE:
Possibilidades teórico-metodológicas para
Arquitetura e urbanismo

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) para fins de obtenção do título de doutora em Arquitetura e urbanismo.

Orientadora: Dr^a Amadja Henrique Borges

Natal, 2011

AGRADECIMENTOS

À Vilma, minha mãe, pelo apoio incondicional, pelo exemplo, pelos papos lefebvrianos e correções.

Aos meus irmãos Marcelo e Fábio pelo respeito a minha ausência e a minha irmã Adriana, com quem divido incertezas e de quem recebo carinho.

Aos que mesmo de longe estiveram presentes: meus filhos Eduardo e Moara, os amigos Kátia Rotondaro e Walton Braga do Rio de Janeiro e Christiana Profice de Ilheus.

Aos amigos de Natal-RN, em especial ao prof. Ieso de Andrade pela grande ajuda na revisão do francês, aos amigos Lincoln e Nildete pelo companheirismo e pela solidariedade e à Silvana Mameri pela afetividade, cumplicidade e longas horas de debate sobre temas acadêmicos.

A todos os componentes dos grupos de estudo GERAH-Lefebvre/UFRN cujas discussões enriqueceram este trabalho, dentre eles Cecília Marilaine, Sarah Andrade e Rosa de Fátima Souza.

Aos colegas da Unidade Acadêmica Escola Agrícola de Jundiá-UFRN, onde desempenho a função de professora, pela

compreensão e pelas vezes que me pouparam e, em especial, a todos os meus alunos.

Às professoras da banca examinadora que na etapa de qualificação colaboraram com valiosas indicações tornando possível a conclusão deste trabalho.

À prof^a Dr^a Dulce Bentes que prontamente me cedeu uma das obras de Lefebvre que estava esgotada e a prof.^a Gleice Elali, querida orientadora de mestrado que possibilitou minha aproximação com Henri Lefebvre por meio da prof.^a Amadja H. Borges.

E, particularmente à prof.^a Dr^a Amadja, orientadora desta tese que com amizade, respeito, confiança e imensa generosidade caminhou comigo nesse percurso lefebvriano de descobertas e transformações.

Por fim, ao próprio Henri Lefebvre que com suas obras me tirou do eixo, me mostrou outras possibilidades e renovou meu otimismo influenciando minhas práticas, docente e de vida.

RESUMO

Este trabalho apresenta possibilidades teórico-metodológicas do filósofo e sociólogo francês, Henri Lefebvre, para a disciplina de arquitetura e urbanismo, no esforço de ultrapassar a fragmentação imposta pela institucionalização das ciências de modo geral. A partir da compilação *Du rural à l'urbain* (LEFEBVRE, 1970), abrange outras obras do autor do período entre 1968 e 1974, indicando condutas para a reflexão e suas inter-relações com métodos, categorias de análises e outros procedimentos para tratar o espaço-tempo de vida urbana. A metodologia envolve pesquisas sobre o 'ontem e o hoje' do autor no meio científico, investigações e análises dos seus procedimentos à luz de aspectos filosóficos, sociais, econômicos e políticos, a contextualização histórica de suas referências e apresenta elementos significativos e possíveis para o estudo, a pesquisa e a extensão na área em questão.

Palavras-chave: Henri Lefebvre – teoria-metodologia – arquitetura e urbanismo – fenômeno urbano – totalidade.

RÉSUMÉ

Cet article présente les possibilités théoriques-méthodologiques du philosophe et sociologue français Henri Lefebvre, pour la discipline de l'architecture et l'urbanisme dans un effort pour surmonter la fragmentation imposée par l'institutionnalisation de la science en général. À partir de la compilation *Du rural à l'urbain* (LEFEBVRE, 1970), apporte d'autres ouvrages de l'auteur de la période entre 1968 et 1974, indiquant les conduites pour la réflexion et leurs interrelations avec les méthodes, les catégories d'analyses et d'autres procédures pour traiter l'espace-temps urbain. La méthodologie implique la recherche sur le 'hier et l'aujourd'hui' de l'auteur dans les domaines scientifique, l'investigation et l'analyse de ses procédures à la lumière des aspects philosophiques, sociaux, économiques et politiques, le contexte historique de leurs références et fournit des éléments significatifs et possibles pour l'étude, la recherche et l'extension dans le domaine en question.

Mots-clés: Henri Lefebvre – théorie-méthodologie – architecture et urbanisme – phénomène urbaine – totalité.

ABSTRACT

This paper presents the theoretical-methodological possibilities of the French philosopher and sociologist Henri Lefebvre, for the discipline of architecture and urbanism in an effort to overcome the fragmentation imposed by the institutionalization of science in general. From *Du rural à l'urbain* (Lefebvre, 1970) compilation, it brings the author's other works from the period between 1968 and 1974, indicating the conduits for reflection and their interrelationships with methods, types of analyses and other procedures to treat the space-time urban. The methodology involves a research on the author's 'today and yesterday' in the scientific field, a research and analysis of his procedures in highlight of philosophical, social, economic and political aspects, the historical context of his references and provides significant and possible elements for the study, research and extension in the area in question.

Key-words: Henri Lefebvre - theory-methodology - architecture and urbanism - urban phenomenon - wholeness.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Região da França (ponto A) onde Lefebvre desenvolveu sua tese.....	21
Ilustração 2 - Ambientes de Paris quando Henri Lefebvre foi motorista de taxi. Rua Lepic (acima) e Rua Bois de Boulogne (abaixo).....	24
Ilustração 3 - Montagem com imagens de Henri Lefebvre e ambientes de Paris na década de 1970, ocasião da publicação da obra de referência desta tese. (Acima à direita, o Instituto de Meio Ambiente na Rua Erasme; e abaixo, a Rua de Boissy St. Léger).....	45
Ilustração 4 - Capa (e ampliação) da obra Les Pavillonnaires.....	50
Ilustração 5 - Registro do termo ‘metodologia’.....	54
Ilustração 6 - Imagem da cidade de Mourenx, França, com edificações para atender a demanda de novos trabalhadores do complexo industrial instalado ao redor da cidade.....	57
Ilustração 7 - Complexo industrial implantado em Lacq, área vizinha a cidade de Mourenx.....	57
Ilustração 8 - Registros do termo ‘método’.....	61
Ilustração 9 - Registros do termo ‘procedimento’.....	62
Ilustração 10 - Parte do texto analisado por Heidegger “Poeticamente o homem habita”, que remete ao sentido de habitar, em acordo com Henri Lefebvre.....	65
Ilustração 11 - Conjuntos habitacionais da década de 1960 – França.....	65
Ilustração 12 - Registros do termo ‘técnica’.....	67
Ilustração 13 - Dois cotidianos vividos diferentemente, expressando suas complexidades espaços-temporais na cidade do Rio de Janeiro- RJ (à esquerda) e no Distrito de Diogo Lopes – RN (à direita).....	70
Ilustração 14 - Modelo agrícola da ‘mezzadria’, na região da Toscana, Itália, onde Henri Lefebvre pesquisou sobre classes sociais no campo.....	75
Ilustração 15 - Espaços de encontro em Natal/RN e em Paris/FR.....	80
Ilustração 16 - Espaço de encontro no Rio de Janeiro/RJ.....	80
Ilustração 17 - Plan Voisin de Le Corbusier (esquerda) e HLM-habitações de aluguel moderado (direita).....	82

Ilustração 18 - Rua Chile, bairro Ribeira, Natal/RN_____	87		
Ilustração 19 - Veneza, Rio de Janeiro (acima) e Natal (abaixo) exemplificam a necessidade de diferentes procedimentos para cada caso a ser estudado_____	90		
Ilustração 20 - Propaganda ideológica sobre conjuntos habitacionais de modo a afirmar que todos os franceses tinham uma moradia (década de 1945)_____	91		
Ilustração 21 - Loteamento de habitats pavillonnaire, mostrando o arruamento e as edificações uni-familiares, dispostos em meio a vegetação_____	92		
Ilustração 22 - A publicação L’Habitat Pavillonnaire cujo prefácio é de Henri Lefebvre_____	93		
Ilustração 23 - Esquema vertical dos três níveis de realidades sociais_____	98		
Ilustração 24 - Habitações projetadas por Le Corbusier em Pessac – França_____	106		
Ilustração 25 - Conjuntos habitacionais, coleção de coisas, organização para a vida cotidiana: Conjunto habitacional em Guaratiba – RJ (acima à esquerda); um modelo do Programa Minha Casa, Minha vida,			
		promovido pelo atual ‘Governo Dilma’ (acima à direita); e, o conjunto habitacional Cardeal Dom Jaime Camara - Padre Miguel- RJ (abaixo)_____	107
		Ilustração 26 - Evento na Praça São Salvador, bairro de Laranjeiras, RJ. O local público foi sendo apropriado e com o decorrer do tempo tornou-se ponto de encontro e de lazer dos habitantes do entorno e de outras localidades da cidade_____	129
		Ilustração 27 - Temporada turística na Praça de São Marco, Veneza, Itália _____	131
		Ilustração 28 - Natal/RN_____	132
		Ilustração 29 - A disputa pelo espaço urbano no bairro do Alecrim, Natal-RN_____	135
		Ilustração 30 - Lançamento imobiliário que se utiliza da ideologia ambiental (área preservada do entorno) para sua valorização_____	136
		Ilustração 31 - Redinha, antes da construção da Ponte Newton Navarro (esquerda); Ponte Estaiada Forte Redinha sobre o Rio Potengi (direita)_____	142

Ilustração 32 - Engarrafamento na Ponte Newton Navarro (esquerda) e empreendimento imobiliário na Redinha-RN (direita).....	143
Ilustração 33 - Apartamento na Barra da Tijuca com mais de 50 itens ofertados para o lazer dos condôminos.....	147
Ilustração 34 - Neosaldina balões.....	150
Ilustração 35 - Os contatos virtuais multiplicam as relações entre grupos de pessoas e se estendem a todas as partes do mundo, em contraposição ao número crescente de solitários, principalmente nos grandes centros urbanos.....	153
Ilustração 36 - Zaha hadid: galaxy SOHO (chaoyangmen SOHO) now under construction.....	160
Ilustração 37 - Escola Doméstica fez história em Natal - RN.....	167
Ilustração 38 - Vista aérea do Complexo FARN.....	168
Ilustração 39 - Padrões encontrados na natureza, por Mandelbrot, que empregou a transdução ao buscar compreender a complexidade da natureza.....	174
Ilustração 40 - Construção do sistema de reuso de água residuária do assentamento (esquerda); Assembléia durante o processo construtivo das habitações/Assentamento Maria da Paz (direita).....	175
Ilustração 41 - Imagens ilustrativas da comemoração de 25 anos da Cooperativa de habitação por ajuda mútua 2 (COVIF2).....	176
Ilustração 42 - Moradia rural paranaense antes (esquerda) e depois (direita) da inserção da família no Programa nacional de habitação Rural - Minha casa, minha vida.....	179
Ilustração 43 - Forte dos Reis Magos, Natal, RN (esquerda) e sua imagem por entre o gradil da Ponte (direita).....	183

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: LEFEBVRE ONTEM E HOJE	20
CAPÍTULO 2: TOMADA GERAL DA OBRA REFERÊNCIA	44
CAPÍTULO 3: PASSO A PASSO COM HENRI LEFEBVRE	71
1. Problemas de sociologia rural	73
2. As classes sociais no campo	74
3. Perspectivas de sociologia rural	76
4. Teoria da renda fundiária e sociologia rural	78
5. Introdução a psico-sociologia da vida cotidiana	79
6. Os novos conjuntos urbanos	81
7. Utopia experimental: por um novo urbanismo	83
8. O bistrot-club	86
9. A vida social na cidade	87
10. Humanismo e urbanismo. Algumas proposições	88
11. Introdução ao estudo da habitação 'pavillonnaire'	91
12. Proposições para um novo urbanismo	94
13. Necessidades profundas, necessidades novas da civilização urbana	96
14. Bairro e vida de bairro	99
15. O urbanismo de hoje: mitos e realidades	101
16. Conferência na cidade universitária de Antony	104
17. Pessac, o bairro de Le Corbusier	105
18. Intervenção no seminário de sociologia de Madrid	107
19. As necessidades funcionais	108
20. A propósito da pesquisa interdisciplinar em sociologia urbana e em urbanismo	109
21. Elementos de uma teoria do objeto	112
CAPÍTULO 4: REUNINDO O QUE FOI RECORTADO	119
CAPÍTULO 5: ARQUITETURA E URBANISMO E AS POSSIBILIDADES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DE HENRI LEFEBVRE	162
CAPÍTULO 6: CONCLUSÃO	186
REFERÊNCIAS	196
APÊNDICE A - CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA INVESTIGAÇÃO DOS TRABALHOS DA FUNDAÇÃO COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES)	205

*As estrelas só brilharão à noite,
enquanto o homem não houver transformado este dia e esta noite.*

(LEFEBVRE, 1961, p.348)

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata de apresentar possibilidades teórico-metodológicas de Henri Lefebvre para o ensino, a pesquisa e a extensão em arquitetura e urbanismo, entendendo-as enquanto condutas da reflexão que autorizam procedimentos necessários para dar conta de certa problemática. Portanto refere-se, também, à possibilidade de outras escolhas de modo a romper com a fragmentação imposta à sociedade de modo geral e, assim, refletir na/a teoria-práxis daqueles que atuam no espaço-tempo de vida cotidiana e social, tanto no âmbito rural quanto urbano.

As raízes deste trabalho estão no mestrado em arquitetura e urbanismo, sob a orientação da prof^a Dr^a Gleice A. Elali, ocasião em que a prof^a Dr^a Amajda, membro da banca, apontou questões sobre outras possibilidades de análise apresentando Henri Lefebvre. A partir daí inicia-se a busca de ‘algo mais’ que permitisse apreender a complexidade das relações sócio espaço – temporais rurais e urbanas, em particular, na referida disciplina.

Após cursar ‘O estudo do habitat na obra de Henri Lefebvre¹, tema ministrado pela referida professora, pesquisar bibliografias correlatas e participar de outras disciplinas do Programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), o projeto desta tese começou a se delinear.

A principal obra estudada no período, *Du rural à l’urbain*² (LEFEBVRE, 1970a) e sua versão em espanhol (LEFEBVRE, 1978), abrangem o período de 20 anos em que Henri Lefebvre tece reflexões, críticas e sugestões acerca de aspectos vinculados, também, à modernidade enquanto

¹ Grupo composto em 2008.1 por 12, entre eles, alunos regulares e especiais dos programas de pós-graduação e de graduação dos cursos da UFRN, por exemplo, direito e geografia. As discussões e debates se fizeram acompanhar da tradução de capítulos da obra de Lefebvre (1970-francês e 1978-espanhol) para o português, dando seqüência a um grupo anterior, de 2003, que inaugurou esse processo implementado pela professora Dr^a Amadja Henrique Borges.

² Do rural ao urbano. O volume de 1970 é a compilação, em francês, organizada por Mário Gaviria e o volume de 1978 é sua tradução, por Javier Gonzalez-Pueyo, para o espanhol. É uma importante iniciativa de Mario Gaviria, que cursou sociologia urbana em Strasbourg e, em acordo com Hess (1988), convidou Henri Lefebvre para Pampelune/Espanha, local visitado várias vezes. Traduziu e difundiu sua obra, principalmente, naquele país.

marco social. Os volumes à disposição dos interessados no assunto são ainda inexistentes em nosso idioma.

A partir da disciplina já citada, formou-se o Grupo de Estudos em Reforma Agrária e Habitat (GERAH-Lefebvre)³, que além do aprofundamento das questões na obra do autor, iniciou sua tradução (francês-português) na busca de uma visão processual dos fenômenos e de seus reflexos nas ideias e suas implicações na estrutura social rural e urbana, comprovando uma ultrapassagem nas fronteiras do tempo do período de pesquisas, artigos e discursos de Lefebvre que abrangeram de 1949 a 1969.

Os estudos ampliaram e articularam conhecimentos por meio de interpretação, de debates teóricos e da concretização de ideias sobre temas relativos ao espaço de formação do habitar e do habitat, bem como sobre questões

³ O Grupo de Estudos em Reforma Agrária e Habitat (GERAH) da base de pesquisas ECO-HABITAT é coordenado pela professora Dr^a Amadja Henrique Borges e trabalha na articulação de atividades de ensino, pesquisa e extensão. No Programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo (PPGAU) da UFRN, o GERAH vincula-se as linhas de pesquisa de 'Urbanização, projetos e políticas físico-territoriais' e 'Política e projeto de habitação social', e mantém duas vertentes: GERAH e GERAH-Lefebvre.

filosóficas e políticas abrangendo para além da área de arquitetura e urbanismo (geografia, ciências sociais, filosofia, história, antropologia) e proporcionando, também, aos integrantes agregar 'saberes' interdisciplinares e de diferentes níveis de formação.

Potencialmente, a obra *Du rural à l'urbain* (LEFEBVRE, 1970a) ofereceu a oportunidade de um aprofundamento pelo olhar de Lefebvre em múltiplas e diversificadas inter-relações do espaço físico sendo transformadas mediante imposições, instituições, ideologias, valores e decisões. Possivelmente, a intensa modificação sócio-espacial que ele próprio vivenciou, aliada a sua posição e prática política (comunista) implicaram diretamente em seu arcabouço teórico que vincula a reflexão filosófica à prática da vida.

Sua biografia⁴ pontuada por uma aguçada curiosidade intelectual e por uma perspicaz capacidade de compreensão do momento vivente reflete tanto o percurso de sua vida de estudante, sua carreira de professor e pesquisador, quanto as

⁴ A biografia de Henri Lefebvre pode ser encontrada em algumas publicações, em especial em HESS, R. **Henri Lefebvre est l'aventure du siècle**. Paris: A.M. Métailié, 1988.

inúmeras viagens que fez testemunhando diversas situações pelas quais vários países passaram no decorrer do século XX.

Incessante em sua crítica à filosofia e a outros campos do conhecimento científico parcelado (LEFEBVRE, 1970a), o autor apontou o trânsito entre rural e urbano e suas implicações com a industrialização, com o tecido social e seus significados, confirmando uma nova situação que admitia o trabalhador separado dos meios de produção, o espaço separado do tempo.

A urbanização, sem maiores definições conceituais passa, então, a englobar a problemática da industrialização mascarando suas contradições e conflitos e comprometendo a compreensão da vida no campo: “A urbanização leva a industrialização para a problemática antes de levá-la para a temática e a elaboração das categorias (conceitos)”⁵ (LEFEBVRE, 1970a, p.13).

De acordo com o autor, os problemas urbanos emergentes atropelaram os de ordem industrial e os de natureza agrícola, embaçando a compreensão das

contradições acerca do crescimento e do desenvolvimento gerando, por exemplo, conflitos entre integração e segregação, forma e conteúdo, urbano e Estado, dificultando soluções entre propriedade privada e socialização do processo de produção, entre as classes sociais, entre forma, função e estrutura. Questões observadas, tanto na sociedade moderna, quanto na contemporânea.

É pertinente acrescentar que a obra escolhida *Du rural à l’urbain* (LEFEBVRE, 1970a) apontou, também, outros pontos que merecem destaque, dentre estes, o método desenvolvido por Henri Lefebvre e questões filosóficas, políticas e econômicas, as quais se vinculam com as especializações do conhecimento, a fragmentação e a totalidade.

De modo mais detalhado, o método do autor referente ao espaço-tempo no campo e na cidade, se configurou a partir da concepção filosófica de Karl Marx e ampliou-se na direção do mundo moderno por meio da inclusão do espaço naquela concepção.

As grandes transformações que ocorriam e que foram vivenciadas por ele denunciando o surgimento do fenômeno

⁵ L’urbanisation l’emporte dans la problématique avant de l’emporter dans la thématique et dans l’élaboration des catégories (concepts).

urbano, necessitavam de outros procedimentos para a compreensão de sua complexidade (como o pensamento dialético, o movimento progressivo-regressivo, a utopia experimental – transdução). Pois, o espaço, transformado e transformador das inter-relações sociais, situando-se em plano diferenciado, de inocente e/ou subserviente passou a coadjuvante num processo que vem se estendendo aos dias de hoje nas grandes cidades, nos seus contornos mais imediatos, bem como no campo.

Neste espaço-tempo de construção da vida cotidiana e da sociedade em geral se encontram ‘Lefebvre’ e ‘arquitetura e urbanismo’, uma disciplina de caráter propositivo que inclui dentre as competências e habilidades do profissional seu papel ético e social e a elaboração de métodos de pesquisa para planos e/ou projetos. Observa-se que o Projeto político pedagógico do Curso de Arquitetura e urbanismo da UFRN, dentre outras questões, visa à:

[...] formação de um profissional com um caráter generalista, [...]. Deve ser criativo e dotado de visão crítica; capaz de desenvolver uma linguagem própria; consciente da

realidade ambiental, social, econômica, técnica e cultural onde vai atuar; sensível às experiências do passado e com habilidades para transformar ideias em materializações no espaço arquitetônico-territorial [...]. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, 2006)⁶,

confirmando, também, as diversas frentes de atuação do profissional mediante as frequentes transformações do mundo contemporâneo.

Por uma perspectiva complementar, o autor (LEFEBVRE, 1970a) indicou que as ciências parcelares modificaram o mundo rompendo com sua totalidade. O século XIX enfatizou a fragmentação do conhecimento a partir da razão e cada ciência com seu método, tomando para si a totalidade, sistematizou a realidade a fim de estudá-la. Para Henri Lefebvre a totalidade é uma abstração, mas que pode ser alcançada se o método for para além de análises puramente racionais.

⁶ UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Centro de Tecnologia. Departamento de Arquitetura. **Projeto Político-Pedagógico do Curso de Arquitetura e urbanismo**. Natal, 2006. Disponível em: <<http://www.darq.ufrn.br/webroot/files/projetos/prj4b472a107dd96.pdf>>. Acesso em: 11/10/2011.

Nessa direção, a cidade se inscreve e se escreve exatamente na projeção da totalidade (LEFEBVRE, 1970a), incluindo as superestruturas e a vida cotidiana, o global e o local, cujos procedimentos devem focar a problemática, em si, envolvendo todas as disciplinas especializadas, que enquanto ‘categorias’ passíveis de crítica constante, possibilitam coibir a ideologização e seguir na direção de outros possíveis.

O autor advertiu, ainda, que a fragmentação imposta por meio de procedimentos sistematizados e de modelos pré-existentes, levou a vida cotidiana e a sociedade, como um todo, a impossibilidade de apreensão da totalidade.

Nessa direção, diante deste mundo fragmentado que mina resistências, manipula sentimentos e, ao mesmo tempo em que fixa, desloca o ‘ser’ social na fragmentação desse mesmo único mundo, contraditório, comprova-se na prática a necessidade de outras possibilidades para a disciplina de arquitetura e urbanismo. Confirmando, também, que todos os estudos, pesquisas, esforços, atitudes e ações são necessárias para que se dê conta dessa complexidade.

O ensino, a pesquisa e a extensão em arquitetura e urbanismo têm, portanto, papel fundamental, pois além do seu caráter propositivo, tratam da manifestação física do conjunto sócio-espaco-temporal implicando, diretamente na cotidianidade e na qualidade da vida social.

Por outra perspectiva complementar, várias disciplinas há muito promovem discussões teóricas e metodológicas ao redor de temas relativos à vida urbana. Todas de grande mérito e contribuição. No entanto, enquanto pesquisadora do PPGAU/UFRN e observando que dentre as competências do arquiteto e urbanista constam ‘treinamento, ensino, pesquisa e extensão universitária’⁷, vejo a necessidade de apresentar este autor dialético, que oferece outras possibilidades teórico-metodológicas em várias de suas obras. Estes procedimentos dispostos conjuntamente podem vir a orientar princípios

⁷ Lei nº 12.378 de 31/12/2010, que “Regulamenta o exercício da Arquitetura e Urbanismo; cria o Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil - CAU/BR e os Conselhos de Arquitetura e Urbanismo dos Estados e do Distrito Federal - CAUs; e dá outras providências”, no seu item VIII, artigo 1º. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/Lei/L12378.htm>. Acesso em 25/7/2011.

inovadores, potencialmente, para o ensino, a pesquisa e a extensão no referido campo de estudos.

Diante disso, considerando que a disciplina de arquitetura e urbanismo tem interferência direta na vida social urbana e que Henri Lefebvre, na obra *Du rural à l'urbain* (1970a), indica procedimentos relacionados ao espaço-tempo cotidiano e da sociedade em geral, como orientá-los na direção do ensino, da pesquisa e da extensão em arquitetura e urbanismo? Há outras possibilidades teórico-metodológicas para a disciplina de arquitetura e urbanismo a partir de Henri Lefebvre? Os momentos de grandes transformações sócio-espaciais vividos pelo autor e indicados em sua produção intelectual ajudam a disciplina a dar conta da complexidade da vida cotidiana e social, do fenômeno urbano, em si?

Admite-se como hipótese que **Henri Lefebvre**, ao analisar grandes e rápidas modificações sócio-espaciais ocorridas durante o século XX e registradas na obra *Du rural à l'urbain* (1970a), **oferece possibilidades teórico-metodológicas** que se encontram diluídas, também, em outras publicações e são de grande importância **para a disciplina de**

arquitetura e urbanismo. Esta tese defende, portanto, que as possibilidades teórico-metodológicas apresentadas por Henri Lefebvre são fundamentais para que a disciplina rompa com a fragmentação e alcance a totalidade da vida que se desenvolve no tempo-espaço social, rural⁸ e urbano, contribuindo com transformações para a vida cotidiana e da sociedade de modo geral.

Para verificar a hipótese considerou-se relevante as obras situadas entre 1968 e 1974 em que o autor se dedica, mais especialmente, aos estudos do espaço-tempo num processo de transformação e de afirmação de um novo fenômeno (urbano). E como objeto os procedimentos de Henri Lefebvre em suas relações com arquitetura e urbanismo, potencialmente, nos aspectos relativos ao espaço-tempo e à vida cotidiana e social (rural e urbana) que é, também, onde se confirma o encontro do pensamento do autor com a disciplina de arquitetura e urbanismo.

⁸ Neste trabalho, o termo 'rural' refere-se a grupamentos sociais em áreas interioranas (campo ou litoral) que, passando ou não por transformações, refletem outros modos de produção do espaço-tempo.

A verificação da hipótese se dá, ainda, a partir das vidas em geral, que se apresentam conflituosas, pobres em expectativas, divididas, compartimentadas, injustas, por vezes aterrorizantes, inseguras e redutoras de sonhos. No entanto, não se pretende adiante um resumo de problemas e sim, de alternativas possíveis para se pensar os espaços-tempos urbanos através de Henri Lefebvre, na perspectiva de outro devenir.

Tendo como objetivo principal distinguir possibilidades teórico-metodológicas de Henri Lefebvre para uma transformação do ensino, da pesquisa e da extensão na arquitetura e urbanismo, admitiu-se como princípio que os procedimentos impliquem em auxiliar na escolha dos meios necessários para dar conta de determinada problemática. Nesse sentido, ao contrário de um modelo a ser seguido, aproxima-se da busca por uma conduta da reflexão que, a partir das leis gerais do 'objeto' a ser estudado, se compõe com a teoria e metodologia apropriada para dar conta de categorias analíticas contraditórias, conflituais e em permanente movimento. Essa orientação, por conseguinte,

pode refletir na/a conduta teórico-prática do profissional, além de possibilitar a convergência de todas as disciplinas que possam estar envolvidas na solução da problemática.

Diante disso, distinguem-se como objetivos específicos deste trabalho:

- identificar possibilidades teórico-metodológicas de Henri Lefebvre para o campo de estudos da arquitetura e urbanismo, a princípio na obra *Du rural à l'urbain* (LEFEBVRE, 1970a);
- investigar e analisar os procedimentos de Henri Lefebvre para o espaço-tempo (rural e urbano) à luz dos aspectos filosóficos, sociais, políticos e econômicos;
- contextualizar historicamente as referências do autor que contribuem com a temática, dentre estas, filósofos, arquitetos, estudiosos, pesquisadores e situações;
- inter-relacionar a obra referência da tese com os volumes 'O direito a cidade' (LEFEBVRE, 2009b), *Revolução Urbana* (LEFEBVRE, 2008a), e, *Espaço e política* (LEFEBVRE,

2008b)⁹, sublinhando possibilidades teórico-metodológicas para a disciplina em questão;

- investigar, a partir das obras do recorte estabelecido, demais contribuições de Henri Lefebvre que venham a acrescentar informações sobre outras possibilidades teórico-metodológicas, dentre estas, *La production de l'espace* (LEFEBVRE, 1974b)¹⁰ e *O pensamento marxista e a cidade* (LEFEBVRE, 1972)¹¹.

Os caminhos metodológicos desta tese envolveram, a princípio, a investigação de momentos vividos pelo autor, significativos para o objeto da pesquisa e a busca em trabalhos científicos e publicações a ele correlacionadas, averiguando os procedimentos realizados. Examinando olhares diversificados,

⁹ As versões originais (*Le droit à la ville*, 1968; *La révolution urbaine*, 1970; e *Espace et politique*, 1972) datam do período do recorte estabelecido para o trabalho. As obras do corpo do texto são as edições mais recentes e referem-se a: 1ª reimpressão da obra *O Direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2009. Tradução de Rubens Eduardo Frias; *Espaço e política*. Belo Horizonte: UFMG, 2008. Tradução de Margarida Maria de Andrade e Sérgio Martins; e, *Revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 2008. Tradução de Sergio Martins.

¹⁰ *A produção do espaço*. LLEFEBVRE, H. *La production de l'espace*. Paris: Éditions Anthropos, 1974.

¹¹ LEFEBVRE, H. *O pensamento marxista e a cidade*. Póvoa de Varzim: Editora Ulisseia, 1972. Tradução de Maria Idalina Furtado.

tanto no Brasil, quanto no exterior e em trabalhos acadêmicos, abrangeu várias interpretações, conceitos, temas, procedimentos e disciplinas as quais se inter-relacionaram diretamente com Henri Lefebvre.

Considerando que o texto é uma forma de expressão, um meio de apelo, a principal obra de referência dessa tese, *Du rural à l'urbain* (LEFEBVRE, 1970a), passou por profunda investigação e contextualização espaço-temporal. As análises do conteúdo das palestras, artigos e discursos proferidos foram averiguadas à luz do objeto de pesquisa, no entanto, sem deixar de inter-relacioná-los com o foco conotativo (relação entre o 'termo', as sentenças e as unidades maiores de conteúdo do texto) e em acordo com a metodologia textual do autor.

Nesse contexto, por um lado foram selecionados termos universais e comuns às ciências, abrangendo a extensão temporal dos vinte anos da compilação (1949-1969) e por outro lado, termos comuns à disciplina de arquitetura e urbanismo, sublinhados em cada capítulo analisado e iniciando uma articulação entre Henri Lefebvre e a arquitetura e

urbanismo. Essa escolha objetivou, também, possibilitar o acesso dos interessados a esta obra ainda inexistente em nosso idioma, em especial, àqueles que estudam e pesquisam na área da disciplina em questão.

A análise contextualizada das obras do período entre 1968 e 1974, reportou-se aos pontos mais significativos de cada uma delas mediante o objeto da tese, prioritariamente, àqueles relativos à vida social e cotidiana no espaço-tempo urbano, considerando os temas abordados pelo autor na obra referência e acrescentando possibilidades teórico-metodológicas de Henri Lefebvre para a disciplina de arquitetura e urbanismo.

A escolha do recorte espaço-temporal – 1968/1974- apoiou-se tanto nas pesquisas e estudos dirigidos, quanto na bibliografia do PPGAU/UFRN, em suas vinculações entre si e com o espaço-tempo urbano, as relações campo-cidade, as implicações políticas e econômicas na vida cotidiana e na vida social e as correlações da produção do espaço com o fenômeno urbano de maneira geral, configurando a trilogia: O

direito à cidade (2009b), Espaço e política (2008b), A revolução urbana (2008a).

A identificação das possibilidades teórico-metodológicas de Henri Lefebvre manteve no cerne das análises aspectos relativos à vida no espaço-tempo urbano em constante interface com a arquitetura e urbanismo, correlacionando-os de modo a apontar para outra possibilidade de atuação da disciplina, em direção à totalidade do processo da produção e reprodução da vida no espaço-tempo cotidiano e da sociedade em geral. O que implica, ainda, na compreensão do pensamento dialético e do método do autor, envolvendo a transdução e suas implicações com a realidade vivida e o devenir.

O trabalho, portanto, está estruturado da seguinte maneira:

No Capítulo 1, **Lefebvre ontem e hoje**, constam aspectos da realidade vivida pelo autor, comprovando sua capacidade em traduzir sua época e para além, na atualidade, observando como ele é interpretado, tanto em publicações quanto em trabalhos científicos em meio eletrônico. Abrange

diversas atividades acadêmicas e publicações no exterior e no Brasil, bem como um pequeno panorama sobre as produções científicas do banco de dados da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

O Capítulo 2, **Tomada geral da obra referênci**a, trata da obra *Du rural à l'urbain* (LEFEBVRE, 1970a) na perspectiva de alcançar seu contexto espaço-temporal a partir de uma seleção de termos universais e comuns às ciências, iniciando uma articulação entre as possibilidades teórico-metodológicas do autor e a disciplina de arquitetura e urbanismo.

No Capítulo 3, **Passo a passo com Henri Lefebvre**, o estudo se aprofunda detendo-se na introdução e em cada um dos 21 capítulos da obra referência, sublinha termos comuns à disciplina de arquitetura e urbanismo e, a partir de vários aspectos relativos ao fenômeno urbano, incorpora outras possibilidades teórico-metodológicos de Henri Lefebvre para a referida disciplina.

O Capítulo 4, **Reunindo o que foi recortado**, trata das obras referentes ao período de produção intelectual em que o autor se envolve, mais diretamente, com o espaço-tempo

urbano e as cidades. As obras, 'a priori', são: O direito à cidade (LEFEBVRE, 2009b), A revolução urbana (LEFEBVRE, 2008a) e Espaço e política (LEFEBVRE, 2008b)¹² que, acrescidas de informações de outras obras do autor, contemplaram um conjunto de possibilidades para a disciplina em questão. Acrescenta-se que as publicações referentes ao recorte estabelecido foram aquelas editadas mais recentemente.

O Capítulo 5, **Arquitetura e urbanismo e as possibilidades teórico-metodológicas de Henri Lefebvre**, trata da reunião e da apresentação das possibilidades teórico-metodológicas para o ensino, a pesquisa e a extensão em arquitetura e urbanismo, de modo a contribuir para uma transformação na vida cotidiana e social em geral, tanto no âmbito rural quanto urbano, o que não exclui sua aplicabilidade em outros campos de conhecimento.

Por fim, a **Conclusão**, que tece algumas considerações gerais e trata de questões resultantes dos capítulos anteriores.

¹² Ver data original das publicações na p. 16 desta tese.

CAPÍTULO 1: LEFEBVRE ONTEM E HOJE

Este primeiro capítulo trata, especialmente, de apresentar Henri Lefebvre em duas vertentes. A primeira se atém a momentos vividos por ele, significativos e merecedores de destaque, pois colaborarão com a contextualização do objeto desta tese. A segunda vertente traz o ‘hoje’ do autor, considerando trabalhos editados e digitalizados, correlacionando-os a temas de pesquisa, procedimentos adotados, principais relações conceituais, áreas de estudo contempladas, a fim de observar as diversas interpretações e interlocuções com o autor, e assim, registrar o estado, temporário, da arte.

Iniciando com uma das questões mais relevantes, Lefebvre (2009a, 1970b)¹³ afirma que o marxismo é uma concepção de mundo, uma doutrina completa. Nessa

¹³ LEFEBVRE, H. **Marxismo**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2009a. A primeira edição, *Le marxisme*, de 1948, foi editada por Presses Universitaires de France.
LEFEBVRE, H. **Para compreender o pensamento de Marx**. São Paulo: Elo-Mafra, 1970.

perspectiva, ‘concepção de mundo’ é entendida como uma visão conjunta (natureza-homem) expressa em determinada época e ‘doutrina’ uma ação que envolve, necessariamente, um programa político.

As bases dessa afirmação estão em Lefebvre com seus dezenove anos, quando adere ao movimento comunista ao mesmo tempo em que se precipita a primeira guerra mundial. Ele explorou, incessantemente, o materialismo histórico, o pensamento dialético, a institucionalização do marxismo, seu estancamento e transformação em ideologia, a noção de alienação e seus novos aspectos políticos. Estes o levaram a se confrontar com a filosofia. A crítica filosófica se transforma, então, em crítica da filosofia (LEFEBVRE, 1970a), na busca de unir o que emana da reflexão profunda com a vida vivida, percebida e concebida.

Em 1948, em acordo com o autor na introdução da obra *Du rural à l’urbain* (1970a), surgiu a oportunidade, no ‘*Centre National de Recherches Scientifiques*’ (CNRS)¹⁴, França, de se dedicar ao estudo da prática social e da cotidianidade,

¹⁴ CNRS: Centro Nacional de Pesquisas Científicas.

contextualizando questões relacionadas aos problemas no campo, à produção agrícola e ao processo da industrialização.

Por essa ocasião, uma região dos Pirineus franceses (Ilustração 1)¹⁵ foi escolhida por ele como local para realização de uma investigação acadêmica, cujas bases teóricas se fundamentaram na teoria marxista da renda da terra. Os estudos resultaram em uma tese publicada com o título '*La vallée de Campan: Étude de sociologie rurale*'¹⁶ que registrou diferentes modalidades de vida no campo, abordou conceitos políticos e o esgotamento de algumas das comunidades, conjugados à descoberta da maior dificuldade neste campo de trabalho, o objeto de pesquisa em si, ou seja, a própria vida cotidiana com toda sua versatilidade e dimensão.

¹⁵ O ponto 'A' no mapa é a localização do Vale de Campan (tese) e o ponto 'B' instituição financeira e administrativa dos Pirineus Orientais Franceses. A linha de ligação ente os pontos indica parte da localização geral dos Pirineus. GOOGLE MAPS. **Pyrénées-orientales**. [20--?]. Disponível em: <<http://maps.google.com.br/maps?um=1&hl=pt-BR&q=Pyr%C3%A9n%C3%A9s-Orientales%2C%20Languedoc-Roussillon>>. Acesso em: 7 out. 2011.

¹⁶ A tese de Henri Lefebvre 'O vale de Campan: Estudo de sociologia rural', foi publicada por Presses Universitaires de France, 1963, e encontra-se na Biblioteca de Sociologia Contemporânea (Bibliothèque de Sociologie Contemporain).

Ilustração 1 - Região da França (ponto A) onde Lefebvre desenvolveu sua tese.



Fonte: Google Maps ([2011])

O contexto das pesquisas envolveu a decadência das potencialidades revolucionárias dos trabalhadores rurais num momento paralelo às frustrações advindas dos movimentos de revoluções na China e na URSS¹⁷. Mas, mesmo diante de obstáculos o autor continuou na busca de elucidar e discutir questões relacionadas ao campo e a cidade, estratégias de classes, práticas sociais manipuladas, formas que impunham (e

¹⁷ URSS: Antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas que hoje se consiste na Rússia e 14 países vizinhos.

ainda impõem) modelos sociais, mantendo sempre no cerne das problemáticas a questão do cotidiano e sua ambiguidade.

Lefebvre estudou e apresentou o vivido, enquanto momento interdependente do viver e do vir a ser, como uma possibilidade nova para elucidação e compreensão do século XX em suas dimensões de satisfação, descontentamento, trivialidade e tédio, situando-o no curso da modernidade como cotidianidade programada e promotora de uma estratégia de classes que atuava para modificar as relações de produção e a sociedade.

Ressalta-se, ainda, que Henri Lefebvre participou, em época de rápidas transformações e sob efeito da arquitetura e do urbanismo do pós-guerra, do movimento Internacional Situacionista (IS) inspirando seus participantes. Apesar de Guy Debord ser o nome de maior destaque do movimento, Henri Lefebvre tem importante papel intelectual para o movimento:

O nome da 'IS' que ainda hoje se destaca é o de Guy Debord, principalmente por seu livro *A sociedade do espetáculo* que publicado em 1967[...]. Associa-se freqüentemente a 'IS' o nome do francês Henri Lefebvre, cuja adesão ao grupo se dá por um curto período em torno

de 1961, mas que tem decisiva importância na elaboração das teses do movimento acerca da vida cotidiana. Lefebvre, filósofo e sociólogo, era desde os anos 20 um intelectual importante na cultura francesa. (VELLOSO, 2002).¹⁸

Considerando primordialmente a filosofia e a sociologia e tecendo parâmetros que dialogam com o compromisso de pensar o ser humano em seu ambiente, Lefebvre rejeitava a fragmentação nas ciências e qualquer sistematização do conhecimento. E, estes diferenciados modos de conjugar o pensamento (teoria-práxis), também podem ser observados na arquitetura e urbanismo.

Os estudos e pesquisas oferecidos por este pensador refletem uma metodologia pulverizada nos muitos trabalhos escritos, bem como nos discursos e palestras que proferiu no decorrer de sua vida. Portanto, a partir dessa primeira abordagem e na intenção de correlacionar alguns aspectos importantes da realidade por ele vivida com parte de sua

¹⁸ VELLOSO, Rita de Cássia Lucena. O cotidiano selvagem. *Arquitetura na 'Internationale Situationniste'*. **Arquitextos**, ano 3, 27 ago. 2002. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arc027/arc027_02.asp>. Acesso em: 21 out. 2008.

produção científica, a seguir, algumas informações que também colaboraram com o percurso deste trabalho.

Henri Lefebvre demonstra claramente sua vertente dialética, advinda também dos estudos em filosofia. Suas produções literárias mostram uma organização mental sempre atenta para que se evite qualquer sistematização que possa estancar a ciência e a própria vida.

Na época em que discussões científicas e filosóficas eram travadas por meio de publicações, elas mesmas promovendo debates e discussões acerca dos temas em evidência, Lefebvre não se escusava a expor suas opiniões, muitas vezes mal compreendidas, acerca de estudos e publicações negligenciadas por outros por causa desta ou daquela posição social ou política, ou mesmo pelo desinteresse da maioria sobre temas comuns como, por exemplo, a vida cotidiana.

Ele viveu períodos de grandes conflitos (mundiais) e de penúrias e ao mesmo tempo, de efervescência, de mudanças, e, como ele mesmo indicou em vários de seus textos, de outras possibilidades para a vida social.

O fato de Henri Lefebvre ter trabalhado enquanto motorista de taxi em Paris, na década de 1920 (Ilustração 2)¹⁹, como relata Remi Hess (1988) na obra *'Henri Lefebvre et l'aventure du siècle'*²⁰, é um episódio que confirma uma intelectualidade nata para captar a vida vivida num ambiente urbano que se reafirmava, dia após dia, necessitado de olhares diferenciados e de novas proposições, tanto no que dizia respeito a um arcabouço teórico mais amplo e referente à compreensão de espaços-tempos sociais, quanto aos elementos que se diferenciavam e se interligavam a vida cotidiana.

¹⁹ Rua Lepic, Paris, Montmartre, 1925, **CATEGORY:** FRANCE IN THE 1920S. In: WIKIMEDIA COMMONS. 2010. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/Category:France_in_the_1920s>. Acesso em: 12 abr. 2011.

KRULL, Germaine. **Avenue du Bois de Boulogne, Paris, 1928.** In: WEIJERS, Jan. Antique and classic photographic images. 22 mar. 2011. Disponível em: <<http://servatius.blogspot.com/2011/03/avenue-du-bois-de-boulogne-paris-1928.html>>. Acesso em: 12 abr. 2011.

²⁰ Henri Lefebvre e a aventura do século.

Ilustração 2 - Ambientes de Paris (1920) quando Henri Lefebvre foi motorista de taxi. Rua Lepic (acima) e Rua Bois de Boulogne (abaixo).



Fonte: (CATEGORY..., 2010; KRULL, 2011).

Hess (1988) relata:

[...] Ele varre por algum tempo as usinas Citroën do cais de Javel, depois conduz um taxi. Lefebvre percorre Paris em todos os sentidos durante dois anos. [...] precisando de dinheiro, circula bastante. Mas ele guardava sempre

certa fantasia. Ele fazia frequentes viagens gratuitas ou ia a um tipo de atelier de costura para “apanhar as aprendizes de costura” (trabalhadoras) e as conduzir para casa. Essa experiência foi essencial a Lefebvre, para seu devenir de sociólogo da terra, de sociólogo da cidade. (HESS, 1988, p.71).²¹

Percorrer variados trechos em um espaço urbano pode facilitar uma maior aproximação com ambientes de percurso, de moradias, de lazer, de isolamento, de aglomeração, bem como com aqueles que suscitam sensações de desconforto, tristeza, vazio, medo, suspense, alegria, leveza, expectativas, dentre outros, implicando em relações sócio-espço-temporais. Nesse sentido, alguns dos períodos da vida de Lefebvre, possivelmente, tenham colaborado para que suas análises e procedimentos mentais fossem tecidos com base na dialética teoria-práxis sublinhada em sua obra.

²¹ Il balaya alors quelque temps les usines Citroën du quai de Javel, puis conduisit un taxi. Lefebvre sillonna Paris dans tous les sens pendant deux ans. [...] ayant besoin d'argent, roulait beaucoup. Mais Il gardait toujours une certaine fantaisie. Il faisait souvent voyager des gens gratuitement ou allait à la sortie des ateliers de couture pour “cueillir les arpètes” (les ouvrières de la couture) et les reconduire chez elles. Cette expérience fut essentielle à Lefebvre pour son devenir de sociologue de terrain, de sociologue de la ville. (Texto original).

Lethierry (2009, p.189)²², em outra abordagem, afirma a atualidade do autor ao citar que: “[...] a cidade se estende na direção das periferias mais e mais distanciadas: Lefebvre será mais atual que jamais”. Na introdução da obra afirma, ainda, que Lefebvre traz um novo Marx, revivido para muitas gerações que o reencontram nas pesquisas sobre o espaço urbano, a cidade, a produção do espaço, ultrapassando qualquer especialidade.

Com seu pensamento dialético em constante movimento, Lefebvre é abordado em várias disciplinas o que se comprova nos dias de hoje, inicialmente, pela presença do autor em diversos trabalhos, tanto no exterior quanto no Brasil. Muitos pesquisadores e professores se pautaram nele, seja ao tratar diretamente do espaço urbano, ou ao apontar indicativos inovadores para a abordagem qualitativa das relações sociais e da vida cotidiana, incluindo reflexões sobre espaço e tempo, ideologia, instituições burocráticas, Estado, política, dentre outros.

²² LETHIERRY, H. **Penser avec Henri Lefebvre**: sauver la vie et la ville. Lyon: Chronique Sociale, 2009. “[...] la ville s’étend vers des périphéries de plus en plus éloignées: Lefebvre sera plus actuel que jamais”.

Indicando sua presença em 2010 no exterior, a Universidade Paris Ouest Nanterre La Défense promoveu, em primeiro de outubro, o seminário ‘Henri Lefebvre e a questão urbana - Conceitos e teorias nômades’. Um dos objetivos foi o de discutir como os métodos (mobilizados pela compreensão dos espaços urbanizados) e os conceitos circulam e se transformam por entre as disciplinas, o tempo e os lugares. Como convidados Edward Soja, geógrafo, e, Stephen Mrozowski, antropólogo, ambos dos EUA onde Lefebvre é considerado como um dos precursores do pós-modernismo²³.

Ainda com relação à produção estrangeira, o professor do Departamento de Geografia da Universidade de Durham, na Inglaterra, Dr. Elden Stuart, desenvolve seus trabalhos considerando, principalmente, três pensadores: Heidegger, Foucault e Lefebvre. Mais especificamente sobre este último publicou ‘Understanding Henri Lefebvre: *Theory and the Possible*’²⁴ e editou em conjunto com Moore (2004) a tradução para língua inglesa de ‘*Rhythmanalysis: Space, Time and*

²³ Disponível em: <http://www.u-paris10.fr/1279126447773/0/fiche___actualite/&RH=1274969163155>. Acesso em: 25 nov. 2010.

²⁴ Compreendendo Henry Lefebvre: A Teoria e o Possível.

*Everyday Life*²⁵ e *'Henri Lefebvre: Key Writing's*²⁶ juntamente com Lebas e Kofman (2003). Além destes, inúmeras seções em livros, dentre as mais recentes *'Lefebvre and Axelos: Mondialisation before Globalisation*²⁷.

Dando prosseguimento, o professor de sociologia PhD Neil Brenner, do Departamento de Sociologia e Programas de Estudos Metropolitanos da Universidade de Nova York, publicou no Jornal Internacional de Pesquisas Urbana e Regional *"The Urban Question: Reflections on Henri Lefebvre, Urban Theory and the Politics of scale"*²⁸. Este trabalho argumenta, principalmente, sobre questões urbanas relacionadas à questão de escala e indica que as pesquisas urbanas, desde 1990, vêm confrontando suas questões sem uma reflexão metodológica própria. Diante disso, as relações entre espaço urbano e processos supra-urbanos de capital de acumulação, regulação política e lutas de classe social vem sendo repensadas.

²⁵ Ritimanálise: Espaço, tempo e vida cotidiana.

²⁶ Henri Lefebvre: Palavra-chave.

²⁷ Lefebvre e Axelos: Mundialização antes de Globalização.

²⁸ A questão urbana: Reflexões em Henri Lefebvre, Teoria Urbana e Políticas de escala.

A questão urbana é, então, examinada sob as lentes de Henri Lefebvre em três aspectos relevantes: noção de 'implosão-explosão' do urbanismo, noção de espacialidade nacional e sua análise de política de escala. O autor aponta que a teoria sócio-espacial de Lefebvre oferece uma importante fonte de percepção metodológica para decodificar dimensões de escala nas questões urbanas recorrentes em âmbito global, nacional e local.

Como exemplo de pesquisas e discussões na Europa, O Congresso Marx Internacional V²⁹ promovido pela Universidade de Paris em outubro de 2007, apresentou oito *ateliers*. Destes, dois dedicados a Henri Lefebvre: 'Marxismo e vida cotidiana' e 'O marxismo, Lefebvre e a cidade'. Os dois *'ateliers'* foram estruturados de modo complementar entre si. Fizeram parte da organização e do evento pesquisadores da França, Martinica, Suécia, México, Alemanha, Bélgica e Brasil. Dentre os representantes brasileiros Ana Fani Alessandri

²⁹ Revue éditée avec le soutien d'Espaces Marx. Diffusée par courrier électronique. Disponível em: <<http://www.espaces-marx.org/>>. Acesso em: 14/out/2008.

Carlos³⁰, Odette Carvalho de Lima Seabra³¹ e Ana Cristina Nasser³².

O evento discutiu no primeiro *'atelier'*, o pensamento lefebvriano de vida cotidiana complementar ao modo de produção marxista, considerando conceitos muitas vezes esquecidos ou relegados como os de lazer, vida privada e familiar, sobretudo com relação à cidade, e ainda, apresentou reflexões sobre as relações de produção e a ideia de uma nova forma de luta de classe estruturada não mais somente pela

³⁰ Professora Titular do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Suas pesquisas e reflexões se voltam, principalmente, para os seguintes temas: espaço, cidade, cotidiano, metrópole e geografia urbana, teoria e método, com a perspectiva de construção de uma "Metageografia". Currículo do Sistema de Currículos Lattes. Acesso em: 14 out. 2008.

³¹ Professora Associada no Departamento de Geografia da FFLCH da Universidade de São Paulo; orienta dissertações de mestrado e teses de doutorado em duas linhas de pesquisa: "Urbanização e modo de vida" e, "Urbanização e a Economia Política do Espaço". É membro correspondente da associação " *La Somme et le Reste*", sediada em Paris. Currículo do Sistema de Currículos Lattes. Acesso em: 14 out. 2008.

³² Professora doutora da Universidade São Marcos, membro do Grupo de Estudos em Migração (CEM) e coordenadora de pesquisa do CEM-Centro de Estudos Migratórios, membro do LES - Laboratório de Economia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, membro da Association La Somme et Le Reste (França) e do Conselho de Redação da referida associação. Currículo do Sistema de Currículos Lattes. Acesso em: 14 out. 2008.

classe trabalhadora. No segundo *'atelier'* os focos principais foram: cidade, urbanismo, espaços e tempos sociais.

Com enfoque no ambiente urbano atual, Harvey (2004)³³ ao problematizar a geografia, cita que mesmo um tanto exagerado Lefebvre (1974b) preconiza sobre a larga sobrevivência do capitalismo na direção do século XX graças aos recursos de ocupação e produção do espaço.

Em outra escala de abrangência o autor associa Lefebvre a Foucault na contestação "[...] da visão mecanicista e absolutista pelo meio da qual o corpo é contido e disciplinado [...]" (HARVEY, 2004, p. 139), implicando-o na experiência do espaço e do tempo e nos processos sociais determinantes. Apesar de Lefebvre considerar necessária a permanente abertura de possibilidades em relação à produção do espaço, Harvey (2004) em contraponto, expõe a necessidade de enfrentamento dessa abertura, na tentativa de observar quais elementos necessários a uma visão de futuro configurariam no conceito de utopia.

³³ HARVEY, D. **Espaço de esperança**. São Paulo, Loyola, 2004.

Sob outro enfoque, Villaça (2001)³⁴ encontra-se entre pesquisadores e estudiosos que se fundamentam em questões discutidas por Henri Lefebvre ao tratar dos principais centros urbanos como aglomerações sócio - espaciais humanas. O autor indica esse processo como contraditório, situado entre a necessidade de aglomerar e de se afastar de ‘um ponto’. Este ponto, no qual todos gostariam de se localizar, faria surgir o centro da aglomeração. “Não existe realidade urbana sem um centro; comercial, simbólico, de informações de decisão, etc.” (VILLAÇA, 2001, p 237).³⁵

Essa publicação, em especial, trata do espaço intra-urbano articulando a estrutura territorial a outras como a econômica, a política e a ideológica. Considerando Marx em suas concepções dialéticas, é afinada com o pensamento lefebvriano de que ao mesmo tempo em que a estrutura territorial é socialmente produzida, esta reage sobre o social.

Na obra ‘Um lugar no/do mundo’, Carlos (1996)³⁶ busca compreender o viver e o habitar em seus processos de apropriação do espaço. A autora tece análises em três planos: do espaço que se compõe de experiência; do lugar onde as gerações sucessivas deixaram marcas, projetando suas utopias, seu imaginário; e, da metrópole, reveladora do urbano, onde se constrói a cultura, hábitos e valores que produzem um espaço social.

O cotidiano, que ultrapassa o “[...] inconsciente fluir de dias sempre iguais” (CARLOS, 1996, p.99) oferece ao cidadão da metrópole coações, vigilância e repetições que permitem fazer surgir o imaginário. O espaço, enquanto nicho de prevalência do valor de troca sobre o valor de uso promove novas redes de ligações humanas (sociais, culturais, históricas). O lugar neste espaço seria, então, o elemento possível para se pensar o viver, o habitar e os próprios processos de apropriação. Como produto das relações humanas e tecido por relações sociais que se dá no plano do vivido, o lugar garante,

³⁴ VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

³⁵ Idem.

³⁶ CARLOS, Ana Fani A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

deste modo, uma rede de significados e sentidos construídos pela história e pela cultura.

Lefebvre (1958)³⁷, bem como Carlos (1996), aponta para a importância do estudo da vida cotidiana, do lugar onde o homem se reconhece e vive (o vivido, o momento presente e o vir a ser) e onde se dá a unidade da vida social.

No campo da sociologia, a obra 'A sociabilidade do homem simples' (MARTINS, 2008a)³⁸ busca compreender a modernidade pesquisando como o moderno e os signos da modernidade brasileiros são incorporados pelo popular. Tratando de questões sobre o homem simples, suas necessidades e desejos misturados a diversidade da sociedade brasileira, indica que os nossos limites (ainda encobertos pela realidade dominante) podem ser, também, nossas possibilidades.

Nesse contexto, uma carta enviada por Lefebvre ao autor, cita a necessidade da restituição integral do

pensamento de Marx, de seu prolongamento e desenvolvimento com relação ao mundo moderno. E, para esta tarefa, é indispensável uma concepção que não se feche em um sistema concluído, onde o poder captura o que lhe interessa e o transforma num produto acabado.

É importante, portanto, salientar que Martins (2008a) elucida que a retomada de Lefebvre é para além dos conceitos de Marx, de modo a relacionar o pensar e a prática da vida na busca de um trajeto que, em si, contém o método dialético. Este homem simples por ele analisado, sem cotidiano e com pouca percepção, insere-se num capitalismo contemporâneo que declara desigualdades e sofrimentos, num mundo diferente daquele onde as necessidades básicas eram as mais prementes. Este homem não usufrui da tecnologia, nem da ciência em sua vida cotidiana, pois está inserido nas novas carências, onde a natureza (que media a construção do humano) é desumanizada.

Prosseguindo com Lefebvre em âmbito nacional e sublinhando sua importância para a arquitetura e urbanismo,

³⁷ LEFEBVRE, H. **Critique de la vie quotidienne I**: Introduction. Paris: L'arche, 1958.

³⁸ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Contexto, 2008a.

a tese de doutoramento da prof.^a Amadja Henrique Borges³⁹ baseou-se na metodologia de Henri Lefebvre no tocante aos critérios e as variáveis do projeto de pesquisa e ao que diz respeito ao vivido, ao viver e ao devenir enquanto conceitos que apontam para outros ‘possíveis’ na cotidianidade.

Ao examinar habitats do Movimento dos trabalhadores sem terra (MST) considerou Henri Lefebvre uma das principais referências na tese ‘MST- Habitats em movimento’ que investigou as dimensões do objeto a partir:

1. Da compreensão formal, que requer estudar separadamente os elementos sem, contudo, perder a dimensão da unidade; 2. De técnicas operacionais que permitem interpretar relações polarizadas, reciprocidades e interações; e 3. Da tridimensionalidade que, por sua vez, indica um movimento determinado, contendo conflitos internos e procedendo por ultrapassagens sucessivas. (BORGES, 2002).

³⁹ BORGES, Amadja H. **MST: Habitats em movimento**-Tipologia dos habitats dos assentamentos originários do MST nos Estados de São Paulo e do Rio Grande do Norte. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Orientação da prof.^a Dr.^a Ermínia Maricato.

É pertinente acrescentar, ainda, que o Grupo de Estudos em Reforma Agrária e Habitat (GERAH) coordenado pela referida professora, é referência para o MST e para o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), responsável, também pelos assentamentos rurais.

A metodologia utilizada pauta-se em pesquisas do próprio grupo que, aplicando o conhecimento científico em projetos populares, cria parâmetros para o desenho dos assentamentos, considerando-os enquanto representação do vivido e das expectativas de sua própria organização, promovendo um processo de planejamento participativo e articulador de ações.

Um dos principais objetivos é o de construir alternativas para as necessidades específicas das pessoas envolvidas e das famílias que precisam produzir e consumir, se organizando para viver melhor em determinados espaços, observando os direitos à saúde, habitação, ao trabalho, lazer, dentre outros. Os vários elementos que orientam a concepção do desenho do habitat e do planejamento do assentamento têm relação direta com o cotidiano dos grupos, uma vez que

se considera a organização baseada nas suas necessidades, experiências práticas e em seus hábitos de vida.

Por outra vertente, no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, a disciplina ‘Dialética e Espaço’ do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, sob a responsabilidade do Prof. Rainer Randolph, traz a proposta de discutir ‘espaço’ e ‘território’ inseridos, dentre outros, na reestruturação produtiva, no avanço das tecnologias, na sociedade em rede e de informação, no Estado e na globalização, considerando a importância da fluidez e os espaços de fluxos numa nova configuração global.

A leitura crítica das interpretações, propostas para a disciplina, busca trazer à tona o espaço como elemento essencial e de referência concreta para prática social. Reflete, ainda, sobre ‘dialética’ e ‘espaço’ levando à construção de uma tríade conceitual que permite compreender a produção do espaço social e a dinâmica de sua transformação. A aplicação prática do referencial teórico contempla as mudanças nas grandes regiões metropolitanas e suas periferias, em particular

a área metropolitana do Rio de Janeiro. A bibliografia recomendada envolve principalmente o volume ‘*The production of space*’⁴⁰.

A Universidade de Brasília, na Revista da Faculdade de Educação, publicou artigo intitulado “A vida cotidiana e a docência universitária”⁴¹ com interessante enfoque multidisciplinar voltado para a observação da docência, tendo o ‘cotidiano educativo’ papel central e representante de uma das unidades de análise. Dentre os autores considerados está Lefebvre, que indica ser no cotidiano a construção da história em vários âmbitos abrangendo, também, objetos de uso, alimentos e locais de morar e trabalhar. A possibilidade de escolha de um futuro estaria, então, delineada a partir da vida cotidiana sendo necessário perceber as manipulações intrínsecas nesta e, assim, examinar as representações (pessoais).

⁴⁰ A produção do espaço. Disponível em: <www.ippur.ufrj.br/files/dialectica_espaco.doc>. Acesso em: out/2008.

⁴¹ MOREIRA, Ana Maria de Albuquerque et al. A vida cotidiana e a docência universitária. **Linhas críticas**, v.10, n.19, p. 203 - 216, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://www.fe.unb.br/linhascriticas/n19/a_vida_cotidiana_e_a_docencia_universitaria.html> Acesso em: 14 out. 2008.

Dando continuidade ao Lefebvre 'hoje', ampliou-se a investigação para o banco de dados da CAPES (1986/2010) que, além de trazer grande contribuição em termos de conhecimento, apontou a inexistência de trabalho similar a esta tese aqui proposta.

Considerou-se, para efeito das buscas eletrônicas, palavras/expressões (chave) notadas durante os estudos coordenados pela professora Dra. Amadja Henrique Borges no decorrer de 2008/2009, quais sejam: Lefebvre, metodologias para arquitetura e urbanismo; habitat e moradia; metodologias para o urbanismo; dialética espaço-tempo; vida cotidiana em Lefebvre; vida cotidiana e cotidianidade em Henri Lefebvre; lógica formal e dialética; teorias e práticas urbanísticas; materialismo histórico-dialético; o espaço do habitar, e, rural e urbano. O ano de 2010 foi contemplado posteriormente.

Do total de 760 trabalhos selecionados, foi gerada uma sondagem por títulos e área de concentração, resultando em 359 trabalhos, e após análises de seus resumos, 148 trabalhos

ficaram, efetivamente, dispostos para análises mais aprofundadas.

Diante disso, alguns dos estudos que indicaram maior aproximação com Henri Lefebvre são aqui elencados, a fim de observar suas várias interlocuções com o autor e apontar conceitos, metodologias, inter-relações com outros intelectuais. Os demais trabalhos selecionados estão arquivados e dispostos para consultas e os caminhos metodológicos utilizados encontram-se, detalhados, no apêndice (Apêndice 1) desta tese.

O primeiro trabalho selecionado, da área de planejamento urbano e regional⁴², discursa sobre o processo de estagnação de São Paulo nos dias de hoje, a partir de análises históricas. O estudo apontou a desconsideração da sociedade para com as atividades, os usos e a estrutura da população mais pobre que lá habita.

Seu contexto contempla a questão do bairro enquanto estruturante da metrópole e a questão do vivido. A autora

⁴² PACA, Penha Elizabeth. **A estagnação urbana como parte da metrópole paulista do século XXI – o caso do Pari**. 2010. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

considerou o ‘vivido’ como conceito fundamental e a partir de Lefebvre tece um paralelo com Carlos e Oliveira (2004) abarcando o processo de reprodução espacial, bem como a apropriação, apontada como conceito que determinaria tanto as características sociais quanto o limite do bairro (CARLOS; OLIVEIRA, 2004 apud PACA, 2010).

Trata, também, da propriedade imobiliária capitalista e as necessidades sociais apontadas por Lefebvre, que são acordadas pelo Estado unicamente com relação aos interesses da classe dominante, incluindo o sistema jurídico enquanto instrumento de poder regulatório da própria propriedade privada e das propriedades imobiliárias/terra e mobiliárias/dinheiro.

Além disso, discute o capitalismo contemporâneo urbano sob a ótica de David Harvey e a centralidade como essencialidade urbana sob a ótica de Henri Lefebvre. Nesse sentido, a totalidade nunca se efetiva, pois a reestruturação implica a segregação móvel ‘do’ e ‘no’ espaço produzindo nele partes distintas e hierarquizadas. A desigualdade proveniente da segregação seria, portanto, um elemento indicativo da

estagnação em determinado tempo-espacial, que intensificado pelo modelo centro-periferia interferiria diretamente nas relações sociais.

O estudo averigua, ainda, três elementos da estrutura territorial (centro principal, sub-centros de comércio e serviços, e bairros residenciais específicos). Estes elementos vinculados a outros, como o transporte e a questão sanitária, funcionam em uma dinâmica permanente e podem ser minados ou ameaçados pela totalidade que envolve o movimento característico dessa mesma estrutura.

Nesse aspecto, a apropriação tem papel preponderante, haja vista que a partir dela são definidos os usos determinando funções e particularidades culturais e sociais nos referidos espaços.

Em outro enfoque, o trabalho vinculado ao Departamento de Geografia da USP⁴³, visa a compreender por meio de análise de projeto o processo de reprodução espacial em meio as transformações dirigidas pelo capitalismo.

⁴³ ALVES, Isabel Aparecida Pinto. **A reprodução da metrópole: o projeto Eixo Tamanduatehy’**. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

São examinados, então, grandes espaços vazios que, mesmo dotados de infra-estrutura e acessibilidade, tornam-se desvalorizados perante as transformações econômicas lá ocorridas. Nesse contexto, são analisadas relações sociais de produção capitalista, para além do seu aspecto unificador de forças produtivas, e na direção de Lefebvre que considera o momento de transformação do espaço de produção em espaço político.

O estudo se refere, também, a desigualdades e diferenciações na paisagem e suas correlações com o processo de reprodução social que, em acordo com a autora, pode ser compreendido como um movimento que envolve a reprodução das relações sociais e de produção existentes, e, as produções de novas relações implicando na consideração de várias dimensões e aspectos relativos à própria vida. Expõe, ainda, sobre a cotidianidade programada das renovações urbanas que propõe nos planos sobre o terreno edifícios residenciais cercados de verdes, ‘shoppings’ e áreas de lazer.

Considerando sob a ótica de Lefebvre a ordem próxima e a ordem distante, o trabalho aborda tanto elementos

referentes a relações, interesses e impasses, quanto ao habitar, todos interagindo na cidade que faz a mediação entre as duas ordens, pois se realizam nela e, ao mesmo tempo através dela.

A autora indica que a cidade-estado passa a se configurar em três vertentes: sociedade, Estado e cidade onde o direito à cidade, conforme Lefebvre, adverte sobre o direito à apropriação e à vida urbana e onde o valor de uso não se transforma em valor de troca, incluindo o espaço-tempo de se viver.

Em outra área de estudos, a tese ⁴⁴ ‘Objetos, atos e situações no morar na periferia da metrópole – momentos e implicação’, busca compreender os processos de produção e de reprodução das periferias urbanas sublinhando conceitos relativos a ‘necessidades’, ‘desejos’ e alienação’, dentre outros.

O primeiro ponto aqui destacado diz respeito à concepção de mundo (vínculo com o trabalho) apoiada em

⁴⁴ ROCHA, Alexandre Souza da. **Objetos, atos e situações no morar na periferia da metrópole: momentos e implicação.** 2007. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

Lefebvre. Esta concepção é entendida enquanto doutrina que conjuga homem-natureza e implica, necessariamente, em uma ação expressa em determinada época, ultrapassando o sentido puramente filosófico. A doutrina recusa tanto a hierarquização externa ao indivíduo, quanto o puro individualismo, considerando realidades naturais, práticas, sociais, históricas e apontando a possibilidade de uma harmonia espontânea nessa concepção.

No contexto, é analisada a questão do ‘morar’ em acordo com Lefebvre, que diz respeito a um conjunto de situações que implicam no fato de habitar e suas correlações, incluindo a dimensão poética. São, então, contemplados objetos, atos, pessoas, a recepção e a percepção, a relação significante-significado, as ‘topias’ (iso/hetero/u), os possíveis e os impossíveis. O cientista, portanto, precisaria se atentar para com os aspectos vinculados ao vivido, neste trabalho abordado enquanto ‘vivência’ que não considera a descontinuidade entre o singular, o individual e o subjetivo.

Prosseguindo com o mesmo trabalho, o conceito de ‘alienação’ é entendido como aspecto a ser estudado para

além das ideias e dos sentimentos, de modo a ser inserido na prática da vida. Envolve a alienação no trabalho e na vida social, inserindo o capital no topo da lista que subjuga a sociedade como um todo e que remete à expressão lefebvriana ‘sociedade burocrática de consumo dirigido’.

Por outra perspectiva, o trabalho que versa sobre um ‘conjunto habitacional de São Paulo’⁴⁵ trata, principalmente, do conceito de apropriação e da vida cotidiana. Neste estudo, são analisadas políticas municipais de habitação no período entre 1989 e 2000 frente a diferentes administrações, trazendo um referencial teórico apoiado, fundamentalmente, em Henri Lefebvre e Agnes Heller, filósofa que trata, dentre outras, de questões relativas à vida cotidiana e à psicologia⁴⁶.

Tecendo um paralelo entre correntes ideológicas de inspiração marxista - Henri Lefebvre, Agnes Heller, Karel Kosik, e Gyorgy Luckas - a autora os contrapõe a outros de corrente

⁴⁵ JESUS, Patrícia Maria de. **Território do cotidiano: tramas e dramas - Estudo do conjunto habitacional Parque Continental - SP.** 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

⁴⁶ Para informações sobre Agnes Heller, ver <www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/espectaculos/17-18899-2010-08-11.html>. Acesso em: 16 out. 2010.

fenomenológica (Michel Maffesoli e Alfred Schutz) e histórica (Jacques Le Goff e Michel de Certeau).

A partir de Agnes Heller, são analisados alguns conceitos pertinentes a vida cotidiana, apontando o vínculo entre o modo de ver a vida e as particularidades inerentes às aspirações do indivíduo englobando as mais genéricas, como por exemplo, o trabalho necessário para se reproduzir. Já a partir de Lefebvre, o conceito de 'vida cotidiana' envolve uma compreensão para além das produções materiais, alcançando a produção do espaço, do tempo e a produção do próprio ser humano em seu contexto social.

Alguns aspectos são, então, averiguados e dizem respeito tanto ao necessário distanciamento que o homem deve ter da cotidianidade para que possa compreendê-la, quanto ao tempo imposto pelos transportes, pelo trânsito, pela burocracia e que se contrabalançam com as festas. Como exemplo, o estudo aponta os farrós que acontecem, corriqueiramente, no conjunto habitacional analisado apontando o evento enquanto promotor da necessária reposição das energias perdidas.

No tópico 'Henri Lefebvre e a vida cotidiana no mundo moderno', o trabalho relaciona os termos 'cotidiano' e 'modernidade'. Essa relação é justificada pelo enquadramento do conjunto habitacional estudado e as análises das políticas de habitação quanto ao padrão arquitetônico, aos projetos e as técnicas empregadas e subsidiadas pela ideia da modernidade. Diante disto, a crise do cotidiano é presente na crise da modernidade, pois a modernidade reflete o cotidiano, e nesse sentido, Lefebvre atenta para a proposta de inovações criativas do 'moderno', enquanto uma imposição que vai de encontro ao que propõe, ou seja, leva à ausência da própria criatividade. Sobre esse aspecto, argumenta que toda crítica é necessária para que não se desvincule teoria e prática.

Quanto ao cotidiano, é discutido nos momentos que incluem necessidades, trabalho, lazer, produtos e obras, passividade e criatividade, meios e finalidade em constante interação dialética, possibilitando realizar os possíveis. A vida cotidiana esconde o que escapole dos sistemas fechados e nessa conjuntura pode se analisar, potencialmente, os tipos de

sociedades inseridas no modelo capitalista de produção e reprodução.

O trabalho tece, ainda, considerações sobre a revolução urbana envolvendo três níveis de análise: o global, o misto e o privado. Na perspectiva de Lefebvre, situa a emergência do 'habitar' enquanto elemento realizador do ser humano, com ele próprio e com a natureza, apontando que o fenômeno urbano implica em uma estratégia que tem em seu cerne a vida cotidiana abrangendo, também, a diferenciação entre os termos 'habitat' e 'habitar' em uma correspondência com 'propriedade efetiva' e 'propriedade afetiva'.

Diante do exposto, todos os trabalhos da CAPES foram avaliados com igual importância e na intenção de sublinhar aqueles que, a partir das palavras/expressões-chave, mais se aproximaram do objetivo traçado, tem-se que:

a) Os estudos vinculados à palavra-chave 'Lefebvre' indicaram datas mais recentes (2002, 2006 e 2007), situados no eixo UFRJ-UFMG-USP, nas áreas de planejamento urbano e regional, arquitetura e educação, respectivamente.

Dentre os objetivos estão: representações de professores acerca da dimensão utópica; consideração de aspectos da história e do cotidiano para aprofundamento do fenômeno urbano, e, a relação entre cidades brasileiras, averiguando a pertinência da questão pós-moderna. Observou-se quanto às metodologias utilizadas: teoria crítica das representações de Henri Lefebvre; análises da memória coletiva com base conceitual lefebvriana; e, comparação entre o 'artificial' e o 'espontâneo' sob a ótica pós-moderna, considerando Lefebvre (1969, 1999), Jacobs (2000) e Alexander (1967).

b) Os trabalhos pesquisados com a expressão-chave 'metodologias para arquitetura e urbanismo' também são mais recentes, situando-se entre 2000 e 2006. As universidades abrangem uma gama bastante significativa de regiões, contudo há uma concentração de trabalhos na USP e nas universidades da região sul do país, como a UFRG, UFSC.

As áreas de concentração dominantes foram arquitetura e urbanismo, e, arquitetura, mas houve registros em comunicação, semiótica e fitotecnia. Este último, mesmo

não tendo sido citado anteriormente, merece destaque quanto ao seu viés interdisciplinar com o contexto urbano. A metodologia envolveu um histórico da evolução do uso do solo e o estudo dos espaços livres e públicos de uma região que apresentava características rurais até meados de 1960, quando passou a ter as terras loteadas e transformadas em área urbana.

Do conjunto de objetos/objetivos voltados para arquitetura e urbanismo, ressalta-se: transformações urbanas e urbanísticas empreendidas pelo setor imobiliário; estudo de projeto e implantação dos sistemas de saúde, edifícios e instalações para saúde e sua relação com seu território (comunidade, rua, quadra, bairro e cidade); estudo de planos e projetos urbanos de Porto Alegre como cidade ideal; o estabelecimento de um corpo teórico e analítico sobre o papel de modelos externos na formação e configuração da arquitetura da paisagem e os processos de reprodução desses padrões nas áreas periféricas; a percepção do monumento pelo habitante urbano e as características sociais e históricas que interferem na monumentalidade e na construção da

imagem da cidade; e, a dinâmica da construção urbana no plano piloto de Brasília.

As metodologias envolveram: análises históricas incluindo a industrialização e a urbanização; a participação popular na construção de novos conhecimentos, o exercício coletivo de tomada de decisões e o fortalecimento emancipatório dos moradores; análise das dimensões morfológicas, funcional (natureza das mudanças de usos e atividades urbanas e a intensidade com que ocorreram nas várias frações urbanas), topoceptiva (o desempenho dos espaços para a orientabilidade das pessoas e a identidade dos lugares) e da co-presença (o desempenho dos lugares em sua capacidade de facilitar ou não encontros interpessoais nos espaços abertos e/ou coletivos).

c) Com relação à expressão-chave 'habitat e moradia' seis trabalhos (CAPES) dizem respeito mais diretamente à área de arquitetura e urbanismo e apenas dois dos 13 trabalhos são da década de 1990, não informando sobre metodologias ou técnicas utilizadas. As universidades mais representativas, tanto em número, quanto com referência à área de

arquitetura e urbanismo são a UFRJ e a USP. A título de exemplo, dois trabalhos são aqui destacados, quais sejam:

c.1) O trabalho da arquitetura e urbanismo da UFRJ 'A abordagem ecossistêmica aplicada em projetos habitacionais de comunidades sustentáveis', cujo objetivo foi o de mostrar a relação entre a moradia do homem (o habitat), com os edifícios do entorno, a rua, o bairro e a cidade, considerando que a visão reducionista 'dividir para conhecer' pode ser substituída pela visão holística; e,

c.2) O trabalho da área de ciências humanas da UFSC, 'Criatividade dos Sem-Terra na Construção do Habitat - um olhar etnográfico sobre a dimensão espacial do MST' que inclui a categoria 'espaço' como palavra-chave. Este estudo comparativo, cuja metodologia envolve a abordagem multidisciplinar (ciências humanas, antropologia e arquitetura e urbanismo) e o conceito de espaço como um dos indicadores para se compreender práticas sociais que não são explicitadas verbalmente no cotidiano aborda, também, o estudo etnográfico da construção social do espaço no cotidiano do MST (Movimento dos trabalhadores Sem Terra).

d) A expressão-chave 'metodologias para o urbanismo' apontou sete trabalhos localizados na área de arquitetura e urbanismo, seis na de arquitetura, quatro em planejamento urbano e regional, dois em urbanismo, um em desenvolvimento urbano e um em gestão urbana. Os demais se situaram nas áreas de engenharia (principalmente de transporte), meio ambiente, geografia, geologia, agronomia, administração, extensão rural, pesquisas espaciais, saúde pública, e, comunicação e semiótica.

Do total de 65 trabalhos selecionados, mais da metade encontra-se nas universidades do sudeste, particularmente na USP e UFRJ, constando nas universidades federais do sul do país dez trabalhos, a maioria na UFRG. No centro-oeste cinco trabalhos na UnB, e no nordeste nove trabalhos, dentre estes, um do RN sob a orientação da prof^a Dr^a Virginia Maria Dantas de Araújo. O norte do Brasil conta com apenas um trabalho na Universidade Federal do Pará.

Quanto ao período de publicação eletrônica, mais de 70% dos trabalhos com a palavra/expressão-chave 'metodologia para o urbanismo' concentram-se entre 2000 e

2009. Sobre os mais antigos, um trabalho data de 1991 não indicando metodologia ou instrumentos utilizados e outros dois datam de 1992, nas áreas de transportes urbanos e climatologia aplicada ao ambiente construído.

A título de exemplo, destacam-se:

d.1) O estudo de paisagens (preferência e transformação) na área de transição rural-urbano de um município paulista que sofre as pressões da modernização das atividades agropecuárias, bem como de residências secundárias. A metodologia se apoiou na cognição ambiental avaliando atitudes e expectativas de diferentes grupos sociais;

d.2) As experiências vivenciadas nas etapas de planejamento e gestão participativa dos trabalhos técnicos e sociais de um projeto de mutirão, na direção da consolidação de uma nova ordem social comprometida com a construção da identidade coletiva, do espírito de vida em comunidade e do exercício da cidadania. Esta metodologia pautou-se nas pesquisas descritiva e participante;

d.3) O trabalho sobre revitalização de conjuntos históricos (integrante do programa nacional resultante de

empréstimo entre o BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento e o Governo Federal do Brasil) que analisa projetos de reabilitação urbana no bojo do discurso do planejamento estratégico e analisa dois casos: Quito, enquanto modelo de implantação no Equador, e São Paulo/Brasil;

d.4) O estudo aplicado a um bairro histórico que averigua o conceito de ‘permanências urbanas’ analisando o passado e, posteriormente, o conhecimento dos vestígios materiais resultantes. A metodologia considerou características morfológicas e tipológicas do ambiente urbano e variantes culturais para a configuração espacial do lugar.

Os procedimentos metodológicos, em geral, (‘metodologias para urbanismo’) envolveram, principalmente, a pesquisa participante indicando a presença dos envolvidos, e em outra vertente, a inclusão do aspecto ‘tempo’ (passado e presente) e de elementos culturais de determinado grupo para alcançar o objetivo traçado.

Os demais trabalhos da CAPES guardam sua própria relevância envolvendo, dentre outros, tecnologias digitais,

análises de planos e projetos, revisões bibliográficas, simulações, observações empíricas, análises de dados variados.

De todo modo, o conjunto de informações tratado no decorrer do capítulo, incluindo eventos, publicações, estudos e pesquisas das universidades brasileiras que, direta ou indiretamente, inter-relacionam Henri Lefebvre com a disciplina de arquitetura e urbanismo, pode ser resumido da seguinte maneira:

- o 'cotidiano educativo', considerado enquanto uma unidade de análise para estudos relativos à docência;
- certos métodos e conceitos que, mobilizados por determinadas compreensões do espaço urbano, se transformam e se inserem em variadas disciplinas;
- a necessidade de outras reflexões metodológicas para pesquisas urbanas envolvendo, principalmente, a questão de escala;
- a não consideração de algumas categorias de análise com relação à cidade, como 'lazer', 'vida privada' e 'vida familiar';

- reflexões que apontam para uma nova forma de luta de classes que não envolve, somente, a classe trabalhadora;
- a importância dos recursos de ocupação e produção do espaço para a sobrevivência e a ampla atuação do capitalismo no século XX;
- a necessidade de se compreender a contradição dos centros urbanos nos processos de implosão/explosão das aglomerações sócio-espaciais humanas;
- as relações entre 'viver e habitar' e 'apropriação do espaço';
- a metrópole, reveladora do urbano, enquanto lugar onde a cultura, os hábitos e os valores produzem um espaço social;
- o indispensável estudo da vida cotidiana para a compreensão do espaço-tempo social nas cidades;
- a relação entre o 'pensar' e a 'prática da vida', a qual contém em si o método dialético;
- o pensamento de Henri Lefebvre inserido nas concepções de Karl Marx e que seguiu para além destas;

- os critérios e as variáveis para projeto de pesquisa levando em conta o vivido, o viver e o devenir enquanto outras possibilidades para a cotidianidade;

- os elementos orientadores do planejamento e do desenho do habitat em relação direta com o cotidiano do grupo em questão, incluindo sua participação ativa no processo;

- a inserção das discussões sobre 'espaço' e 'território' em questões relativas à reestruturação produtiva, tecnologias, sociedade em rede e de informação, Estado e globalização.

Diante do exposto, registra-se tanto a importância das informações oferecidas pela CAPES ao longo de vinte e três anos (1986 a 2009) de trabalhos acadêmicos dispostos para pesquisas, quanto a premente interdisciplinaridade de Lefebvre. No entanto, o estado da arte é na verdade temporário e o autor, longe de se resumir ao ontem e ao hoje 'é' também no devenir, como muitos que se empenharam e se empenham em estudos e pesquisas que podem refletir no benefício da sociedade de modo geral.

Observou-se, ainda, que Henri Lefebvre foi referência em temas diversos que abrangem diferentes aspectos relativos à cidade e aos problemas do espaço urbano, indicando, também, que há diferentes modos de acesso ao seu pensamento. Contudo, para alcançar o objetivo desta tese, as análises de suas obras centraram-se no contexto social da realidade rural e urbana - o espaço-tempo que é transformado e que transforma a vida cotidiana e social - mantendo em foco outras possibilidades para o ensino, a pesquisa e a extensão em arquitetura e urbanismo.

Não cabe aqui, portanto, construir a história teórico-metodológica da disciplina, nem indicar como as possibilidades teórico-metodológicas de Henri Lefebvre nela serão inseridas, mas localizá-las e apresentá-las, abrindo novas perspectivas neste sentido.

O período em que Lefebvre se dedica, mais especificamente, ao estudo da vida no campo e na cidade, a qual reflete parte do fenômeno urbano é, portanto, mais profundamente analisado para que se alcance o objetivo proposto.

Para tanto, buscou-se uma aproximação com o autor, para além das perspectivas fenomenológica, comparativa, descritiva ou de qualquer sistematização. O que não indica suas exclusões, mas a busca por outras possibilidades, que também é a busca por não dogmatizar, ou estancar os pensamentos em modelos teóricos ou metodológicos a serem repetidos ou extrapolados.

Assim sendo objetivou-se, especialmente, seguir com Lefebvre na busca de apreender condutas para a reflexão que apontem procedimentos teórico-metodológicos na direção do alcance da totalidade da vida, rural e urbana, pela perspectiva da disciplina de arquitetura e urbanismo.

CAPÍTULO 2: TOMADA GERAL DA OBRA REFERÊNCIA

Durante seu percurso de vida, Lefebvre presenciou, vivenciando e pesquisando, a desconsideração marcante para com a área rural, os trabalhadores e seu enfraquecimento revolucionário diante dos acontecimentos que envolviam, em alguns países, reformas agrárias e regulamentações de questões rurais. Estas circunstâncias, somadas ao domínio do seu conhecimento sobre a concepção marxista, bem como seus estudos em Mourenx - França, revelaram ao autor as modificações no meio rural e a nova problemática que se apresentava: o urbano, a sociedade urbana.

A conjuntura indicava, ainda, algumas contradições entre as relações capitalistas de produção, entre a propriedade privada e a socialização do processo de produção, a burguesia e o proletariado, a segregação e a integração, e, potencialmente, entre o urbano e o Estado.

A obra aqui analisada, *Du rural à l'urbain* (LEFEBVRE, 1970a), envolve as questões acima mencionadas e apresenta um importante centro teórico que ressalta as relações entre

campo e cidade e destas com o tecido urbano de modo geral. É uma compilação que reúne 21 trabalhos (conferências, palestras, seminários, dentre outros) e abrange o período das décadas de 1949 a 1969 mantendo cada texto em sua correspondência espaço-temporal.

O autor sublinha que alguns aspectos são importantes para a compreensão da obra: os capítulos se inter-relacionam buscando não constituir um sistema; “a chave do conjunto que se encontra ‘além’, na lógica dialética vinculada a uma concepção da lógica formal”⁴⁷ (LEFEBVRE, 1970a, p. 15); e, a negação crítica, tanto ao sistema que se pretende absoluto, quanto aos subsistemas, instituições, ideologias, sistematizações de valores e de decisões. Cada texto deve, portanto, ser apreciado em função do movimento geral e observado com relação à problemática urbana e ao declínio do estruturalismo, ambos periodizados e registrados naquelas décadas acima citadas.

⁴⁷ [...] la clef de l'ensemble manque ici, car elle se trouve ailleurs: dans la logique dialectique rattachée elle-même à une conception de la logique formelle [...]. (Texto original).

Mais especificamente com relação ao objetivo desta tese, manteve-se atenção na relação dialética e conflitual dos processos de transformação da produção e reprodução dos espaços-tempos refletindo no tecido urbano, onde a questão principal é a crítica aos projetos urbanísticos em função da ação do Estado, do desdobramento do ‘mundo da mercadoria’ e da institucionalização do urbanismo, bem como de outras disciplinas. O autor (Ilustração 3)⁴⁸ tratou, ainda, de um preceito metodológico marxista de fundamental importância para a compreensão de seus pensamentos:

O momento recorrente analítico-regressivo precede um momento histórico-genético, no curso do qual o procedimento do pensamento se volta na direção do atual, a partir do passado revelado, apreendido nele mesmo.⁴⁹ (LEFEBVRE, 1970a, p.19).

⁴⁸ UTOPIES ET AVANT-GARDES. **Henri Lefebvre (1901 – 1991)**. Disponível em: <<http://utopies.skynetblogs.be/archive/2008/12/24/henri-lefebvre-1901-1991.html>>. Acesso em: 04 set. 2011; ARCHIWEBTURE. **Rua Erasme**. Disponível em <www.archiwebture.citechaillot.fr>. Acesso em: 04 set. 2011. SAINT LÉGER. **Rue de Boissy St. Léger**. Disponível em: <www.stleger.info.fr>. Acesso em: 04 set. 2011; e

⁴⁹ [...] le moment récurrent, analytico-régressif, precede un moment histórico-génétique, au cours duquel la démarche de la pensée revient

O que indica, também, uma crítica às sistematizações e ao emprego de alguns conceitos metodologicamente e teoricamente essenciais (estrutura, forma, função) entendidos, muitas vezes, de modo a reduzir as análises (estruturalismo, formalismo, funcionalismo).

Ilustração 3 - Montagem com imagens de Henri Lefebvre e ambientes de Paris na década de 1970, ocasião da publicação da obra de referência desta tese. (Acima à direita, o Instituto de Meio Ambiente na Rua Erasme; e abaixo, a Rua de Boissy St. Léger).



Fonte: Utopies... ([s.d.]); ArchiWebture ([s.d.]); Saint Léger([s.d.]).

vers l'actuel, à partir du passé décelé, suisie en lui-même. Ce précepte méthodologique [...]. (Texto original).

De todo modo, o volume *'Du rural à l'urbain'* (LEFEBVRE, 1970a) é o ponto de partida, mas não define todo o objeto deste estudo. A obra reflete, também, o percurso das etapas deste trabalho, em constante inter-relação com a disciplina de arquitetura e urbanismo, considerando outras publicações referentes ao período de produção intelectual em que Lefebvre se dedica, mais detidamente, a práxis que reflete o fenômeno urbano.

Mantendo isso em mente, os caminhos metodológicos deste capítulo englobaram as contextualizações espaço-temporais das referências do autor sobre obras, artistas, intelectuais, datas, lugares, situações, dentre outros, inter-relacionando a investigação com o contexto e enriquecendo, também, os conhecimentos adquiridos no processo. Envolveram, ainda, pesquisas bibliográficas e via internet, possibilitando ampliar o estudo na direção do caminhar histórico e identificar questões de determinadas épocas que influenciaram concepções e práticas sociais, políticas, econômicas e filosóficas ao longo do tempo.

Com vistas a uma tomada geral da obra de referência, termos comuns às ciências foram definidos e aplicados à estrutura do texto - 'metodologia', 'método', 'técnica' 'procedimento' – incluindo os termos similares à 'metodologia' encontrados na obra ('metodológico', 'metodológica' e 'metodologicamente'). De modo que as análises, por um lado mantiveram o foco conotativo entre 'termos', sentenças e unidades maiores de conteúdo delineado pelo autor (BAUER; GASKELL, 2002) ⁵⁰ e por outro, a disciplina de arquitetura e urbanismo, iniciando uma articulação com as possibilidades teórico-metodológicas de Henri Lefebvre.

Ressalta-se, ainda, que os 'termos' selecionados não são averiguados enquanto 'conceitos', pois Henri Lefebvre trata de outros modos de conjugar os pensamentos e discernir categorias de análise que, diferentemente de um sistema, se constituem e se relativizam em acordo com os níveis e dimensões postas em perspectiva para determinado campo de estudo.

⁵⁰ BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som..** Rio de Janeiro: Vozes, 2002. Tradução de Pedrinho A. Guarechi.

Diante do exposto, acolheram-se na obra referência os registros textuais dos termos: a) Metodologia, incluindo termos similares, b) Método, c) Procedimentos, e, d) Técnica, sublinhando os termos do texto original da publicação e procedendo com a análise, a seguir:

a) Metodologia, metodológico(s), metodológica(s), e, metodologicamente:

a.1. A investigação permitiu observar que Henri Lefebvre cita o termo 'metodologia' 7 vezes, em três dos vinte e um capítulos da obra. Tratando-o com relação a um procedimento mental organizado o relaciona a 'ciências', 'modelos', 'conceitos', 'objetos e objetivos'. Os parágrafos, abaixo, demonstram suas contextualizações:

- Ao tratar da sociologia rural Lefebvre (1970a, p. 63) cita, ao observar a vida rural no âmbito das reformas agrárias e diante das exigências da cotidianidade, que 'o 'aforismo de Hegel' deveria vir à frente de toda metodologia das ciências sociais: "O que é familiar nem por isso é conhecido" ⁵¹

⁵¹ L'aphorisme de Hegel devrait venir en tête de toute méthodologie des sciences sociales: "Ce que est familière n'est par pour cela connu. (Texto original).

(LEFEBVRE, 1970a, p.65). Ainda neste capítulo, sobre a realidade camponesa, refere-se às complexidades, horizontal (formações de mesmo período com manifestações diferenciadas) e vertical (ou histórica), que se entrelaçam e se entrecortam atuando uma sobre a outra, exigindo, portanto uma metodologia (LEFEBVRE, 1970 a, p 66). Esse artigo é parte dos 'Cadernos internacionais de Sociologia' e data de 1949;

- No capítulo sobre transdução e utopia experimental, refere-se ao vocábulo em algumas situações do texto que foi publicado na 'Revista francesa de sociologia'⁵² de 1961. A primeira faz uma crítica à equipe de Zurique: "Ela busca nesta pesquisa dar uma metodologia, uma sociologia e quase uma filosofia da Cidade Nova" ⁵³ (cidade planejada, em sua maioria atendendo aos princípios da Carta de Atenas e do modernismo que se destacaram, sobretudo, na reconstrução da Europa após a segunda grande guerra).

A segunda situação diz respeito às necessidades de introduzir um vocabulário, conceitos e uma metodologia para

⁵² Revue Française de Sociologie, 1961, II, 3, p.191-198.

⁵³ Elle cherche dans ce recueil à donner une méthodologie, une sociologie et presque une philosophie de La Ville Nouvelle. (Texto original).

empregar de modo coerente as operações do pensamento racional (LEFEBVRE, 1970a, p. 130). A terceira citação explícita sobre a operação mental designada por transdução: “A transdução supõe uma realimentação entre o quadro conceitual utilizado e as observações empíricas. Sua teoria (metodologia) da forma as operações mentais espontâneas do urbanista, do arquiteto, do sociólogo, do político, do filósofo. Ela introduz o rigor na invenção e o conhecimento na utopia.”⁵⁴ (LEFEBVRE, 1970a, p.155)

Na exposição sobre pesquisa interdisciplinar em sociologia urbana e em urbanismo, publicada na ‘Revista Utopia’⁵⁵, de 1969, Lefebvre (1970a, p.253) tece uma crítica ao pensamento positivista (ao observado, ao objeto) que se opõe à filosofia clássica aderindo a feitos concebidos por sua própria ciência e metodologia. No mesmo capítulo, censura a metodologia dos modelos que recupera e apura a metodologia

⁵⁴ La transduction suppose un feed-back incessant entre le cadre conceptuel utilisé et les observations empiriques. La théorie (méthodologie) met en forme les opérations mentales spontanées de l’urbaniste, de l’architecte, du sociologue, du politique, du philosophe. Elle introduit la rigueur dans l’invention et la connaissance dans l’utopie. (Texto original).

⁵⁵ Revue “Utopie”, 1969.

dos conceitos explicando que nenhum dos conceitos específicos e próprios de cada ciência (dividida/especializada) determina completamente um objeto.

a.2. As análises sobre metodológico(s) com doze citações em sete capítulos, apontam o vocábulo precedido ou precedente por: ‘modelo’, ‘preceito’, ‘emprego’, ‘problema’, ‘corpo teórico’, ‘pressupostos’, ‘erro’, ‘esboço’, ‘princípio’, ‘pluralismo’, ‘relativismo’. A semelhança na utilização dos vocábulos ‘metodologia’ e ‘metodológico’ confirma a similitude entre estes e o termo ‘teoria’, ou seja, Lefebvre (1970a) distingue ‘metodologia’ e ‘metodológico’ em uma esfera mais ampla de processos mentais e que engloba princípios e pressupostos, como observado nos parágrafos seguintes:

- Na introdução da obra *Du rural à l’urbain* (LEFEBVRE, 1970a, p.18), o autor se refere à ‘Crítica da razão dialética’⁵⁶ de Jean-Paul Sartre. Esclarece que o primeiro modelo metodológico ao qual Sartre se refere (procedimento progressivo-regressivo que integra a sociologia e a história

⁵⁶ CRITIQUE de la raison dialectique: Questions de méthode. France: Gallimard, 1960, p.41-42.

numa perspectiva dialética) é de Karl Marx e, ainda, sugere que os leitores não confundam, nem mesmo por analogia, os percursos dele (Lefebvre) com aqueles referidos por Sartre:

[...] Jean-Paul Sartre quis na “Crítica da razão dialética” tomar um dos artigos reproduzidos aqui [...] pelo primeiro modelo (metodológico) de um procedimento “progressivo-regressivo” integrando a sociologia e a história em uma perspectiva dialética. [...] que o leitor eventual [...] nela não veja nenhuma prova [...] ou mesmo uma analogia entre o percurso aqui marcado e aquele do filósofo do existencialismo. [...] Procedimento “analítico-regressivo”? É o preceito formulado por Marx no famoso fragmento onde ele declara que o homem esclarece o macaco e o adulto a criança; que o atual permite compreender o passado e a sociedade capitalista as sociedades anteriores [...]. (LEFEBVRE, 1970a, p.18-19).⁵⁷

⁵⁷ [...] Jean-Paul Sartre a bien voulu dans *Critique de la raison dialectique* prendre un des articles reproduits ici [...] pour premier modèle (méthodologique) d’une démarche “progressive-régressive” integrant la sociologie et l’histoire dans une perspective dialectique. [...] que le lecteur éventuel [...] n’y voie aucun preuve [...] ou même d’une analogie entre le parcours ici jaloné et celui du philosophe de l’existentialisme. [...]. “Démarche analytico-régressive”? c’est le précepte formulé par Marx, dans le fameux fragment où il déclare que l’homme éclaire le singe, et l’adulte l’enfant; que l’actuel permet de comprendre le passé et la société capitaliste les sociétés antérieures [...].(Texto original).

- Ainda na Introdução (LEFEBVRE, 1970a, p.19), há esclarecimentos sobre o momento analítico-regressivo que precede um momento histórico-genérico, no curso do qual o pensamento, a partir do conhecimento do passado, volta-se na direção do momento atual. Este preceito metodológico, no entanto, não teria ligação alguma com a sistematização sob a denominação de ‘estruturalismo genético’ procurado por Lucien Goldmann⁵⁸. Finalizando a Introdução da compilação, Lefebvre (1970a, p.20) indica a necessidade de uma metodologia para que se proceda a uma crítica ao estruturalismo, ultrapassando tanto o supérfluo, quanto a redução em uma análise estrutural.

- Com relação a ‘Perspectivas de sociologia rural’, publicado em ‘Cadernos Internacionais de Sociologia’, de 1953, Lefebvre (1970a, p.68) aponta um problema metodológico (relações entre sociologia e história) na análise do meio rural, principalmente no meio rural francês, haja vista

⁵⁸ Lucien Goldmann (1913-1970) produziu trabalhos nas áreas de filosofia e sociologia. Mais informações em ‘Lucien Goldman ou le pari communautaire’. Ligue Communiste Revolutionnaire, La gouche. Disponível em: <<http://www.lcr.lagouche.be>>. Acesso em: 6 nov. 2010.

as considerações sobre uma realidade cuja história justapõe formações arcaicas e modernas.

- Sobre os estudos do ‘habitat pavillonnaire’⁵⁹, datado de 1966 (Ilustração 4)⁶⁰, refere-se à necessidade da construção de um corpo teórico ou metodológico para compreender a formação do ‘pavillon’⁶¹ (LEFEBVRE, 1970a, p.179). As áreas de conhecimento abordadas são, principalmente, a sociologia e a psico-sociologia. Esta última compõe outro dos capítulos da obra *Du rural à l’urbain* (1970a) em que o autor analisa uma grande quantidade de elementos intervenientes no sentimento de apropriação do lugar⁶².

⁵⁹ ‘Habitats pavillonnaires’ são moradias individuais e para uma única família, que se diferenciam dos conjuntos urbanos verticais. Nessa época a política habitacional francesa organizava conjuntos habitacionais para dar conta das novas moradias a serem construídas. As moradias de aluguel moderado (HLM) foram e ainda são utilizadas na França e definem-se como habitação construída com ajuda financeira do Estado sob forma de imóveis coletivos, ou individuais.

⁶⁰ DECITRE. **Les pavillonnaires [imagem]**. [20--?]. Disponível em: <<http://www.decitre.fr/livres/Les-pavillonnaires.aspx/9782747502702>>. Acesso em: 13 nov. 2009.

⁶¹ ‘Pavillon’: unidade habitacional dos habitas ‘pavillonnaires’.

⁶² Sobre apropriação e dominação ver p.117 desta tese.

Ilustração 4 - Capa (e ampliação) da obra *Les Pavillonnaires*⁶³.



Fonte: Decitre ([2009])

- Nas considerações sobre bairro o autor (LEFEBVRE, 1970a, p.207) oferece um conjunto de pressuposições metodológicas e de desconhecimentos teóricos, com os quais se trata o assunto. O estudo da vida de um bairro, publicado no Instituto de Planejamento e Urbanismo, em 1967, traz a indicação de um erro metodológico que reduz o todo a elementos resultantes de análises mal improvisadas que

⁶³ Lefebvre refere-se a essa obra, de N. Haumont, M.G. Raymond e H. Raymond, para sublinhar o emprego dos métodos e técnicas utilizados para compreender o ato de habitar no ‘pavillon’- unidade habitacional uni familiar, das habitações ‘pavillonnaire’. O autor refere-se, em especial, ao estilo de vida que sugere o sentimento de apropriação do lugar, em contraste a vida cotidiana fragmentada e isolada dos grandes conjuntos habitacionais implementados na França no período pós segunda guerra mundial.

recompõem e reconstituem a totalidade a partir destes elementos, promovendo, assim, uma topografia social e distinguindo as escalas patriarcal (grupos de vizinhança), doméstica (relações de troca entre grupos) e paroquial (o bairro em torno de um monumento).

- Em 'Urbanismo de hoje, mitos e realidades' Lefebvre (1970a, p.223) debate com intelectuais de diversas áreas, um texto dos 'Cadernos do Centro de Estudos Socialistas'⁶⁴, de 1967. Ele sugere um esboço metodológico para um estudo sociológico da cidade pelo prisma de sua função lúdica, onde o devir e o lazer desempenham papel fundamental.

- No seminário proferido em Madrid, em 6/11/1968, o autor indica ser um princípio metodológico o fato de que nenhum método seja totalizante (LEFEBVRE, 1970a, p.236-238). Ele se confirma partidário de um pluralismo metodológico que nem sempre é fácil, mas necessário para se almejar a convergência, tanto em um trabalho interdisciplinar quanto em uma disciplina.

⁶⁴ Les Cahiers Du Centre d'Études Socialistes, n.72-73, septembre 1967, Paris.

- Na 'Pesquisa interdisciplinar em sociologia urbana e urbanismo' (Revista 'Utopia', 1969) ao defender a criação de uma faculdade de urbanismo⁶⁵, cita como um dos princípios metodológicos que nenhuma ciência se resume a si mesma (LEFEBVRE, 1970a, p.246). Cada especialidade deve empenhar seus recursos para alcançar o fenômeno global, sem particularizações de qualquer espécie, sem buscar sínteses nas especializações e evitando qualquer tipo de imperialismo científico (o homem das sínteses). Para o autor, o fenômeno urbano denuncia sua universalidade, portanto, deve-se conceber uma faculdade que agrupe em torno deste fenômeno todas as disciplinas que existem, tomando uma determinada problemática como ponto de partida.

Encerrando as análises do(s) termo(s) 'metodológico(s)', ainda nesse capítulo:

A crítica radical define, assim, um *relativismo metodológico* e teórico, um pluralismo epistemológico. Nenhum método assegura

⁶⁵ No Brasil, as Faculdades de Arquitetura e urbanismo são regidas pelo Governo Federal - Ministério da Educação e Cultura que oferece as diretrizes curriculares para implementação de cursos de graduação. Na França os cursos eram mantidos em separado.

uma “cientificidade” absoluta, teórica ou prática. Notadamente em sociologia (urbana ou não) nem os matemáticos, nem a linguística garantem um procedimento perfeitamente rigoroso. Existem “modelos”; nenhum pode se generalizar, se transportar, se exportar ou se importar sem as maiores preocupações, para fora do setor onde ele foi construído. (LEFEBVRE, 1970a, p.255).⁶⁶

a.3. Com relação a ‘metodológica/metodológicas’, retratou-se cinco citações em quatro capítulos, precedidas por ‘questão’, ‘indicações’, ‘reflexão’ e ‘dificuldade(s)’ denotando semelhanças entre ‘metodológicas’ e ‘teóricas’, como constatado a seguir.

- Ao tratar de ‘Perspectivas de sociologia rural’, dos Cadernos Internacionais de Sociologia, de 1953, Lefebvre (1970a, p.68) refere-se aos Estados Unidos como país sem consistência histórica o que justificaria o procedimento simplificado dos sociólogos quanto à questão metodológica.

⁶⁶ La critique radicale définit ainsi un *relativisme* méthodologique et théorique, un *pluralisme épistémologique*. Aucune méthode n’assure une “scientificité” absolue, théorique ou pratique. Notamment en sociologie (urbaine ou pas) ni les mathématiques, ni la linguistique ne garantissent une démarche parfaitement rigoureuse. Il y a des “modèles”; aucun ne peut se généraliser, se transporter, s’exporter ou s’importer sans les plus grandes précautions, hors du “secteur” où il a été construit. Grifos d autor. (Texto original).

Nesse sentido, Lefebvre cita estudos de sociólogos rurais americanos no que se refere, principalmente, à pesquisa relativa às relações da igreja enquanto instituição social, onde o método puramente empírico ou descritivo é utilizado e as análises apontam para definir qual a religião do povo, a área de influência do templo ou as áreas que contaram com a assistência de um profissional.

- No que tange a suas proposições para o humanismo e o urbanismo, publicado na ‘Revista Arquitetura, Forma e Função’⁶⁷, de 1938, o autor explicita: “Estas breves indicações metodológicas exigem um complemento”⁶⁸, no contexto que envolve o sistema (ou subsistema) de significações enquanto ferramenta intelectual e de modo algum absoluta. Lefebvre se refere aos arquitetos que dogmatizam e estabelecem significados para os vocábulos ‘forma’, ‘função’ e ‘estrutura’ a partir de suas próprias concepções sobre o habitar.

⁶⁷ Revue “Architecture, Forme, Function”, 1938.

⁶⁸ Ces beaucoup trop brèves indications méthodologiques exigent un complément. Parmi les outils intellectuels dont nous disposons, il y en a un qui ne mérite ni le dédain ni le privilège de l’absolu, celui de système (ou de sous-système) de significations. (LEFEBVRE, 1970a, p.156).

- No capítulo que o autor discute sobre um bairro e a vida nele vivida, cita as dificuldades metodológicas e teóricas constantemente presentes nas tentativas de acesso à totalidade e ao global, mas afirma que este é o único processo aceitável e que evita a redução do conjunto aos seus elementos (LEFEBVRE, 1970a, p.211). O autor enfatiza, ainda, a necessidade do pensamento dialético na busca da compreensão da vida cotidiana.

- Ao tratar da ‘Pesquisa interdisciplinar em sociologia urbana e urbanismo’ (LEFEBVRE, 1970a, p.247) trata da dificuldade metodológica e teórica quando se comprova que cada profissional das diversas ciências fragmentadas se vê e se quer enquanto homem das sínteses. O texto consta na Revista ‘Utopia’, de 1969, e tece uma crítica à interdisciplinaridade e ao imperialismo científico na medida em que cada disciplina especializada põe as outras como auxiliares e a convergência passa longe do objetivo pretendido.

a. 4. Quanto ao termo ‘metodologicamente’, Henri Lefebvre o utiliza em uma situação em que usa, também, o termo ‘procedimento’:

Metodologicamente não é necessário distinguir os diversos procedimentos: o procedimento propriamente técnico do arquiteto que considera o apartamento, depois o imóvel, depois o grupo de imóveis para combiná-los – o procedimento analítico que tenta ir do simples ao complexo – o procedimento do pensamento dialético que se esforça em conhecer através dos conceitos o global e o total em suas relações com “os elementos” e o devenir?⁶⁹ (LEFEBVRE, 1970a, p.134).

O trecho acima traz uma crítica ao reducionismo nos procedimentos mentais que evitam a construção do todo apoiada nos elementos averiguados de antemão pelo pesquisador, em contraponto aos aspectos do ‘vir a ser’, ou seja, a virtualidade. A análise aponta a necessidade de uma metodologia que dê conta de procedimentos diferenciados e a utilização de métodos específicos para este alcance.

A título de demonstração (Ilustração 5) e exemplo, alguns dos registros textuais de ‘metodologia’:

⁶⁹ Méthodologiquement, ne faut-il pas distinguer plusieurs démarches: la démarche proprement technique de l’architecte qui considère l’appartement, puis l’immeuble, puis le groupe d’immeubles pour les combiner – la démarche analytique qui essaie d’aller du simple au complexe- la démarche de la pensée dialectique qui s’efforce de saisir à travers des concepts le global et le total dans leurs rapports avec “les elements” et le devenir? (Texto original).

Ilustração 5 - Registro do termo 'metodologia'.

METODOLOGIA		
O QUE PRECEDE	TERMO	O QUE PROCEDE
Toda	metodologia	das ciências sociais
Exigência de uma	metodologia	para determinar objetos e objetivos de uma disciplina
Oferecer uma	metodologia,	uma sociologia e quase uma filosofia da cidade nova
Conceitos e	metodologia	para operações do pensamento
Teoria	(metodologia)	que conforma as operações mentais
Adere a feitos e	metodologia	que sua própria ciência concebe
Esclarece sobre a	metodologia	dos modelos que recupera e apura

Fonte: Elaboração da autora, 2010.

b. Método:

Este vocábulo, em acordo com Henri Lefebvre na obra 'Do rural ao urbano' (1970a), diz respeito ao modo de análise de uma questão específica, podendo ser averiguado enquanto método etnográfico, etnológico, monográfico, tecnológico, de análise quantitativa, das variações imaginárias, analítico e operacional, dialético, histórico, matemático, descritivo, de aprendizagem, designando uma operação do pensamento racional e exigindo escolha por parte do pesquisador.

Para o autor, o método aponta características de um fenômeno. No contexto do pensamento é semelhante a uma 'perspectiva' e deve se acompanhar por vocábulos específicos, conceitos e por uma metodologia. Existe, portanto, uma diferenciação entre metodologia e método. 'Método' aproxima-se mais do termo 'técnica' e englobaria variáveis a serem consideradas em um estudo. Como exemplo, observa-se no decorrer da obra 'Que nenhum método é totalizante me parece, inclusive, um princípio metodológico' sugerindo, potencialmente, que 'metodológico' parece abarcar outros aspectos para além da questão de 'método'.

Ao tratar 'dos procedimentos e métodos, dos conceitos e teorias' percebe-se que, para o autor, cada um dos termos guarda sua própria definição e mesmo estando próximos na ordenação da frase são distintos em significado, denotando que não são sinônimos. 'Método', em acordo com Henri Lefebvre e no contexto destas análises, é o modo de proceder para alcançar algo, é o que utiliza uma ou mais 'técnicas auxiliares'.

Nesse sentido, os registros de ‘método’ são aqui descritos e embasam esta proposição:

- No capítulo ‘Perspectivas da sociologia rural’ (LEFEBVRE, 1970a, p.68-70) o autor se refere à escolha do método descritivo ou do método empírico e acrescenta ser esta uma das razões pelas quais os sociólogos simplificariam a questão metodológica resultando em um empirismo ou em um formalismo estatístico, portanto, o denuncia enquanto método único. Ainda no mesmo capítulo:

Se não há “regimes” ou “civilizações” agrárias ou “gêneros de vida”, mas um crescimento – desigual e submetido a condições complexas – das forças produtivas, a sociologia engloba, por sua vez, um domínio, um método objetivo e o direito a uma visão de conjunto sobre os fatos. (LEFEBVRE, 1970a, p.70).⁷⁰

⁷⁰ S’il n’y a pas “régimes” ou “civilisations” agraire ou “genres de vie” mais une croissance – inégale, et soumise à des conditions complexes – des forces productives, la sociologie recouvre à la fois un domaine, une méthode objective, et le droit à une vue d’ensemble sur les faits. Grifos do autor. (Texto original).

- Prosseguindo, o autor diferencia métodos de técnicas e de múltiplas abordagens do pensamento (LEFEBVRE, 1970a, p. 72 a 74):

Nós somos, portanto, conduzidos a eliminar, pela sociologia rural, diversos métodos, técnicas de exploração, procedimentos de pesquisa: [...] O método etnográfico ou etnológico [...] A teoria recente da arqueocivilização [...] A teoria histórico-cultural [...] O método monográfico [...] O método tecnológico[...].⁷¹

O autor propõe, então, um método que utiliza técnicas auxiliares e inclui três momentos: descritivo (a observação do terreno aliada a técnicas envolvendo entrevistas, questionários, estatística); analítico-regressivo (análise da realidade descrita e datada de modo a permitir que os dados sejam comparáveis); e, histórico-genético (esforço para voltar ao presente elucidado, compreendido, explicado).

⁷¹ Nous sommes donc conduits à éliminer, pour la sociologie rurale, diverses méthodes, techniques d’explorations, procedes de recherche: [...] La méthode *ethnographique* ou *ethnologique* [...] La théorie recente de “archéocivilisation” [...] La théorie *historico-culturelle* [...] La méthode *monographique* [...] La méthode *technologique* [...]. (Grifos do autor no texto original).

- No capítulo que trata dos novos conjuntos urbanos⁷², publicado na Revista Francesa de Sociologia⁷³, em 1960, Henri Lefebvre refere-se a Lacq-Mourenx: “Aqui se expõe uma questão de método [...]” (LEFEBVRE, 1970a, p.123) argumentando sobre como apreender, analisar e medir o surgimento das necessidades humanas. Trata, ainda, de questionar sobre o método de análise quantitativa, sobre o conceito de ‘estrutura latente’ e as técnicas de Lazarsfeld⁷⁴ e, ainda, sobre as técnicas de análises hierárquicas de Guttman sugerindo a dificuldade de se descobrir um ‘continuum’ e as

variáveis aplicáveis à intensa mobilidade do fenômeno humano total, com toda sua efervescência.

O autor afirma que os métodos quantitativos apreendem somente realidades estáticas ou consideradas como tal. Para ilustrar, a imagem da cidade de Mourenx-Fr., região de estudos do autor, (Ilustração 6)⁷⁵ com trechos do texto a ela referente: com seus 12.000 habitantes dispostos em áreas específicas segundo algumas classificações onde os casados moram em blocos horizontais e os solteiros habitam ao redor, em outros blocos. À direita da imagem, uma área para executivos com salários medianos, composto de condomínios idênticos e simétricos. Mais além, na área destinada aos executivos de salários mais altos, outro tipo de condomínio. Para os executivos que dirigem os trabalhos em Laqc – complexo industrial (Ilustração 7) – moradias são reservadas em Pau, Toulouse e Paris.

⁷² ‘Conjuntos urbanos’ são referentes à construção em massa de conjuntos habitacionais do período que se segue a segunda guerra mundial na França, baseados na concepção funcionalista que acabou por reduzir toda a amplitude do habitar, ao habitat com a única função de morar em espaço pré-definido e delimitado segundo as técnicas, as normas e as imposições do Estado.

⁷³ Revue Française de Sociologie, 1960, I, pp. 186-201.

⁷⁴ Paul F. Lazarsfeld, austríaco, que por ocasião da ascensão do nazismo ficou impedido de retornar a seu país. Desenvolveu pesquisas na área da sociologia, mais especificamente na sua empresariação, nos EUA, defendendo a hierarquização e divisão do trabalho, ordens precisas e especialização das equipes de pessoal. Lançou as bases do que veio a ser as pesquisas de opinião, mais especificamente as pesquisas eleitorais. In: **O ENSINO de métodos e técnicas de pesquisa nos cursos de Ciências Sociais**. Cronos, Natal-RN, v. 8, n. 2, p. 387-394, jul./dez. 2007.

⁷⁵ VIE MODERN II. [Imagem da cidade de Mourenx, França]. 2008b. Disponível em: <<http://viemoderne2.blogspot.com/>>. Acesso em: 11 jul. 2009.

Ilustração 6 - Imagem da cidade de Mourenx, França, com edificações para atender a demanda de novos trabalhadores do complexo industrial instalado ao redor da cidade.



La ville de Mourenx. Les 12.000 habitants logent dans les blocs horizontaux s'ils sont mariés, dans les tours s'ils sont célibataires. A droite de l'image s'étend le petit quartier des cadres moyens, composé de villas identiques, symétriquement partagées entre deux familles. Au-delà, dans le quartier des cadres à plus haut salaire, se reproduit un autre type de villa entièrement dévolue à son occupant. Les cadres plus réellement dirigeants du travail effectué à Lacq sont implantés à Pau, Toulouse et Paris.

Fonte: Vie Moderne II (2008b)

Ilustração 7 - Complexo industrial implantado em Lacq, área vizinha à cidade de Mourenx.



Fonte: Vie Moderne II (2008a).

- Em 'Utopia experimental, por um novo urbanismo' Lefebvre (1970a, ps.129-140) expõe sobre o método das variações imaginárias em torno de exigências que partem dos problemas e das virtualidades contidas na realidade. Este método, afirma ele, evita a constatação empírica que se limita ao registro puro e simples e ultrapassa o resultado na busca de conceber o possível.

Nesse sentido, a importância do método se dá na busca da relação do ideal que se imagina para uma cidade com as situações determinadas pela realidade nela vivida,

considerando para além do praticismo e da teorização puras. São, portanto, operações do pensamento racional que demandam a introdução de conceitos e de uma metodologia. Para maiores esclarecimentos, o autor nomeia de transdução o raciocínio que não fica estanque à dedução e à indução e que constrói um objeto virtual a partir de informações dadas na realidade, ou seja, a problemática parte do seio do vivido.

- Ainda neste capítulo Lefebvre (LEFEBVRE, 1970a, p.136) sugere que as pessoas desejam o inesperado na vida moderna e questiona:

E não seria preciso, para determinar suas eventuais satisfações, deixar de tomar como base o que os interessados declaram 'desejável', e que os métodos sociológicos de investigações empíricas e subjetivas tendem a supervalorizar?⁷⁶

O autor indica que quando consultadas as pessoas acabam por desejar aquilo a que foram habituadas, mas ao

⁷⁶ Et ne faudrait-il pas, pour déterminer ses éventuelles satisfactions, sortir de ce que les intéressés déclarent "désirable" et que les méthodes sociologiques d'investigations empiriques et subjectives tendent à survaloriser? (Texto original).

mesmo tempo, e mais profundamente, o que realmente desejam é a surpresa, a novidade, a diversidade.

- No capítulo que trata sobre a vida social na cidade (LEFEBVRE, 1970a, p.146), texto de 1962 cuja exposição se deu no 'Centro de prospectiva'⁷⁷, é citado: "O erro, a deficiência geral desses métodos e dessas ciências é de serem exageradamente analíticos"⁷⁸, comprovando o privilégio dado ao longo do tempo ao método puramente analítico. O autor critica sua operacionalidade técnica e a dificuldade de atuar no todo, apontando ser este um método causador da negligência para com a totalidade.

- Ainda sobre a vida social na cidade, (LEFEBVRE, 1970a, p.148-149):

A totalidade não deve deixar esquecer que a parte e o elemento têm também uma existência distinta. Só um pensamento animado pelo método dialético permite, segundo parece, atingir essa interação específica das partes no todo⁷⁹.

⁷⁷ Centre de prospective.

⁷⁸ L'erreur, la déficience générale de ces méthodes et de ces sciences est d'être exagérément analytique. (Texto original).

⁷⁹ La totalité ne doit pas faire oublier que la partie et l'élément ont aussi une existence distincte. Seule une pensée animée par la méthode

Prosseguindo, Lefebvre cita, ainda, a contribuição da sociologia observando o método referente àquela disciplina sob o ponto de vista de seus problemas e dificuldades.

- Nos estudos sobre os ‘pavillonnaires’ (LEFEBVRE, 1970a, p 174) o autor ressalta a importância da compreensão acerca da apropriação daquele espaço a partir de técnicas e métodos que englobam entrevistas com dupla abordagem, na confrontação dos objetos sensíveis (semiologia) e do aparato verbal (semântica).

- Com relação às ‘Proposições para um novo urbanismo’, da revista ‘Arquitetura de hoje’⁸⁰, datada de 1967, em uma crítica aos grandes conjuntos urbanos, refere-se a uma inteligência analítica que distingue e separa tudo o que pode se distinguir e separar nas relações sociais, correspondendo, por um lado, a atividades que permitem a divisão do trabalho (parcelar, especializado) e, por outro, ao “método analítico que descobre o simples no complexo e

tenta reconstituir o complexo a partir do simples [...]”⁸¹. É o mesmo método analítico, sempre aperfeiçoado desde Descartes; [...]”⁸² (LEFEBVRE, 1970a, p.185).

Na seqüência do capítulo, o autor indica que ocorre uma substituição pura e simples do método de pensamento e ação antigos por um novo, mas que este não alcança um método verdadeiramente científico quanto à abordagem dos conceitos ‘forma’, ‘função’ e ‘estrutura’, pois ideologicamente acaba-se privilegiando um desses três termos. Lefebvre enfatiza que forma, função e estrutura são três conceitos de igual importância e nenhum deve absorver os demais.

- Na conferência proferida na Cidade Universitária de Antony, em 13/11/1967, o autor sublinha que não se pode estudar o duplo processo de urbanização e de industrialização sem um método dialético que envolve a unidade de dois aspectos e os conflitos entre eles (LEFEBVRE, 1970a, p.231). A abordagem para este processo inclui nos procedimentos um

dialectique permet, semble-t-il, d’atteindre cette interaction spécifique des parties dans le tout. (Texto original).

⁸⁰ Revue ‘Architecture d’aujourd’hui’, n.132, juin-juillet, 1967.

⁸¹ Em acordo com Hemi Hess (1988) Lefebvre sublinha que a parte mais idealista de Descartes acaba por demonstrar o oposto, ou seja, um materialismo que segue sendo aprimorado por outros filósofos ao longo da história.

⁸² C’est la même méthode analytique toujours perfectionnée depuis Descartes [...]. (Texto original).

método específico que possa abranger o conjunto urbanização/industrialização.

- Em seu discurso no Seminário de Sociologia de Madrid (6/11/1968) Lefebvre aponta para o resultado obtido com a utilização de um método histórico e comparativo na medida em que este capta de que modo foi concebido o espaço em diferentes épocas, por quais classes sociais e quais os grupos que ali influenciaram deixando suas marcas impressas em determinado período. Menciona, ainda, outros métodos (matemático - teoria dos conjuntos) ressaltando que nenhum é extenuante ou totalizante.

Ainda neste capítulo, ele faz alusão à importância do método dialético para que se apreenda a realidade concreta e prática da época em que se vive. Nesse sentido, este seria o método que permite evidenciar novas contradições que são, também, as contradições de classe. O método dialético é, para o autor, o único na direção de outras possibilidades para a vida social nas cidades.

- Ao tratar da pesquisa interdisciplinar em sociologia urbana e urbanismo, Lefebvre (1970a, p.244) cita métodos

descritivos, ecológicos, fenomenológicos e empíricos que podem evidenciar algumas características do fenômeno urbano, principalmente com relação a sua enormidade e complexidade. Ao dar continuidade, relaciona novas descobertas, nas ciências parcelares, às novas análises dali advindas, sublinhando a linguística que permite compreender a noção de sistema de signos. No entanto, este método não é suficiente para alcançar todo o estudo necessário para a compreensão do fenômeno urbano, pois a prática urbana ultrapassa os conceitos parciais.

Para finalizar as análises do termo 'método', no mesmo capítulo o autor aponta para a divisão social do trabalho intelectual que se funda sob as exigências da divisão técnica. As instituições, nascidas na/da divisão do trabalho, a adaptam e a adotam segundo suas próprias necessidades, dissimulando seus atos sob as exigências da divisão técnica, transformando as relações técnicas dos setores e domínios, dos procedimentos e métodos, dos conceitos e teorias em hierarquia de prestígio e de renda, e, em funções de gestão e

de direção realizando, desse modo, as separações que acentua.

Complementando, alguns dos registros do termo 'método', no resumo (Ilustração 8) a seguir:

Ilustração 8 - Registros do termo 'método'

MÉTODOS		
O QUE PRECEDE	TERMO	O QUE PROCEDE
O	método	etnográfico ou etnológico, e, monográfico
O	método	passa, então, pelo puro praticismo e pela teorização pura
A deficiência geral desses	métodos	e das ciências é de serem exageradamente analíticos
O	método	analítico é geralmente operacional
Privilégio do	método	analítico levou a negligenciar a totalidade
[...]substitui por um novo o antigo	método	de pensamento e ação
Não podemos estudar sem um	método	dialético
Nenhum	método	é totalizante
Esses	métodos	evidenciam características do fenômeno urbano

Fonte: Elaboração da autora, 2010.

c. Procedimento(s):

O termo é analisado nas situações de seus registros no decorrer da obra, mas evitando redundância, haja vista já terem sido contemplados, indiretamente, na contextualização dos termos tratados anteriormente. A opção foi, portanto, por um formato contínuo de análise colaborando para um potencial afinamento da compreensão da totalidade da obra.

Lefebvre se referiu a este termo nas seguintes situações: ao se referir aos procedimentos dos pensamentos marxistas; ao justificar uma operacionalidade da sociologia rural que abarca diversos métodos, técnicas de exploração e procedimentos de pesquisa; quando do emprego de procedimentos de pesquisa e do pensamento programático por alguns autores de projetos; com referência à urgência da transformação de alguns conceitos, instrumentos intelectuais e alguns procedimentos mentais indispensáveis para a transdução (procedimento mental que contempla a virtualidade); se relacionando à impossibilidade de conceber a ciência do fenômeno urbano sem os procedimentos progressivos e regressivos (no tempo e no espaço); e, com

relação a procedimentos e métodos, conceitos e teorias transformados pela divisão social do trabalho intelectual, sob o manto das exigências objetivas da divisão técnica.

Podem ser observados os registros do termo na ilustração (Ilustração 9):

Ilustração 9 - Registros do termo 'procedimento'.

PROCEDIMENTOS		
O Que Precede	Termo	O Que Precede
[...]refinamento de	procedimentos	do pensamento marxista
Diversos métodos, técnicas de exploração,	procedimentos	de investigação:
[...]empregaram	procedimentos	de investigação e do pensamento programático
Alguns	procedimentos	Mentais
Os	procedimentos	progressivos e regressivos (no tempo e no espaço) das análises
[...]dos	procedimentos	e métodos

Fonte: Elaboração da autora, 2010.

d. Técnica(s):

Observa-se que por um lado, indica uma aproximação com ferramentas - procedimentos de pesquisa como entrevistas, questionários e estatísticas; e, métodos - pesquisas, estudos, dentre outros. Por outro lado, a

abordagem diz respeito a uma sociedade 'técnica' inserida em uma prática social de consumo e de forma hierarquizada na qual se inscreve um tempo e um espaço específicos. Nessa direção, o termo se aproxima mais do significado da modernidade e da tecnologia. Além disto, observa-se o uso do vocábulo para denunciar um pensamento mítico relacionado à tecnocracia.

De qualquer modo, procurou-se detidamente observar e analisar os contextos nos quais os termos se deram, com intuito de dar um panorama abrangente das situações nas quais o autor o fez, visto que a publicação se trata de uma série de discursos, artigos e palestras em acordo com suas conjunturas. No entanto, diante do seu número extensivo de registro foram selecionados alguns exemplos mais significativos que pudessem dar conta do todo da obra referênciada segundo a ordem seqüencial de seu registro.

- A primeira menção de Lefebvre para o termo diz respeito a uma obra técnica 'Théâtre de l'Agriculture', de

Olivier de Serre⁸³. Na sequência e quanto à organização do trabalho da terra, o autor aborda condições técnicas e sociais determinadas, relacionando técnica com ferramentas de trabalho e, também, a funções desempenhadas pela comunidade, no caso os conselhos técnicos reunidos em assembleias. Ainda sob este prisma e considerando as civilizações agrárias francesas, o termo se refere a técnicas de plantio ou de organização do proprietário das terras.

- Com relação à sociologia rural e considerando possibilidades de estudos sociológicos em diferentes situações, ele indica a necessidade de comparação entre as técnicas, as relações com o grupo humano e a estrutura social, a produtividade do trabalho agrícola e os deslocamentos da população. Lefebvre indica que a operacionalidade da sociologia rural leva a eliminação de diversos métodos,

⁸³ Olivier de Serre nasceu em 1539, em Villeneuve-de-Berg. Foi um pioneiro da agricultura francesa introduzindo a cultura da seda na França. Teve papel importante em técnicas de lavoura, irrigação e drenagem do solo, bem como em alternativas de produção que permitiam melhorias na vida dos camponeses. Publicou obras sobre agricultura e economia rural analisando, também, o plantio agrícola desde a organização no solo até as despesas dos proprietários. Disponível em: <<http://agriculture.gouv.fr/le-theatre-d-agriculture-d-olivier>> Acesso em: 15 abr. 2009.

técnicas de exploração e procedimentos de investigação. Nesse sentido, o autor crítica a redução aos limites gerais da tecnologia pelo método tecnológico e, ainda, a invenção, adoção e/ou ampliação de técnicas que não podem ser concebidas fora das relações sociais reais. Quanto ao método que utiliza técnicas auxiliares, Lefebvre indica a inclusão de várias etapas. Como exemplo, a utilização das técnicas de pesquisa que levem em conta entrevistas, questionários e estatísticas.

- Em outro momento, o autor faz referência aos homens frente à natureza e que dispõem de instrumentos e técnicas rudimentares. Diante da concepção do mundo humano e da prática cotidiana, as técnicas e as possibilidades superariam o que somos e nos deixariam sem rumo. No entanto, as técnicas modernas que se aplicam ao cotidiano acabam por restringir os limites dos setores dominados pelo homem. Num tom diferenciado, o autor considera, ainda, que se supríssemos as atividades distintas e especializadas, como as técnicas, o trabalho fragmentado, a cultura, a ética e os valores admitidos, não nos sobraria nada. Indo mais adiante,

ele afirma que mesmo diante da modernidade, das técnicas e de outros equipamentos, não se vê encanto nos lugares.

- Algumas abordagens para o vocábulo envolvem, ainda, outros intelectuais. Como exemplo a menção do autor às técnicas de Lazarsfeld e à técnica de análise hierárquica de Guttman, já mencionados anteriormente.⁸⁴

- Considerando problemas que surgem nas novas condições de vida operária de meados do século XX, o autor se refere às modificações técnicas e automatização crescente, tanto nas empresas como fora delas - na vida familiar e no lazer. Os tempos lineares ou descontínuos exigidos pelas técnicas acabam interferindo e subordinando o tempo cíclico e rítmico na sociedade industrial. Quanto às mudanças econômicas, as transformações das técnicas de produção se fazem acompanhar por deslocamentos da população refletindo concentração e descentralização, reagrupamentos e novas aglomerações.

- Lefebvre crítica o emprego de materiais e técnicas mais modernas que os profissionais utilizam para a criação de

células ou módulos, ou seja, soluções técnicas utilizadas analiticamente por arquitetos e por urbanistas. A reflexão diz respeito, principalmente, ao uso de quadros de serviço, de traçados de tráfego, de circulação, de divisão de superfícies. Ele complementa que estes procedimentos são falhos e não oferecem uma análise intensa do fenômeno urbano.

- Em sentido amplo, ao tratar de cidades com história e com pouca história (EUA), Lefebvre relaciona esta última com a sociedade baseada na técnica e que, por isso, não tem outra história além daquela da técnica. Com relação ao humanismo, que em acordo com o autor sucumbiu com as guerras mundiais, correlaciona alguns aspectos que podem ser elencados como a pressão demográfica, os grandes extermínios, as exigências do desenvolvimento e da competência econômica, que se encontram sob a pressão de técnicas mal utilizadas ou mal dominadas.

- Sobre o habitar, citando Heidegger⁸⁵, o autor exemplifica seu pensamento com relação a um mundo

⁸⁴ Ver p.56 desta tese.

⁸⁵ Texto traduzido por Márcia Sá Cavalcante Schuback: **Construir, habitar, pensar**. Conferência proferida por Martin Heidegger, publicada em 1954, em *Vorträge und Aufsätze* (Ensaio e Conferências). Disponível

devastado pela técnica que conduz na direção de outro sonho e de outro mundo ainda não percebido. Este outro mundo envolve uma moradia construída segundo a economia e a tecnologia (Ilustrações 10 e 11)⁸⁶ e, por isso, se distancia do habitar, da poesia que deveria ser parte dele. Nesse sentido, a nova concepção de habitar, que responde às exigências da técnica e das aglomerações modernas, deve passar a ser avaliada sem sacrificar a qualidade, as diferenças e a apropriação espaço – temporais.

Ilustração 10 - Parte do texto analisado por Heidegger “Poeticamente o homem habita”, que remete ao sentido de habitar, em acordo com Henri Lefebvre.

“Deve um homem, no esforço mais sincero que é a vida, levantar os olhos e dizer: assim quero ser também? Sim. Enquanto perdurar junto ao coração a amizade, pura, o homem pode medir-se sem infelicidade com o divino. É deus desconhecido? Ele aparece como o céu? Acredito mais que seja assim. É a medida dos homens. Cheio de méritos, mas poeticamente o homem habita esta terra. Mais puro, porém, do que a sombra da noite com as estrelas, se assim posso dizer, é o homem, esse que se chama imagem do divino. Existe sobre a terra uma medida? Não há nenhuma.”

Fonte: AMARAL (2009b).

Ilustração 11 - Conjuntos habitacionais da década de 1960- França.



Fonte: Oliver (2005)

- Na pesquisa sobre urbanização e industrialização, trata do estudo em algumas cidades francesas e europeias

em: <http://www.prourb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf>. Acesso em set./2009.

AMARAL, Roberto Antônio Penedo do. **Poeticamente o homem habita**. Webartigos. 11 dez 2009b. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/29825/1/O--poeticamente-o-homem-habita-holderlin-heideggeriano/pagina1.html>>. Acesso em: set./2009.

⁸⁶ Conjuntos urbanos dos anos de 1960- França, exemplificando a crítica de Henri Lefebvre sobre o funcionalismo que rebaixou o habitar a um simples local de morar, desvinculado do vivido, do percebido e do concebido dos indivíduos, das famílias, dos grupos. Referência: MASCLET, Oliver. Du bastion au ghetto: Le communisme municipal en butte à l’immigration. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 4, n. 159, p. 10-25, 2005. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-actes-de-la-recherche-en-sciences-sociales-2005-4-page-10.htm>>. Acesso em: 6 nov. 2010.

indicando que estas demonstram uma espécie de fuga para o irracional que acompanha a civilização urbana ou técnica.

- Sobre meios de transporte (o automóvel, o avião) e outras técnicas de transporte que definem o espaço social, vêm acompanhados de novas situações. Nesse sentido, os especialistas que se incubem da gestão dos problemas são técnicos e tecnocratas, que dão, portanto, somente soluções técnicas a estes problemas. O autor acrescenta que nas questões de urbanismo e arquitetura os tecnocratas agem para dissimular o fato de que por todo lado se aplica o mínimo de técnica em benefício da vida cotidiana. Nessa direção, as soluções técnicas convencem o público, mas na realidade só se utiliza o mínimo da técnica na busca de soluções que englobem o vivido, o viver e o vir a ser da população envolvida.

- Lefebvre (1970a) defende, dentre outras, a ideia de que com um pouco mais de técnica as habitações seriam mais agradáveis, os bairros teriam outro aspecto, os esquemas de circulação seriam muito melhores. O autor crítica, portanto, os tecnocratas que agem sobre o mito da tecnocracia e impõem o

mínimo da técnica para a vida cotidiana. Ainda nessa direção, indica que o sistema de opressões a que somos submetidos é elaborado não por razões técnicas, mas por razões financeiras e por especialistas que reduzem ao mínimo os custos de produção. A tecnocracia, afirma ele, é um mito. Quando deixar de ser, teremos outra política o que significa, também, que toda a técnica passará a servir à vida cotidiana.

- Ao tratar da cidade enquanto uma realidade econômica, social, cultural e como centro de capital, de conhecimento e de técnica, Lefebvre (1970a) reforça que ela tem uma vida social, é produtora de obras, de monumentos, portanto, é uma obra em si mesma. Sublinhando o desempenho do urbanista, ele aponta uma tendência científica fundada sobre duas técnicas - a técnica da circulação e a técnica das mudanças. Nesse sentido, o profissional ao querer servir ao funcional determinado por razões técnicas concebe um espaço previsto e geométrico.

- O autor considera sinônimos os termos 'sociedade urbana' e 'sociedade contemporânea' por caracterizar a realidade e a tendência da sociedade em questão, mas

registra-se sua preferência pela primeira expressão (sociedade urbana) a todas as outras como sociedade industrial, técnica, de consumo, ou de lazer.

- Referindo-se aos conhecimentos parcelados, Lefebvre (1970a) afirma que também são resultantes da divisão do trabalho. É preciso diferenciar divisão técnica do trabalho de divisão social, pois, é a partir da divisão técnica do trabalho que se faz surgir privilégios e hierarquias que se conectam com a estrutura de classes, com as relações de produção e de propriedade, com o mercado e com o mundo da mercadoria. O trabalho e o conhecimento se transformam, também, em divisão social e em instituições (científicas e culturais) operando para/na divisão social do trabalho intelectual, como já mencionado anteriormente.

Finalizando a contextualização do termo 'técnica', o autor afirma que a universidade adapta a divisão social do trabalho à divisão técnica dos trabalhos intelectuais e que a estratégia aponta, falsamente, para o emprego ótimo e máximo das técnicas (de todos os meios técnicos) na solução das questões urbanas e ao serviço da vida cotidiana.

Para ilustrar o termo em questão, dez dos sessenta registros (Ilustração 12), a seguir:

Ilustração 12 - Registros do termo 'técnica'.

TÉCNICA		
O QUE PROCEDE	TERMO	O QUE PRECEDE
Atividades distintas e especializadas:	técnicas,	trabalho fragmentado, cultura, ética e os valores admitidos
As transformações das	técnicas	de produção
-	técnicas	de Lazarsfeld [...], de análise hierárquica (Guttman)
Tempos lineares ou descontínuos exigidos pelas	técnicas	-
Não tem mais outra história a não ser aquela da	técnica,	aquela da intervenção
Sob a pressão de	técnicas	mal dominadas
[...] (concepção de mundo) burocrática, com suas	técnicas	de integração (que, por sua vez, são um fracasso ...)
Estas	técnicas	bastante precisas, indiscutivelmente científicas, não chegam a captar o drama.
Civilização urbana ou	técnica	-
Toda	técnica	a serviço da vida cotidiana

Fonte: Elaboração da autora, 2010.

De modo geral, relacionar categorias analíticas para práticas sócio-espaciais, que são em movimento, leva à

necessidade de uma teoria/metodologia apropriada e que, particularmente, de conta das variáveis intervenientes correlacionando-as a métodos(s), técnica(s) e procedimentos. Destacam-se, portanto, algumas possibilidades apresentadas pelo autor na principal obra de referência desta tese, mantendo em foco o encontro entre seu pensamento e a disciplina de arquitetura e urbanismo, quais sejam:

- A não aceitação:

(i) de qualquer sistema que institua um modelo incidindo nas ideologias, valores, decisões ou instituições, seja ele filosófico, ou político;

(ii) da redução, tanto das análises da forma, função e estrutura, quanto dos procedimentos mentais que se apóiam em elementos averiguados antecipadamente pelo pesquisador, desconsiderando virtualidades/possibilidades.

- A crítica permanente a qualquer disciplina institucionaliza, incluindo o urbanismo, com projetos urbanísticos parceiros da ação do Estado e do mundo 'mercadoria'. Nessa direção, também envolve o arquiteto urbanista, que:

(i) se apoiando no funcional e nas técnicas promove espaços geométricos, previstos e organizadores da vida cotidiana;

(ii) com as técnicas 'ditas' de integração acabaram por promover revoltas, reduzir as participações ativas de grupos sociais ou de indivíduos, promover a violência organizada, e, incentivar uma 'fuga' para o irracional;

- A necessidade da interdisciplinaridade para dar conta da universalidade do fenômeno urbano e a impossibilidade de alcançá-lo a partir de um único método, seja ele fenomenológico, descritivo, ecológico ou empírico. Acrescenta-se, nesse sentido, o privilégio (nocivo) dado ao longo do tempo ao método puramente analítico;

- A distinção entre a divisão técnica do trabalho e a divisão social do trabalho intelectual evitando, por um lado o parcelamento do conhecimento, e por outro, hierarquias e privilégios sociais que se interligam as estruturas de classe, as relações de produção e de propriedade, bem como ao mundo 'mercadoria'.

É preciso, portanto, ter em mente que o espaço de produção da vida social apreende em si o passado, o presente imediato e o devenir e que reflete, também, duas ordens: a distante e a próxima, a global e a local, as superestruturas e o cotidiano.

Compreender formações sociais, no tempo e no espaço, implica em construir uma metodologia a elas apropriada. Esta metodologia deve compor seu(s) método(s) e suas categorias de análise, evitando reutilizar um modelo teórico-metodológico realimentado por conceitos prontos.

Nessa direção, as análises para o espaço urbano devem compor com o procedimento mental da dialética e a transdução, enquanto procedimento teórico-metodológico possível para dar forma a propostas espontâneas do arquiteto urbanista, pois é um procedimento que alia o conhecimento racional com a utopia, na busca de realizar o que se imagina a partir de dados e da problemática daquela realidade vivida.

Isso implica na necessária transformação de alguns conceitos, instrumentos intelectuais e procedimentos, pois almeja contemplar a virtualidade, que por si já está contida na

realidade a ser analisada. O alcance para além do procedimento mental indutivo e dedutivo envolve, portanto, a busca pela compreensão da unidade entre aspectos diferentes e os conflitos entre estes, que são também em movimento, podendo ser alcançados pelo procedimento do pensamento dialético.

Lefebvre (1970a) afirma que este é o método indicado para uma dupla abordagem, como os duplos processos industrialização/urbanização, vida cotidiana/sociedade urbana. E, considerando que a apreensão da realidade é na prática, a arquitetura e o urbanismo, bem como outros campos de estudo, podem atuar observando a ordem próxima e distante no sentido de buscar alcançar a totalidade do fenômeno urbano.

A título de ilustrar momentos vividos em espaços-tempos sociais diferentes, cenas do cotidiano em uma metrópole e em um distrito (Ilustração 13)⁸⁷ sublinhando suas complexidades e a necessidade da distinção de procedimentos

⁸⁷ Fotografias de propriedade da autora registradas, respectivamente, em 01 fev. 2011 e 15 out. 2009.

teórico-metodológicos para a apreensão da totalidade a ser analisada.

Ilustração 13 - Dois cotidianos vividos diferentemente: complexidades espaços-temporais na cidade do Rio de Janeiro- RJ (à esquerda) e no distrito de Diogo Lopes – RN (à direita).



Fonte: Oliveira, ([2011b]).

CAPÍTULO 3: PASSO A PASSO COM HENRI LEFEBVRE

Neste tópico são realizadas análises contextualizadas, por capítulos, da compilação *Du rural à l'urbain* (LEFEBVRE, 1970a)⁸⁸ no intuito de aprimorar os estudos da obra referênciada desta tese e assim buscar um aprofundamento das possibilidades teórico-metodológicas de Henri Lefebvre para a disciplina de arquitetura e urbanismo.

Os caminhos metodológicos aqui traçados incluíram, também, a opção de facilitar o acesso dos interessados à obra referênciada que ainda não está publicada em nosso idioma, como mencionado na introdução deste trabalho. Destaca-se, no entanto, que a ordenação textual tal como a compilação apresenta, não influencia na compreensão haja vista que mesmo contendo um centro teórico comum, cada texto mantém relativa independência entre si.

⁸⁸ Do rural ao urbano (LEFEBVRE, 1970a) é uma coletânea composta por seis apresentações em seminários, conferências, ou palestras; uma seção enciclopédica; dois prefácios, e, 12 artigos em revistas de sociologia, além da introdução, também elaborada por Henri Lefebvre (1970).

Em acordo com a Introdução da obra (LEFEBVRE, 1970a), os textos reunidos por Mario Gaviria não se atém a nenhuma disciplina fragmentada, e sim a uma relação dialética e conflitual do tecido urbano transformando antigos campos e cidades, indicando, ao mesmo tempo, a necessidade de considerar o urbanismo entre as áreas dominadas institucionalmente, e por isso, exigindo crítica permanente.

Lefebvre indica que o trânsito do rural ao urbano é o que aponta a nova problemática: a sociedade urbana:

O que define a “sociedade urbana” se acompanha por uma lenta degradação e desaparecimento do campo, dos camponeses, do vilarejo, assim como de uma explosão, de uma proliferação desmedida do que anteriormente a foi Cidade. (Lefebvre, 1970a, p.17)⁸⁹.

Ainda nesse sentido, sublinha-se que o pensamento lefebvriano envolve questões que merecem destaque: seu contexto marxista, a composição da reflexão teórica com sua

⁸⁹ Ce qui définit la “société urbaine” s’accompagne d’une lente dégradation et disparition de la campagne, des paysans, du village, ainsi que d’un éclatement, d’une dispersion, d’une prolifération démesurée de ce qui fut jadis la Ville. Grifos do autor. (Texto original).

prática política e a rejeição a qualquer dogmatismo ou engessamento de ideias. Aspectos que podem ser remetidos aos momentos em que o autor vivenciou a submissão do Partido Comunista Francês (PCF) às decisões da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS)⁹⁰:

Durante esses anos onde já se fortalece o dogmatismo, já stalinista, onde o espírito de sistema se confunde com o espírito de organização, com o espírito, se ousamos dizer, de aparelho, onde o marxismo se institucionaliza e se torna ideologia oficial, onde o movimento ameaça se deter ao invés de se estender, durante esses anos, a dúvida se insinua no que consiste a “essência” do pensamento marxista. (LEFEBVRE, 1970a, p.8)⁹¹.

Diante disso, mesmo que a conjuntura espaço-temporal vivida pelo autor pareça distante, a obra referência

mostra como Henri Lefebvre faz emergir possibilidades para compreender os problemas atuais da vida urbana. Apontando um panorama das discussões nas quais intelectuais, estudantes, dentre outros, estavam inseridos naquelas décadas indica, ainda, a possibilidade de superação dos limites de um mundo fragmentado no qual, tanto as ciências, como o próprio modo do ser humano de compreender e produzir/reproduzir a vida se inseriram, e ainda se inserem.

Potencialmente, a coletânea oferece à disciplina de arquitetura e urbanismo um panorama das décadas de 1950 e 1960, que se comprova atualizado ao apontar várias iniciativas para resolução de problemas emergentes nas cidades contemporâneas, podendo ser averiguados durante a leitura. Diante disso, os caminhos metodológicos deste capítulo apontaram ‘termos’ que, direta ou indiretamente, são parte do arcabouço da arquitetura e urbanismo. Estes termos constam da linguagem do autor (filósofo e sociólogo) em cada capítulo, não implicando, no entanto, em nenhuma compreensão conceitual dos mesmos, e sim, na intenção de

⁹⁰ Sobre URSS ver p. 21 desta tese.

⁹¹ Pendant ces années où déjà se fortifie le dogmatisme, déjà stalinien, ou l’esprit de système se confond avec l’esprit d’organisation, avec l’esprit si l’on ose dire de l’appareil, ou le marxisme s’institutionnalise et devient idéologique officielle, où le mouvement menace se fuge au lieu de s’étendre, pendant ces années le doute s’insinue en ce qui concerne “l’essence” de la pensée marxiste. (Texto integral).

reforçar, com a interdisciplinaridade de Henri Lefebvre, demandas pertinentes à disciplina.

O corpo do texto constituiu-se, portanto, dos títulos de cada um dos vinte e um capítulos da obra *Du rural à l'urbain* (LEFEBVRE, 1970a) seguidos por 'termos' comuns a disciplina de arquitetura e urbanismo (Principais termos), e suas respectivas análises contextualizadas. Ao final de cada análise, elementos importantes na direção das possibilidades teórico-metodológicas para a arquitetura e urbanismo (Demandas para AU) antecedendo ao conjunto de possibilidades apresentadas para a disciplina no Capítulo 5 desta tese.

1. Problemas de sociologia rural

Principais termos: forma - estrutura - tipologias - habitat - métodos - tempo espaço - meio de produção - bens de consumo - família patriarcal - código civil - sabedoria camponesa - sentimento do sagrado - organização e ritualização do tempo e do espaço.

O autor sugere no primeiro capítulo da obra *Do rural ao urbano*, 'Problemas de sociologia rural' (1970a, p. 21- 40), datado de 1949, a possibilidade de entender a formação

original das comunidades do campo reconstituindo e encadeando seus momentos sucessivos, situando-os na história geral e na vida social. Suas considerações abordam, também, questões referentes às pesquisas e seus vínculos com as tendências políticas de esquerda e de direita⁹².

As várias referências, dentre as quais Roupnel (antigo historiador da vida do campo francês), Le Play (com relação à obra "A organização da família anterior ao modelo eterno provado pela observação das raças"), Engels (sobre a obra "Origens da família, da propriedade e do estado"), Gernet (sobre pesquisas históricas considerando as origens das cidades gregas e romanas) indicam o vasto percurso intelectual de Henri Lefebvre no sentido de analisar as comunidades camponesas elementares ou primitivas e, dentre

⁹² Henri Lefebvre refere-se ao período em que havia clara distinção entre partidos políticos de direita (os que estavam no poder, e controlavam o Estado) e de esquerda (aqueles que faziam frente à direita institucionalizada, mesmo com diferentes concepções e limites). Os métodos e metodologias divergiam, com a tendência de direita visando ao crescimento econômico desvinculado do desenvolvimento social. A tendência da política, de direita ou de esquerda, tem sido transformada e o que temos nos dias de hoje não configuram tendências em separado, pois os partidos políticos entraram para o bojo do capitalismo, de modo geral.

outras questões, definir comunidade rural segundo aspectos sociais, produtivos, de propriedade e de vizinhança.

O texto deste primeiro capítulo da obra é apresentado por itens, da seguinte forma: I. Análise da comunidade do campo – topologia, forma, documentos existentes; II. Comparações entre algumas regiões da Europa, EUA e URSS; III. Discussão de alguns métodos, como exemplo, os de Le Play e Engels, considerando as tendências de direita e esquerda; IV. Definição de comunidade camponesa segundo algumas realidades histórico-sociológicas e debate sobre problemas propostos por esta mesma realidade (histórico-sociológica). Neste último item, o autor tece ainda, indicações sobre as massas camponesas agrupadas ou reagrupadas em comunidades rurais que representam o declínio e o fim do mundo antigo e do período feudal.

Lefebvre sublinha que não é somente a desigualdade social o que leva ao rompimento da comunidade, mas também o efeito dissolvente da economia mercantil, a habilidade e a pressão do Estado. Esta tríade – comunidade / economia(s) /

Estado – pode auxiliar na busca de uma maior compreensão da política rural do antigo regime.

Finalizando, o autor indica que os povoados são comunidades em plena dissolução e que talvez o renascimento de uma nova comunidade camponesa, em função de novas exigências e sob bases modernas, possa trazer um novo sentido de ‘Terra’.

Demandas para AU: pesquisas vinculadas a tendências políticas que são embasadas por procedimentos diferenciados, apontando enquanto método de ‘direita’ aquele relativo ao empirismo e à normatização, e, o de ‘esquerda’ o método histórico, materialista, dialético; estudos que englobam os momentos vividos ao longo da história os quais se interligam tanto ao global, quanto à vida social de determinada aglomeração; e, inter-relações da economia e do Estado com formações sócio-espaciais, associadas aos estudos do espaço físico.

2. As classes sociais no campo

Principais termos: vida cotidiana - reforma agrária - democracias populares - escala - agricultura - metodologia - costumes- hábitos - tradições - cultura

rural - aculturação - religião - ideologia - estática - falsa oposição (meios natural e técnico).

Neste segundo capítulo, de 1951, (LEFEBVRE, 1970a, p. 41-62) são observadas relações sociais e territoriais da Toscana⁹³ num processo de análise regressivo-progressivo e de dados documentais, desconsiderando propositamente a estética e o conteúdo social da paisagem. O autor explica o conceito de classe social, analisa mudanças na 'mezzadria'⁹⁴ clássica e nas novas atividades dos comitês de empresa rural por meio de estudo empírico e da legislação em vigor. Para ilustrar como se apresenta uma 'mezzadria', observar fotografia (Ilustração 14)⁹⁵ demonstrando o plantio e a edificação destinada a uma família, geralmente numerosa, que ali desenvolvia suas atividades.

⁹³ Região escolhida pelo autor como ótimo exemplo de estudos relativos ao campo.

⁹⁴ Modelo agrícola clássico, utilizado na Toscana, o qual é desenvolvido por uma família extensa acompanhando a forma histórica da produção agrícola de 'meação' (cada um participa com uma metade). Disponível em: <http://www.ff.uni-lj.si/oddelki/geo/publikacije/dela/files/dela_17/garri_raagmaa.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2009.

⁹⁵ BELLINCIONI, Luca. **Ambiente e paesaggio 2000**. 2008. Disponível em: <<http://ambientepaesaggio2000.splinder.com/archive/2008-12>>. Acesso em: 4 nov. 2010.

Ilustração 14 - Modelo agrícola da 'mezzadria', na região da Toscana, Itália, onde Henri Lefebvre pesquisou sobre classes sociais no campo.



Fonte: Bellincioni (2008)

Ainda neste capítulo, o autor discursa sobre a greve que incide sobre uma das classes sociais, indicando a importância de notar que a mudança na estrutura econômica gerou mudança na estrutura social e que esta se fez acompanhar por uma transformação ideológica no grupo afetado. Mais especificamente, na "greve ao contrário"⁹⁶ os

⁹⁶ [...] *la grève à l'envers (sciopero al reversi)*. (Grifo do autor, texto original).

trabalhadores produziram contra a vontade do patrão aumentando a produtividade do solo chegando, em algumas regiões, a constituir embriões de cooperativas para a rotação e revalorização de terras não cultivadas ou mal cultivadas supondo uma ocupação apesar de seu proprietário.

Lefebvre (1970^a, p.56) percebeu que em todos os lugares onde se estabeleceram comitês ativos havia organização no plantio, na drenagem da terra, bem como nas edificações para os trabalhadores do campo. Essas modificações refletiram, ainda, em uma transformação nas relações sociais e nas ideias, pois os comitês estabeleceram alianças econômicas, sindicais, políticas com as categorias mais pobres, os quais eram anteriormente dependentes da aristocracia camponesa.

Dentre os aspectos avaliados por Lefebvre sobre a Toscana - suas inter-relações sociais, econômicas e políticas com o campo - sublinha-se que o autor indicou ser necessário um estudo com bases em outra teoria (teoria da oferta⁹⁷), mas

⁹⁷ “[...] théorie des apports [...]”.(LEFEBVRE, 1970b, p.62).

que esta ainda não era aceita pelos organismos oficiais, por isso de difícil aceitação.

Demandas para a AU: análises de relações sociais e territoriais por meio do procedimento progressivo-regressivo, de dados documentais, da legislação em vigor e de estudos empíricos; a estrutura econômica que necessariamente interfere na social podendo se estender para a ideologia do grupo em questão; e, a dificuldade de utilizar em determinada pesquisa, teorias ou metodologias ainda não reconhecidas ou aceitas oficialmente.

3. Perspectivas de sociologia rural

Principais termos: meio urbano - vida cotidiana - tempo cíclico - métodos - gênero de vida⁹⁸ - estruturas - técnicas auxiliares - interação das estruturas - modo de produção medieval - costumes - capitalismo e socialismo - agrocidades - mitos agrários - folclore - cultura oral - etapas descritiva/analítico-regressiva/histórico-genética.

⁹⁸ Foi com Paul Vidal de La Blache que o conceito de “gênero de vida” (*genre de vie*) torna-se uma temática central. O termo é entendido como “o conjunto de técnicas e costumes, construído e passado socialmente, desenvolvido por grupos heterogêneos de associações humanas e que exprimiria a relação entre a população e o meio físico”. Em: MAIA, Doralice Sátyro. **A Geografia dos costumes e das tradições**. 2001, p. 75.

No terceiro capítulo, *Perspectivas da sociologia rural* (LEFEBVRE, 1970a, p. 63-78), o texto de 1953 faz alusão às relações já globalizadas com exemplos na França (vinhedos do sul referindo-se a uma escala local) e no Brasil (plantação de café em escala mundial).

O autor relaciona áreas divergentes, como as de cultivo arcaico em comunidade agrária ao lado de cooperativas e explorações mecanizadas e por outro lado, reforça a importância da relação entre várias ciências e a necessidade de determinar objetos e objetivos para serem analisados em conjunto. Critica, também, a falta de correlação entre os estudos de sociologia rural e a história, e o interesse na estatística pura, mostrando, ainda, diferenças na ocupação do solo americano e europeu, tanto no que diz respeito às cidades quanto ao meio rural.

Mais especificamente sobre metodologia, Lefebvre aponta o método puramente descritivo e empírico utilizado dos EUA, que ele considera um país com pouca história (LEFEBVRE, 1970a, p.68). Na França, o autor revela existir, também, o problema (metodológico) da desvinculação entre a

sociologia e a história. Ele sugere, enquanto metodologia, que as diversas ciências (economia, história, sociologia) estudem certas dimensões escolhidas e definidas (diferentes entre si) das forças produtivas, para explicar como se deram as modificações estruturais nos solos com o decorrer do tempo e alcançar os conflitos entre pequenas e grandes propriedades.

Com relação ao método monográfico⁹⁹, defende que este não deva responder pela classificação nem pela tipologia dos grupos rurais, podendo ser utilizado sim, mas como técnica auxiliar na investigação.

Finalizando de maneira bastante pedagógica, visto que Henri Lefebvre se dedicou por muitos anos à atividade do magistério, o autor propõe seu método em etapas, a seguir:

a) Descritiva: de observação pautada na experiência e em uma teoria geral tendo em primeiro plano “[...] a observação participante sobre o terreno. Uso prudente das técnicas de pesquisa (entrevistas, questionários e estatísticas)”

⁹⁹ Método monográfico ou estudo de caso. Disponível em: <<http://www.anptur.org.br/portal/images/stories/arquivos/met-cientifica.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2011.

(LEFEBVRE, 1970a)¹⁰⁰; b) Analítico-regressiva: análise da realidade – datada e comparativa; c) Histórico-genética: classificação genética das formações e estruturas dentro do processo do conjunto, na busca de elucidar o presente, ou seja, explicá-lo (LEFEBVRE, 1970a, p.73).

Demandas para AU: necessidade da interdisciplinaridade e da escolha de diferentes dimensões e níveis a serem estudados em conjunto; importância exagerada das análises estatísticas e do método puramente descritivo e empírico; indicação do estudo sobre as forças produtivas da sociedade ou do grupamento para a compreensão de suas modificações estruturais no solo; e, o método do autor em três etapas (descritiva/analítico-regressiva/histórico-genética) como procedimento adequado aos estudos sócio-espaciais, podendo ser complementado por outros métodos necessários, a depender da problemática em questão.

¹⁰⁰ [...] l'observation participante sur le terrain. Usage prudent des techniques d'enquête (interviews, questionnaires, statistiques). (Texto original).

4. Teoria da renda fundiária e sociologia rural

Principais termos: latifúndio - história - renda fundiária/absoluta/diferencial - modos de produção - proprietário fundiário - classes da população - propriedade - exploração - formações capitalistas/semi-capitalistas/semi-socialistas/ socialistas - monopólio capitalista.

No quarto capítulo, Lefebvre (1970a, p.79-87) discursa sobre as competências da sociologia rural que envolve aspectos sociológicos e históricos (precisando por isso de um historiador) relacionados aos fatos e às leis econômicas, necessitando de uma teoria de economia política - a da renda fundiária (Marx e Engels). Para o autor esta é a única teoria capaz de explicar fatos histórico-sociais da estrutura a ser estudada.

Lefebvre esclarece que Marx e Engels estudaram a renda fundiária a partir da Inglaterra, onde o modo de produção e a renda eram separados do lucro e do interesse. Nesse contexto, tece questionamentos envolvendo a teoria citada, os economistas e as empresas e refere-se à França, na ocasião com 2% de latifundiários, representando pouca

porcentagem em relação ao país inteiro. O autor interroga, então, como esse pequeno índice (rendimento) influenciou a estrutura agrária e como se interligou a questões relativas aos camponeses franceses.

Essa palestra, proferida no Congresso Internacional de Sociologia em Amsterdã, em 1956, faz alusão a um economista e sociólogo chinês (Tchen-Po-Tavient), proeminente pesquisador sobre a teoria da renda fundiária e elogia a teoria de Lênin (em 'Obras', 4ª edição russa), correlacionando a agricultura com capitalismo de livre concorrência e capitalismo monopolista.

Discute, ainda, sobre a classe dos agricultores de origem feudal e sobre situações no norte da França (fazendeiros capitalistas que dirigem empresas industrializadas e, possuindo ou não terras, usam as terras de pequenos e médios agricultores que acabam abandonando a atividade).

Sobre os estudos de Lênin, explica-os a partir das análises: 1. Das estruturas agrárias de países capitalistas, submetidos ao capitalismo; 2. Do duplo monopólio; 3. Da renda fundiária do proprietário não-capitalista – esta com três

tópicos explicativos. Conclui com a reafirmação da necessidade do sociólogo ir além do empirismo na busca de uma teoria que englobe processos econômicos, históricos e sociais.

Demandas para AU: necessidade de outros conhecimentos (embasamento filosófico, econômico, político) para dar conta das estruturas sócio-espaciais submetidas ao capitalismo, sublinhando o espaço enquanto produto de manipulação, e a substituição do valor de uso pelo valor de troca em áreas pré-definidas da cidade.

5. Introdução a psico-sociologia da vida cotidiana

Principais termos: vida cotidiana - signos e sinais - monumentos - espaço e tempo - sistemas - texto social - imagens - rua - classes e estratos sociais - Estado - modernidade - mobilidade social - vivido - alienação e desalienação - estetizar - cibernizar - sociedades (capitalista/socialista) - trabalho.

No que diz respeito à 'Introdução à psico-sociologia e à vida cotidiana', quinto capítulo (LEFEBVRE, 1970a, p. 89-108), datado de 1960, são discutidas relações das pessoas com o

mundo de coisas e objetos já prontos. O autor indica que o sentido da apropriação pelos seres humanos (vida em geral e vidas em particular) e as necessidades (sexo, alimentação), se confundem com os desejos que se individualizam a partir do próprio grupo no qual a pessoa está inserida.

O autor trata, também, sobre o que se passa nas duas 'vias' da cotidianidade, a riqueza que ela oferece e a pobreza da rotina, sua transformação permanente. Faz referência à técnica que modifica a cotidianidade, mas não a transforma e define cientificamente cotidianidade a partir do campo semântico total, que une a profundidade (simbólica) com a superficialidade (sinais), mas com proporções variadas que se inter-relacionam a lugares e momentos vividos.

Como ilustração, cenas da vida cotidiana que podem ser observadas a partir do lazer oferecido em diferentes locais e que implicam em relações tanto com símbolos, signos e sinais, quanto com bens, com outros 'seres', com o tempo e com o espaço em cada cidade. Portanto, nas ilustrações (15 e

16)¹⁰¹ cotidianos que tem em si, seu ritmo, seu tempo e seu espaço, cada qual refletindo seu contexto social inter-relacionando signos, sinais e símbolos.

Ilustração 15 - Espaços de encontro em Natal/RN e em Paris/FR.



Fonte: Oliveira ([2010b]).

Ilustração 16 - Espaço de encontro no Rio de Janeiro/RJ.



Fonte: Oliveira (2010a)

Nesse sentido, o autor se refere a signos, sinais e monumentos, de onde advém uma linguagem (ciência da

¹⁰¹ Fotografias de propriedade da autora, datadas de fevereiro de 2010, agosto de 2009, e, junho de 2010, respectivamente.

semântica geral) e os relaciona com o texto social. Discorre sobre a linguagem e sobre o que os teóricos fazem dela esquecendo-se do que não é falado e dos sinais emitidos para além das palavras ditas.

Sobre a rua, Lefebvre a compara a um teatro aberto onde os objetos se fetichizam e tece comparações com épocas medievais. Analisa os ‘cafés’ antigos e os da modernidade e trata, ainda, do conflito entre os sexos. Mais especificamente sobre este último, o situa em uma temporalidade bem anterior a das grandes lutas sociais, mas mesmo assim, afirma que a questão continua relegada a um segundo plano.

Finalizando, o autor tece considerações sobre alguns grupos (mulheres, jovens) que constituem a cotidianidade em escalas variadas envolvendo, ainda, outros aspectos sobre alienação/desalienação e a vida cotidiana.

Demandas para AU: compreender o sentido de ‘apropriação’, ‘necessidade’ e ‘desejo’, enquanto elementos vinculados ao estudo sobre a vida cotidiana e o espaço - tempo social; a importância da ciência da semântica geral correlacionada ao texto social; e, a relatividade das ‘escalas’ e

a importância da ‘rua’, enquanto lugar fundamental para promoção da qualidade sócio-espacial urbana.

6. Os novos conjuntos urbanos

Principais termos: cidades - satisfação/insatisfação - relações sociais - objeto virtual - conjunto ideal - equipamentos coletivos/individuais - custos - conjuntos urbanos - o vivido - escala - unidade de vizinhança - funcionalismo - função - estrutura - tempo - espaço - habitação - vida cotidiana (pública e privada) - lúdico - monumentos.

O capítulo publicado em 1960, (LEFEBVRE, 1970a, p.109-128), trata sobre os novos conjuntos urbanos e analisa um caso concreto nos Pirineus franceses onde surgiam problemas e uma nova classe de trabalhadores. O autor procede a investigações diante das transformações, tanto econômicas quanto as de técnicas de produção, que acarretam mudanças significativas e crítica o ‘rigor científico’ que se diz operatório, pois acaba por eliminar, justamente, o problema e a problemática das cidades novas¹⁰². Traz à tona aspectos relevantes quanto à busca por um conjunto ideal,

¹⁰² Sobre cidades novas ver p. 47 desta tese.

satisfatório ou ótimo e sobre o funcionalismo, que representa a cidade em uma ‘coleção de famílias’.

As imagens (Ilustração 17)¹⁰³ remetem ao pensamento do autor, mostrando um projeto para uma cidade nova que enquadra a vida cotidiana e social no espaço-tempo em acordo com necessidades impostas por técnicas, burocracia e Estado e, por meio de uma propaganda ideológica na França dos anos de 1960.

Ilustração 17 - Plan Voisin de Le Corbusier (esquerda) e HLM-habitações de aluguel moderado (direita)¹⁰⁴



Fonte: (MAGRI, 2008; PLANO CIDADE, 2010)

Ainda neste capítulo, as críticas aos novos conjuntos urbanos apontam: a) Unidade de vizinhança junto à outra unidade pré-existente; b) A cidade comunitária (baseada na escala humana com quantidade estabelecida de pessoas para garantir relações de vizinhança); c) A cidade funcional (procedimento analítico onde a espontaneidade se deixa

¹⁰³ MAGRI, Susanna. Le pavillon stigmatisé. Grands ensembles et maisons individuelles dans la sociologie des années 1950 à 1970. *L'année sociologic*, v.58, 2008. Disponível em: <http://www.cairn.info/resume.php?ID_ARTICLE=ANSO_081_0171>. Acesso em: 21 nov. 2010; e Plan Voisin de Le Corbusier, em: PLANO CIDADE. **Plan Voisin de Le Corbusier**. 2010. Disponível em: <<http://planocidade.wordpress.com/page/2/>>. Acesso em: 5 set. 2011.

¹⁰⁴ O plano de Le Corbusier (esquerda) representa, nos anos de 1925, a proposta do 'ótimo' para a vida social em uma cidade planejada, compartimentada, dividida, proposta segundo classes sociais, atividades e traçados de tráfego. A edificação (direita), habitações de aluguel moderado (HLM- Habitations de Loyer Modérés) registradas na fotografia do jornal 'France Observateur' de 17 de agosto de 1960, apresenta um bloco de apartamentos em término de construção para atender a demanda populacional. Observa-se um edifício solitário, cujo entorno sugere solidão e abandono.

reduzir à análise operatória); d) Humanismo dialético (solução virtual que leva em conta o supra-funcional ou trans-funcional).

Lefebvre (1970a, p.118) estuda a cidade nova¹⁰⁵ e o plano de massa como um laboratório social e compara um complexo industrial nascente, com Aix-en-Provence, hoje pertencente ao departamento de Bocas do Ródano, na região Provence-Alpes-Costa Azul - França. Ao estudar os bairros, ele observa a vida sob os aspectos de consciência de classe, de origem histórica, e a vida e a consciência segundo as camadas sociais.

Além disso, o autor relata entrevistas com moradores, analisa questões demográficas e as dificuldades vividas pelas pessoas que estariam buscando o imprevisto, o jogo¹⁰⁶, ambos ausentes da cidade planejada. Avalia a nova classe operária, as eleições ocorridas em Lacq-Mourenx, região que faz parte de seu estudo, e as diferenças causadas pelos novos

¹⁰⁵ Sobre cidade nova ver p. 47 desta tese.

¹⁰⁶ Jogo: para Henri Lefebvre, a palavra designa mais que lazer e que jogos de cartas ou desportivos, em si. Implica também em atividades cotidianas que trazem alternativas contra a monotonia e o tédio, como o encontro casual, o 'olhar vitrines', a conversa.

modos de produção que isolam o trabalhador do objeto produzido.

Demandas para AU: as críticas ao funcionalismo integral envolvem tanto a sua redução às análises operatórias, desconsiderando o supra e o trans-funcional (como a rua), quanto a projeção de tempos-espacos desvinculados da vida social; a necessidade do 'jogo', que permite o inesperado, as surpresas na vida cotidiana; a importância do vínculo entre a teoria e a prática; as entrevistas e as observações 'in locu', enquanto ferramentas complementares a determinados procedimentos teórico-metodológicos.

7. Utopia experimental: por um novo urbanismo

Principais termos: utopia - transdução - variantes do projeto - plano de massa - cidades novas - objeto (virtual/real) - imaginário - vida cotidiana - conjunto social - funções - estrutura - equipamentos - plástica - símbolos - tecido social - teoria da informação - monumentos - tempo cíclico - tempo linear - técnica - jogo - segregação.

Em 'Utopia experimental: por um novo urbanismo' (LEFEBVRE, 1970a, p.129-140), de 1961, o autor inicia com

uma crítica à Carta de Atenas¹⁰⁷ e aos trabalhos preparatórios de uma equipe de profissionais para construção da nova cidade de Fürthal, próxima a Zurique¹⁰⁸.

Contestando procedimentos puramente analíticos, o autor explica a transdução e a utopia, indicando que a transdução ultrapassa o raciocínio dedutivo e indutivo para construir um objeto virtual com base na realidade e em sua problemática. Sobre utopia, distingue a utopia experimental, que põe o pensamento em constante movimento, criticamente, entre os possíveis (humanos) e a problemática dada no 'real', ultrapassando o sentido de 'hipótese' considerada, até então, pelas Ciências Sociais.

O autor aponta para a necessidade de ultrapassagem de normas que limitam uma pesquisa puramente técnica, denuncia a hierarquia integrada de níveis que não considera os desejos, o espontâneo, o informal e compara os programas e

¹⁰⁷ A Carta de Atenas foi uma proposta de Le Corbusier e sua equipe, reunida no Congresso Internacional de Arquitetura Moderna em Atenas, em 1933. Preparada pela Declaração de La Sarraz (Vaud, Suíça, 1928) foi publicada em 1941, em Paris, sob ocupação alemã, e reeditada em 1958 pelas Editions Minuit.

¹⁰⁸ Die neue Stadt. Eine Studie für das Fürttal. Zurich, Bauen und Wohnen, [s. d.] 70p. (LEFEBVRE, 1970a).

projetos para construção de uma nova cidade com um esquema federalista, hierárquico e antidemocrático que exclui a vida cotidiana. Nesse sentido, o programa racional proposto pela referida equipe trás consigo sua ideologia, que se materializa na construção sobre o terreno.

Citando alguns exemplos de cidades, o autor discorre sobre: a que se estabeleceu ao redor de um núcleo (cívico) e integrou 'policinando' todo funcionamento ao redor; a cidade antiga que ajustava o tempo (cíclico) dos habitantes ao redor de seus centros de atividades; a cidade histórica com seus monumentos que ultrapassam símbolos, signos e sinais alcançando uma transfuncionalidade.

Lefebvre (1970a) sublinha que os exemplos citados, apesar de enquanto isolados não serem eficazes apontam sugestões e, então, trata da questão do policentrismo¹⁰⁹, da estruturação dinâmica da complementaridade de elementos, da ausência da segregação, do jogo e dos pontos de encontro,

¹⁰⁹ Policentrismo diz respeito a uma cidade com vários centros, vários núcleos, diferente da cidade antiga na qual um único centro regulava o ritmo de vida dos habitantes.

todos importantes enquanto variáveis para se pensar numa cidade nova.

A crítica, no entanto, se concentra nos modelos (quadros) que buscam um ‘ótimo’ para a população, mas que não consideram a importância social do jogo e da estrutura social. O foco é nos indivíduos (população ativa e produtiva) em suas relações com a área a ocupar, considerando somente a habitação e os equipamentos, e relacionando-os à quantidade de pessoas por área. Os modelos, que suprimem o jogo na vida cotidiana, impõem uma ideologia de vida e uma ordem moral, que se idealiza na cotidianidade.

Finalizando o capítulo, Lefebvre (1970a, p.140) responde a um estudo sociológico para cidades do norte da França, o qual trata do ‘ideal’ para o funcionamento de serviços coletivos, baseado na relação entre equipamentos e quantidade da população, de modo a assegurar recursos financeiros suficientes para o conjunto urbano:

O ideal da aglomeração era unicamente pesquisado em função, somente, da população. Ora, nós demonstramos que a estrutura social

desempenhava um papel mais importante que a população [...] ¹¹⁰. (LEFEBVRE, 1970a, p. 140).

Demandas para AU: o projeto que busca pela ‘integração total’ e considera os níveis (por um lado o número de habitante e por outro as necessidades alimentares, de vida física, social, religiosa, coletiva, dentre outros) produzindo uma auto-regulação, se fecha em si mesmo, impedindo qualquer abertura para o espontâneo, o informal, os desejos; programas racionais e projetos analíticos apoiados na técnica e na tecnocracia terminam projetando a ‘realização’ do indivíduo, e dele com os grupos, produzindo também o conformismo da população envolvida; a utilização da ‘plástica’ (diversificação nas formas construídas, organização de passeios públicos e de áreas verdes, espaços para esporte e festa) para evitar a monotonia e o tédio não dá conta dos reais anseios do ato de habitar ¹¹¹.

¹¹⁰ *L’opimum d’agglomération était uniquement recherché en fonction de la seule population. Or, nous avons montré que la structure sociale jouait un rôle plus important que la population....* . (Grifo do autor, Texto original). De acordo com Henri Lefebvre, este estudo consta em *Niveaux optima des Villes: Essai de définition*. Lille, Ceres, Faculté de Droit, 1959.

¹¹¹ Sobre habitar ver ps. 64-65 desta tese.

8. O bistrot-club

Principais termos: relação de vizinhança - tédio - conjuntos urbanos - rua 'bistrot-clube' - usuários - intimidade - privacidade - funcionalismo analítico - vida social.

No que se refere ao capítulo oito, (LEFEBVRE, 1970a, p.141-143, datado de 1962, o autor denuncia o projeto funcional analítico de vida social que, na projeção de conjuntos urbanos, não oferece possibilidades de encontros, informações, trocas, incidindo sobre o cotidiano de modo a torná-lo tedioso e desvencilhado das relações de vizinhança. Critica, ainda, os técnicos que, conscientemente ou não, seguem uma 'ordem' moral ou filosófica que enfraquece e deteriora a vida cotidiana nas cidades.

Em sentido oposto, o autor enaltece a proposta do Sindicato dos Arquitetos do Sena (S.A.S.)¹¹² que, levando em conta estudos sociológicos, apresentaram projeto para um conjunto de aproximadamente 200 habitações. Inclui a disposição de elementos móveis para inúmeras composições

¹¹² Informations bimestrielles du Syndicat des Architectes de la Siene, fevrier 1962, Paris.

de atividades segundo as necessidades dos usuários e ambientes internos que permitem privacidade, intimidade. O projeto intencionou integrar os ambientes com a rua, como células abertas. Lefebvre indicou que o projeto esforçou-se por ultrapassar o funcionalismo analítico, que separa e projeta a vida urbana sobre o terreno: "É, portanto, uma nova fase do pensamento dos construtores e dos urbanistas modernos que se anuncia". (LEFEBVRE, 1970a, p.143)¹¹³.

Sublinha-se que o autor trata, em especial, da necessidade de pontos de encontro como os 'cafés' e a 'rua', enquanto promotores de múltiplas atividades (informações, trocas, relacionamentos, conversas), enquanto elementos imprescindíveis para a vida social no espaço urbano.

Demandas para AU: a importância da interdisciplinaridade; descartar o funcionalismo puro enquanto procedimento para a vida social nas cidades contemporâneas, evitando o desaparecimento do sentimento de apropriação do tempo e do espaço sociais, bem como das relações de vizinhança. Estes são indicativos que colaboram

¹¹³ C'est donc une nouvelle phase de la pensée des constructeurs et des urbanistes modernes qui s'annonce. (Texto original).

para que os habitantes não se fechem em seus espaços privados e se percebam enquanto parte da 'obra', da cidade; resgatar a 'rua' (Ilustração 18)¹¹⁴ que não é apenas um lugar de passagem, mas de possibilidades de encontros, trocas, de animação para a vida, que escapa das categorias de análise do funcionalismo, do formalismo e do estruturalismo.

Ilustração 18 - Rua Chile, bairro Ribeira, Natal/RN¹¹⁵



Fonte: VisitNatalBrazil (2010)

9. A vida social na cidade

Principais termos: tipologia - análise funcional - o todo e os elementos funcionais/ morfológicos/demográficos - superestruturas - estruturas - rua - função da cidade - símbolos - tempo - espaço - pensamento dialético - bairro - relações de vizinhança - afinidade - transmissão de informações - função lúdica - ambiente - corredores de circulação - utopia - vida cotidiana - dimensão.

¹¹⁴ VISITNATALBRAZIL. **Onde vão os natalenses**. 2010. Disponível em: <<http://www.visitnatalbrazil.com/pt/o-que-fazer/vida-noturna/onde-vao-os-natalenses/>>. Acesso em: 30 set. 2011.

¹¹⁵ A Rua Chile é um elemento transfuncional da cidade. Nesse bairro acontecem eventos periódicos, mas nos últimos cinco anos, os eventos acabaram por promover uma frequência mais regular naquela rua, comprovando ser um dos lugares preferidos para encontro, animação e surpresa.

Em 'A vida social na cidade', 1962, Lefebvre (1970a, p.145-152) expõe os riscos metodológicos do funcionalismo, principalmente com relação às funções de habitar, trabalhar e de lazer, que tomados como elementos, separadamente, formariam um todo.

Diante disto, o autor sugere uma metodologia sustentada pelo pensamento dialético, considerando as superestruturas e estruturas, o bairro, a rua, os corredores de circulação, situando a importância dos elementos, das partes e do todo neste processo, sem privilégio de nenhum deles. Aponta, ainda, para a importância de funções essenciais esquecidas como a rua, a dimensão simbólica representada por edificações, a função lúdica e os corredores de circulação/informação.

Demandas para AU: cada especialidade tem um olhar sobre a problemática a ser enfrentada, mas o arquiteto urbanista, enquanto profissional que interfere no espaço-tempo da/na cidade, concretamente, deve considerar outras análises além da tipológica. Os habitantes de uma cidade ou de um bairro, não somente moram, trabalham e se divertem,

eles estão sob um espaço tempo que reflete a cultura, a ética, os valores e convivem com edificações de dimensões simbólicas. A rua, o bairro, a cidade são o todo e, ao mesmo tempo, o elemento, a unidade que não se separa da totalidade, as quais os habitantes se inter-relacionam, moldando e transformando. As propostas da arquitetura e urbanismo tendem a não considerar esses elementos, fundamentais para a qualidade da vida urbana.

10. Humanismo e urbanismo. Algumas proposições

Principais termos: escala humana - ideologia - práxis - estudo sobre o terreno - positivismo - Brasília - forma - função - estrutura - o todo/elementos - sistema/sub-sistemas de significação - habitante - percepção - o vivido - urbanismo - tempo/espaço.

No capítulo 10, 'Humanismo e urbanismo, algumas proposições', de 1938, Lefebvre (1970a, p. 153-157) discursa principalmente sobre a ideologia burguesa liberal, a questão de escala, de medida e de serviços humanos.

Tecendo aspectos sobre a crise da cidade tradicional, que acompanha a crise mundial da civilização agrária

tradicional, o autor indica a necessidade de repensar uma nova vida para a cidade por meio de outros procedimentos e vocabulários para a vida social, indo além das considerações de disciplinas especializadas.

Para tanto, faz-se necessário transformar conceitos e instrumentos intelectuais por meio de: a) transdução: operação mental que constrói um objeto teórico possível a partir de informações ou problemática da realidade, com realimentação constante entre o quadro dos dados e a observação empírica; b) utopia experimental: experimento do estudo sobre o terreno, suas implicações e conseqüências (quais serão os lugares bem sucedidos socialmente? Segundo quais critérios e interesses?); c) discernir sem dissociar forma, função, estrutura, seja pela razão ideológica do estruturalismo, do funcionalismo ou do formalismo. O que indica que a análise deve ser realizada pela transdução onde a tríade constitui o todo de seus aspectos, elementos e partes.

O autor critica, também, um complemento metodológico para as ferramentas intelectuais que, baseado nos 'sistema e subsistemas' de significações e suas

equivalências, são estabelecidos de antemão, em acordo com as significações percebidas, concebidas e vividas dos arquitetos urbanistas (ou de outros profissionais envolvidos).

Tecendo críticas, Lefebvre (1970a) cita: o 'sistema político', cujos 'subsistemas' que o regem são atos e estratégias passíveis de manipulação; o 'sistema o ser que habita' cujos subsistemas objetos (simbolismo), atos (paradigmas) e palavras (semântica) deveriam ser a partir do que o habitante percebe, vive e concebe; e procedendo por uma analogia desafiadora, o autor considera o 'sistema urbanismo', cujos subsistemas, então, seriam reencontrar o sentido da cidade antiga, rejuntar as significações da prática do habitar, do ser que habita, juntando aos feitos adquiridos por transdução (em acordo com o autor, uma teoria dos tempos-espacos) chegando à prática daí resultante.

Demandas para AU: o ser que habita tem seu 'sistema/sub-sistemas' de significações inter-relacionados ao habitar que "comporta a recepção, a adoção e a transmissão

de tal sistema”(LEFEBVRE, 1970a, p.156)¹¹⁶; as referências advém das inter-relações desse ‘ser’ com os determinados lugares e situações as quais ele percebe, concebe e vive; os arquitetos e urbanistas parecem se esquecer das significações percebidas e vividas dos que habitam, considerando o fato de habitar a partir de seus próprios percebidos e concebidos; os procedimentos adequados para alcançar outra coisa para além do ‘humanismo clássico’ tem necessidade de outras ferramentas, tanto para o pensamento quanto para a prática da vida urbana. O procedimento indicado é o que envolve o pensamento dialético, a inter-relação do todos com os elementos ou partes, a utopia experimental – transdução.

Pode-se exemplificar, por meio de imagens (Ilustração 19), os diferentes ‘sistemas/sub-sistemas’ do ato de habitar para refletir sobre procedimentos e categorias analíticas necessárias para a compreensão de cada complexidade. As fotografias, ilustrando habitats em uma cidade histórica, um bairro de uma metrópole e um bairro de uma capital de médio porte implicam, potencialmente, em estudos distintos,

¹¹⁶ [...] comporte la réception, l’adoption, la transmission, d’un tel système, [...]. (Texto original).

correlacionando-os a categorias analíticas diferenciadas onde o concebido, o vivido e o percebido dos habitantes se apresentam.

Ilustração 19- Veneza, Rio de Janeiro (acima) e Natal (abaixo) exemplificam a necessidade de diferentes procedimentos para cada caso a ser estudado.¹¹⁷



Fonte: Oliveira ([2011a])¹¹⁸

¹¹⁷ A montagem apresenta um edifício misto (residência e pequeno comércio) em Veneza, que reflete a história através de suas edificações e modos de vida dos habitantes (acima à esquerda). Ao lado, edifícios da metrópole do Rio de Janeiro cujos habitantes, indiretamente, participam das vidas uns dos outros pela proximidade dos habitats (acima à direita). E, ainda, um edifício de apartamentos, cujo entorno recebe a praça freqüentada pelos habitantes de Ponta Negra, Natal, uma capital de médio porte (abaixo).

¹¹⁸ Fotografias de propriedade da autora: Veneza- Itália em 8/3/2010, Flamengo - RJ em 6/3/2011 e Ponta Negra - RN em 22/4/2009.

11. Introdução ao estudo da habitação 'pavillonnaire'¹¹⁹

Principais termos: funções/formas/estruturas - habitação - vizinhança - conjunto social - cotidiano alienação - reificação - equipamentos - centro - rua - ordenamento territorial - interdisciplinaridade - sistema - utopia - escala global - espaço geométrico apropriação- dimensões - vida (privada/pública).

Neste capítulo 11, datado de 1966, Lefebvre (1970a, p.159-181) analisa a vida no 'pavillon' tecendo variáveis que possam compor uma metodologia que dê conta de analisar o habitat no cotidiano deste lugar onde se julga que as pessoas são felizes, em contraponto aos que teriam por moradia apartamentos nos conjuntos urbanos. As ilustrações a seguir, evidenciam a proposta ideológica sobre conjunto habitacional, em 1945, e habitações 'pavillonnaire' na década de 1960, na França (Ilustração 20 e 21)¹²⁰.

¹¹⁹ Sobre 'pavillonnaire' ver p. 50 desta tese.

¹²⁰ MAGRI, Susanna. Le pavillon stigmatisé. Grands ensembles et maisons individuelles dans la sociologie des années 1950 à 1970. *L'année sociologic*, v. 58, 2008. Disponível em: <http://www.cairn.info/resume.php?ID_ARTICLE=ANSO_081_0171>. Acesso em: 21 nov. 2010. Conjuntos habitacionais em contraste com o habitat pavillonnaire, cujas residências uni - familiares ofereciam, em acordo com o autor, um

Ilustração 20 - Propaganda ideológica sobre conjuntos habitacionais de modo a afirmar que todos os franceses tinham uma moradia (década de 1945)¹²¹.



Fonte: MAGRI ([2008])

conjunto de elementos que acentuariam o sentimento de apropriação e a qualidade de vida social.

¹²¹ Imagem do filme 'Ode ao pavillonnaire' de Frédéric Ramade que lá passou sua infância, e através do filme tenta compreender por que o modo de habitação pavillonnaire é um sonho de moradia para milhões de franceses. Em: ALLOCINE. **Ode pavillonnaire**: photos du film, 2008. Disponível em: <<http://www.allocine.fr/film/fichefilm-129909/photos/detail/?cmediafile=18930708>>. Acesso em: 30 set. 2011.

Ilustração 21 - Loteamento de habitats pavillonnaire, mostrando o arruamento e as edificações uni-familiares dispostos ao redor da vegetação.¹²²



Fonte: ALLOCINE (2008)

Contextualizando, o autor referiu-se às construções em massa das décadas que se seguiram à segunda guerra mundial, e que eram parte da política de habitação social francesa. Os grandes conjuntos habitacionais que foram implantados surgiram, rapidamente, para dar conta das muitas famílias sem moradia (um problema constatado antes mesmo da guerra).

As críticas do autor referiram-se, ainda, a Le Corbusier e sua escola, ao definir a questão de ‘se alojar’ como ‘a função’ e ‘o objetivo’ do ser humano na vida social. Essa é uma

¹²² É considerado como modelo ideal de moradia por grande parte dos franceses, em contraposição aos grandes conjuntos urbanos construídos nas décadas posteriores a segunda grande guerra.

questão observada, pelo autor, também em outros campos de estudo e outros profissionais.

Entretanto, essas críticas se confrontaram com o preceito comunista de defesa do coletivo em contraposição ao individual (individualismo), pois o ‘pavillonnaire’ carregava uma ideologia que poderia entrar em conflito com outras consciências de classe (a questão da propriedade individual). Mas, para o autor, e a partir de estudos realizados sobre este modo de habitar, o ‘habitat pavillonnaire’ não teria essa significação para os moradores e sim outra que suscitava o sentido de liberdade.

No capítulo, Lefebvre (1970a) propõe uma metodologia e considera: 1. O habitat como fato antropológico, portanto com uma história vinculada aos modos de produção do ser humano; 2. Os sistemas parciais por um lado e o conjunto social por outro, tendo a linguagem como conectora entre estes e o indivíduo ou pequeno grupo; 3. Análise de um duplo sistema: semântico (palavras e suas ligações) e semiológico (objetos e significações).

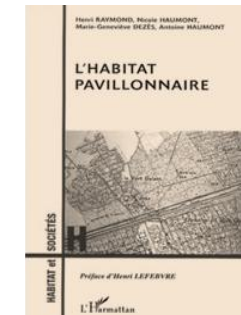
Os instrumentos para obtenção de dados envolveram entrevistas (fechadas e abertas), fotografias, ilustrações, gravação, observação minuciosa em fichas, confronto dos dados sensíveis, dentre outros. Mas, o autor acrescenta que ainda não se teria meios para registrar o tempo, a duração e os ritmos da vida.

Em seguida, Lefebvre descreve a pesquisa realizada no 'pavillonnaire' e explica o sentido de apropriação e dominação do espaço, considerando os níveis relacionados à marcação no terreno, ao fechamento e ao ordenamento territorial. Ele inclui a necessidade de se considerar símbolos, as oposições (contrastes) e a ordem, relacionando-os à juventude/velhice e aos elementos masculino/feminino dos grupos. Nesse sentido, essas iniciativas interligariam o mais individual aos níveis mais amplos.

O autor considera, ainda, o nível da utopia como conjunto de representações (por exemplo, o mito da casa patriarcal no campo onde o homem habita em poesia), a consciência de proprietário/propriedade das pessoas do

'pavillonnaire' (Ilustração 22)¹²³ e a heterogeneidade do conjunto como justificativas ao modo de existência social daquele grupo.

Ilustração 22 - A publicação L'Habitat Pavillonnaire cujo prefácio é de Henri Lefebvre.



Fonte: Decitre ([2011])

Finalizando, o autor explica sobre apropriação¹²⁴ apontando que suas modalidades, suas relações (tanto com o conjunto social, quanto com os grupos) são conflituais,

¹²³ A obra 'L'habitat Pavillonnaire' versa sobre uma síntese de pesquisas e análises relativas à política de habitação na França após a segunda grande guerra. Faz referência à preferência dos habitantes por imóveis individuais em contraposição ao investimento, pelo Estado, em imóveis coletivos. Em: DECITRE. **L'habitat pavillonnaire [imagem]**. [2011]. Disponível em: <<http://www.decitre.fr/livres/L-habitat-pavillonnaire.aspx/9782747502719>>. Acesso em: 13 nov. 2010.

¹²⁴ Sobre apropriação e dominação ver p. 117 desta tese.

complexas e transformadoras. É a individualização do espaço social e, ao mesmo tempo, a socialização do espaço individual, ou seja, para sua compreensão é necessário pensar dialeticamente. Rebatendo a ideia da coincidência entre espaço social e espaço geométrico, ele afirma que a qualidade do espaço social seria refletida pela apropriação daquele espaço.

Demandas para AU. O ato de habitar envolve algumas considerações importantes, quais sejam:

- é traço fundamental da condição humana, é uma dimensão do homem que se exprime, também, por meio da linguagem. A linguagem, no entanto, necessita de um método que de conta do não dito, do sensível, do verbal e que tenha por referência o jogo, o próprio habitar, o vestir, o amar, dentre outros aspectos;

- é para além da linguagem da máquina e das exigências de qualquer plano de habitação social. Compreendendo diversos níveis, o habitar se expressa em meio aos conjuntos de obras, coisas, produtos, que formam determinada aglomeração;

- se realiza num conjunto arquitetural de significações e relacionado a questões econômicas e políticas;

- a metodologia para seu alcance deve envolver ferramentas variadas (não estagnar em dados obtidos em um questionário) abrangendo fotos, observações 'in locu' sobre os modos de vida, a alimentação, a vestimenta, os objetos pessoais e da família considerada, onde a atenção aos respondentes é fundamental. Em sua maioria, as pessoas têm pouca consciência do que de fato estão vivendo, pois na luta contra sua própria situação, tendem a negá-la;

- atentar para a dificuldade da apreensão de dados relativos ao tempo, a duração e aos ritmos de vida, bem como para a diferenciação entre espaço geométrico e espaço social, tendo em mente que a apropriação qualitativa do espaço – tempo é o sentido, o objetivo e a finalidade da vida social, por isso tão importante para a disciplina de arquitetura e urbanismo.

12. Proposições para um novo urbanismo

Principais termos: vida social - cidade espontânea/histórica - escala global - análise - positivismo - necessidades individuais/grupos - vida cotidiana -

desejo - função/uni/multi/trans - forma - estrutura - entrevistas - deslocamento espaço/tempo - rua - utopia - privacidade - intimidade - ludicidade.

Em ‘Proposições para um novo urbanismo’, datado de 1967, Lefebvre (1970a, p.183-195) sublinha que o problema do novo urbanismo é o de tentar criar intencionalmente, racionalmente, uma nova vida social superior à anterior, tendo como matriz a cidade nascida espontaneamente ao longo da história.

Nessa direção, a escala global é aplicada histologicamente, anatomicamente, com funções específicas para os conjuntos de habitações, as unidades de vizinhança e até mesmo para cidades inteiras. Este procedimento, característico de uma inteligência analítica, aponta duas condicionantes: uma que diz respeito à atividade prática-teórica que permite a divisão extrema do trabalho, da ciência e da arte e a outra, se referindo ao método analítico que descobre o simples dentro do complexo e tenta reconstituir o complexo a partir deste simples.

Os procedimentos analíticos, portanto, têm separado sobre o terreno as condições sociais tal qual se faz com organismos vivos. O autor exemplifica com a cidade espetáculo (na visão de um mundo particularizado) onde as técnicas empregadas para a integração reduzem os participantes ativos em plateias televisivas e acomodadas.

Lefebvre indica, também, que as necessidades e desejos do indivíduo/grupo ultrapassam aquelas de cunho mais imediato (ventilação, aquecimento, dentre outros) estando correlacionadas às especificidades e a cultura de cada região/país. O autor propõe, então, uma metodologia que pode ser descrita do seguinte modo:

- a) Estudar as funções (uni, multi e trans) para compreender as conexões e ligações na direção de reconstruir o cotidiano;
- b) Encontrar o sentido exato de forma, função, estrutura;
- c) Estudar o deslocamento (no tempo e no espaço) da cidade nova, bem como as mudanças ocorridas, comparativamente, para compreender o que desapareceu e se perdeu de sociabilidade e espontaneidade social no cotidiano;
- d) Ter atenção nas entrevistas que, em sua maioria,

desconsideram respostas adequadas e, ainda, aceitam respondentes sem consciência do que vivem, causando resultados danosos; e) Considerar a rua com seu valor social, sua possibilidade de jogo, de diversidade, de surpresa, de imprevisto, pois a rua acaba por perder a dimensão poética para tornar-se local de passagem.

Nesse sentido, deve-se resgatar sua transfunção e evitar a redução do campo semântico a uma soma de sinais (unifunção) que implicam condicionamentos e comportamentos.

f) Sobre a utopia, o autor aponta para uma cidade nova a partir de 'núcleos organizacionais' compostos por locais para jogos, teatros, cinemas, cafés, dentre outros, dispendo ao redor os bairros residenciais/comerciais, inter-ligados por alamedas e parques; e, g) Finalizando, Lefebvre (1970a) refere-se a estudar as necessidades de segurança, privacidade, intimidade, surpresa e ludicidade na direção de uma multiplicação de contatos e relações sociais.

Demandas para AU: as pesquisas empíricas refletem mal a situação vivida por determinado grupamento, o que

indica, também, a importância de outros conhecimentos para a compreensão das necessidades sociais; o regate da 'rua' na integralidade de suas funções e enquanto elemento transfuncional, estético (ambiente que propicia a exposição) e simbólico; estudar aspectos como segurança, surpresa, informação, intimidade e privacidade na busca de revelar as contradições e conflitos, e que, a partir do pensamento dialético podem indicar outros caminhos a seguir; encontrar o sentido exato de forma, função e estrutura; analisar o conjunto de níveis (imóvel, unidade de vizinhança, bairro, cidade) reconstituindo as ligações e conexões para se descobrir o que se perdeu na sociabilidade; considerar o deslocamento (no tempo e no espaço) incluindo, também, os fluxos de mercado e mercadorias.

13. Necessidades profundas, necessidades novas da civilização urbana

Principais termos: linguagem - afetividade - apropriação - tempo/espço urbano - tempo livre/obrigado/imposto - racionalismo tecnicista - funções - cidade nova metodologia - imaginário social - simbolismo - ideologia - lazer - habitação individual - natureza - anticidade - parques/praças.

Quanto ao capítulo 13, ‘Necessidades profundas, necessidades novas da civilização urbana’, o discurso proferido por Lefebvre em 1966¹²⁵ (1970a, p. 197-206) inicia com uma afirmação: “Não existe ciência sem hipótese e sem interpretação discutível!”¹²⁶. Versa, principalmente, sobre uma filosofia das necessidades. Está estruturado em pesquisas sobre o modo de habitar ‘pavillonnaire’ e sobre a industrialização e urbanização, tomando como base a escala europeia.

A primeira discussão diz respeito à linguagem e as várias interpretações que podem gerar confusões na compreensão. Em seguida, são analisadas ‘afetividade’- processo pelo qual o indivíduo/grupo valoriza um objeto e investe nele sua energia afetiva, sua capacidade de ação na tentativa de marcar este objeto a sua imagem, fazer uma obra, e ‘apropriação’ - processo no qual um indivíduo/grupo transforma em seu ‘bem’ qualquer coisa exterior, incluindo aqui ‘um tempo’ ou ‘um espaço’ urbanos.

¹²⁵ Exposição em Lurs, Provence, França. Jornadas de estudos sobre parques regionais.

¹²⁶ Il n’y a pas de science sans hypothèses et sans interprétations discutables. (Texto original).

Dando prosseguimento, o autor enfatiza as qualidades de ‘tempo’ enquanto ‘livre’(lazer), ‘obrigado’(trabalho) e ‘imposto’(deslocamentos/burocracia) a partir da sociologia urbana. Este último parece crescer na medida da cidade, sendo valorizado e ficando com aparência de uma verdade filosófica. Diante disto, algumas cidades francesas e europeias apresentaram, nas pesquisas, uma ‘fuga’ do racionalismo tecnicista na direção do irracional (cartomantes/horóscopo) o que se justificaria pela necessidade das pessoas em restituir funções (lúdicas, informativas, simbólicas) e desejos esquecidos na cidade nova.

Quanto à metodologia, mais especificamente, Lefebvre apresenta dois esquemas conceituais sociológicos (LEFEBVRE, 1970a, p.200): o primeiro é vertical (tempo) e dividido em três níveis de realidades sociais, que estão mais ou menos articulados. Para ele a cidade é vivida sobre os três planos justapostos. A cidade é uma linguagem, uma escrita que se escreve diante de nós, e, um conjunto vivido, memorizado e imaginado. O segundo, o esquema horizontal (no espaço), se constitui a partir da moral e da ética do trabalho, ou seja, da

dignidade do homem (ultrapassando os trabalhadores em si). Mais especificamente, a seguir pode-se observar (Ilustração 23) os níveis de realidades sociais da sociologia urbana:

Ilustração 23 - Esquema vertical dos três níveis de realidades sociais.

NIVEIS DE REALIDADES SOCIAIS		
1º Nível – abaixo	2º Nível – acima	3º Nível - mais elevado
Mistura conflitual de tempo imposto e de apropriação pelo habitante. É o organizacional, o institucional, as normas e hábitos dos arquitetos e urbanistas.	Desdobramento do imaginário social e do simbolismo - os monumentos percebidos no plano da imaginação - a rua; e, a utopia - o imaginário social veiculado pela linguagem.	Ideologia - entre a consciência e a inconsciência - espaços que manifestam o poder - o Estado - praças - espaços vazios - utopia - ideologia da propriedade veiculada desde o séc XIX.

Fonte: Elaboração da autora, 2011.

O esquema de níveis pode ser complementado pelo esquema horizontal a partir do trabalho, que cedeu lugar para a valorização da habitação individual (isolamento). Esta valorização, em seguida foi substituída pelas propagandas que

vincularam em primeiro plano o lazer. A tríade trabalho-habitat-lazer se formou, onde o trabalho só é concebido em função das férias, na esperança de uma transformação da vida cotidiana.

A decomposição e a burocratização do trabalho levam a perda de interesse por ele e traz um novo interesse na direção da habitação individual. Esse novo interesse entra em conflito com o trabalho coletivo, gerando indisciplina, isolamento e frustração, desembocando em investimentos no lazer. Em acordo com o autor modificam-se, por consequência, as relações com a natureza e acentuam-se as atenções ao sexo e ao erotismo, principalmente na juventude.

Diante disso, a natureza por um lado, transforma-se em anti-cidade e passa a ter um simbolismo veiculado pela linguagem (ideologia) e por outro, a natureza deixa de ser assustadora para tornar-se bucólica, entrando para o processo como um todo. Nesse sentido, a indicação da criação de parques/praças onde principalmente os jovens possam se apropriar do espaço, com autogestão e participação efetiva,

poderia, em acordo com o autor, ser de grande importância para a melhoria qualitativa da vida social.

Demandas para AU: os esquemas, vertical e horizontal, enquanto ferramentas aliadas ao movimento do pensamento dialético na composição da transdução a qual, potencialmente, colaborará com o ensino, a pesquisa e a extensão na arquitetura e urbanismo na direção de alcançar a totalidade do fenômeno a ser estudado; a necessidade de apreender a ideologia de determinado grupamento social; no planejamento de novos espaços, conceber atividades práticas e espaços apropriáveis reforçando em todas as etapas a participação ativa da população envolvida.

14. Bairro e vida de bairro

Principais termos: escala(humana/comunitária/patriarcal/doméstica/pedestre) - ideologia de bairro - empirismo - módulo - monumento - 'gestalt' - forma - estrutura função - hierarquia - Estado - técnicas de deslocamento - totalidade da sociedade - espaço/tempo sociais - relações(diretas/interpessoais/imediatas) - cotidiano - teoria de conjunto.

Ao tratar de 'Bairro e vida de bairro', texto de 1967, Lefebvre (1970a, p.207-215) aborda a ideologia e crítica o perigo de se constatar evidências empíricas sem considerar implicações e argumentos que possam passar do descritivo ao normativo, e, ainda, de se considerar o dogmatismo como uma verdade científica.

A organização da vida urbana a partir do modelo (módulo) de bairro, considerado como unidade social da escala humana (ideologia de bairro baseada em grupos comunitários), leva a proposições metodológicas e teóricas errôneas.

A análise do autor aponta escalas comunitárias que constituem unidades mais amplas como cidade, região, nação considerando: a) A escala patriarcal - grupos elementares de vizinhança; b) A escala doméstica como primeiro elemento urbano - constante geoeconômica organizadora das outras escalas e que se constitui da relação de mudança entre vários grupos elementares; c) A escala paroquial – monumento como órgão de estrutura ou distribuição que oferece condições do bairro se formar ao redor.

Para Lefebvre (1970a), esses procedimentos advêm da teoria da forma (gestalt)¹²⁷ que mistura forma, função, estrutura e confunde estrutura com 'hierarquia' e comunidade com 'organização'. Na visão dele, não dá mais para pensar em escala paroquial porque a cidade se transformou e a estrutura/conjuntura é outra. Além do que, o Estado tem uma realidade diferente daquela época quando se interligava à igreja.

A partir daí o autor aponta outras direções, a seguir:

- A participação dos cidadãos na vida do bairro;
- A exclusão de uma escala/nível como ponto essencial, acrescentando que, além das análises anteriores, a escala do pedestre já está ultrapassada por vários outros meios de

¹²⁷ "Considera-se que Von Ehrenfels, filósofo vienense de fins do séc XIX foi o precursor da psicologia da gestalt. []. A Psicologia da gestalt afirma que as partes nunca podem proporcionar uma real compreensão do todo. O todo é diferente da soma das partes, mas a psicologia acadêmica da gestalt ocupou-se predominantemente com as forças externas.[...] De acordo com a gestalt, [...] O importante é perceber a forma por ela mesma; vê-la como "todos" estruturados, resultados de relações.[...]" Em: O QUE é Psicologia da Gestalt. Porto Alegre: Gestalt-Centro, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.igestalt.psc.br/psicogest.htm>>. Acesso em 7/10/2011.

transporte exigindo outras técnicas de deslocamento para definição do espaço social;

- A tentativa de acessar a totalidade da sociedade que é superior à forma, função e estrutura. Deve-se, portanto, evitar considerar moradias, imóveis e casas, ruas e bairros, territórios e zonas de atividades como uma coleção de coisas e a partir de uma operação re-introduzir a consciência, a vida, nessas coleções de coisas.

- O fato do bairro não possuir aparatos institucionais organizados não implica na ausência dos valores dominantes;

- O bairro deve ser organizado pelas forças sociais que modelam a cidade e orientam seu desenvolvimento. Um bairro movimentado mantém certa medição de forças com a cidade o que delimita, também, seu nível de correlações imediatas, diretas e interpessoais. O bairro, portanto, se desenvolve para além das instituições e segundo outras modalidades não institucionais.

- A observação de duas ordens: a sociedade em seu conjunto e o cotidiano, a vida imediata, que inclui espaços-tempos percorridos pelos habitantes do lugar;

- A ideologia do bairro deve se fundamentar em uma teoria de conjunto, a partir de categorias de análise como a de espaço e de tempos sociais; e por fim,

- A necessidade de definir a tipologia do bairro, não de maneira classificatória ou estática, mas formulando ferramentas para uma análise que contemple as tendências gerais.

Demandas para AU: a aplicação de um 'modelo', mesmo que seja exitoso, implica na desconsideração de elementos constituintes da vida social; a inexistência física de elementos simbólicos não implica na falta de valores, o que indica a necessidade de procedimentos teórico-metodológicos que alcancem o vivido, o percebido e concebido do indivíduo/grupo, bem como a participação ativa dos interessados para propor interferências em espaços-tempos de vida social; equilibrar acessos, percursos e equipamentos em espaços comuns, de modo a assegurar as relações com o todo, bem como com a vizinhança e os grupamentos sociais mais imediatos.

15. O urbanismo de hoje: mitos e realidades

Principais termos: cidade - função - estrutura - reforma urbana - arquitetos - urbanistas - tecnocracia - utopia - habitat/habitar - vida cotidiana - dimensão simbólica - monumentos - sonhos - função lúdica - apropriação - limites - espaço - tempo.

No capítulo 15, 'O urbanismo de hoje: mitos e realidades', 1967, (LEFEBVRE, 1970a, p.217-227), o autor discute sobre a cidade que nasce sobre as ruínas da cidade anterior e sobre as transformações de suas funções, transformações essas que alcançam o nível estrutural. Faz um pequeno histórico sobre a primeira e a segunda onda das revoluções mundiais (que incidem sobre a questão estrutural) apontando suas forças motrizes: a reforma agrária e a classe camponesa, e a reforma urbana, respectivamente.

Nesse contexto, Lefebvre elabora diferenças entre 'habitat' e 'habitar' indicando alguns problemas: a municipalização ou socialização do solo em si (produção e propriedade) que não resolve o problema da cidade; a gestão do todo por arquitetos que se pretendem também urbanistas; a tecnocracia enquanto mito, que propõe soluções por meio

da técnica, mas impõem opressão, normas e questões financeiras elaboradas por questões técnicas.

Prosseguindo, o autor aponta, ainda: a) A necessidade de se atentar para os modos de apropriação do indivíduo ou do grupo; b) A consideração sociológica diferenciada entre arquitetura (nível micro) e urbanismo (nível macro) onde o nível micro é o da forma do habitar e o macro a transformação da sociedade em seu conjunto; c) O uso de toda a tecnocracia em benefício da vida cotidiana; d) O sistema técnico, econômico e financeiro que impõe o mito da tecnocracia e exclui a utopia, a imaginação.

Mais especificamente com relação à 'arquitetura' e 'urbanismo', Lefebvre (1970a) os situa em níveis diferentes, mas relacionados e articulados entre si. Diante disso, discursa sobre a pluridisciplinaridade (linguagem/terminologias, imperialismo acadêmico, desigualdade de poder entre os participantes); a universidade (lenta; muito formal e desconectada da prática social; nova nas questões urbanísticas); e, o Estado (prescinde dos interessados, é centralizador).

Finalizando o capítulo, o autor indica soluções que envolvem a promoção da igualdade e a cooperação entre os participantes, o tempo de vivência do contingente acadêmico e a possibilidade da intervenção direta dos habitantes na questão urbana. Um comitê de gestão, com participação ativa e continuada (na escala de comunidades urbanas), pode apontar caminhos nessa direção.

Demandas para AU: considerar, potencialmente, as diferenças entre habitat (morfologia) e habitar (um ato, uma situação, implica o sentimento de apropriação); a importância da articulação entre os níveis de abrangência da arquitetura (habitar) e do urbanismo (conjunto da sociedade) que ainda está preso a problemas de 'circulação' e de 'plástica', e, atrelado ao 'mito' da tecnocracia; o solo destinado à construção aponta um sério problema e expõe as estruturas da sociedade contemporânea (produção e propriedade); as instituições do Estado promovem reuniões para democratizar decisões relativas ao espaço urbano, no entanto, a maioria delas é fictícia, pois o que se vê é a apresentação de planos e

projetos para determinada área sem a participação ativa dos que habitam.

Um bom exemplo é o que vem ocorrendo nas cidades brasileiras em razão da Copa do mundo de futebol, no Brasil. O primeiro texto relata entrevista com o secretário (interino) Fernando Fernandes, em junho de 2010, sobre as obras em Natal-RN, referindo-se, inclusive, à destruição do atual estádio de futebol da cidade, denominado pela população, de Machadão¹²⁸:

Durante uma entrevista ao Jornal 96, da 96 FM, na manhã desta sexta-feira (4/6/2010), o secretário extraordinário Fernando Fernandes, comentou a construção de um anel que irá incluir um viaduto e um túnel de acesso a BR-101. [...] O projeto de mobilidade está incluído nas obras da Prefeitura de Natal e será construído no mesmo momento da derrubada do Machadão. [...] Sobre as obras da Copa, Fernando Fernandes diz que o cronograma das obras está sendo cumprido. “Natal vai ter Copa sim! Estamos cumprindo o cronograma e segundo os membros da FIFA - em termos de projeto arquitetônico - poderemos ter um

¹²⁸ ROCHA, Marília. Complexo viário da Arena das Dunas incluirá construção de viaduto e túnel. **No minuto**. 04 jun.2010. Disponível em: <<http://www.nominuto.com/esporte/copa-do-mundo/complexo-viario-da-arena-das-dunas-inclui-construcao-de-viaduto-e-tunel/54155/>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

Estádio das Artes, pelo grau de conhecimento técnico e beleza da construção, com predominância de cores brancas representando as dunas, frisa.” (ROCHA, 2010).

O segundo exemplo, mais recente (9/6/2011)¹²⁹, veiculado em outro tipo de mídia, diz respeito à falta de informações sobre obras e outras atividades em Natal-RN, também relativas aos jogos da Copa. O texto refere-se ao documento que o Promotor de Justiça do Estado encaminha para as Secretarias Estaduais, recomendando: “fixar os projetos licenciados em locais previamente divulgados [...] buscar meios para que a população participe dos debates [...] em cumprimento ao Plano Diretor e ao Estatuto da Cidade [...].” (BRAUNA, 2011).

¹²⁹ BRAUNA. Mais transparência. **Diário do Congresso**: Os Bastidores do Poder On-line. 09 jun. 2011, Brasília. Disponível em: <<http://diariodocongresso.com.br/novo/2011/06/mais-transparencia/>>. Acesso em: 30 nov. 2011.

16. Conferência na cidade universitária de Antony

Principais termos: industrialização - urbanização - história - imagem - sistema urbano - fontes de capital - força de trabalho - centros de decisão - integração/segregação - estratégia de classe - política - consumo.

A 'Conferência na cidade universitária de Antony', em 1967, (LEFEBVRE, 1970a, p.229-232), tem início com a problemática da industrialização como indutora de questões como o crescimento e a planificação da urbanização.

Lefebvre denomina a sociedade como 'sociedade urbana em formação' e acrescenta que a imagem de cidade que se tem, é a da cidade anterior à industrialização (econômica, social, cultural, produtora de monumentos). Ele chama atenção para o fato de que é nas cidades, cada qual com suas especificidades, que se travam as lutas sociais de classe. Entretanto, a história das cidades se funde com a história nas cidades e a industrialização supõe essa ruptura.

Sobre um sistema urbano mais fechado, como o das cidades antigas, Lefebvre (1970a) indica a presença da industrialização que se instala no entorno e as usa enquanto fontes de capital e força de trabalho, bem como local de

moradia para os dirigentes das indústrias. Este duplo processo (urbano e industrial) seria alcançado por meio do pensamento dialético.

Na sequência, o autor explica sobre as influências da industrialização (subúrbios de trabalhadores e centros de decisão política, de informações, de empresas) causando outro duplo processo - implosão/explosão. Nessa análise, a nova centralidade passa a ser constituída como centro de informação em geral, de formação e de informação cultural, intervindo muito na totalidade da vida social. De acordo com o autor, essa questão pode ultrapassar as piores ditaduras políticas.

Com relação ao 'urbano', Lefebvre indica que o conceito que temos é tradicional, o que dificulta compreender conceitualmente, por um lado, o tecido urbano sobre o território e uma centralidade que quer se firmar e, por outro lado, na prática, o centro urbano que se mantém, seja deteriorado ou ultrapassado.

Quanto a tendências no urbanismo, considera alguns problemas:

a) O humanismo, com a escala humana e de unidade de vizinhança (nº de habitantes adequados às áreas); b) A cidade-carro e os problemas de circulação; c) A contradição entre integração e segregação expressa por uma estratégia de classe que impõe uma ideologia onde tudo tem correspondência com os centros de decisão.

Ao dar o desfecho a este capítulo, Lefebvre indica, ainda, um urbanismo determinado por estratégias (Estado) onde a cidade, elemento fundamental da produção, se torna um instrumento político e de controle de consumo.

Demandas para AU: as estratégias de dominação (produção/consumo) orquestram informações e privilegiam determinadas áreas urbanas de acordo com seus interesses e tanto os profissionais, quanto a população envolvida fica à mercê das decisões. É preciso que haja esclarecimento e determinação para sair do ciclo capitalista que promove uma busca incessante por ‘modelos’ de morar, agir, consumir, etc.; ‘urbano’, assim como ‘sustentabilidade’, ‘globalização’, dentre outros termos, são presentes em vários discursos (político, acadêmico, cotidiano) e parecem existir ‘por si’ e com poder

próprio; o arquiteto urbanista precisa tomar decisão, precisa escolher e atuar em conjunto com a população envolvida em busca de soluções para a vida urbana.

17. Pessac, o bairro de Le Corbusier

Principais termos: fenômeno urbano - bairro - modernista - habitat habitável - vida cotidiana - teoria - ideologia - empirismo.

O texto do capítulo 17, de 1969, trata do prefácio para a obra de Philippe Boudon¹³⁰ e Lefebvre (1970a, p.233-234) o define como um avanço aos estudos dos fenômenos urbanos, na prática. A obra cita que o bairro modernista, (Pessac) planejado e construído por Le Corbusier, (Ilustração 24)¹³¹, é redutor de possibilidades e levou em conta aspectos

¹³⁰ Philippe Boudon: arquiteto, professor da escola de arquitetura de Paris-la-Villet e diretor científico do LAÉA (Laboratório de arquitetura e de pesquisas epistemológicas sobre a arquitetura – CNRS). Publicou ‘Pessac de Le Corbusier’ (Dunod, 1969), ‘Échelles’ (Economica, 2002) e ‘Langages singuliers et partagés de l’urbanis’ (L’Harmattan, 1999). Disponível em: <http://zorglub.paris-lavillette.archi.fr/editions/f/auteur.php?auteur_id=3> Acesso em: 18 abr. 2011.

¹³¹ Habitações em Pessac, bairro projetado por Le Corbusier, próximo a Bordeaux-França. Em: **CITÉ Frugès Le Corbusier: Les quartiers modernes Frugès**. [2009]. Disponível em: <<http://www.pessac.fr/content/cit%C3%A9-frug%C3%A8s-le-corbusier>>. Acesso em: 18 abr. 2011.

econômicos e sociais, tentando propor um habitat 'habitável' para a vida cotidiana.

Ilustração 24 - Habitações projetadas por Le Corbusier em Pessac - França.



Fonte: (CITÉ..., [2009])

As considerações de Boudon apontam que os habitantes constroem um espaço social diferenciado, e a partir daí Lefebvre (1970a) tece uma análise em três níveis: 1. O uso, por Le Corbusier, de uma teoria misturada com ideologia - uso do empirismo sob uma 'encomenda social'; 2. A tentativa de resolver exigências práticas (ideológica e arquitetônica) e realidades sensíveis, que acabam ultrapassadas pela realidade; 3. A prática urbana, indicada por Boudon, vista como uma 'obra', uma forma de viver, um estilo de vida, que é maior que a realidade abstrata.

Demandas para AU: o planejamento (bairros, conjuntos habitacionais) a partir de decisões institucionais que, em sua maioria, tem base em aspectos políticos e econômicos; a construção do 'habitat' em série (modelo) desconsidera hábitos, costumes, estilos de vida da população envolvida; o espaço social vinculado ao projeto puramente analítico e descritivo que desconsidera a práxis e limita (ou extingue) o sentimento de apropriação do lugar.

Pode-se exemplificar essa prática, (Ilustração 25)¹³², pela vida cotidiana nos conjuntos habitacionais, implantados ao longo de décadas nas principais capitais do nosso país, com amontoados de habitats situados em áreas pré-definidas, normalmente distantes das atividades de trabalho e de lazer. Registra-se, ainda, que a denominação 'conjuntos habitacional', mais recentemente, adquiriu a denominação

¹³² GONÇALVES, Thiago. **A questão do programa Minha casa, minha vida**. 2011. Disponível em: < <http://www.culturamix.com/noticias/brasil/a-questao-do-programa-minha-casa-minha-vida>>. Acesso em: 11 nov. 2010.

LESCAUT, Paulo. **Conjuntos habitacionais: experiências**. 2008. Disponível em: < <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=43479788>>. Acesso em: 10 nov. 2010.

‘condomínio’, que ideologicamente parece indicar uma elevação a outro patamar social.

Ilustração 25 - Conjuntos habitacionais, coleção de coisas, organização para a vida cotidiana: Conjunto habitacional em Guaratiba – RJ (acima à esquerda); um modelo do Programa Minha Casa, Minha vida, promovido pelo atual ‘Governo Dilma’ (acima à direita); e, o conjunto habitacional Cardeal dom Jaime Camara - Padre Miguel- RJ (abaixo).¹³³



Fonte: (GONÇALVES, 2011; LESCAUT, 2008)

¹³³ As imagens do aglomerado de casas, ou dos blocos de apartamentos, revelam um conjunto de ‘coisas’ sobre o terreno, um arranjo geométrico que parece ter como ‘única’, a função de correlacionar o número de pessoas sem moradia com a quantidade de habitats sobre o solo.

18. Intervenção no seminário de sociologia de Madrid

Principais termos: espaço - tempo - segregação/integração - ciências parcelares - arquiteto - urbanista - interdisciplinaridade - metodologia - método comparativo/histórico - industrialização - urbanização - classes sociais - marxismo.

No capítulo 18, datado de 1968, (LEFEBVRE, 1970a, ps. 235-239), o autor dirige as discussões para o espaço, o tempo e as representações gráficas urbanísticas, além de considerar, também, o problema das ciências parcelares.

Nesse contexto, sugere o estudo do espaço a partir do método comparativo e histórico. Ele indica a necessidade de se considerar o modo como as pessoas concebem o espaço e como nele colocam suas marcas. Este estudo não traz uma avaliação quanto a ruas ou lugares, isoladamente, mas observa a maneira pela qual têm sido produzidos os espaços nas diferentes épocas.

Quanto ao método, Lefebvre afirma que nenhum é total e aponta para a necessidade de dominar o conhecimento sobre o processo da urbanização (que ainda é veiculado à industrialização) sob o ponto de vista marxista (método progressivo-regressivo).

Na sequência, ele discute a teoria de segregação segundo níveis e padrões sociais (econômicos, culturais) e reafirma a importância do pensamento dialético para abarcar a realidade concreta e prática de nossa época, bem como suas novas contradições que são também contradições de classes.

O autor defende, ainda, a convergência de um pluralismo metodológico acompanhado de crítica permanente, aspecto que será mais detalhadamente discutido por ele no capítulo 20, adiante.

Demandas para AU: o pluralismo epistemológico e a necessidade da convergência de variadas disciplinas em torno de uma problemática como a 'urbana'; o espaço concebido pelo arquiteto urbanista deve conter, em si, a participação dos habitantes na busca de evitar espaços de segregação, pois este espaço na/da cidade é a manifestação do emprego do tempo daquela sociedade.

19. As necessidades funcionais

Principais termos: análise formal/ funcional/ estrutural - procedimentos analíticos - totalidade - fenômeno urbano - espaço urbano e social - habitar/habitat - modos de apropriação - lugares de habitar

(públicos/semipúblicos/privados) enumeração e classificação de funções - aglomeração - percursos - organograma - diagrama - cotidiano - topologia urbana.

Em 'As necessidades funcionais', texto de 1968, pequeno e denso, Lefebvre (1970a, p. 241-242) trata essencialmente de metodologias para o 'habitar' a partir das análises formal, funcional e estrutural (sem priorizar ou hierarquizar nenhuma delas) na busca de conhecer a totalidade do fenômeno urbano.

O autor distingue 'habitar' e 'habitat' de modo que o primeiro vincula-se mais diretamente ao espaço urbano e ao espaço social, e o segundo, ao espaço de se morar, em si. Esclarece, ainda, que os níveis neles contidos têm modos de apropriação particulares e específicos, complexos e ricos em qualidades distintas, ou seja, níveis e dimensões devem ser observados para que se proceda com as análises.

Demandas para AU: o habitar tem uma amplitude diferenciada do habitat; o ato de habitar implica modos de apropriação particulares e específicos e não se desvincula do espaço social urbano; pode-se proceder pelas análises formal

(locais públicos, privados, de passagem e de serviços), funcional (locais de trabalho, de descanso, de intimidade, de comunicação, e, mistos), e estrutural (percursos internos e que se interligam ao espaço social urbano), considerando-as igualmente.

20. A propósito da pesquisa interdisciplinar em sociologia urbana e em urbanismo

Principais termos: fenômeno urbano - métodos - vida social - espaço - tempo - ciências fragmentadas - sistema de signos/significações - vida cotidiana - habitat/habitar - interdisciplinaridade - o arquiteto e o urbanista - urbanismo de circulação - cidade - positivismo - humanismo - dogmatismo - escala humana - necessidades/desejos - plasticidade - adaptação - forma - estratégias - ideologias e práticas urbanísticas - estratégia urbana.

Neste capítulo 20, datado de 1969, Lefebvre (1970a, p.243-265) apresenta seis tópicos: a) O fenômeno urbano; b) Complexidades do fenômeno urbano; c) Mitos e necessidade de cooperação das ciências fragmentadas. Projeto para uma Faculdade de Urbanismo; d) A problemática urbanística; e) O papel do filósofo; f) Por uma estratégia urbana.

No primeiro tópico, o autor define a sociedade atual por sociedade urbana e afirma que a extensão do tecido e a

concentração urbana estão fazendo explodir as cidades pré-industriais /pré-capitalistas.

No segundo, aponta alguns métodos descritivos (ecológicos, fenomenológicos, empíricos) que mostram apenas traços do fenômeno urbano como tamanho e complexidade. Nesse sentido, estes métodos passam da fenomenologia à análise e colocam em questão o conjunto da vida social teórica e prática, absorvendo o desenvolvimento social dentro do crescimento industrial. Ainda neste tópico, ele aponta o método progressivo-regressivo no espaço e no tempo como uma direção a seguir para se considerar o fenômeno urbano.

O terceiro tópico trata do que há de residual nas diversas especialidades resultantes das ciências fragmentadas, da necessidade e dificuldade da interdisciplinaridade e da dificuldade metodológica e teórica que se apresenta quando os envolvidos se pretendem 'homens da síntese'. Sugere, ainda, a criação de uma Faculdade de Urbanismo com a união de todas as ciências fragmentadas, a partir de uma problemática geral e não de um saber adquirido.

No quarto tópico, discute sobre o residual e o irreduzível em cada disciplina e expõe, também, sobre a questão da convergência entre elas. Afirma que o urbanismo estuda um 'objeto' fechado num sistema de ações, transformando o que se quer saber em um objeto científico cômodo e fácil, mas que a realidade urbana, caótica e desordenada, tem uma ordem a ser descoberta e para isso é necessária uma nova ciência, baseada na cooperação com todas outras ciências. Ainda neste tópico, refere-se ao urbanismo, que mais que um objeto virtual é a problemática, considerando, dentre outros aspectos, o urbanismo de circulação, a divisão do trabalho e a divisão social, a cultura e as universidades.

No quinto tópico, bastante abrangente, Lefebvre delinea as práticas do positivismo e questiona se não seria a partir da filosofia inteira e dos conhecimentos científicos que deveríamos interrogar o fenômeno urbano. Dentre os objetivos do autor está a preocupação com uma questão fundamental: a sociedade urbana autoriza a elaboração de um novo humanismo?

O autor se refere, então, ao espírito da filosofia que trata de: a) criticar radicalmente as ciências fragmentadas; b) repelir qualquer dogmatismo que pretenda alcançar um todo, setor, domínio ou sistema, considerando-os como propriedade privada; c) defender um pluralismo epistemológico; d) não concordar com a extrapolação de qualquer 'modelo' do lugar onde foi construído; e) não confundir investigação experimental e técnica, empírica e conceitual, que utiliza hipóteses (verificações, revisões), com a formalização e a axiomatização; f) não fechar o horizonte na consideração da 'escala humana'; g) mostrar uma orientação e a amplitude da problemática com suas contradições.

No sexto tópico, as análises são relacionadas a necessidades e desejos da sociedade urbana que devem ir para além das coisas, da linguagem e das necessidades classificadas em função de questões econômicas e de normas sociais. Considera a plasticidade, a adaptabilidade, o espaço e o tempo, relacionando-os a um intermediário mais ou menos apropriável.

Trata, também, da confusão entre ideologia e ciência (no mundo invertido que engloba a sociedade urbana) e discute hipóteses, nem sempre aceitáveis, para conceber as ciências fragmentadas a partir de seis itens, quais sejam: 1. Convergência - que se dá no horizonte e na direção do ser humano da sociedade urbana, reconsiderado e reconstituído; 2. Integração - sob o ponto de vista do impossível, do vir-a-ser; 3. Pragmatismo - utilização de informações/referências daqui e da virtualidade; 4. Operacionalismo - variante do método anterior coberto pela ideologia da tecnocracia; 5. Hierarquização - a partir de qual especialidade e em nome de quais valores; 6. Experimentalismo - integração dos campos parciais, de setores com intercâmbios ideológicos e científicos - oscila entre utopia abstrata e realismo imediato, utilitarismo e irracionalidade.

Lefebvre expõe, ainda, sobre questões teóricas relacionadas ao marxismo envolvendo o acesso à totalidade, bem como a política e a ideologia e aponta soluções a partir, e para, a vida cotidiana. O autor propõe, então, o confronto do real com o possível na direção de uma crítica das ideologias e

das práticas urbanísticas enquanto parciais e estratégias de classes para, assim, esclarecer a real prática urbanística e definir uma estratégia urbana.

Nesse contexto, a estratégia é apresentada duplamente: estratégia do conhecimento - criação de faculdades de urbanismo focadas na prática com incessante confronto com a experiência; e, estratégia política - constituição de uma política global a partir dos políticos, homens de estado, tendências e partidos, coerente com a da sociedade urbana e a apropriação tempo-espacial pelo ser humano.

Finalizando o capítulo, ressalta que as questões acima seriam somadas ao emprego total e eficiente das técnicas (meios técnicos) a serviço da vida cotidiana na sociedade moderna.

Demandas para AU: a utilização do método progressivo-regressivo no espaço e no tempo para compreensão do fenômeno urbano; a prática urbana ultrapassa conceitos parciais; o 'urbanismo' deve ser considerado como uma problemática que se forma com uma

ordem/desordem diante dos que ali vivem e não enquanto ‘sistema’, pois não existe ‘um’ sistema de signos e significações e sim vários, com variados níveis e dimensões; a prática urbanística de circulação (fragmentária) resulta da divisão do trabalho atrelada à divisão social que se institucionaliza por meio da cultura; a fragmentação reflete nas relações de produção, nas instituições, nas relações de propriedade e no mundo da mercadoria, incluindo o espaço-tempo social e interferindo diretamente na vida cotidiana dos habitantes.

21. Elementos de uma teoria do objeto

Principais termos: estatuto do objeto - cotidiano - obra - produto - mercadoria - forma - função - estrutura - percepção - ideologia - atos/situações - significante/significado - lingüística - virtual possível/impossível - habitar - utopia/heterotopia/isotopia - cidade.

No último capítulo, datado de 1968, Lefebvre (1970a, p.267-285) contempla a cidade e o cotidiano a partir do estudo da teoria dos objetos, distinguindo ‘objeto’ de ‘objetal’ e de ‘produção de ilusões ideológicas’. Nesse sentido, a ‘obra’ é única, o ‘produto’ repetitivo e a ‘coisa’ mercadoria. A matéria, portanto, é vista como uma abstração do objeto em geral. O

objeto vira algoz da linguagem e dos atos subjetivos, onde o sujeito, por meio dos símbolos ou do não dito, vê-se como carrasco do próprio objeto.

O autor vai em direção da redução do objeto ao seu irreduzível - sem forma, função e estrutura. Um itinerário de classificação é então traçado a partir das diferenças qualitativas e quantitativas do objeto (Lei de Zipf) - uma ordem possibilitando uma lei que se aplica também a coisas, palavras, cidades etc., demonstrando as dualidades (ordem-desordem, diferenças-analogias, informação-entropia¹³⁴).

Referindo-se, ainda, à diferenciação entre objeto simbólico e objeto significativo ele tece considerações sobre o objeto envolvendo a forma, a função, a estrutura, considerando as três análises (funcional, formal e estrutural), e contextualizando a percepção do objeto pelo sujeito.

¹³⁴ “A tendência do aumento da entropia está relacionada com uma das mais importantes leis da física: A segunda lei da termodinâmica. Essa lei mostra que, toda vez que realizamos algum trabalho, parte da energia empregada é perdida para o ambiente, ou seja, não se transforma em trabalho útil.” (OLIVEIRA, Adilson de. O caos e a ordem. **Ciência Hoje**. 18 ago. 2006. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/55440>>. Acesso em: 29 maio 2009).

Quanto ao cotidiano e cotidianidade, Lefebvre discorre sobre linguística e refere-se a denotativo (o que se vê) e conotativo (interpretação do que se vê), incluindo o imperativo social que atribui aos objetos seu valor de troca e dá significância de seu valor de uso. Trata de grupos léxicos e denuncia um problema da linguística que subtrai a práxis, a 'substância social' (atos e situações que remetem a divisão do trabalho) e vê o objeto somente na perspectiva substantiva (significante/significado). Contempla, também, variados objetos como a vestimenta e o mobiliário que ocupam os espaços internos das moradias, bem como aqueles que ocupam os espaços externos (da vizinhança, da rua, da cidade).

Nesse sentido, uma nova produção de discursos e de percursos implica em um movimento dialético entre todos os termos e níveis. Dentre os níveis apontados pelo autor estão: a) objetos – isotopia (denotativos, conotativo, ideologia); b) atos – heterotopia (percursos, fechamentos, modelagem); c) situações – utopia (reproduzidas, nascentes, virtuais – possíveis/impossíveis).

Referindo-se ao habitar, Lefebvre propõe a ideia de uma situação que implica nas relações com grupos de objetos, de atos, de pessoas. Esta situação (habitar) produz determinadas relações ao invés de recebê-las ou percebê-las passivamente.

Nessa direção, a proposta é a de produzir um discurso total da sociedade a partir de críticas permanentes, para que se possa construir o possível através da busca pelo impossível, pois, com as máscaras o possível já nos é dado (ideologia), portanto não somos nós que o escolhemos. Ao nível do cotidiano seria preciso, então, distanciar-se criticamente, ou seja, transcender poeticamente para se ter uma noção explícita. (LEFEBVRE, 1970a, p.278-279).

A teoria do objeto na perspectiva social comporta, então: a) Nível semiológico, tecnológico e demográfico dos objetos; b) Campo semântico global e campos semânticos parciais. Neste nível pode-se distinguir objetos quanto a sua competência (como os conhecemos – percepção) e seu desempenho (sua produção, manejo e valor de uso), tratando-

se, portanto, de um estudo de contexto, seja imediato, seja mediatizado.

A análise do autor sobre o objeto fixo ao solo indica inclusão/exclusão, simetria/assimetria, apontando o objeto simbólico que explica e implica uma situação virtual (possível e impossível). No caso da cidade, como obra ou realidade urbana, ela tem sua própria estrutura como ‘mediação’ entre objeto-sujeito, e, globalidade social-habitat, onde os que habitam transformam sempre as funções, estruturas e formas urbanas.

Em acordo com o autor, a cidade (como monumento) inventaria o tempo para determinado grupo que a decifra, é suporte de ideologia como um edifício e seus detalhes também o são. Portanto:

O que pode ser o objeto? [...] o objeto não é nada [...] ele só é para e por (válido para). Ele significa; ele se percebe estando aqui ou lá pelo sujeito que põe nele emoção, conhecimento, significação. (LEFEBVRE, 1970a, p.283)¹³⁵

¹³⁵ [...]“Que peut être l’objet? [...] “L’objet n’est rien. Il n’est que pour et par (valant pour). Il signifie; il se perçoit comme étant ceci ou cela par le sujet que met en lui émotion, connaissance, signification.” Grifo do autor. (Texto original).

No entanto, o sujeito só percebe isso ou aquilo situando tal qualidade no objeto. É, portanto, uma via de mão-dupla que, necessariamente, envolve o pensamento dialético.

Refere-se, ainda, ao habitar e à cidade aberta contrapondo o ‘acabado’ do habitat com o urbano que se constitui de elementos abertos, marcas de percursos. Diante disso, a centralidade (da cidade), nem perfeita e nem completa, implica em ‘outra coisa’, ‘outra parte’.

Para finalizar o último capítulo da obra referência, o autor discute sobre formas (de discurso, espacial) enquanto conjuntos e sistemas de objetos que tendem a reduzir, simulando, as profundas contradições existentes na práxis. Entretanto, seriam exatamente estas contradições que permitiriam conhecer a produção das estruturas mais superficiais do discurso, do espaço, dos grupos de objetos e de pessoas.

Demandas para AU: cada objeto (de determinado super-objeto e inter-relacionado a sub-objetos) implica a noção de ‘relatividade’ e revela três conceitos (forma, função, estrutura) apontando três análises de igual importância que

propiciam múltiplas classificações; a noção de relatividade (dialética) não é limitada a objetos prático-sensíveis, e inclui elementos constituintes da comunicação/não-comunicação, do dito/não dito, da ideologia, dos atos e situações, enfim, da práxis que não pode ser reduzida a um código; a situação de habitar implica numa inter-relação com objetos, situações, pessoas e ainda com um lugar (e outros lugares - utopia), e se expressa a partir das pressões globais que ocorrem no plano (espaço e tempo) da cidade; a realidade urbana remete tanto ao objeto quanto ao sujeito, é estrutura e ao mesmo tempo mediação entre as ordens próxima e distante, é super – objeto para seus habitantes, mas também produto dos que habitam; só a práxis e suas contradições permitem elucidar o espaço e o tempo urbanos.

As análises e contextualizações da obra referência, *Du rural à l'urbain* (LEFEBVRE, 1970a), põe em evidência o ciclo viciante que alimenta a fragmentação da vida cotidiana e da sociedade em geral. Esse é o mundo que, aparentemente, se expõe enquanto realidade e que se apoia no 'modelo' das

visões hierarquizadas, positivistas e parceladas, embasadas por um capitalismo que se mantém atuante.

A ultrapassagem dessa fragmentação é necessária e as possibilidades teórico-metodológicas do autor, potencialmente, indicam outros caminhos para que se possa pensar a disciplina de arquitetura e urbanismo e compor na direção da totalidade, por uma perspectiva que inclua o modo de produção e de reprodução do espaço social, o que implica, também, em desvendar estratégias e ideologias presentes.

Diante do exposto, algumas possibilidades teórico-metodológicas de Henri Lefebvre são destacadas e vêm colaborar com o objeto desta tese, quais sejam:

- Os estudos do autor para definição de comunidade rural envolveram a estrutura advinda da história daquela comunidade, e que lhe deu sua forma atual, englobando a tipologia dos habitats, o acervo documental e a política em suas tendências de direita (análise por descrição empírica, os valores morais, a metafísica e a política) e de esquerda (procedimentos históricos que apreendem a realidade em seus movimentos).

Nesse contexto, é importante observar que, independentemente de ser uma comunidade rural, as tendências de direita e de esquerda apontam para procedimentos diferenciados. Os procedimentos de esquerda envolvem a lógica dialética, pois é a que permite estudar uma realidade em movimento e abranger o total/global em suas relações com os elementos, para assim compreendê-los possibilitando sua transformação. Do contrário, engessa-se a realidade e os estudos deixando-os à mercê dos grupos de poder e decisão;

- As modificações nas grandes propriedades não se definem somente pela transformação da paisagem (terra, clima), mas também pela mudança da estrutura social que sofre interferência da estrutura econômica, a qual pesa sobre as classes sociais. De modo análogo, é o que ocorre nas grandes áreas valorizadas pelo mercado, as quais advêm da expulsão ou separação e isolamento de antigos moradores, em benefício de empreendimentos imobiliários com destino certo, que num processo característico das cidades atuais,

segrega e instiga a implosão-explosão daquelas áreas pré-determinadas.

- As várias ciências deveriam se unir ao redor de dimensões (escolhidas, diferenciadas) das forças produtivas de maneira a explicar suas modificações estruturais históricas, no solo, e dar conta dos conflitos entre pequenas e grandes propriedades. O que reforça, também, a necessidade da interdisciplinaridade;

- O método indicado para estudos complexos abrange as etapas da descrição, da análise regressiva, e da história genética. Mais detalhadamente:

A primeira etapa envolve a observação sobre o terreno, e leva em conta a experiência do pesquisador, tanto com relação a sua vivência científica, quanto em sua perspicácia na definição de uma teoria geral para o campo de estudo. Esta teoria deve ir além do empirismo e contemplar diversos processos (econômicos, históricos, sociais, políticos);

A segunda etapa analisa a realidade, datada e registrada de modo a permitir comparações, na direção do passado daquela realidade.

A terceira etapa classifica geneticamente as formações e estruturas considerando o conjunto (o global), visando a esclarecer e explicar o presente, que em si já contém seu devenir;

- Em acordo com Lefebvre (1970a, p.173)¹³⁶, o conceito de ‘apropriação’ é fundamental para compreensão da vida social. Apropriação e dominação são atributos pertinentes à ação desempenhada pelos homens sobre o ambiente (material) e deveriam caminhar sempre juntos. A dominação devasta e a apropriação transforma a natureza, de modo que se a dominação (técnica) age só, promove somente o crescimento econômico desconsiderando o desenvolvimento social.

¹³⁶ L’action des groupes humains sur l’environnement materiel et naturel a deux modalités, deux attributs: la domination et l’appropriation. Elles devraient aller ensemble, mais souvent se separent. La domination sur la nature matérielle, resultant d’opérations techniques, ravage cette nature en permettant aux sociétés de lui substituer ses produits. L’appropriation ne ravage pas, mais transforme la nature – le corps et la vie biologiques, le temps et l’espace donnés – en biens humains. L’appropriation est le but, le sens, la finalité de la vie sociale. Sans l’appropriation, la domination technique sur la nature tend vers l’absurdité en s’accroissant. Sans l’appropriation, il peut y avoir croissance économique et technique, mais le développement social proprement dit reste nul. (Texto original)

Nesse sentido, vale também observar questões pertinentes à vida cotidiana, ao habitar, às relações de vizinhança, aos percursos, às atividades, dentre outros, pois tudo é parte da obra (cidade) na/da qual o próprio ‘homem’ participa se apropriando, transformando coisas exteriores em seu ‘bem’, incluindo o tempo e o espaço. Ao contrário, o sentimento de apropriação se esvazia em uma adaptação difícil ou mesmo impossível;

- A distinção entre utopia abstrata, que trabalha com o ideal sem relação com as situações, e, utopia experimental que explora o possível por meio da imagem e do imaginário referenciando-os permanentemente às situações reais. Para tal, o procedimento intelectual deve ser o da transdução, que constrói um objeto teórico (possível) a partir de informações da realidade e de uma dada problemática, cuja metodologia implica em retroalimentar, constantemente, o quadro conceitual estabelecido com o das observações empíricas, permitindo ao arquiteto urbanista (e outros profissionais) dar forma a seus pensamentos;

- A importância do 'jogo' e da 'rua' (tanto com relação a equipamentos, quanto a encontros, trocas, ao inesperado, surpresas, imprevistos) para a sociabilidade, em contraposição a esquemas operatórios que produzem conformismos, ordem e estabelecem a moral. Nesse sentido, a crítica é para os projetos cujas funções envolvem o habitar, o trabalhar, o divertir-se e que se pautam na organização do solo, no sistema de circulação e na legislação, dissociando ao máximo as atividades na intenção de 'criar' a 'plena satisfação' das necessidades da comunidade em questão;

- O conceito ultrapassado que temos de 'urbano', pautado no crescimento econômico, envolve estratégias políticas e de consumo e, necessariamente, exclui do espaço urbano o desenvolvimento social.

A obra referência é uma compilação de décadas passadas (1950-1960) cuja amplitude espaço temporal abrange vinte anos, conforme citado anteriormente. No entanto, reflete bastante a problemática vivida nos espaços-tempos das cidades atuais. Diante disso, outras publicações do autor, situadas entre 1968 e 1974, buscaram compor com esta

obra revelando aspectos que reafirmaram e complementaram procedimentos identificados, apontando para o alcance de outras possibilidades para o ensino, a pesquisa e a extensão na disciplina de arquitetura e urbanismo. Esta etapa é delineada no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 4: REUNINDO O QUE FOI RECORTADO

Este capítulo trata do período em que Henri Lefebvre (1901-1991) se envolveu, potencialmente, com a problemática do fenômeno urbano e se situa entre 1968 e 1974. Essas publicações vinculam-se entre si, remetem a vários elementos que se inter-relacionam com a vida cotidiana e a vida social no espaço-tempo urbano, possibilitando por esses prismas, sua inserção em temas pertinentes à disciplina de arquitetura e urbanismo. Trata, portanto, de algumas destas obras, visando a correlacionar informações aos temas abordados na principal obra de referência da tese, *Du rural à l'urbain* (LEFEBVRE, 1970a) e contemplar o objetivo proposto neste trabalho.

A escolha do recorte espaço-temporal respaldou-se, também, em outras duas questões. A primeira, diz respeito a pesquisas bibliográficas e, em especial, nas indicações de Hess (1988) e Lethierry (2009)¹³⁷ sobre o referido período espaço-temporal. A segunda questão é quanto a escolha do volume

¹³⁷ HESS, R. H. *Henri Lefebvre et l'aventure du siècle*. Paris: A.M. Métailié, 1988.; LANTHIERRY, H. *Penser avec Henri Lefebvre: Sur la vie et la ville*. Lyon: Chonique Sociele, 2009.

inicial a ser analisado, O direito à cidade (LEFEBVRE, 2009b), indicado na bibliografia do PPGAU-UFRN para seleção de candidatos a mestrado e doutorado em arquitetura e urbanismo, que se encadeia a outras duas obras: Espaço e política (LEFEBVRE, 2008b) e Revolução urbana (LEFEBVRE, 2008a) definindo o recorte espaço-temporal.

As obras aqui consideradas em suas edições mais recentes¹³⁸ expandem-se para outras publicações do autor, as quais são enunciadas no decorrer do texto a fim de complementar o tema da pesquisa.

O percurso metodológico deste capítulo relacionou os pontos mais significativos de cada uma das obras do recorte ao objeto da tese e, também, considerou os frutos das discussões realizadas no grupo de estudos da prof^a Dr^a

¹³⁸ As obras de Henri Lefebvre : *Le droit à la ville*, 1968; *La révolution urbaine*, 1970; e *Espace et politique*, 1972, são as versões originais. As do corpo do texto são as edições mais recentes e referem-se a 1ª Reimpressão da obra *O Direito à cidade*, em 2009 pela Editora Centauro, São Paulo, com tradução de Rubens Eduardo Frias; *Espaço e política*, em 2008 pela editora da UFMG, Minas Gerais, com tradução de Margarida Maria de Andrade e Sérgio Martins; e, *Revolução urbana*, em 2008 pela editora da UFMG, Minas Gerais, com tradução de Sergio Martins.

Amadja Henrique Borges (GERAH-Lefebvre)¹³⁹ a partir de 2008 formando, assim, o corpo do texto.

Iniciando a construção textual deste capítulo, algumas considerações são destacadas, quais sejam:

a) Karl Marx considerava a sociedade burguesa, em seus processos de produção de riqueza material, bem como a industrialização, no centro do seu pensamento. Os estudos de Lefebvre relativos ao recorte aqui estabelecido, consideraram outra dimensão, o espaço (LEFEBVRE, 1972)¹⁴⁰, tendo por base o quadro teórico do materialismo histórico e a percepção de um sentido claramente implícito nas publicações de Marx: a cidade, espaço-tempo onde se desenvolve a vida social.

Lefebvre (1972)¹⁴¹ explica a construção desse quadro teórico a partir de um processo com dois aspectos:

(i) da história do ser humano, produzida por ele próprio envolvendo coisas, obras, ilusões, conhecimento; e

(ii) da práxis, onde o ser humano produz ideias, consciência e linguagem, onde cria suas relações, portanto, a vida social determinando a consciência.

Em acordo com o autor, o pensamento dialético é o que da conta de apreender esses processos com dois aspectos, contraditórios e em movimento, de uma mesma realidade, também em movimento. É, portanto, esse modo de refletir, de pensar, que permite apontar os possíveis enquanto tendências do real. (LEFEBVRE, 2008b, p.15)¹⁴².

Nesse sentido está a cidade que reflete o urbano, fenômeno complexo e que inclui diferentes níveis, dimensões e categorias de análise, todos relativos à práxis. Diante disso, expõem-se a necessidade de pôr o pensamento em movimento dialético para romper com a fragmentação imposta, ao longo do tempo, e dar conta de apreender a totalidade com toda sua complexidade.

O autor indica, ainda, a necessidade de reconsiderar por um lado, a filosofia, a arte e a ciência e por outro, a vida cotidiana (o centro da práxis) frente ao fenômeno urbano para

¹³⁹ O Grupo de Estudos em Reforma Agrária e Habitat (GERAH) é composto por duas vertentes: GERAH e GERAH-LEFEBVRE. Mais informações na Introdução deste trabalho.

¹⁴⁰ LEFEBVRE, H. **O pensamento marxista e a cidade**. Portugal: Ulisseia, 1972.

¹⁴¹ Idem.

¹⁴² LEFEBVRE, H. **Espaço e política**. Minas Gerais: UFMG, 2008b. A publicação original é de 1973.

traçar uma nova estratégia, de conhecimento e política, na direção da apropriação do espaço social, bem como do direito à vida urbana. (LEFEBVRE, 2009b).¹⁴³

Num viés desafiador, Henri Lefebvre (2009b)¹⁴⁴ tece uma série de questões sobre o espaço urbano (esclarecidas no decorrer do texto) que podem ser sintetizadas da seguinte forma:

a) o sentido da industrialização e da apropriação; b) noções de estratégia e sistema; c) a razão dialética no raciocínio e na prática; d) o pensamento filosófico a partir da cidade; e) os 'ismos' (cientificismo); f) o espaço e o tempo, e, a cidade como um nível que engloba outros níveis; g) o sentido de 'habitar'; h) o espaço urbano com relação ao valor de uso e de troca; i) ideologias e estratégias de classe e a racionalidade do sistema; j) forma, função, estrutura; k) o novo contexto urbano considerando a filosofia, a arte e a ciência; l) os modelos antigos de sociedade (arcaica) e a necessária remoção do urbano do sistema regulado pelas corporações;

m) o indivíduo, seus direitos, seus costumes e a prática da vida; n) a classe trabalhadora e o espaço urbano.

Quanto à industrialização, o autor discute sobre o seu sentido e sua finalidade, sobre sua participação no novo fenômeno da urbanização e sobre a necessidade de se reconsiderar a filosofia, a arte e a ciência para traçar uma nova estratégia para o conhecimento e a política na direção do direito à vida urbana.

A interferência da industrialização no processo e na compreensão do que seria urbanização, leva a uma perda do direito à vida urbana, do direito à cidade. Isso se dá por meio de vários aspectos e dizem respeito a alterações no modo de produção e nas reproduções destes modos, a inadequados pensamentos filosófico, científico e artístico, a fragmentação dos conhecimentos e sua planificação no espaço/no território que tende a expansão/implosão, a estratégias de classe, a ações do Estado, empresas privadas ou mistas, a grupos de esquerda e de direita, bem como aos meios de comunicação de massa.

¹⁴³ LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2009b.

¹⁴⁴ Idem.

De modo mais detalhado, o processo de industrialização é um elemento transformador das cidades e da sociedade urbana:

[...] a cidade e a realidade urbana dependem do valor de uso. O valor de troca e a generalização da mercadoria pela industrialização tendem, ao subordiná-las a si, a destruir a cidade e a realidade urbana [...]. (LEFEBVRE, 2009b, p.14).¹⁴⁵

Pode-se, então, apresentar algumas consequências, como os conflitos urbanos entre valor de uso e de troca, a mobilização de riqueza (dinheiro) e de investimento improdutivo, a acumulação de capital e seu desperdício em eventos e a extensão do território que, ao atender exigências de determinados grupos, permite que alguns continuem em seu percurso dominador no espaço urbano.

Esse percurso aponta, ainda, algumas questões decorrentes, como o desvio de atenção dos problemas e possíveis soluções urbanas para os problemas de cunho

socioeconômicos, a sistematização da noção de ‘habitar’ que se vê reduzido a ‘habitat’¹⁴⁶ e, dentre outros, os raciocínios formalizados, a razão e o racional analítico permitindo fórmulas que encobrem estratégias de poder.

No território físico, aprofunda-se o processo implosão-explosão, pois com ou sem a industrialização acelerada, as concentrações urbanas acompanham as concentrações de capital. Como exemplos, Lefebvre (2009b)¹⁴⁷ indica a existência de cidades com características diferentes, como as cidades com pouca, ou quase sem industrialização (Veneza e Grécia) apresentando aglomeração e especulação imobiliária crescentes e outras que crescem desmesuradamente mantendo pouca industrialização (Toulouse e outras da América do Sul e da África).

Por outra perspectiva a abordagem espelha, também, o que acontece em algumas cidades que apresentam antigas estruturas agrárias destruídas, ou quase, e a evasão de agricultores que buscam nova vida em outras localidades.

¹⁴⁵ LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2009b. A publicação original data de 1968.

¹⁴⁶ Sobre habitar e habitat ver ps. 64-65 desta tese.

¹⁴⁷ LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2009b.

A análise do tecido urbano como suporte ao modo de viver pode, então, ser feita em duas vertentes: a partir do campo com sua estrutura agrária e a partir das cidades englobando a morfologia, os sistemas de objetos/valores (racionalidade divulgada pela cidade) e as novas demandas de serviços.

Mas, de qualquer maneira, para formular uma teoria deve-se partir da práxis urbana (seus conteúdos e conceitos) na direção das possibilidades, envolvendo conhecimentos específicos aliados ao que falta nas hipóteses, somando a elas questões globais (discernindo as ideologias) e mantendo em primeiro plano os usuários.

Contudo, as dificuldades para formular teorias existem. Lefebvre tratou, em especial, de duas grandes dificuldades e que implicam na racionalidade centralizadora e operacional imperativa do século XX e nas ordens, próxima e distante.

A racionalidade é explicitada pelo autor a partir da razão analítica, que subordina os elementos a uma finalidade que provém das próprias operações e conexões: “Dizer que ela (a finalidade) provém das próprias operações é fechar-se num

circulo vicioso [...] A finalidade é objeto de decisão [...].” (LEFEBVRE, 2009b, p.29).¹⁴⁸ A outra dificuldade para formulação de teorias implica nas ordens, próxima (relações entre indivíduos, vizinhança, grupos, bairros) e distante (instituições: Estado, igreja, conjunto jurídico e cultural com suas ideologias), em especial, na compreensão de que é no nível prático-sensível, onde se incorpora o urbano, que também uma ordem se inscreve na outra.

O autor afirma, então, a necessidade de utilizar procedimentos mentais que envolvem dedução, indução, tradução¹⁴⁹ e transdução para dar conta dessas dificuldades e, ainda, distinguir as morfologias, social e física.

De modo complementar, o método é uma orientação, um arcabouço teórico e o método dialético utilizado por

¹⁴⁸ LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2009b. A publicação original data de 1968.

¹⁴⁹ O termo ‘tradução’, no planejamento urbano moderno, refere-se a desvendar o futuro como tradução direta da realidade. Ver também AMARAL, C. **Por um Urbanismo Pós-Crítico**: a inserção da Poiésis nas Ciências Aplicadas ao Urbano. Belo Horizonte: UFMG, 2008. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/RAAO-7GCJRP/1/disserta__o_cvla_npgau_ufmg.pdf> Acesso em: 19 set. 2011.

Lefebvre (2009a)¹⁵⁰ inclui uma distinção entre método de pesquisa e método de exposição para analisar elementos contraditórios de uma mesma realidade e assim, refazê-la em sua unidade, ou seja, no conjunto de seu movimento. A cidade, enquanto um nível da prática social pode, então, ser apreendida, estudada, analisada, a partir desse método.

Mais detalhadamente, o método de pesquisa descobre as relações internas dos elementos da pesquisa, suas leis fenomenológicas (nascimento, desenvolvimento, morte, substituição) naquele conjunto social estudado, e, o método de exposição (sintético) reconstitui o elemento estudado, em movimento, buscando o devenir e sua forma de autotransformação. Essa reconstituição é um encadeamento dos resultados da pesquisa e da análise para que se possa reconstituir o conjunto na práxis, considerando seu movimento, sua história, onde cada elemento a ser estudado não se desvincula do geral.

O método, portanto, deve subordinar-se ao conteúdo da matéria estudada e reconstituir o objeto num

encadeamento dos resultados obtidos na pesquisa e interligados ao campo total. Diante disso, as categorias de análise do fenômeno urbano podem envolver: forma, função, estrutura; níveis; dimensões; texto, contexto; campo e conjunto; e ainda, a escrita, a leitura, o significante, o significado, a linguagem, a metalinguagem, e, dentre outros, as instituições, o Estado, a política com suas estratégias.

Especificamente, as análises da forma podem ser a partir dos encontros e das trocas; as da função, enquanto funções internas da cidade com relação ao território e de cada cidade com seu conjunto social; e, as da estrutura da cidade, relacionadas à estrutura urbana da sociedade e as estruturas das relações campo-cidade.

Com relação aos níveis e dimensões, o autor indica o estudo do nível ecológico, do nível da semiologia, das dimensões simbólicas, paradigmáticas e sintagmáticas, distinguindo:

- O nível ecológico: a partir das isotopias e heterotopias, em duas vertentes que englobam o mais geral (instituições) e o mais particular (vida cotidiana);

¹⁵⁰ LEFEBVRE, H. **Marxismo**. Porto Alegre: L&PM, 2009a. A edição original é de 1948.

- O nível da semiologia: análise de semantemas (linhas retas, curvas, portas, janelas, entradas), morfemas (imóveis, ruas) e superobjetos (entre eles a própria cidade);

- A dimensão simbólica: monumentos, vazios, praças, avenidas;

- A dimensão paradigmática: oposições do tipo centro-periferia, o que se integra e não se integra à sociedade urbana;

- A dimensão sintagmática: articulação dos elementos isótopos e heterótopos.

Sublinha-se, ainda, a importância das análises do duplo processo de urbanização/industrialização, da sociedade urbana no plano da cidade em questão (ordem distante), e, do habitar e do cotidiano (ordem próxima) atentando-se, também, para a identificação de 'centros' que reconstituem encontros.

No entanto, problemas relativos ao urbanismo podem impedir que a cidade restabeleça sua própria racionalidade e envolvem: o urbanismo ligado ao humanismo antigo, clássico e liberal, que carrega um idealismo do antigo modo de viver do campo, esquecendo-se das mudanças e resultando em um

formalismo ou esteticismo; o urbanismo tecnocrata e sistematizado que se pretende científico e para se concretizar apaga a existência social daquilo que foi a cidade; o primado da técnica que se norteia por tendências a partir de um dado conhecimento (circulação, comunicação) tendendo a negligenciar o fator humano; e, o urbanismo do lucro divulgado pela publicidade, ela mesma transformada em ideologia.

O autor considera que as transformações em uma cidade envolvem os processos de produção e de suas trocas, as modificações nos modos de produção, as inter-relações campo-cidade e entre classes sociais e propriedade. Portanto, as desestruturas e reestruturas de certo contexto urbano, inseridas num tempo, num espaço e numa realidade prático-sensível devem ser pesquisadas tanto na história, quanto no devenir, a partir de categorias de análise que deem conta daquele referido campo de estudos.

Diante disso, podem-se distinguir algumas categorias fundamentais relativas ao fenômeno urbano como forma,

conteúdo, segregação, ideologia, dentre outras, que podem ser explicadas do seguinte modo:

- A análise da 'unidade forma-conteúdo' tende à dissociação, entretanto, a forma só tem realidade no conteúdo, mas ao mesmo tempo, separa-se dele. A forma tem, então, duas existências - a mental e a social. Como exemplos, o autor cita a forma de contrato, que implica a lógica inserida nas cláusulas e seus efeitos sociais; e outras diversas formas assim sintetizadas:

a) lógica; b) matemática; c) da linguagem; d) de troca; e) contratual; f) de objeto (prático-sensível); g) escrituraria; h) urbana. (LEFEBVRE, 2009b, p.93-94).¹⁵¹

- A forma urbana é mentalmente a simultaneidade do conjunto no real e, socialmente, é a sociedade urbana englobando a vizinhança, os encontros, os bens, os produtos, as atividades, as riquezas. É o lugar privilegiado (encontro obra-produto) que permite distinguir os conteúdos. Entretanto, sem a forma da simultaneidade acelerada não

haveria divisão extrema do trabalho, segregação dos grupos sociais, nem separação matéria - espírito.

- Para analisar as segregações, além de considerar as três formas (espontânea, pela renda e pela ideologia; voluntária, por espaços separados; e, programada, sob o pretexto de um plano), o autor indica procedimentos analíticos com critérios ecológicos, formais e étnicos considerando a racionalidade funcional da cidade como a causadora da segregação se apresentando, também, nos sentidos humanos (que separa a percepção da inteligência e da razão).

Com relação ao urbanismo, Lefebvre indica a necessidade de avaliar vários métodos para apreender a práxis da cidade, sem se fixar num só procedimento. Indica, ainda, procedimentos de análise das articulações internas para suas reconstituições, submetendo-as à crítica e ao experimento, e, a percepção dos limites, estabelecendo ou reconstituindo unidades sociais, considerando as ligações/tensões entre estas e a unidade urbana. Nessa direção, é fundamental a

¹⁵¹ LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2009b. A publicação original data de 1968.

integração e a participação dos cidadãos envolvidos no processo.

O passo inicial nos projetos urbanísticos deve ser o de descobrir toda estratégia (hierarquização de variáveis), tática (ações para efetivar estratégias) e ideologia, para depois, propor uma nova estratégia baseada na ciência da cidade. Como suportes são indicados os campos, social e o político, apoiados na classe trabalhadora, pois de outro modo não é possível a integração.

No entanto, somente isto não basta. É necessário complementar com duas proposições considerando curto, médio e longos prazos, quais sejam: i) um programa político de reforma urbana com representação da classe trabalhadora; ii) projetos urbanísticos com base em modelos utópicos, tendo o imaginário voltado à questão da apropriação do tempo, do espaço, da vida fisiológica, do desejo. Nessa direção, é importante, também, considerar os vazios (espaço de coação, terror, persuasão ideológica) como lugares do possível, e, a arte (tempo-música/espaço-pintura e escultura) que é um

exemplo de totalidade, portanto, devendo entrar na mediação sobre o urbano (LEFEBVRE, 2009b, p.114-116).¹⁵²

Para imaginar o futuro, Lefebvre (2009a)¹⁵³ sugere levar o pensamento na direção de uma convergência realizada pela prática e não pela síntese. Este procedimento deve considerar os objetivos da ação política, no tempo, indo do possível (que existe naqueles momentos) ao impossível (que pode vir a se tornar possível); os elementos teóricos que vieram daquela prática política para prática urbana ordenados no decorrer da ação política, utilizados e dominados por essa ação; os elementos teóricos da filosofia norteando-a para outra perspectiva, em função da realidade a realizar; e, os elementos teóricos da arte enquanto elementos transformadores e de apropriação da vivência, do tempo, do espaço, do corpo e do desejo (LEFEBVRE, 2009b, p.124).¹⁵⁴

Fundamentalmente, trata-se de orientar o crescimento na direção das novas necessidades da sociedade urbana, substituindo a planificação econômica pela social. O autor

¹⁵² LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2009b. A publicação original data de 1968.

¹⁵³ Idem.

¹⁵⁴ Idem.

indica que o método consiste em superar, sem descartar, tanto a descrição ecológica quanto as análises funcional e estrutural na direção da apreensão do concreto, do drama urbano e das formas da cidade que promovem reunião, simultaneidade, encontro: “O procedimento intelectual ligado a essas operações, que codifica ou que as apóia metodologicamente, foi chamado de transdução”. (LEFEBVRE, 2009b, p.125).¹⁵⁵

Em acordo com o autor, a transdução é compreendida enquanto uma operação que procede por um *feedback* constante entre o quadro conceitual (utilizado) e as observações empíricas e cuja metodologia dá forma às próprias operações mentais espontâneas, permitindo que o conhecimento se alie à utopia. A cidade, contemplada na relação do ideal (o que se imagina dela) com o real (situações da realidade nela vivida), aponta a construção de um objeto possível.

¹⁵⁵ LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2009b. A publicação original é de 1968.

Henri Lefebvre (2009b)¹⁵⁶ afirma, ainda, que uma mudança pode ser concretizada na prática social, a partir de uma realidade que conserve a imagem da cidade enquanto valor de uso. O autor indica as revoluções econômicas, política e cultural como uma possibilidade para estancar as forças daqueles que desgastam o ambiente urbano (empresas, Estado, cultura, e, os ‘ismos’), e assinala para a possibilidade de uma frente mundial que se disponibilizaria a imaginar o futuro (o possível), o que implicaria no término do racionalismo puro e na utilização da razão dialética.

Nessa perspectiva, as forças sociais e políticas da classe trabalhadora devem reivindicar esse futuro, acompanhadas por uma teoria urbana para apontar um trajeto que saia do ciclo vicioso (segregação/ideologia) no qual nos encontramos: “A teoria ‘urbanismo’ se reuniria às significações da velha prática chamada ‘habitar’, que acrescentaria a esses fatos parciais uma teoria geral dos tempos-espacos urbanos, que indicaria uma nova prática decorrente dessa elaboração, [...]”

¹⁵⁶ Idem.

esse urbanismo existe virtualmente.” (LEFEBVRE, 2009b, p.111).¹⁵⁷

Por outro lado complementar, o autor afirma que a realização da filosofia é libertar a sociedade e a vida urbana dos antigos limites elevando as técnicas, a arte e o conhecimento ao nível da cotidianidade para, assim, transformá-la. Ele menciona, muito apropriadamente, que a cidade define ordens de ação, emprego de tempo e hierarquia de lugares. Ela é uma escritura, mas ao lado desta escrita existe a ‘fala’, a voz do urbano. (LEFEBVRE, 2009b).¹⁵⁸ Diante disto, o urbanismo disposto a críticas permanentes colaboraria com a vida cotidiana em seu verdadeiro sentido de apropriação espaço temporal.

A título de ilustração, o evento que ocorre aos domingos na Praça São Salvador, Rio de Janeiro, por iniciativa da população. Com o decorrer do tempo, o evento passou a envolver mais que os habitantes daquele entorno, portanto, é uma manifestação que se dá em local público e que a

¹⁵⁷ LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. SP: Editora Centauro, 2009b. A publicação original é de 1968.

¹⁵⁸ Idem.

população se apropriou confirmando o evento e o lugar enquanto opção de lazer e de encontros (Ilustração 26).¹⁵⁹

Ilustração 26 - Evento na Praça São Salvador, bairro de Laranjeiras, RJ. O local público foi sendo apropriado e com o decorrer do tempo tornou-se ponto de encontro e de lazer dos habitantes do entorno e de outras localidades da cidade.



Fonte: Oliveira (2010c).

De todo modo, são inúmeros os elementos que fazem parte das vidas na/da cidade. Outras abordagens, como as de cunho político e econômico, que a princípio podem parecer distantes da disciplina de arquitetura e urbanismo, ao contrário, não podem se dissociar da busca pela totalidade do processo de transformação urbana.

¹⁵⁹ Fotografias de propriedade da autora. Rio de Janeiro, julho de 2010.

O autor defende a ideia de que o capitalismo se apossou tanto da produção agrícola e da cidade antiga, quanto da cidade moderna. Nesta última, o consumo produtivo do espaço é feito por meio dos transportes, das edificações, das ruas e avenidas, bem como por meio das relações da força de trabalho mal remunerada que aí trabalha. Ao mesmo tempo em que esta força de trabalho atua na estrutura espacial sobre o solo, fica disponível para o espaço inteiro, ou seja, não fica presa a nenhum lugar determinado. Este aspecto reforça, portanto, a exploração e dominação das relações sociais do capitalismo 'pelo' e 'no' espaço, tornando-o ferramenta estratégica de poder.

O espaço, tratado como um instrumento, ao ser usado produz efeitos na sociedade urbana e, concomitantemente, na vida cotidiana (LEFEBVRE, 2008b)¹⁶⁰. O capitalismo tem interferência direta na questão influenciando, para além do urbanismo, na planificação espacial que se ocupa do ponto de

partida, do percurso e do ponto de chegada dos fluxos que lhe interessa.

Esses fluxos (de pessoas, objetos, matérias, dinheiro, informação, conhecimento, signos e símbolos, dentre outros) se inserem em uma economia política do espaço onde os trabalhadores ficam à mercê das exigências e segundo as imposições das redes que compõem esses fluxos, ou seja, o fornecimento de matérias-primas, de energia, de escoamento dos produtos. A planificação acaba por projetar no terreno as exigências do mercado, incidindo em escalas variadas (local, nacional, regional, mundial) e promovendo a divisão técnica do trabalho.

No ponto de vista do autor, o capitalismo de organizações domina e mantém o mercado ao nível mundial, onde o espaço utilizado como instrumento do Estado é manipulado e produzido 'pelos' e 'para' os interesses privados de promotores imobiliários e bancos. São eles que dispõem das forças produtivas e das técnicas e as usam no espaço a seu bel prazer. É uma estratégia perigosa que, com seus interesses

¹⁶⁰ LEFEBVRE, H. **Espaço e política**. Belo Horizonte: UFMG, 2008b. A publicação original é de 1973.

a curto prazo, destrói “o possível e o futuro.” (LEFEBVRE, 2008b, p.120).¹⁶¹

Um dos modos de compreender a questão pode ser através do investimento que o capitalismo fez (e faz) em atividades do setor terciário, especialmente nas áreas predominantemente agrícolas ou cidades históricas. A título de ilustração (Ilustração 27)¹⁶² a Praça de São Marco, em Veneza-Itália, que na época das temporadas turísticas é invadida por uma gama enorme e diversificada de pessoas.

A aglomeração de veranistas interfere e incomoda os moradores da cidade denunciando um processo que vem ocorrendo em todo o mundo comandado por um dos componentes do setor terciário - o turismo. Causa grande impacto e transforma, significativamente, a vida cotidiana dos habitantes das referidas cidades.

Ilustração 27 - Temporada turística na Praça de São Marco, Veneza, Itália.



Fonte: Oliveira (2009b).

Outro exemplo de manipulação do espaço-tempo das cidades pode ser observado na estratégia da economia, enquanto disciplina parcelar. Essa estratégia usa táticas que envolvem as ‘raridades’ e transforma o valor de uso dos elementos que se situam no espaço como um todo, incluído a natureza e os centros de poder, para que percam sua condição própria e ganhem valor de troca. A partir daí entram para a engrenagem produção - repartição - distribuição. De acordo com o autor, o fato é que, na verdade, o que essa ciência parcelar estuda e promove são as coisas escassas e sua partilha disfarçada em justiça, igualdade e liberdade.

¹⁶¹ LEFEBVRE, H. **Espaço e política**. Belo Horizonte: UFMG, 2008b. A publicação original é de 1973.

¹⁶² Fotografias de propriedade da autora. **Praça de São Marco, Veneza Itália**, agosto de 2009.

Por outro lado, complementar, a industrialização implantada com recursos naturais e físicos em seu favor (fontes de energia, matéria prima, força de trabalho), provocou a integração entre as relações de produção agrícola e a realidade urbana, dissolvendo as relações sociais e de propriedade. Ao mesmo tempo, esgarçou o tecido das cidades e o valor de uso do solo se transformou em mercadoria incluindo, a vida cotidiana e toda sua complexidade.

Com isso, desaparece a ‘obra’ cidade e surgem centros de decisão, de riqueza e informação, de segregação e repressão. As contradições do espaço causadas pelo capitalismo, que de acordo com o autor se pretende convincentemente racional, promovem na prática a comercialização e a fragmentação do espaço, configurando-o ao mesmo tempo “global e pulverizado” (LEFEBVRE, 2008b, p.57).¹⁶³ Como ilustração, vista aérea da cidade de Natal-RN, e seu tecido urbano expandido denunciando, também, a prática

de comercialização do espaço urbano e do acelerado investimento na construção civil (Ilustração 28).¹⁶⁴

Ilustração 28 - Natal/RN.



Fonte: Tribuna do Norte (03 set. 2011).

Portanto, são muitos os instrumentos e mecanismos que interferem no espaço, no tempo, na vida cotidiana e

¹⁶³ LEFEBVRE, H. **Espaço e política**. Belo Horizonte: UFMG, 2008b. A publicação original é de 1973.

¹⁶⁴ POPULAÇÃO do RN. **Tribuna de Notícias**. 30 ago. 2008. Disponível em: <<http://tribunadenoticias.blogspot.com/2008/08/populao-do-rn.html>>. Acesso em 18/10/2011.

embaçam a concepção de cidade enquanto ‘obra’, enquanto totalidade.

Outras questões se somam, então, para definir o sentido e as condições políticas e morfológicas do espaço-tempo ‘cidade’ na direção do direito de sua vivência plena e dizem respeito, inicialmente, à arquitetura e urbanismo.

Em acordo com o autor, a arquitetura e o urbanismo poderiam articular os níveis micro - do habitar e macro - da sociedade urbana, ou seja, articular as ordens, próxima e distante. Nesse contexto e diante da dificuldade da projeção de uma prática social, o profissional que usa mais as palavras e compreende que os conceitos estão inseridos nos espaços sociais (que se relacionam com os globais) pode fazer toda a diferença. O profissional arquiteto urbanista atuaria, portanto, na direção da intermediação sensível entre questões vinculadas propriamente à vida cotidiana e à concretização dos possíveis no espaço social da cidade.

Metodologicamente, Lefebvre (2008a)¹⁶⁵ indica que diante de toda análise, os conceitos devem, a priori, ser averiguados quanto a seus propósitos (Por quê? Para quem? No interesse de quem?), levando em conta a necessidade de vários métodos, análises de diferentes níveis e dimensões e os recortes da realidade objetiva no tempo e no espaço.

Diante disto, dentre os aspectos a serem considerados estão, por exemplo: i) o espaço percebido nas dimensões do ambiente imediato, vizinho, grupal, e familiar; ii) a elaboração de semântica de discursos, semiologia e semiótica sobre espaço; iii) o estudo do sistema, da lógica, da estratégia, evitando a lógica do capitalismo que opera por um procedimento já evidenciado; iv) sob o ponto de vista de classe social.

Para o autor, se existe uma lógica, um sistema estabelecido, é preciso ao invés de imitar ou inventar outros do mesmo tipo, expor e evidenciar os que existem e, assim, propor novas possibilidades.

¹⁶⁵ LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2008a. A publicação original data de 1970.

Considerando o pressuposto de que a problemática do espaço pertence à teoria do urbano e a sua ciência (LLEFEBVRE, 2008a, p.41)¹⁶⁶ e que nos encontramos num conjunto fechado que parece não haver saída, o autor traça algumas hipóteses que envolvem o espaço das seguintes maneiras: puro, transparente, inteligível; social, como produto da sociedade e dependente da descrição empírica; como um meio, um instrumento político nas mãos de alguém, cuja representação serviria a uma estratégia; ligado à reprodução das relações sociais de produção, ao mesmo tempo abstrato e concreto, homogêneo e desarticulado.

Dentre as objeções relativas às referidas hipóteses, e, especificamente quanto à arquitetura e urbanismo, Lefebvre indica uma dupla característica para o espaço que se explica considerando a “coerência fictícia do olhar” conjuntamente ao “espaço de coações e de normas disseminadas.” (LEFEBVRE, 2008b, p.53)¹⁶⁷. O que esclarece, também, o paradoxo do espaço junto e separado, por isso fácil de ser dominado pela

técnica e não ser apropriado pelo uso. O espaço, lugar para reprodução das relações de produção (incluindo a natureza - vendida, destruída, remanejada) e livre de uma lógica própria, acaba por ser remetido a uma lógica formal e a uma metodologia geral. No entanto, isso não explica as contradições do espaço e sim o que existe na prática social capitalista. Um exemplo da questão pode ser observado no bairro do Alecrim, em Natal-RN, local que conjuga o comércio, o transporte urbano e muitos pedestres disputando espaço nas ruas em meio aos estabelecimentos de comércio formal e informal (Ilustração 29).¹⁶⁸

¹⁶⁶ LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2008a. A publicação original data de 1970.

¹⁶⁷ LEFEBVRE, H. **Espaço e política**. Belo Horizonte: UFMG, 2008b. A publicação original data de 1973.

¹⁶⁸ A disputa pelo espaço urbano no Bairro do Alecrim, Natal-RN, local de comércio formal e informal, com pedestres, comércio e meios de transporte disputando espaço nas ruas movimentadas pelo consumo. “O problema fica mais evidente nas proximidades do Camélot da Avenida Presidente Bandeira, onde pedestres dividem espaço com os carros. As calçadas, na maior parte das vezes, estão ocupadas pelo comércio informal. É preciso desviar das bancas, caixas, mercadorias [...]” (AGÊNCIA SEBRAE DE NOTÍCIAS. 30 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.agenciasebrae.com.br/noticia.kmf?canal=36&cod=9726669&indice=80>>. Acesso em: 04 out. 2011).

Ilustração 29 - A disputa pelo espaço urbano no bairro do Alecrim, Natal-RN.



Fonte: Agência Sebrae de Notícias (30 mar. 2010).

A pretensa racionalidade do espaço na sociedade capitalista é denunciada, na prática, pela comercialização de seus pedaços. Existem, portanto, muitos conflitos entre espaço imediato (percebido, vivido, vendido) e espaço abstrato (global, conceitual, estratégico). A questão pode ser evidenciada no campo institucional, por planos gerais de ordenamento e por projetos elaborados por aqueles que utilizam de estratégias transformando o espaço em mercadoria.

Na perspectiva do espaço político, estratégico e produto da história, Lefebvre (2008a)¹⁶⁹ indica alguns níveis e dimensões, quais sejam: i) o nível da ciência do espaço formal (como exemplo o conhecimento sobre as noções de conjuntos); ii) o nível da análise crítica que determina qual estratégia produziu aquele espaço; iii) o nível do estudo e a ciência dos conteúdos (os usuários)¹⁷⁰. Sua planificação tem três dimensões: material, quantificável; a dimensão financeira, incluindo balanços e custos de produção; e, a dimensão espaço-temporal, a partir de estudos de redes, de trocas, de comunicações, de fluxos, de centros de produção e de consumo, localizados no solo. (LEFEBVRE, 2008b, p.63)¹⁷¹. O método a ser utilizado para alcançar os referidos níveis e dimensões, apoia-se no pensamento dialético submetido à dupla crítica: de direita e de esquerda. Como exemplo, a

¹⁶⁹ LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2008a. A publicação original data de 1970.

¹⁷⁰ Em acordo com nota da publicação *A Revolução Urbana* (LEFEBVRE, 2008a), alguns pesquisadores lefebvrianos preferem o termo 'usador' para diferenciá-lo de outros cujas relações são vinculadas ao mundo das mercadorias.

¹⁷¹ LEFEBVRE, H. **Espaço e política**. Belo Horizonte: UFMG, 2008b. A publicação original data de 1973.

questão da natureza com a crítica de direita que aponta o desgosto para com a natureza perdida; e, a crítica de esquerda, que busca compreender implicações e consequências da devastação da natureza e sugerir novas proposições.¹⁷²

Nessa perspectiva, pode-se citar o trajeto histórico da natureza, que ao longo do tempo foi símbolo poético, depois relegado ao segundo plano. Em seguida, passou a ser matéria do conhecimento e objeto de técnicas, para então ser controlada e dominada por estratégias. A partir daí, a natureza politizada é perfeitamente inserida em áreas destinadas a usos variados, e sob a ideia de defesa ambiental (APA, UC, PN)¹⁷³ supervaloriza determinado ambiente urbano. A propaganda (Ilustração 30)¹⁷⁴ de lançamento imobiliário no estado do Rio de Janeiro, ao lado, ilustra essa questão.

¹⁷² Sobre tendência política de direita e de esquerda, ver p. 73 desta tese.

¹⁷³ APA – Área de Proteção Ambiental; UC – Unidade de Conservação; PN – Parques Nacionais.

¹⁷⁴ EXCELENCE IMÓVEIS. **Carpe Diem Residencial**. Disponível em: <http://www.excelencemoveis.com.br/imovel_35_Apartamento_Itacoatiara_Niteroi_RJ.html>. Acesso em: 15 ago. 2011.

Ilustração 30 - Lançamento imobiliário que se utiliza da ideologia ambiental (área preservada do entorno) para sua valorização.



Fonte: Excellence Imóveis ([2011]).

De qualquer modo, Lefebvre considera o 'urbano' um conceito ainda em formação e a sociedade urbana uma

sociedade virtual, mas é o urbano que permite reconsiderar a centralidade, os espaços de encontros e de contradições.

A forma do urbano seria, então, a simultaneidade que, metodologicamente, indica uma forma geral que proporciona sentido às constatações empíricas (LEFEBVRE, 2008b, p.86)¹⁷⁵. No entanto, para essa compreensão é preciso partir do ‘sintoma’, através das contradições e negações constituintes de espaços-tempos diferenciais, para além dos mapas ou de planificações codificadas.

Partir do literal e de sua racionalidade, para compreensão da forma do urbano, implica produzir “a segregação generalizada, a separação no terreno de todos os elementos e aspectos da prática social, dissociados uns dos outros e reagrupados por decisão política no seio de um espaço homogêneo.” (LEFEBVRE, 2008b, p.88)¹⁷⁶. Bem como implica, ainda, em desconsiderar os níveis micro (unidades de produção e áreas de consumo) e macro (mercado mundial e composição orgânica do capital) das cidades e zonas urbanas.

¹⁷⁵ LEFEBVRE, H. **Espaço e política**. Belo Horizonte: UFMG, 2008b. A publicação original data de 1973.

¹⁷⁶ idem

A dimensão do espaço tem relação com as forças produtivas e as técnicas, em todas as escalas, incluindo ideologias e representações de grupos e de classes. O que vem reforçar que o espaço concreto não coincide com nenhum estudo especializado.

O autor indica, ainda, que “é preciso mudar o espaço com relação, principalmente, a sua ocupação e sua morfologia social.” (LEFEBVRE, 2008b, p.140)¹⁷⁷. Conhecer o espaço somente na perspectiva de sua ocupação no solo significa reduzir o verdadeiro significado da transformação da natureza e do espaço no decorrer da história, e, por conseguinte, do fenômeno urbano. Assim, é preciso uma nova produção do espaço (não só outra maneira de produzir) que inclua a gestão e produção coletivas do próprio espaço urbano.

Cabe, então, considerar as técnicas que permitem qualquer tipo de construção e em qualquer lugar. Contudo, em sentido oposto, a privação está em lugares definidos (subúrbios, favelas) próximos aos centros, os quais têm papel imprescindível no processo de construção do espaço urbano,

¹⁷⁷ Idem.

e, diante disso, algumas questões fundamentais são aqui apresentadas, quais sejam:

- A definição de centralidade urbana que se traduz na forma simultânea (de encontros e reuniões) e em acordo com cada época ou período;

- A dialética como método para compreender os centros de decisão (LEFEBVRE, 2008b, p.124)¹⁷⁸, pois permite observar e analisar a contradição entre abundância de um lado e raridade do outro;

- As relações sociais de produção e sua reprodução, implicando em estratégias políticas;

- As ciências parcelares que participam do processo do despedaçamento do espaço urbano;

- A mobilização do solo, onde se desenrola o setor imobiliário e a construção civil que alcança todo o espaço;

- A intercambialidade que se dá pela produção de 'células', de 'módulos' (volume tratado como superfície) e atinge os percursos, depois os arredores do habitat com suas

particularidades, apontando como tendência a homogeneidade.

Em acordo com Lefebvre (2008b, p. 144)¹⁷⁹, tem-se a impressão de que se lida com o espaço como se ele fosse inocente, mas não o é. Ele é visual por um lado, mas também impõe ordem e outras vezes se assemelha à vitalidade e desejo, mas é justamente nele que as necessidades são filtradas e codificadas e onde se lida com as possibilidades e impossibilidades.

Diante disso, a arquitetura e o urbanismo têm um papel fundamental ao demonstrar como se dá a produção do espaço na projeção, no espaço euclidiano, incluindo todo o novo arsenal tecnológico que permite a tridimensionalidade da expressão. É essencial, portanto, perceber que dentro da expressão criativa está a vida cotidiana, o elemento mais significativo que se revela no espaço-tempo social urbano.

Pela perspectiva da inter-relação da vida cotidiana com o espaço-tempo urbano é preciso, no entanto, compreender as relações 'produção do espaço e propriedade privada do

¹⁷⁸ Idem.

¹⁷⁹ LEFEBVRE, H. **Espaço e política**. Belo Horizonte: UFMG, 2008b. A publicação original data de 1973.

solo’, ‘propriedade privada e apropriação de bens’. Essas relações são de fundamental importância para que o arquiteto urbanista posicione-se diante de decisões relativas ao espaço-tempo das cidades.

A doutrina marxista¹⁸⁰, como Lefebvre denomina, pode esclarecer alguns aspectos, pois surge com a sociedade moderna, descobrindo nela suas contradições advindas do progresso técnico (industrialização) e do domínio do homem sobre a natureza.

O marxismo distingue ‘relação humana com os bens’ e ‘relação humana com os fetiches’ (alienação). A análise dialética, nesse sentido, discerne três aspectos interativos no desenvolvimento social do homem que podem ser indicados como ‘espontâneo’, ‘refletido’ e ‘ilusório’. Ao aspecto espontâneo designam-se os elementos biológicos, fisiológicos, naturais. Quanto ao ‘refletido’, refere-se ao nascimento da consciência, e, o aspecto ilusório, ao que é desumano (alienação/fetice).

¹⁸⁰ LEFEBVRE, H. **Marxismo**. Porto Alegre: L&PM, 2009b. A publicação original é de 1948.

Esse triplo processo entra, filosoficamente, no que significa comunismo, definido por três momentos: de expansão da vitalidade natural do homem, historicamente consciente de sua relação com a natureza; de uma nova organização racional do conjunto de atividades por ele realizadas; e, de ultrapassagem das alienações ideológica, econômico-social e política, sem abolir as riquezas já conquistadas historicamente. Mas, ultrapassar a alienação significa ultrapassar toda condição que implica em fetice (mercado, capital, dinheiro) e diferenciar ‘propriedade privada’ de ‘apropriação pessoal de bens’.

Quando se diz propriedade privada, deve-se entender ‘propriedade privada dos meios de produção dos bens.’ (LEFEBVRE, 2009a, p.50)¹⁸¹. Deve-se, portanto, tornar organizado o meio de produção dos bens de maneira que pertença a toda a sociedade e sirva a todo ser humano, evitando que uma classe privilegiada os possua.

A ‘moral marxista’ desenvolve a ideia de que, em sentido geral, a moral interpretada pelos que detinham o

¹⁸¹ LEFEBVRE, H. **Marxismo**. Porto Alegre: L&PM, 2009a. A publicação original é de 1948.

poder era codificada e legalizava práticas sociais de uma época específica e em acordo com seus próprios interesses. O marxismo afirma a necessidade de uma nova ética liberada da alienação moral e das ideologias, fundada no real e na classe trabalhadora, pois esta é a classe que mais sofre e ao mesmo tempo a mais forte. Tornando-se consciente de si e de seu papel histórico, os trabalhadores podem adquirir conhecimento e valorizar suas ações, agir no plano econômico e político, resolvendo, na prática, a dissociação entre iniciativa individual e disciplina coletiva. (LEFEBVRE, 2009a, p. 61).¹⁸²

Os seres humanos, afirma Lefebvre (1948, 2009a)¹⁸³, não são separáveis de seus relacionamentos sociais. O pensamento dialético compreende que nas atividades desenvolvidas existe, sempre, um misto de passividade e de atividade que vincula os seres humanos a determinados relacionamentos e que, condicionalmente, determinam sua própria existência e consciência, ou seja, a consciência é determinada pelo ser social.

“Os seres humanos não se podem separar desses relacionamentos: sua própria existência depende deles, assim como a natureza de suas atividades, de seus limites e de suas possibilidades. Isso quer dizer que não é sua consciência que cria esses relacionamentos, mas que ela é, ao contrário, encadeada a eles e, portanto, por eles determinada [...]”. (LEFEBVRE, 2009a, p.63).¹⁸⁴

Nesse âmbito, tem-se como fundamental os relacionamentos (de luta) da sociedade com a natureza por meio do trabalho que, para o homem, garante sua vida e o eleva a níveis para além de uma vida simples e dos limites e condições impostos pela própria natureza. Trabalho, no entanto, envolve instrumentos e organização nas relações do que o ser humano produz.

Para compreender as relações de produção é pertinente a análise de três aspectos que, em acordo com o marxismo, constituem as forças produtivas de dada sociedade, quais sejam: as condições naturais, as técnicas, e a

¹⁸² LEFEBVRE, H. **Marxismo**. Porto Alegre: L&PM, 2009a. A publicação original é de 1948.

¹⁸³ Idem.

¹⁸⁴ Idem.

organização e divisão do trabalho social. (LEFEBVRE, 2009a, p.66).¹⁸⁵

O autor (LEFEBVRE, 1970b, 2009a)¹⁸⁶ chama atenção, em especial, para o momento em que a divisão do trabalho (material-inferior e intelectual-superior) acompanha-se pela formação da propriedade privada, onde tanto os instrumentos e os meios de produção, como o território e o solo, são dominados por grupos ou indivíduos admitidos como socialmente superiores.

Esses indivíduos, ao mesmo tempo em que monopolizam os meios de produção, os tornam hereditários por meio da propriedade sedimentando as funções (intelectuais, políticas, administrativas) e as riquezas possuídas e transformando o valor daquela determinada função no meio sócio-espacial. Surgem, então, as classes sociais que, juntamente com a organização da propriedade e as funções sociais, indicam uma estrutura social. Esta é denominada por

‘modo de produção’. Lefebvre (2009a, p.72)¹⁸⁷ indica que Marx denomina de ‘formação econômico-social’ o estudo do esquema oferecido pelos modos de produção de certa estrutura social.

Dessa maneira, para compreender a ideologia capitalista, faz-se necessário dominar todo o processo que abarca as forças produtivas, o modo de produção e as superestruturas (instituições jurídicas, políticas, ideológicas, fetiches, dentre outros) que, interligados, são elementos de toda formação econômico-social.

Sendo o modo de produção (crescimento, apogeu, declínio) sinônimo de ‘modo de organização’ das forças de produção em dada estrutura social, no momento em que os indivíduos das classes dominantes percebem o processo que lhes interessa, passam a interferir fazendo avançar, retardando ou interrompendo aquele modo de produção para que, junto à superestrutura, fique desvalorizado com relação a uma nova força de produção.

¹⁸⁵ LEFEBVRE, H. **Marxismo**. Porto Alegre: L&PM, 2009a. A publicação original é de 1948.

¹⁸⁶ LEFEBVRE, H. Para compreender o pensamento de Marx. São Paulo: Elo-Mafra, 1970; e LEFEBVRE, H. **Marxismo**. Porto Alegre: L&PM, 2009a. A publicação original é de 1948.

¹⁸⁷ LEFEBVRE, H. **Marxismo**. Porto Alegre: L&PM, 2009a. A publicação original é de 1948.

Nessa direção, a ideologia tem a grande função de dissimular e mascarar o que é essencial, para então, em acordo com os marxistas, apresentar as soluções (falsas) que funcionem melhor. Lefebvre, indo além dos pensamentos de Marx, introduz o 'espaço' nesse contexto, incluindo-o enquanto partícipe de toda formação econômico social e que, diretamente, incide sobre os cotidianos, pois este é o lugar onde se generaliza o mundo da mercadoria. Portanto, todo o processo tem vinculação direta com o profissional e com o desejo de intervir qualitativamente na vida social.

Observa-se, como ilustração da questão, a modificação no vilarejo da Redinha - Região Administrativa Norte - Natal-RN, após a construção da Ponte Newton Navarro (Ilustração 31), que interligou a Praia do Forte à Praia da Redinha. Em pouco tempo atraiu empreendimentos imobiliários, gerou engarrafamento e uma intensa urbanização (Ilustração 32)¹⁸⁸,

¹⁸⁸ A construção da Ponte incentivou o acesso à zona norte e mudou o cenário da região parecendo constituir uma nova cidade. Referências: MOTORISTAS RECLAMAM de engarrafamento na ponte. 21 nov. 2007. **Tribuna do Norte**. Disponível em: <<http://tribunadonorte.com.br/noticia/motoristas-reclamam-de-engarrafamento-na-ponte/59129>>. Acesso em: 18 nov. 2011.

interferindo na vida cotidiana dos moradores que antes se ocupavam, também da atividade de pesca.

Ilustração 31 - Redinha, antes da construção da Ponte Newton Navarro (esquerda) - Ponte Estaiada Forte-Redinha sobre o Rio Potengi (direita).



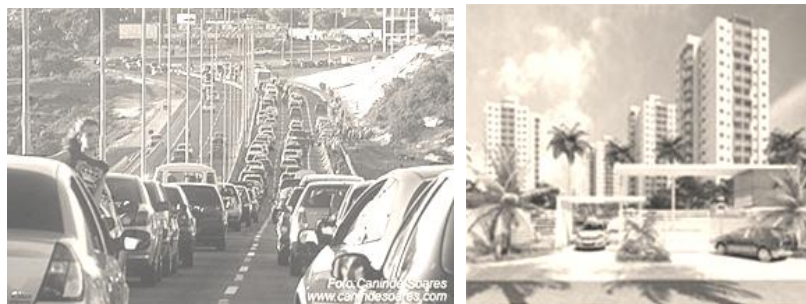
Fontes: FURTADO (2007) e CONSTRUBASE ENGENHARIA ([200-?])^{189 190}.

DEPOIS DA PONTE, o paraíso. **Tribuna do Norte**. 03 set. 2011. <<http://tribunadonorte.com.br/noticia/depois-da-ponte-o-paraíso/194594>>. Acesso em: 18 nov. 2011.

¹⁸⁹ CONSTRUBASE ENGENHARIA. **Ponte Redinha**: Ponte Estaiada Forte Redinha sobre o Rio Potengi. [200-?]. Disponível em: <<http://www.construbase.com.br/areas-de-atuacao/construcoes/ponte-redinha.php>>. Acesso em: 04 out. 2011.

¹⁹⁰ FURTADO, Sônia. **Praia da Redinha**: litoral norte vista da ponte Newton Navarro. 01 dez. 2007. Disponível em: <http://www.flickr.com/photos/sonia_furtado/2100153913/>. Acesso em 04 out 2011.

Ilustração 32 - Engarrafamento na Ponte Newton Navarro (esquerda) e empreendimento imobiliário na Redinha-RN (direita).



Fonte: Tribuna do Norte (2007); e Tribuna do Norte (2011)

A cidade, um todo que projeta no terreno uma sociedade inteira (as superestruturas, as bases econômicas e as relações sociais), possibilita que a noção marxista torne-se mais clara e intensa. Na cidade é que os símbolos se materializam (obras, monumentos, edifícios) e, ao se refletirem, refletem a sociedade global. A crítica do autor expande-se então, para o urbanismo institucionalizado que por meio de projetos urbanísticos promove as ações do Estado e o desdobramento deste ‘mundo da mercadoria’.

Os estudos de Karl Marx deixaram de fora o espaço, mas quando Henri Lefebvre¹⁹¹ o insere naquelas concepções, oferece questões fundamentais para se pensar sobre a relação espaço-tempo significando, ainda, a necessidade de novas reflexões, teorias, métodos e categorias de análise para a compreensão do espaço e do tempo nas/das cidades enquanto mercadorias de consumo.

Nesse prisma, as separações em níveis (locais, nacionais, mundiais) e zonas (comerciais, circulação) configuram dissimulando o espaço social ‘real’ por meio de desenhos e discursos ideológicos sobre o espaço (puro e neutro). Visando a estética e ao *estetismo*, usa-se de estratégias hábeis utilizando a ‘transparência’ do funcional (sobre o terreno) e do estrutural para programar operações, onde cada pedaço tem sua própria intervenção sob ordens do Estado e da burocracia.

O espaço abstrato (repressivo) se manifesta, então, pela redução, segregação, hierarquização, pela localização

¹⁹¹ LEFEBVRE, H. **La production de l’espace**. Paris: Anthropos, 1974.

funcional e pela arte (objetos estéticos e/ou o ambiente em si):

[...] urbanismo de maquete e de plano-de-massa, complemento do urbanismo de esgotos e aterros sanitários onde o olhar do criador se fixa ao bel prazer e a sua vontade sobre os 'volumes', olho falsamente lúcido que, ao mesmo tempo, mal conhece a prática social dos 'usadores'¹⁹² e a ideologia ali contida. (LEFEBVRE, 1974b, p. 366-367).¹⁹³

A passagem do 'imobiliário' para primeiro plano no mercado global, com o capitalismo tomando posse do solo, mobilizando-o, aponta o espaço como outra atividade central, que por meio da construção civil influi diretamente nos lucros (capital variável) e na mais valia. A movimentação rápida dessa mobilização espacial (imóveis) causa destruição de espaços antigos e novos, e, o espaço inteiro (solo-subsolo, sobre-solo) ganha valor de troca transformando-se em um bem com circulação e fluxos.

¹⁹² Sobre o termo usadores ver p. 135 desta tese.

¹⁹³ [...] à l'urbanisme de maquette et de plan-masse, complément de l'urbanisme des égoûts et voiries, où le regard du créateur se fixe à son gré et à son aise sur de 'volumes', oeil faussement lucide qui méconnaît à la fois la pratique sociale de 'usagers' et l'idéologie qu'en il contient. (LEFEBVRE, H. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, 1974.)

A entrada dessa mercadoria para a oferta e procura, formação de preços, custos de produção e especulação, também se expressa pela construção de planos urbanísticos e de modelos e/ou células.

Os percursos que fazem parte dessas normas, homogeneizando os corpos e os gestos em um projeto gráfico, reduzem a realidade a uma representação e a vida cotidiana a um programa, uma ordem moral, incluindo aí o ambiente e os equipamentos. (LEFEBVRE, 1974b, p.390).¹⁹⁴

A cidade e suas instalações são o capital fixo e nela penetra a divisão do trabalho. Enquanto uma máquina, apropriada ao uso de determinado grupo social, uma segunda natureza (espaço produzido), reflete a repartição da mais-valia. O processo se expande do local ao mundial através das relações de instituições financeiras e se dá territorialmente, desterritorializando, diante da medição de forças dos dirigentes capitalistas.

¹⁹⁴ LEFEBVRE, H. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, 1974.

Lefebvre (1974b)¹⁹⁵ indica que o espaço urbano assegura a correspondência entre os fluxos de energia, força de trabalho, mercadorias e capitais. A economia, programada num quadro espacial, se define por essas conexões de fluxos e redes (origem, percursos, término) no espaço.

Para o autor, novas relações sociais somente existiriam com a eliminação da propriedade do solo, questão ainda sem soluções viáveis e visíveis, mas com possibilidades de adequação em um devenir onde o arquiteto e o urbanista, juntamente com outros agentes (banqueiros, promotores imobiliários, autoridades, trabalhadores e usuários), interfeririam diretamente para outra condição do espaço, com valor de uso e interdependente da qualidade da vida social.

Os conflitos talvez possam ser resolvidos se houver, principalmente, gestão participativa da comunidade envolvida, o que significa ir além de simples opiniões para aprovar ou não propostas prontas e apresentadas. A gestão e participação coletivas do espaço-tempo orientando-os para um desenvolvimento social qualitativo, tendo no cerne dos

processos a busca por novas formas e relações sociais com base na apropriação deste espaço-tempo é, potencialmente, uma boa solução.

Mas, a problemática do espaço discutida por Lefebvre, acompanha-se de aspectos do fenômeno urbano em várias vertentes. Outros elementos são, então, considerados, e dizem respeito ao arquiteto urbanista, ao urbanismo funcionalista, à produção do espaço na reprodução da sociedade, às centralidades, ao processo dialético da urbanização (LEFEBVRE, 2008a)¹⁹⁶, à vida cotidiana, envolvendo reflexões sobre o 'jogo', a 'rua' e, dentre outros procedimentos, à exploração do possível-impossível, o pensamento dialético e a transdução.

Nesse contexto, o autor explica que a tendência a reconstituir as cidades como centros de decisão e poder (mais especificamente, de riqueza) tem sua estratégia ancorada na cidade política. O arquiteto urbanista está envolvido nesse percurso que alia o conhecimento científico parcelar e a utilização de conceitos como 'crescimento' e

¹⁹⁵ Idem.

¹⁹⁶ LEFEBVRE, H. **Revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2008a. A publicação original data de 1970.

‘desenvolvimento’. É preciso atenção na inter-relação centro/outros centros, e, centro/periferias, que suplanta a antiga contradição campo-cidade e engloba outras relações forma-conteúdo. Essa contradição indica, ainda, a importância do método dialético para compreender a centralidade e as lógicas do espaço-tempo.

A centralidade e o utópico se definem mutuamente. O ‘centro momentâneo’ alcança, nas topias, as ordens próxima (iso/hetero) e distante (utopia), bem como a outra centralidade, tendo a práxis inserida na transformação de sua forma e estrutura.

Em acordo com o autor, o urbano envolve discursos e percursos, tanto na linguagem, quanto na sua própria conjuntura/estrutura marcada pelo habitar. Ele ‘é’ em movimento (atos e situações) e é, também, o lugar da expressão dos conflitos, e da segregação. A dificuldade que se apresenta ao estudo é o próprio elemento condutor - a prática urbana – que ao mesmo tempo é o campo cego que impede o urbanismo de compor ‘arte’ e ‘ciência, ‘técnica’ e ‘conhecimento’.

Esse campo cego, o ‘urbano’, inclui outras dificuldades para sua apreensão e que diz respeito às ilusões, tanto do urbanismo humanista, quanto dos empreendedores e do Estado tecnocrata. Essas ilusões, vinculadas à visão falsa da totalidade, acabam por projetar ‘monumentalidades’ que atuam pesando sobre a vida cotidiana e a individualidade. Nesse âmbito, a cotidianidade é substituída por representações impostas, cujas estratégias ficam encobertas.

A vida cotidiana, enquanto campo de estudos que compõe o fenômeno urbano, exige uma transformação. No entanto, em acordo com Lefebvre (1961)¹⁹⁷, a dificuldade inicial se apresenta a partir dela própria, que desapareceu em meio às transformações sociais escapulindo da cultura, da história, da política, das técnicas e das artes.

Por sua vez, as técnicas expuseram todo o tempo livre, criando um imenso vazio na vida das pessoas. Entre os dois polos, o cotidiano de um e a tecnicidade de outro, passou a existir um abismo que rompeu com esse mesmo cotidiano.

¹⁹⁷ LEFEBVRE, H. **Critique de la vie quotidienne II: Fondements d’une sociologie de la quotidienneté**. Paris: L’arche, 1961.

Em especial, sob o ponto de vista do público e do privado, Lefebvre (1961)¹⁹⁸ indica que a vida se mistura e se confunde. A vida privada repleta de informações e a pública e política cada vez mais personalizada, acabam atingindo a vida familiar, levando-a a uma espécie de cotidianidade privada que se reduz, muitas vezes, a um habitat isolado. Mas, “as necessidades existem e é a partir delas que o homem explora as várias possibilidades que possa ter. Ele as cria, escolhe entre elas e as realiza.” (LEFEBVRE, 1961).

As necessidades em si, como forma de existência e manifestação não geram problemas, mas sim a necessidade disto ou daquilo, o desejo, social e individual, e como ele se manifesta na vida cotidiana. Entre necessidades e desejos existe um movimento dialético que permeia a cotidianidade e quando se aprofunda este assunto para a sociedade de consumo, críticas envolvem quem fabrica os bens, que são os mesmos a utilizarem da mídia para fabricar, também, o consumidor - que não deseja, que é submetido ‘a’, motivado

‘a’- gerando uma alteração nas necessidades sociais e levando a alienação a seu ápice.

Bons exemplos são observados nas propagandas para comercialização de imóveis. Alguns incluem na oferta programações para educar, divertir, proteger, enriquecer e tornar ‘felizes para sempre’ crianças, adultos, todas as idades, incluindo ambientes que se propõem a promover encontros sociais (Ilustração 33).

Ilustração 33 - Apartamento na Barra da Tijuca com mais de 50 itens ofertados para o lazer dos condôminos.



Fonte: OLX ([200-?]).¹⁹⁹

¹⁹⁸ Idem.

¹⁹⁹ A imagem acima acompanha propaganda para venda de imóveis na Barra da Tijuca-RJ, com atrativos para todos os gostos e idades, fabricando,

Lefebvre (1961)²⁰⁰ define a vida cotidiana e os vários tipos de cotidianidade afirmando que ela se resume, por vezes, em seus aspectos sombrios e sórdidos, mas que isto acontece justamente porque toda a técnica deveria estar em benefício dela. A hipótese traçada pelo autor é que ‘nela’ e ‘a partir dela’, na práxis, que se realizam as verdadeiras criações, criações estas que são produzidas e produzem o ser humano (as obras).

O mundo humano, portanto, é para além da história, da cultura, das superestruturas sociais e define-se pelo nível intermediário e mediador da vida cotidiana, lugar onde se dão os movimentos dialéticos e há a interação das superestruturas com a base social. Em acordo com o autor, é uma área

também o consumidor, que se vê motivado a buscar outra cotidianidade. O texto indica “A Construtora [...] lança o empreendimento que vai realizar todos os seus sonhos.[...]mais de 50 Itens de Lazer. Esqueça do tempo e deixe-se levar por uma nova forma de viver. [...], próximo a shoppings, comércio variado e locais de disputa dos Jogos Olímpicos de 2016.[...] Personal Trainer. Lavanderia, eletricista, bombeiro hidráulico. Dog Walker, Faxina, Pet Care.Smart Condomínio (Arrumação simples, Arrumação completa e Limpeza pós-obra).[...]” OLX. **Apartamento na Barra da Tijuca**. Disponível em: <<http://cidaderiodejaneiro.olx.com.br/apartamento-na-barra-da-tijuca-barra-adventure-lancamento-iid-70202702>>. Acesso em: 30 set. 2011.

²⁰⁰ LEFEBVRE, H. **Critique de la vie quotidienne II: Fondements d’une sociologie de la quotidienneté**. Paris: L’arche, 1961.

demarcada e conexa entre os setores dominados e não dominados da vida, onde os bens e as necessidades convivem “[...] como zona de demarcação e de junção entre o setor não dominado da vida e o setor dominado – como região onde os bens se confrontam com as necessidades, mais ou menos transformadas em desejos.” (LEFEBVRE, 1961, p.51)²⁰¹.

O princípio metodológico geral para alcançar a amplitude da vida cotidiana, é o princípio geral do pensamento dialético da dupla determinação, que tenta descobrir, além das relações (entre determinações) as diferenças, dualidades, oposições e conflitos em cada uma das determinações conceituais aplicadas ao estudo.

Abordando outro aspecto complementar, o autor indica que o tempo, elemento fundamental da cotidianidade, pode ser observado enquanto cíclico e linear. Os tempos cíclicos não nascem nem morrem, eles dão vazão um a outro. Em contraponto, o tempo linear das técnicas industriais e do

²⁰¹ “[...] comme zone de démarcation et de jonction entre le *secteur non dominé* de la vie et le *secteur dominé* – comme région où les biens se confrontent avec les besoins plus ou moins transformés en désirs.” Grifos do autor. (LEFEBVRE, H. **Critique de la vie quotidienne II: Fondements d’une sociologie de la quotidienneté**. Paris: L’arche, 1961.)

homem moderno alterou o ritmo cíclico causando uma ruptura, momento em que o tempo cíclico é substituído pelo que se caracteriza pela continuidade e descontinuidade. Isso faz com que o tempo, individual e social, se torne a-rítmico, refletindo tanto na dominação da natureza, quanto na vida cotidiana.

Nessa conjuntura, o ser humano convive em conflito com os dois tempos: o tempo cíclico da vida familiar, onde experimenta o retorno aos aspectos biológico, fisiológico e social, e, o tempo linear e fragmentado da vida pública, da produção e da técnica. Neste nível da vida cotidiana é possível observar quais são as situações dos indivíduos e dos grupos com relação à realidade social. No entanto, a tríade trabalho-família-lazer, atividades que se revelam e são reveladas no espaço, não a definem completamente, pois o ser humano se mantém, exatamente, no entremeio delas, em suas cisões, separações e em uma condição alienada de sua categoria de trabalhador.

O ser humano desempenha várias atividades mantendo uma unidade individual na cotidianidade, mas ele não tem

várias personalidades. Lefebvre (1961)²⁰² indica que na esfera da realidade sensível, local da sociedade das necessidades básicas, das tarefas diárias e de ritmo sócio-cósmico, as pessoas gravitam em torno de símbolos (núcleos ativos e orgânicos – o pai, a mãe, o sol, a terra, dentre outros). Já no nível das abstrações formais e convencionais, as pessoas se movimentam entre signos e sinais, afastando-se da espontaneidade dos símbolos.

Em todos os níveis, esferas e camadas, encontram-se as representações sociais (normas, valores, modelos – ideologia, cultura, conhecimento), o conjunto que assegura a estabilidade do indivíduo ao conjunto social, e impõe certa coerência à vida cotidiana no espaço social das cidades.

De acordo com o autor, a vida cotidiana envolve funções elementares de onde emergem outras, superiores e envolve, também, formas imediatas e naturais da necessidade (tempo cíclico, espontaneidade) e seus elementos geradores (abstração, razão, tempo linear). Abrange, ainda, a região da apropriação (dos objetos, dos bens) e da elaboração dos

²⁰² LEFEBVRE, H. **Critique de la vie quotidienne II**: Fondements d'une sociologie de la quotidienneté. Paris: L'arche, 1961.

desejos e suas correspondências (o necessário e o aleatório, o possível e o impossível, a sorte e a má sorte). Nesta última forma encontram-se a realização e a não-realização, e, o movimento dialético alienação-não alienação.

Em outro nível da vida cotidiana, o das ideologias e valores morais (mediador entre o indivíduo e ele próprio e entre ele e o social) situa-se a ambiguidade, a regulação da consciência e organização da vida subjetiva. Nesse nível, o autor afirma que a crítica da vida cotidiana capta todas as alienações (cultural, moral, ideológica) e alerta para uma práxis diferenciada com relação à redução das necessidades, incluindo a redução do habitar ao habitat²⁰³.

Sob outro ponto de vista, Lefebvre observa que o trabalhador se forma dentro e pelo trabalho, absorvendo daí atitudes e comportamentos cotidianos, portanto, o trabalho acaba criando diversos tipos humanos. Com a divisão parcelar do trabalho, a vida fora dele se torna sem graça, sem atrativos, e vai-se em busca de diversão. O trabalho, automatizado e passivo, acaba transformando o trabalho em um não trabalho,

²⁰³ Sobre habitar e habitat ver ps. 64-65 desta tese.

ao mesmo tempo em que traz novas preocupações relacionadas ao prazo e ao tempo (os interesses pela estabilidade no emprego, pela habitação e pelo acesso a bens de consumo duráveis, dentre outros). Um bom exemplo, diz respeito à vida atribulada de muitos trabalhadores e as doenças da atualidade como dores inexplicáveis, síndrome do pânico, dentre outras. As imagens (Ilustração 34) da propaganda contra os males cotidianos²⁰⁴ trazem à tona a questão:

Ilustração 34 - Neosaldina balões.



Fonte: Youtube (2011).

²⁰⁴ Propaganda ilustrativa dos inúmeros problemas diários. O medicamento sugerido operaria um milagre onde os problemas como “taxa pra pagar, meta pra bater [...] chefe pra cobrar, conta pra fazer [...] o prazo, o atraso, o aumento, a data de vencimento [...]”, presos a balões, seriam enviados ao ar transformando a cotidianidade em algo prazeroso. YOUTUBE. **Neosaldina balões**. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=2ngcWKiUf2Y&NR=1>> Acesso em: 04 out. 2011.

Diante disso, as exigências econômicas criam lugar para uma política e uma ideologia, vinculadas à mídia, cujos interesses se deslocam para fora do trabalho, na direção da vida cotidiana em geral. É, também, pela propaganda (ação e razão do Estado) que, em acordo com o autor, a ideologia e a consciência política se vinculam à consciência privada, levando a vida cotidiana a ser considerada como objeto, como ‘coisa’. E mais, as propagandas entre si, disputam a vida cotidiana, fazendo com que o acaso seja transformado em estratégia e tática. Uma alternativa é de que a técnica seja um elemento que eleve o cotidiano até o histórico e o político: “A crítica da vida cotidiana reclama um plano, quer dizer, uma política que eleve o cotidiano ao nível tornado possível pela técnica.” (LEFEBVRE, 1961, p.78)²⁰⁵.

As dualidades, técnica-estética - artístico-funcional, tem invadido a familiaridade apontando um ‘mundo dos objetos’ onde a vida cotidiana não adquire nem estilo, nem

²⁰⁵ La critique de la vie quotidienne reclame un plan, c’est-à-dire une politique qui mette le quotidien au niveau rendu possible par la technique. (LEFEBVRE, H. **Critique de la vie quotidienne II: Fondements d’une sociologie de la quotidienneté**. Paris: L’arche, 1961.)

ritmo próprio, pois a eficácia e a produtividade dividem o cotidiano, ele próprio, e dele com espaço social.

A mídia, enquanto meio de comunicação de massa que ‘ocupa’ e ‘se ocupa’ da generalização da vida privada, trata também das cidades novas, aquelas dos planos de construção em massa²⁰⁶. Nelas, o funcionalismo integral desconsidera as necessidades individuais e sociais, estruturando profundamente a vida cotidiana, que perde sua profundidade no entretenimento do espaço oferecido para se viver fora do trabalho.

Nessa perspectiva, os objetos são reduzidos a sinais e organizam a vida, dentro e fora do trabalho, transformando o tempo cotidiano em um tempo homogêneo, disperso e desagradável. Mas, a vida apresentada com enfeites mil, torna-se suportável. O vivido passa ao plano do não-vivido, o possível e o impossível se confundem: “Nesse pseudo-mundo nada é e tudo significa.” (LEFEBVRE, 1961, p.89).²⁰⁷

²⁰⁶ Sobre cidade nova ver p. 47 desta tese.

²⁰⁷ Dans ce pseudo-monde, rien n’est et tout signifie. LEFEBVRE, H. **Critique de la vie quotidienne II: Fondements d’une sociologie de la quotidienneté**. Paris: L’arche, 1961.

Outras questões, como ordem moral, técnica, tédio, arte, estética e *estetismo*, têm relação com a conexão entre a vida cotidiana modernizada e a modernidade em geral. De acordo com o autor, as necessidades e seus estímulos e a satisfação das necessidades pela contingência dos objetos exteriores, define uma característica da nova vida privada, onde as famílias tem se reduzido a seu núcleo.

Desse modo, a manifestação das necessidades e o consumo dos bens, podem se transformar em ‘funcionais’ no quadro institucionalizado da família e da vida privada. De acordo com o autor, o ser humano moderno ‘olha’ o mundo, mas com um olhar social diferente sobre a imagem das coisas, que o reduz a uma falsa consciência e a não participação. Ele vive, então, uma espécie de cultura em mosaico, na qual alguns processos lhes escapam totalmente (técnica, cosmos, estratégias políticas). Na re-privatização da vida a riqueza se personaliza, a ilusão toma parte da política que, então, se torna compatível com a democracia.

Diante disso, o público se transforma em privado e vice-versa, e, mesmo o público sugerindo a socialização da

sociedade comporta, ao mesmo tempo, a mistificação, a alienação e a privação na mesma intensidade que a pretensa socialização. Ainda, como agravantes, as diferenças entre grupos aumentam e se aprofundam, as relações se multiplicam em número, mas diminuem em intensidade, as diversidades se acompanham de segregação e as possibilidades ficam mais restritas: “o peso de fora e do ‘mundo’ se acumula sobre uma intimidade metamorfoseada em fenômeno de massas.” (LEFEBVRE, 1958, p.96)²⁰⁸. A título de exemplo, as redes possibilitando contatos virtuais e o crescente número de pessoas que moram sozinhas nas grandes cidades brasileiras (Ilustração 35).

²⁰⁸ “[...] le poids du dehors et du “monde” s’accumule sur une intimité métamorphosée en phénomène de masses”. Grifo do autor LEFEBVRE, H. **Critique de la vie quotidienne I: Introduction**. Paris: L’arche, 1958.

Ilustração 35 - Os contatos virtuais multiplicam as relações entre grupos de pessoas e se estendem a todas as partes do mundo, em contraposição ao número crescente de solitários, principalmente nos grandes centros urbanos.



Fonte: Cavalcante (2009).²⁰⁹

Nessa perspectiva, dois níveis superpõem. Lefebvre (1961)²¹⁰ indica como um dos níveis o Estado, a burocracia, as grandes decisões e instituições. Em outro nível, a vida re-

²⁰⁹ “Eu quero ficar sozinho” [...] trata de um assunto [...] pertinente na cabeça de muitos jovens adultos numa cidade como São Paulo e outras grandes cidades do mundo a fora. [...] depoimentos de especialistas no assunto, além de pessoas que vivem essa aventura urbana. [...] tem gente estudando esse acontecimento tão real do nosso dia a dia [...] pra perceber isso basta ver nas gôndolas dos mercados a infinidade de produtos direcionados as pessoas que moram só, e é conhecido como mercado single!” Em: CAVALCANTE, Jorge. **Sozinho comigo: Sou feliz sozinho** (revista Isto é). Publicado em: 24 out. 2009. Disponível em: <<http://sozinhocomigo.wordpress.com/2009/10/24/sou-feliz-sozinho-revista-isto-e/>>. Acesso em: 06 out. 2011.

²¹⁰ LEFEBVRE, H. **Critique de la vie quotidienne II: Fondements d’une sociologie de la quotidienneté**. Paris: L’arche, 1961.

privatizada oferecendo fugas da história, das tristezas, dos acasos. Mas, é na cotidianidade que nascem os possíveis e se vive a relação do presente com o futuro, e pensar a arquitetura e o urbanismo, inclui pensar numa transformação que resulte, potencialmente, na cotidianidade que é traduzida e traduz o espaço-tempo urbano.

No seu estudo sobre a noção de realidade, o autor critica a cidade funcionalista e esclarece procedimentos mentais que apontam aquele que muda o real - idealista, e, o que pensa conhecê-lo - positivista e empirista. Registrar, talvez seja mais interessante para o arquiteto urbanista, pois o alcance do real passa pela utilização de múltiplos instrumentos, onde o cotidiano aparece como realidade das realidades e, também, como irreal.

O possível exige uma escolha e um ato onde o real ‘é’ com seus problemas e suas soluções, mas existe uma lógica funcionalista que elimina o pensamento crítico, porque para ela tudo que é real é funcional, e, o que não tem função não existe. Nessa perspectiva fica, então, a vida cotidiana: sem forma, sem existência.

Por outro lado, a visão funcionalista de cidades, acredita fornecer um quadro de condições para a vida cotidiana, vinculando-a à importância das técnicas e a uma ideologia tecnocrática. Para o autor, existe uma estreita ligação entre funcionalismo integral e tecnocracia ideológica e prática (o tecnocrata apreende o conjunto, organiza funções e supervisões). No entanto, a busca pelo ótimo é perigosa, pois todo organismo tem uma auto-regulação própria que incide sobre sua manutenção (entre a adaptação e a não-adaptação). Tanto a total adaptação – o ótimo, como a não adaptação completa, tem como consequência a morte.

Nesse sentido, o urbanismo funcionalista que promove a integração e o controle, suprime o lugar do imprevisto, do que está à margem, da surpresa, absorvendo o aleatório. De acordo com o autor, isso faz com que o real e o racional coincidam com a verdade social.

Considerando elementos transfuncionais, os jogos²¹¹ servem para expressar atividades não submissas, nem a divisão do trabalho, nem as hierarquias sociais. O

²¹¹ Sobre o termo jogo ver p. 83 desta tese.

funcionalismo, que promove a integração total e o controle total, suprime o jogo, elemento transfuncional que se compara à arte e à obra de arte, com seus “fermentos lúdicos” (LEFEBVRE, 1961, p.208)²¹² servindo a múltiplos usos (qualitativos) para o espaço-tempo urbanos.

O jogo, assim como a rua em um bairro, é parte da cidade. A cidade, por sua vez, deve ser reconhecida enquanto obra, enquanto espaço-tempo de possibilidades para a vida cotidiana, elevando-a ao nível da arte e da liberdade. Esses elementos (jogo e rua) podem, potencialmente, fazer com que a população tenha consciência que é parte da obra, que dela participa, e assim, alcançar neste processo sua própria consciência de vida cotidiana, ‘na’ e ‘para’ a cidade.

Henri Lefebvre indica que, na cidade, um bom texto social é aquele legível e informativo que não tumultua nem cai na trivialidade, aquele que tem riqueza de novidades e de

²¹² Le jeu, par exemple, est trans-fonctionnel, ou encore l’art et l’oeuvre d’art, peut-être parce qu’ils contiennent en “ferment” ludique (qui ne les épuise et qu’ils n’épuisent pas). LEFEBVRE, H. **Critique de la vie quotidienne II**: Fondements d’une sociologie de la quotidienneté. Paris: L’arche, 1961.

possibilidades, sem tumultuar²¹³. Os simbolismos condensados na transfuncionalidade dos monumentos (igrejas, catedrais, grandes edifícios públicos) dão à cidade seu ritmo de vida, sua memória e os núcleos ativos e afetivos da sua vida cotidiana (atual) indicando, ainda, a prefiguração de seu futuro. No entanto, em alguns bairros desvinculados da natureza e da cultura, os símbolos se expressam por outras vias, as da opressão e do poder, onde tudo se torna sinal (de trabalho, de gestos).

Nessa direção, para a arquitetura e urbanismo a rua envolveria análises, também, do que ela oferece aos transeuntes: o extravagante, o sensacional, o abominável, o sublime, o quase espetáculo: “[...] o espetáculo da rua envolve múltiplas semiologias. [...] As roupas, as maneiras significam. [...] A rua de uma grande cidade moderna postula e afirma a

²¹³ Nesse sentido, ver também a obra de Jane Jacobs: **Morte e vida das grandes cidades norte-americanas**, publicada em 1961. Ver também <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/04.041/3158>>. Acesso em 04 out. 2011.

harmonia das necessidades, dos desejos e dos bens.” (LEFEBVRE, 1961, p.311).²¹⁴

A rua é lugar de sonhos, o mais próximo do imaginário e, também, da realidade onde o dinheiro mostra seu domínio. Pode-se, então, pensar a cidade e o urbano a partir de algumas perspectivas:

- Do ponto de vista do encontro, da simultaneidade, da reunião. Este espaço-tempo teria propriedades: i) unitárias: constitutiva de grupos (em torno de centro, de centralidades diversas); e ii) duais: ruptura-satura (como a rua).

- Relativizando conceitos como iso-topia (arredores imediatos), hetero-topia (lugares relativos no conjunto urbano considerando-se os ocupantes destes lugares) e u-topia (ausência-presença, meio fictício meio real, lugar do sublime - do real). Essa última, a realidade diferencial onde se realizam as superações aberto - fechado, ordem próxima-ordem distante.

²¹⁴ “[...] le spectacle de la rue envelope de multiples sémiologies. [...] Les vêtements, les manières signifient. [...] La rue d’une grande ville moderne postule et affirme l’harmonie des besoins, des desirs et des biens.” (LEFEBVRE, H. **Critique de la vie quotidienne II: Fondements d’une sociologie de la quotidienneté**. Paris: L’arche, 1961.)

Quanto aos métodos, o autor indica que o fenômeno urbano depende primeiro dos descritivos, mas como estes métodos só dão conta do imediato e não do 'vivido', é necessário analisar 'níveis'. Estes abrangem a produção e as relações de produção, sendo necessário passar da fenomenologia à análise, e da lógica formal à dialética. O cuidado deve ser com as interpretações ideológicas que tendem a confundir desenvolvimento social com crescimento econômico subordinando a realidade urbana a uma planificação geral. O que remete ao momento que Lefebvre estava vivendo, no século XX, marcado pelo planejamento de modo geral.

Resgatando o pensamento lefebvriano quanto à relatividade dos conceitos, e, a título de um exercício mental, são apresentados alguns níveis e dimensões de uma cidade (LEFEBVRE, 2008a)²¹⁵, quais sejam:

- Nível 'G', que se traduz no espaço institucional edificado e não edificado, incluindo a ideologia e as superestruturas;

- Nível 'M', referente às edificações e não edificações como ruas, praças, igrejas, escolas da cidade em questão, com todos os elementos vinculados ao global;

- Nível 'P', relativo ao habitar e ao habitat, que por ser considerado menos complexo e importante diante de outras possibilidades operacionais, pode ser exatamente o momento da inversão do mundo invertido pela lógica da mercadoria.

As dimensões ou propriedades, nessa perspectiva, são consideradas enquanto:

- Projeção das relações sociais no solo (da mercadoria, do mercado de todo tipo, dos contratos entre 'agentes' na escala global – nível 'G');

- O lugar e terreno onde se confrontam as estratégias (meios e instrumentos de ação – o nível 'M');

- A vida urbana – aquela da vida cotidiana e da práxis, e não a partir da ideologia, das instituições, ou das práticas urbanísticas.

As diferenças constantes nas propriedades topológicas do espaço urbano (que constituem rede ou sistemas de

²¹⁵ LEFEBVRE, H. **A Revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2008a. A publicação original data de 1970.

oposições entre o público e privado, alto e baixo, aberto e fechado, simétrico e não simétrico etc.) envolveriam ainda:

1. Dimensão simbólica (monumentos e ideologias); 2. Paradigmática (conjunto de oposições) e 3. Sintagmática (encadeamentos e percursos), de modo que a cada um dos níveis é atribuído um item relacionado às dimensões/propriedades, de modo que a importância do nível seja sempre relativa evitando que a política (do espaço) alinhe os níveis e dimensões na direção de uma mobilidade que incorpore 'símbolos', 'informações' e o 'lúdico'. (LEFEBVRE, 2008a, 83-84).

Em outra perspectiva complementar, o autor indica que para abarcar o fenômeno urbano pode-se, também, analisar funções, estruturas e formas, a partir de:

i) Função: em relação ao território e em relação à própria cidade - as duas inseridas nas redes de produção e distribuição - considerar funções políticas administrativas, comerciais, produtivas, dentre outras, tendo cuidado na descrição e análise (discernindo organizações e instituições no

controle das funções internas e externas à cidade evitando a fragmentação nas disciplinas especializadas).

ii) Estrutura: a morfológica (sítios, imóveis, ruas, praças, monumentos, vizinhança e bairro) que se compõe com a sociológica (distribuição da população, idades, sexo, população ativa, passiva, de profissões, dirigentes e dirigidos).

iii) Forma: lugar que reúne – simultaneidade. Engloba a lógica da forma, a forma matemática (calculável), a forma geométrica e a legibilidade (em analogia com a escrita, com a forma racional dos elementos).

Na forma e no conteúdo encontra-se a contradição (dialética) do vazio que atrai (praça, centro), mas que pode se esvaziar, excluir o conteúdo e aprisionar as estruturas fixas, superpostas, hierarquizadas. É preciso, então, se atentar para a(s) centralidade(s) onde se instalam as indústrias, as atividades dominantes, as três camadas do espaço (rural-industrial-urbano, superpostas ou interpenetradas), a divisão manufatureira do trabalho e as três utopias, pois o essencial do fenômeno urbano está na centralidade, no movimento

dialético que constrói e destrói e dá sentido ao espaço-tempo urbano.²¹⁶

Nessa direção, a cidade reúne todos os mercados (da agricultura, da indústria, de capitais, de trabalho, de solo, de signos e símbolos, de arte – locais, regionais e nacionais), centraliza relações, cria diferenças e conflitos: “O urbano é forma e receptáculo, vazio e plenitude, superobjeto e não-objeto, supraconsciência e totalidade das consciências” (LEFEBVRE, 2008a, p.110)²¹⁷ e não constitui sistema, nem é um objeto, nem sujeito, pois a forma e os conteúdos são independentes. Trata-se de uma tendência à centralidade e à policentralidade²¹⁸, diferindo da sociedade agrícola e industrial.

A dialética (mental e social), portanto, pode explicar alguns aspectos de forma e conteúdo do urbano por meio da transparência/opacidade e da ambiguidade entre a linguagem corrente e a metalinguagem (parafraseia a linguagem).

²¹⁶ Sobre a questão da centralidade ver também Flávio Villaça na obra Espaço intra-urbano no Brasil, publicado em 2001.

²¹⁷ LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2008a. A publicação original data de 1970.

²¹⁸ Sobre policentros ver p. 84 desta tese.

Enquanto superobjeto, supersigno, a cidade e o urbano precisam ser compreendidos por meio dos conceitos de rede (troca, comunicação, justaposição e superposição de redes) e suas referências (sistema, conjunto, recorte, arranjo, sociologia dos grupos e grupamentos). O que indica, ainda, a necessidade de um corte separando o urbano do agrário e do industrial, pois não é mais a forma lógica da linguagem, do discurso, do raciocínio, da análise, da ação, e, nem a forma da troca, do valor e da mercadoria. É uma forma que atua seletivamente e que não deve ter como ponto de partida o espaço e o tempo e sim a própria ‘forma’ que gera o urbano (simultaneidade).

De todo modo, Lefebvre (1961, p. 356)²¹⁹ expõe a seguinte questão: a vida espontânea oferece confusão e leva os homens a unir o que se dá de modo separado na consciência (vida-morte, sucesso-fracasso). A cultura, no entanto, seleciona, distingue e une os aspectos, realizando essa operação na cotidianidade. Nesse sentido, seria bom sublinhar a ideia do autor, de ler o urbanismo

²¹⁹ LEFEBVRE, H. **Critique de la vie quotidienne II** : Fondements d’une sociologie de la quotidienneté. Paris: L’arche, 1961.

‘sintomaticamente’ e articular com a ‘prática’ urbana rompendo os modelos existentes. (LEFEBVRE, 2008a, p.146).²²⁰

O urbanismo, enquanto superestrutura que separa a prática das relações sociais, reforça a sociedade de consumo. O arquiteto urbanista precisa definir seu papel, fazer sua escolha na tentativa de resolver o conflito entre valor de uso e de troca do espaço urbano, pois o setor imobiliário é paralelo ao setor industrial e quando este último se esfria, o imobiliário toma seu lugar na ‘formação de capital’, na mais-valia. (LEFEBVRE, 1961, p.144).²²¹

Henri Lefebvre, ao tratar da complexidade do fenômeno urbano em diferentes perspectivas e vertentes, aponta, também, que todas convergem para a necessidade de outra produção do espaço social, onde a arquitetura e o urbanismo têm papel fundamental.

Ao analisar o conjunto da obra de Henri Lefebvre, potencialmente, as que se referem ao período entre 1968 e 1974 que tratam, em especial, da urbanização da sociedade

²²⁰ LEFEBVRE, H. **A evolução Urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2008a. A edição original data de 1970.

²²¹ _____. **Critique de la vie quotidienne II: Fondements d’une sociologie de la quotidienneté**. Paris: L’arche, 1961.

em geral, algumas considerações sobre as possibilidades teórico-metodológicas de Lefebvre para o ensino, a pesquisa e a extensão em arquitetura e urbanismo são destacadas, quais sejam:

- A realidade sócio-espacial não é irreversível. É preciso ter isso em mente para compreender as contradições de suas relações e tentar ultrapassá-las, além do que pensar em ‘realidades irreversíveis’ é um modo de compactuar com as ideologias impostas;

- As contradições envolvem tanto as de classe social, quanto as relativas à prática de diferentes formações espaciais e temporais, que não são uniformes. Considerar formações sociais diferenciadas implica em analisar complexidades, horizontal (no espaço) e vertical (no tempo), dentro do movimento progressivo-regressivo e do pensamento dialético;

- A lógica formal não permite apreender a complexidade da vida social nas cidades. É preciso utilizar a dialética que apreende a realidade, em movimento, a partir da prática, do concreto, considerando contradições, conflitos,

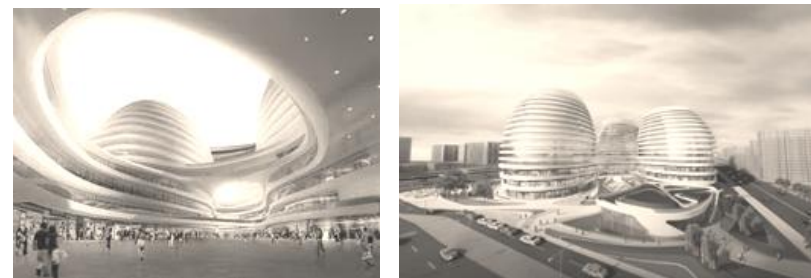
diferenças, permitindo captar as tendências imanentes da práxis em direção ao devenir;

- Os espaços construídos dentro da lógica capitalista refletem a racionalidade inerente a esta, definindo valores, padrões, atitudes que são regidos, também, pela estética advinda da supervalorização das imagens e do urbanismo funcionalista;

- É responsabilidade do arquiteto urbanista (bem como de outros profissionais) atuar no sentido de promover a cidade enquanto seu valor de uso, enquanto 'obra', a qual se inter-relaciona com os que ali vivem, e que produzem a obra, ao mesmo tempo em que são produzidos por ela. Nessa direção a cidade espetáculo, longe de proporcionar o sentimento de apropriação, mantém o habitante num mundo alienado e distante de si, do urbano, da vida social na cidade (Ilustração 36).²²²

²²² A proposta para construção de edificação mista (escritórios, entretenimento) em Beijing/China, ilustra a cidade espetáculo que perde seu valor de uso e se distancia enquanto produto e produtora dos próprios habitantes. (DESIGNBOOM. **Zaha hadid: galaxy SOHO (chaoyangmen SOHO) now under construction.** [200-?]. Disponível em: <<http://www.designboom.com/weblog/cat/9/view/14705/zaha-hadid-galaxy-soho>

Ilustração 36 - Zaha hadid: galaxy SOHO (chaoyangmen SOHO) now under construction. Ilustração de 'cidade espetáculo'.



Fonte: Designboom ([200-?]).

- A necessidade de considerar as ordens, próxima e distante, com objetivo de ultrapassar a fragmentação imposta pela racionalidade pura, pela industrialização, pela ciência institucionalizada, pela burocracia e pelo Estado;

- A compreensão de que o habitar pode ser um caminho para análise do ambiente urbano em direção à totalidade, que como outros elementos considerados supérfluos (como a vida cotidiana), por isso mesmo indica essa possibilidade;

[chaoyangmen-soho-now-under-construction.html](http://www.designboom.com/weblog/cat/9/view/14705/zaha-hadid-galaxy-soho)>. Acesso em: 04 out. 2011).

- A importância da vida cotidiana, da rua e do jogo, relativizando os conceitos em acordo com o campo de estudo e o recorte estabelecido para, assim, definir níveis e dimensões a serem tratados conjugando na transdução o pensamento dialético, o método progressivo-regressivo e a utopia experimental;

- Ter em mente que o modelo capitalista põe em seu cerne o setor econômico envolvendo o espaço-tempo urbano. É preciso mudar em direção ao desenvolvimento social que deveria agregar toda a técnica, a ciência, a política, a filosofia e a arte em seu benefício;

- Compreender que a forma do urbano é a 'simultaneidade' e os estudos envolvem forma, função e estrutura sem privilegiar nenhum, para lá da lógica pura e em direção totalidade. É preciso, portanto, pôr o pensamento em movimento dialético para alcançar os conflitos, as diferenças, as alternâncias, enfim, as possibilidades e o devenir na/da vida cotidiana e social das cidades contemporâneas.

Rompendo com a fragmentação, Lefebvre contempla o espaço-tempo urbanizado dentro de uma lógica que precisa

ser desvendada e para isso, lança mão de princípios fundamentais os quais conjugam a teoria e a prática, o pensamento e a ação. Combatendo dentre outros, os 'ismos' (funcionalismo, formalismo, estruturalismo), a separação entre o global (distante - superestruturas) e o local (próximo - vida cotidiana), o imperialismo (científico, ideológico, tecnológico, institucional), o autor indica outras possibilidades que, potencialmente, podem modificar e transformar atuais 'modelos' de se pensar a vida cotidiana e o espaço-tempo da sociedade (no campo ou na cidade) e que se inter-relacionam, diretamente, com o ensino, a pesquisa e a extensão na disciplina de arquitetura e urbanismo.

CAPÍTULO 5: ARQUITETURA E URBANISMO E AS POSSIBILIDADES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DE HENRI LEFEBVRE

Apresentar outras possibilidades para o ensino, a pesquisa e a extensão na disciplina de arquitetura e urbanismo, a partir de Henri Lefebvre, significa dizer que os atuais procedimentos para se pensar a cidade não são suficientes para dar conta da vultuosidade que ela reflete: o fenômeno urbano. Significa, ainda, a necessidade de outros modos de compreender o espaço-tempo cotidiano e social (rural e urbano) na tentativa de romper com a fragmentação e buscar alcançar a totalidade e a complexidade da vida, de modo geral.

A conjugação entre as disciplinas, filosofia e sociologia de Henri Lefebvre e arquitetura e urbanismo reforça, também, a indispensável convergência dos variados campos de estudos para se alcançar essa totalidade, pois é na construção da materialidade da cidade que muitos profissionais atuam, particularmente, o arquiteto urbanista.

Especialmente, dentre as atribuições deste profissional compete treinamento, ensino, pesquisa e extensão universitária, e, dentre as atividades: atuar no planejamento e desenho urbanos e regionais; no sistema viário, de tráfego e trânsito urbano e rural; nos assentamentos humanos e requalificação em áreas urbanas e rurais; na concepção e execução de projetos de ambientes, de projetos para espaços externos, livres e abertos, privados ou públicos como parques e praças, considerados isoladamente ou em sistemas, dentro de várias escalas, inclusive a territorial.²²³

No entanto, a fragmentação do conhecimento científico é fato. Imposta pelo modelo de pensar do século XIX a razão analítica refletiu, tanto nas ciências, quanto na compreensão do próprio mundo que, a partir da industrialização acelerada transformou as relações sociais mediante um espaço considerado neutro, inofensivo. O mundo, então, mostrou-se distante (que parece não ter nada a

²²³ Em acordo com a Lei nº 12.378, de 31 de dezembro de 2010, que Regulamenta o exercício da Arquitetura e Urbanismo; cria o Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil – CAU/BR e os Conselhos de Arquitetura e Urbanismo dos Estados e do Distrito Federal – CAUs; e dá outras providências.

ver com ninguém) e próximo (diante do qual, na maioria das vezes, as pessoas se sentem impotentes). Mas, vivemos entre as duas ordens, próxima e distante, que se incorporam e se traduzem no espaço-tempo da vida urbanizada.

O espaço, abordado pelo autor para além do modelo puramente racional indicou a possibilidade de se pensar na ultrapassagem desse mundo fragmentado e para isso é preciso que, em acordo com Lefebvre, se conceba o espaço como partícipe nos processos de produção e de reprodução social, transformado em mercadoria, em um 'utilitário', em 'investimento'. Dito de outro modo, como instrumento de poder e de estratégias capitalistas, necessitando de outras formas de conjugar pensamentos e ações para sua apreensão e para a formulação de outras propostas.

Ainda nessa direção, seria preciso que a disciplina de arquitetura e urbanismo se compusesse com outras disciplinas (parcelares) conexas para se unir em torno da práxis urbana alcançando sua totalidade, sua complexidade e, em acordo

com o autor, formar uma nova ciência, a do fenômeno urbano. (LEFEBVRE, 1970 a, p.211).²²⁴

É nesse sentido que Henri Lefebvre traz outras possibilidades que podem ser apropriadas pela disciplina. Portanto, questões teórico-metodológicas são aqui contempladas mantendo em foco a arquitetura e urbanismo na tentativa de uma transformação no ensino, na pesquisa e na extensão, entendendo por procedimentos teórico-metodológicos uma orientação, uma conduta da reflexão que autoriza os meios necessários para dar conta de determinada problemática.

Lefebvre (1970a) enfatiza na principal obra de referência desta tese, *Du rural à l'urbain*, que para empregar de modo coerente as operações racionais do pensamento, é preciso distinguir etapas, explorar seus conceitos e propor uma metodologia que resolva, dialeticamente, as lacunas entre as análises do global/total em suas relações com os elementos, e assim os transformar. O processo envolve a compreensão das conexões internas da realidade, as

²²⁴ LEFEBVRE, H. *Du rural à l'urbain*. Paris: Anthropos, 1970.

mudanças permanentes e o devenir deste mundo como totalidade. Envolve, ainda, o estudo dos contrários (os opostos) nos processos históricos, a elaboração da síntese desses contrários com passagens de um estado a outro, e a resolução da contradição, sem exclusão, minimização, desequilíbrio ou superação de um dos termos. O que indica, também, um desafio.

Contudo, desafios pressupõem possibilidades e essas exigem “opções, tão numerosas quanto são as aberturas ao possível; pois o possível e o impossível vão juntos; há que escolher, e, o possível não escolhido se torna impossível.” (LEFEBVRE, 1970a, p.89-197) ²²⁵.

Diante disso, para dar conta do proposto foram tratadas, principalmente, questões do ‘pensar’ que não se desvinculam da práxis (movimento do pensamento dialético, método progressivo-regressivo, utopia experimental-transdução). Essas questões se correlacionam ao corpo do texto da tese apresentando as possibilidades teórico-

²²⁵ LEFEBVRE, Henry. **Du rural à l’urbain**. Paris: Anthropos, 1970. Tradução: Cíntia S. Oliveira e Sarah A. Andrade, ambas do grupo de estudos da Profª Drª Amadja H. Borges, PPGAU/UFRN, 2008.

metodológicas Henri Lefebvre para o ensino, a pesquisa e a extensão em arquitetura e urbanismo.

O materialismo dialético é explicado por Lefebvre (2002)²²⁶ como um movimento, um processo do conhecimento que envolve: i) do abstrato - elaborado pela reflexão, ao concreto; ii) do formal - lógico, ao conteúdo - práxis; iii) o movimento entre os imediatos, indo do menos complexo ao mais complexo. A lógica, formalmente elaborada e não fechada em si é, portanto, um dos momentos no processo.

Na dialetização do conhecimento científico (LEFEBVRE, 2002, p.2)²²⁷ o autor esclarece que a dialética materialista engloba a mobilidade, tanto dos conceitos, quanto do real, mas este último é na maioria das vezes esquecido. Situado na prática, o encaminhamento do pensamento, nem puramente formal (lógica formal), nem simplesmente histórico (historiadores) é por um lado racional sem se reduzir a tautologia (redundância) e por outro, progressivo

²²⁶ LEFEBVRE, H. **Méthodologie des Sciences**. Paris: Antrhopos, 2002. A obra original data de 1947 e se intitula ‘Traité de matérialisme historique’. Essa obra foi escrita por Lefebvre entre 1945-46, e em acordo com Remi Hess (Prefácio), seria seu segundo volume, mas foi impedido de ser publicado pela censura stalinista.

²²⁷ Idem.

historicamente, sem se “reduzir a uma acumulação de resultados justapostos.” (LEFEBVRE, 2002, p.8).²²⁸

Especificamente, o materialismo dialético apresenta-se num processo com três termos: o real (a natureza, o objeto, a história); o pensamento (o sujeito do conhecimento, o método e o conteúdo já elaborado, a razão); a mediação entre os termos (a atividade prática e social do homem com seus problemas e suas ilusões), possibilitando que o movimento do pensamento reflita adequadamente sobre o movimento objetivo. (LEFEBVRE, 2002, p. 15-17).²²⁹

Legitimada pela determinação do ‘ser’ na natureza (não a partir de fatos, relações ou leis isoladas, absolutas) a dialética trata, ainda, da possibilidade de ultrapassar a especialização nas ciências, mas sem desconsiderar as vantagens das técnicas especializadas e as noções

²²⁸ “Cet enchainement [...] Il est ‘dialectique’, c’est-à-dire rationnel, sens que la science se réduise à une vaste “tautologie” – et d’autre part progressif, historique, sens que la science se réduise à une accumulation de résultats justaposés.” (LEFEBVRE, H. **Critique de la vie quotidienne II**: Fondements d’une sociologie de la quotidienneté. Paris: L’arche, 1961.)

²²⁹ LEFEBVRE, H. **Critique de la vie quotidienne II**: Fondements d’une sociologie de la quotidienneté. Paris: L’arche, 1961.

diferenciadas, de modo que o movimento dialético seja comum a todas as ciências, considerando para além do conhecimento efetivamente alcançado, de uma simples história da forma, ou do ‘homem’ separado do ‘mundo’. (LEFEBVRE, 2002).²³⁰

Ainda quanto ao materialismo, cabem alusões sobre ‘materialismo histórico’ e ‘materialismo dialético’. Em acordo com Lefebvre (1948, 2009a)²³¹ o ‘materialismo histórico’, de Marx e Engels, datado de 1844, é o alicerce de uma nova sociologia científica e envolve os termos de modo equivalente, pois “designam dois aspectos de uma mesma pesquisa”. (LEFEBVRE, 2009a, p.22)²³². De maneira que os seres humanos não se separam de seus relacionamentos sociais, sendo preciso utilizar a dialética para apreender os aspectos contraditórios da realidade humana, que também estão em permanente movimento.

²³⁰ Idem.

²³¹ LEFEBVRE, H. **Marxismo**. Porto Alegre: L&PM, 2009a. A edição original é de 1948.

²³² Idem.

Lefebvre (2009a)²³³ indica que o ‘método dialético’ foi usado de modo claro por Karl Marx em 1845, bem como a teoria da mais-valia e, ainda, que esta denominação, ‘materialismo dialético’, deveria ser utilizada em lugar de ‘marxismo’, como habitualmente se constata.

No entanto, o pensamento dialético é complexo. Essa complexidade está pautada, principalmente, na relação (analítica) dos termos, cada um com seu movimento próprio, mudando segundo os momentos da história e da pesquisa. E, ao mesmo tempo, é o que permite estudar pela perspectiva histórica e social, inter-relacionando os fatos com seus aspectos contraditórios e conflituais, descobrindo neles seu devenir.

Nessa direção, o pensamento dialético situa-se na conjuntura do ‘urbano’ de modo diferente daquela que desconsidera os conflitos, a complexidade dos fatos, as contradições a eles imanentes (LEFEBVRE, 1986)²³⁴. A aplicação do movimento do pensamento dialético ao ensino, à

pesquisa e à extensão em arquitetura e urbanismo, mantendo em seu cerne a junção da teoria com a práxis, pode reafirmar-se enquanto ‘possível’ para alcançar outras possibilidades para uma vida urbana mais plena. No entanto, fica claro que é, também, uma escolha por parte do profissional.

Diante disso, algumas possibilidades teórico-metodológicas se inter-relacionam com a disciplina de arquitetura e urbanismo e são destacados referindo-se, dentre outros, a totalidade, as ordens (próxima e distante), ao duplo processo industrialização-urbanização e a unidade forma-conteúdo.

Buscar a totalidade inclui a percepção de que os elementos a ela pertencentes também existem enquanto uma totalidade e a compreensão das relações entre os elementos, eles próprios e deles com o todo, possibilita o devenir.

O pensamento dialético permite perceber a interação específica das partes no todo e do todo com as partes, em movimento. Assim como a arquitetura e urbanismo que é parte de um todo (ciências humanas aplicadas), mas ao

²³³ LEFEBVRE, H. **Marxismo**. Porto Alegre: L&PM, 2009a. A edição original é de 1948.

²³⁴ LEFEBVRE, H. **Le retour de la dialectique**. Paris: Éditions sociales, 1986.

mesmo tempo, enquanto disciplina, tem seus conhecimentos específicos.

Na perspectiva do espaço-tempo, por um lado os elementos do ambiente rural ou urbano constituem-se do habitat, da rua, das edificações em geral, dos parques, das avenidas, e por outro, do imaginário social, da ideologia, das superestruturas. Como o bairro, por exemplo, um todo dentro de outro todo, que é a cidade e, no entanto, uma unidade que não se separa da totalidade. A cidade, por sua vez, também é um elemento e um todo de outra conjuntura/estrutura. A cidade é uma parte do território que tem outras globalidades, não estáticas (dinâmicas e relacionadas a várias esferas de decisão), de modo que os elementos e o todo inter-relacionados entre si, contêm diversos níveis e dimensões de análise a depender do campo de estudos.

A título de ilustração sobre o tema, mudanças significativas nos internatos das áreas urbanas, que atendiam a demandas de varias localidades rurais e que foram quase totalmente abolidos. A Escola Doméstica da cidade do Natal-RN (Ilustração 37), por exemplo, em décadas posteriores a sua

fundação (1914) funcionava como internato. Em 2011 mantém apenas 12 estudantes nessa modalidade.

Ilustração 37 - Escola Doméstica fez história em Natal - RN.



Fonte: Emanuel Amaral (2009a)²³⁵

Percebe-se, portanto, que diferentes dinâmicas interferem no espaço-tempo cotidiano e de vida social urbana, como a exemplo da escola incorporada às novas exigências e inserida num complexo que se inter-relaciona a outras demandas da contemporaneidade (Ilustração 38).

²³⁵ AMARAL, Emanuel. Escola Doméstica fez história em Natal [...]. In: ED comemora 95 anos de tradição e modernidade. **Tribuna do Norte**. 17 maio 2009. Disponível em: <<http://tribunadonorte.com.br/noticia/ed-comemora-95-anos-de-tradicao-e-modernidade/109602>>. Acesso em: 04 out 2011.

Ilustração 38 - Vista aérea do Complexo FARN.



Fonte: Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte ([s.d.]).²³⁶

Com relação às ordens, próxima e distante, incorporam no urbano a cotidianidade e a vida social em geral. Esse nível prático-sensível é ao mesmo tempo onde a ordem distante se inscreve na ordem próxima, portanto, as ordens envolvem tanto as relações entre indivíduos, vizinhança, bairro, grupos (ordem próxima), quanto as instituições e suas ideologias - Estado, igreja, o judiciário, a cultura (ordem distante). Diante disso, aponta-se que a inter-relação entre as duas ordens é

²³⁶ Vista aérea do Complexo FARN. In: Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte. **A FARN: Histórico**. [s.d.] Disponível em: <<http://www.farn.br/novo/navegacao/institucional/afarn.php>>. Acesso em: 04 out. 2011.

fundamental para se apreender o que reflete e é refletido no espaço social.

Como exemplo no plano do habitar, procedimentos e categorias específicas de análises são necessários para dar conta do 'ato de', da 'situação de', que é para além do projeto e das normas técnicas de construção de uma habitação. O habitar é produtor de relações e não somente um lugar de recepção e percepção passiva de relações (grupos, objetos, pessoas).

O habitat (morfologia) diferencia-se do habitar, principalmente por que o ato de habitar, com seus processos de apropriação, inter-relaciona-se ao lugar, ao bairro, à cidade. É um elemento com propriedade afetiva e de realização do ser humano que não se dissocia de outras situações vividas no espaço-tempo da/na cidade (trabalho, lazer). Portanto, é constituinte e constitui a vida cotidiana no espaço socialmente produzido.

Nesse sentido, o profissional poderia usar mais as palavras e fazer sua proposta a partir do vivido, concebido, percebido de quem habita considerando, primordialmente, a

práxis. As análises (forma, função, estrutura) poderiam compor com análise de objetos (de determinados super-objeto e sub-objeto), situações, pessoas, lugares/não lugares (utopia) e captar, ainda, o que se expressa a partir das pressões globais, onde o não-dito também significa.

Nessa perspectiva está a vida cotidiana, diante das necessidades e desejos mais imediatos, e da dificuldade de apreender a vida em sua totalidade. A análise da cotidianidade, para além de métodos fenomenológicos, descritivos, quantitativos, é em movimento, em acordo com a própria vida. É um campo de estudo complementar e imprescindível para o ensino, a pesquisa e a extensão em arquitetura e urbanismo, assim como o habitar.

A vida cotidiana é ambígua, é entre a alienação/não-alienação/alienação, é o lugar onde o ser humano se reconhece, onde ele vive e se conecta com a vida social, com as superestruturas. A vida cotidiana é a região onde se situam os setores dominados e não-dominados da vida e onde o 'ser se situa' (entre as atividades trabalho, família, lazer) indicando,

especialmente, a possibilidade da união entre a ciência e a práxis.

O habitar e a vida cotidiana, por um lado são despercebidos e, portanto, não incluídos nas propostas institucionalizadas que fragmentam a concepção deste mundo enquanto totalidade. Por outro, colaboram com a compreensão do pensamento dialético e com outras possibilidades teórico-metodológicas para o ensino, a pesquisa e a extensão em arquitetura e urbanismo.

Com relação ao duplo processo industrialização/urbanização, este denuncia a relação de oposição e de conflito campo-cidade com o tecido urbano os absorvendo. A industrialização age sobre os núcleos antigos e ao mesmo tempo é a unidade e o conflito entre eles. Produz subúrbios/periferias, centros (decisão, informação, empresarial) e centralidades causando implosão/explosão e intervindo na totalidade da vida cotidiana e social, de modo geral. A centralidade nunca é perfeita, acabada, ela implica em outra coisa (outra centralidade), é contraditória e dialética no

movimento que constrói e destrói, ao mesmo tempo imprimindo sentido ao urbano.

No entanto, é também dupla a crise teórica (conceitos que não dão conta da simultaneidade do urbano) e prática (dos centros que se mantêm, por vezes deteriorados). O movimento do pensamento dialético, a partir da prática e da interdisciplinaridade, pode possibilitar estudar a estrutura territorial, que socialmente produzida reage sobre o social e, também, as relações contraditórias entre segregação/integração.

Por outra perspectiva, a apreensão da realidade concreta e prática da sociedade e suas contradições envolvem outras contradições, como as de classe. Cabe, portanto, sublinhar as tendências políticas de 'direita' e 'esquerda' com procedimentos diferenciados e a necessária crítica de esquerda (não estagnar e dogmatizar) para descobrir estratégias e táticas que impedem apreender os processos e mostrar 'no real' os possíveis.²³⁷

²³⁷ Sobre tendência política de direita e esquerda ver p. 73 desta tese.

O autor indica, ainda, que o humanismo dialético²³⁸ é uma solução virtual que mostra uma direção de investigação onde as funções seriam estudadas a partir das variáveis e da quebra de suas unidades, levando em conta o não funcional (supra ou trans) nas relações sociais. Como o jogo, a rua e a vida cotidiana que ultrapassam qualquer função trazendo para a vida social a gratuidade, o lúdico, a espontaneidade, o imprevisto, o imprevisível, a emoção e a surpresa. Nesse contexto, a utilização da razão dialética possibilita a apreensão da unidade forma-conteúdo, pois ao mesmo tempo em que se inter-relacionam, guardam sua própria unidade.

O movimento do pensamento dialético permite, portanto, conhecer as relações polarizadas e suas inter-relações, as quais são estabelecidas frente ao campo de estudos com seus respectivos níveis e dimensões de análise. O

²³⁸ O termo Ciência, no Dicionário do pensamento marxista indica três principais escolas do marxismo ocidental de vocação dialética, dentre elas: "[...] o humanismo de Lefebvre, Sartre, Kosik, Petrovit [...] o marxismo humanista se tem inclinado, em geral, a um dualismo mais ou menos pronunciado, considerando o método de investigação social como caracteristicamente interpretativo ou dialético, etc., em contraste com o método das ciências naturais. [...]" (GUIMARÃES, Antônio Monteiro (org da edição brasileira). **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. p.59.)

que exige uma metodologia compatível que não se detenha em conceitos, em terminologias pré-estabelecidas, nem em pensamentos pré-definidos pelo pesquisador, que por si, mantém também uma relação dialética com tal 'objeto'.

A metodologia indicada para analisar a cidade, em acordo com Lefebvre, deveria ser sustentada pelo movimento do pensamento dialético ao considerar superestruturas, estruturas, bairro, rua, corredores de circulação, habitar, correlacionando os elementos e o todo, em movimento. O esforço de conhecer o total em suas relações com os elementos inclui, necessariamente, o pensamento dialético, pois “[...] o possível é uma categoria da realidade desde que sejam consideradas as tendências do real, ao invés de mantê-lo no mesmo lugar.” (Lefebvre, 2008b, p.98)²³⁹.

Nesse sentido, os métodos de exposição e de pesquisa devem ser contemplados para dar conta de análise dos elementos contraditórios de uma mesma realidade e assim, refazê-la no conjunto de seu movimento.

Para tornar possível essa compreensão pode-se utilizar uma operação mental que envolve a transdução, que pelo movimento do pensamento dialético atua realimentando constantemente o quadro conceitual estabelecido com as observações empíricas. A metodologia deste procedimento envolve o método progressivo-regressivo possibilitando a espontaneidade e a união entre o que vem do conhecimento científico e o que vem da utopia, da imaginação e da imagem.

Lefebvre (1970a)²⁴⁰ adverte, também, sobre a coesão e a coerência entre o conjunto de conceitos a serem avaliados para alcançar novas ideias, levando em conta o imprevisto, tanto no que diz respeito ao objeto em si, quanto aos instrumentos conceituais. Preferencialmente, o pesquisador deve se situar entre o espírito sistemático e o ensaísmo, observando por um lado o que escapa da tematização ou de conceitos já comprovados, e por outro as mudanças, evitando abrir mão de alguns possíveis fenômenos. Este procedimento, portanto, é tratado a seguir.

²³⁹ LEFEBVRE, H. **Espaço e política**. Belo Horizonte: UFMG, 2008b. A publicação original data de 1973.

²⁴⁰ LEFEBVRE, H. **Du rural à l'urbain**. Paris: Anthropos, 1970.

A transdução é um modo de empregar o pensamento proposto por Lefebvre (1970a)²⁴¹, que considera um tema e seus problemas impostos pela realidade, utilizando a imaginação controlada por elementos dados na prática. De modo que com o método progressivo-regressivo evita-se, tanto o limite dos registros descritivos, quanto sua extrapolação e estancamento. Dito de outra maneira, evita a utopia abstrata do ideal (que se quer) sem relação com a determinada situação.

Para alcançar essa virtualidade, o autor indica a necessidade de operar racionalmente o pensamento (dialético) e construir vocabulários, conceitos e metodologia, situando-os entre o puro pragmatismo e a pura teorização. A transdução, então, é esse raciocínio que ultrapassa a dedução e a indução e constrói um objeto virtual com base nas informações da realidade daquela problemática determinada, utilizando a utopia e o método progressivo-regressivo.

A utopia, neste procedimento, é por ele denominada utopia experimental, pois explora o possível tendo por base,

²⁴¹ Idem. (cap.7).

também, outras experiências correlatas e exitosas, mas sem transformá-las em modelos. Portanto, mantém o imaginário e a imagem numa inter-relação crítica e constante com a problemática dada no real evitando, desse modo, a utopia abstrata.

Por uma perspectiva complementar, pode-se compreender o método progressivo-regressivo a partir da vida social (prática) que, em sua capacidade criativa global, é a única que tem a potencialidade de operar outras relações sociais. Em acordo com o autor nenhuma ciência pode fabricá-las, mas pode abrir caminhos por meio da transformação de conceitos e instrumentos intelectuais (LEFEBVRE, 1970a, cap.10)²⁴² da seguinte maneira:

- i. A transdução é uma operação metódica, diferente da indução e dedução (clássicas) e não utiliza ‘modelos’, hipótese e enunciados dados,²⁴³ pois parte do virtual (baseado no real);
- ii. O quadro conceitual virtual é permanentemente correlacionado às observações empíricas numa realimentação

²⁴² LEFEBVRE, H. **Du rural à l’urbain**. Paris: Anthropos, 1970.

²⁴³ Henri Lefebvre trata com a possibilidade de diversos métodos, teorias, metodologias e categorias de análises, a depender da problemática estudada. Ver também ‘Du rural à l’urbain’, Capítulo XI.

constante, de modo que sua teoria-metodologia permite dar forma às operações mentais (espontâneas).

iii. Envolve o método progressivo-regressivo com procedimentos no tempo e no espaço cujas etapas descritiva, analítico-regressiva (retrocede o 'objeto' estudado ao passado, datando para permitir comparações considerando diferenças, conflitos) e histórico-genética (volta ao presente agora explicado) alcançam o virtual dado no real em movimento.

iv. Esse procedimento permite que o conhecimento se introduza na utopia e o rigor científico se conjugue com a invenção (fundamental para aqueles que se dedicam a interpretar sonhos e desejos e a partir das possibilidades os concretizarem, como aqueles que se dedicam à arquitetura e urbanismo).

Em acordo com o autor, no contexto do espaço-tempo social urbano a utopia experimental pode considerar estudos sobre o terreno, avaliar suas implicações e suas consequências no sentido de descobrir quais seriam os lugares socialmente exitosos, como detectá-los e com quais critérios (LEFEBVRE,

1970a, cap.10)²⁴⁴, sublinhando a ineficácia de sua transformação em modelos a serem imitados ou extrapolados.

Lefebvre (1970a)²⁴⁵ indica, ainda, a tríade que constitui o todo de seus elementos na análise da forma, função e estrutura. Para superar a descrição e as análises, em separado (formal, funcional, estrutural), o procedimento mental da transdução pode apreender a simultaneidade do 'urbano' aproximando o pesquisador do campo cego que é o próprio fenômeno, em si.

A título de ilustração e também de exemplificar o virtual dado na realidade, acolheu-se a referência de Lefebvre (1970a) sobre transdução envolvendo um importante pesquisador do campo de estudos da matemática, B. Mandelbrot²⁴⁶, um polonês que viveu na França e nos EUA.

²⁴⁴ LEFEBVRE, H. **Du rural à l'urbain**. Paris: Anthropos, 1970.

²⁴⁵ Idem.

²⁴⁶ FLEUR DE LYS. Benoit Mandelbrot, the father of fractal geometry has passed away at 85. **News Provider:** Daily News. 17 out 2010. Disponível em: <<http://www.providingnews.com/benoit-mandelbrot-the-father-of-fractal-geometry-has-passed-away-at-85.html>>. Acesso em: 22 ago. 2011.)

Ver também: Instituto de Educação. Universidade de Lisboa. **Biografia de Benoît Mandelbrot**. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/icm/icm99/icm14/mandelbrot.htm>> Acesso em: 22 ago 2011.

Matemático, professor emérito da Universidade de Yale que conquistou muitos prêmios em sua carreira e foi considerado ‘pai’ da geometria fractal revolucionando vários campos de conhecimento):

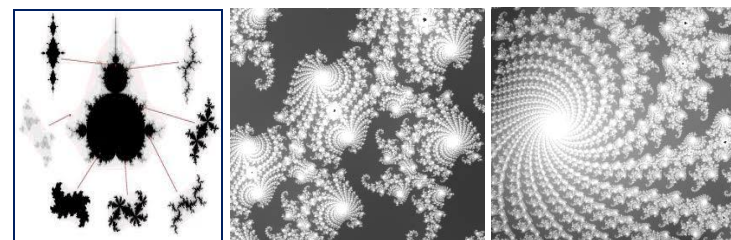
Poder-se-ia denominar “transdução” o raciocínio irreduzível à dedução e à indução, que constrói um objeto virtual a partir de informações sobre a realidade e de uma problemática determinada (é, aliás, em um sentido análogo ao termo que o eminente teórico da informação B. Mandelbrot emprega). Grifo do autor (LEFEBVRE, 1970a)²⁴⁷

Esse matemático, convencido de que linhas retas, curvas e círculos, dentre outros, não explicavam a complexidade da natureza, empregou o raciocínio da transdução e encontrou na virtualidade (com base no real) o

possível que estava dado e que hoje integra a geometria fractal (Ilustração 39).

Suas teorias forneceram para a matemática elementos para além da geometria ‘clássica’. Com ajuda do computador, criou e desenvolveu a geometria fractal cujos objetos fazem parte, também, de outros campos de estudo.

Ilustração 39 - Padrões encontrados na natureza, por Mandelbrot, que empregou a transdução ao buscar compreender a complexidade da natureza.



Fonte: MIQEL ([s.d.]).²⁴⁸

Nessa direção, o arquiteto urbanista apreenderia significações da prática urbana, retomaria o ‘sentido de cidade’, e por transdução, proporia uma teoria do espaço-

²⁴⁷ “On pourrait nommer “transduction” le raisonnement irréductible à la deduction et à l’induction, qui construit un objet virtuel à partir d’informations sur la réalité et d’une problematique déterminée (c’est d’ailleurs dans un sens analogue que l’éminent théoricien de l’information, B. Mandelbrot, emploie ce terme)”. Grifo do autor. (LEFEBVRE, H. **Du rural à l’urbain**. Paris: Anthropos, 1970.)

Lefebvre indicou que o termo ‘transdução’ foi por ele utilizado em acordo com o matemático. (LEFEBVRE, H. **Du rural à l’urbain**. Paris: Anthropos, 1970. Cap.7, p.130-131.)

²⁴⁸ MIQEL. **An Introduction to the fascinating patterns of Visual Math: Mandelbrot Set**. [s.d.] Disponível em: <http://www.miqel.com/fractals_math_patterns/visual-math-mandelbrot-magic.html>. Acesso em: 22 ago. 2011.

tempo ao juntar o adquirido aos feitos, mostrando a prática contida na própria elaboração teórico-metodológica. Lefebvre (1970a) afirma que esse urbanismo ainda não existe, no entanto, alguns exemplos exitosos indicam outros caminhos possíveis, como as experiências urbanas e rurais no Uruguai e no Brasil.

Um exemplo de êxito no Brasil, Rio Grande do Norte, é o da articulação entre o saber científico e o saber e a práxis popular, que congregou o MST-Assentamento Maria da Paz (Ilustração 40), distante 80 km da capital Natal e a UFRN por meio da assessoria e acompanhamento das obras pelos membros do GERAH²⁴⁹. O processo articulou:

O saber técnico científico – arquitetura e urbanismo, pedagogia, sociologia, meio ambiente, agronomia e engenharia civil – e o saber popular – dirigentes e bases do MST. A construção coletiva do parcelamento do solo foi resultado de uma interação entre parâmetros ambientais, organizativos, urbanísticos e populares. O estudo ambiental teve a participação de vários especialistas [...] inventário de seus recursos naturais [...]. Colaborou também com o processo sociólogos,

na intermediação e/ou análise dos conflitos. O projeto da casa foi baseado numa leitura técnica do vivido, do presente conhecido e dos sonhos dos beneficiários no limite das possibilidades reais [...]. (BORGES; MEDEIROS; CERQUEIRA, 2010)²⁵⁰

Ilustração 40 - Construção do sistema de reúso de água residuária do assentamento (esquerda); Assembléia durante o processo construtivo das habitações - Assentamento Maria da Paz (direita).



Fonte: GERAH apud Borges; Medeiros; Cerqueira (2010, p.7)²⁵¹

²⁴⁹ Sobre GERAH, ver a Introdução desta tese.

²⁵⁰ BORGES, Amadja Henrique; MEDEIROS, Cecília Marilaine Rego de; CERQUEIRA, Maria Cândida Texeira de. **Redesenhando com o MST o habitat da Reforma Agrária**. In: Congresso Internacional: Sustentabilidade e Habitação de Interesse Social – CHIS. Porto Alegre/RS, 04-07 maio 2010. Porto Alegre: PUCRS, 2010. Disponível em: <<http://www.joaobn.com/chis/Artigos%20CHIS%202010/109%20-%20A.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2011.

²⁵¹ Idem.

No Uruguai, ‘Cooperativas de habitação por ajuda mútua’ (COVIF) atuam em movimento social cooperativista com base na “solidariedade, fraternidade, participação, democracia, autogestão, educação, trabalho, desenvolvimento, organização, unidade, comunidade e luta” (FONT, 2000)²⁵². As cooperativas interagem com diversos países, dentre eles Brasil, Argentina, Equador, Suécia e estudam soluções conjuntas para problemas habitacionais e de outros setores da sociedade que não tem acesso a créditos ou a terra (Ilustração 41).

As ‘Cooperativas de habitação por ajuda mútua’ no Uruguai, se baseiam em programa de auto-construção cooperativa para habitação, entorno urbanístico e serviços comunitários. As famílias participantes trabalham na obra, analisam, discutem, propõem e resolvem todas as questões de

maneira democrática na Assembléia da Cooperativa (FONT, 2000)²⁵³.

Ilustração 41 - Imagens ilustrativas da comemoração de 25 anos da Cooperativa de habitação por ajuda mútua 2 (COVIF2).



Fonte: Ecos Regionales (2010).²⁵⁴

²⁵² FONT, Guillermo. Cooperativas de viviendas por ayuda mutua en Uruguay: Haciendo la ciudad entre todos. In: **Boletín CF+S**. Madrid: [Universidad Politécnica de Madrid], n.13, 28 jun. 2000. Disponível em: <<http://habitat.aq.upm.es/boletin/n13/agfon.html>>. Acesso em: 10 out. 2011.

²⁵³ Idem.

²⁵⁴ As imagens mostram a comemoração dos 25 anos da Cooperativa de Habitação por Ajuda Mútua 2 (Cooperativa de Viviendas por Ayuda Mutua-COVIF 2), não somente pela inauguração das habitações construídas, mas também pela resolução de variados problemas pelos quais passam aquelas comunidades menos favorecidas, confirmando a experiência exitosa do sistema de construção, autogestão, administração rotativa e solução de diversos problemas que as envolvem. (Hace 25 años COVIF 2 inauguraba sus 46 viviendas... una lección que perdura. In: **Eco Regionales: Periodismo de Integración**. ed. 1492, 20 jul 2010. Disponível em: <<http://www.ecosregionales.net/?edicion=1492¬icia=13699>>. Acesso em: 10 out. 2011.

De todo modo, Lefebvre (1970a) indica que existe 'outra coisa' no fenômeno urbano que não é exatamente o que percebemos ser e a transdução é um procedimento que pode apontar na direção dessa compreensão e buscar alcançar a totalidade da vida cotidiana e social, tanto rural quanto urbana.

Alguns aspectos, no entanto, impedem ou embaçam o alcance da totalidade da vida dificultando o reconhecimento da fragmentação nos processos que envolvem o pensar e o agir, se relacionando mais diretamente com a disciplina de arquitetura e urbanismo, quais sejam:

- O que nos é familiar não indica que seja conhecido e que as potencialidades já estejam todas dadas. O sentido da frase de Hegel, citada por Lefebvre na obra *Du rural à l'urbain* (1970a), indica a utilização de procedimentos repetitivos ou similares nos estudos que oferecem certa familiaridade, e por isso não precisando ou merecendo atenção;

- A metodologia perigosa que se utiliza de modelos e seus conceitos, os quais são exportados, transportados ou adequados à situação a ser estudada, ou de análises truncadas

que escolhem num 'todo' alguns elementos e a partir destes reconstruem uma totalidade. O autor chama a atenção para o fato de que o elemento tem sua existência distinta do todo, mas ao mesmo tempo o compõe;

- Nenhum método pré-estabelecido engloba a totalidade, seja empírico, descritivo, fenomenológico, matemático, geométrico ou analítico. Ao contrário, o método deve considerar uma relação do ideal (imaginação pautada na práxis) com a realidade vivida;

- O método quantitativo e a operacionalidade técnica dificultam a atuação no todo, pois as realidades estáticas apreendidas não dão conta da vida social na cidade com toda simultaneidade do urbano. É preciso observar os procedimentos analíticos que separam o que querem separar, reconstituindo o complexo, e desse modo reproduzem o que já está dado pela ideologia;

- As sínteses científicas denunciam a impossibilidade da ciência de compor com o fenômeno a ser estudado, ao mesmo tempo em que acaba por torná-la um fim, em si própria. De

acordo com o autor, a ciência não pode, nem deve se resumir a si mesma;

- Os 'sistemas' ou 'subsistemas' de significações enquanto ferramentas intelectuais, não devem se fechar em si, nem serem pré-estabelecidos a partir do 'vivido' e do 'percebido' do arquiteto urbanista, ou seja, de suas próprias concepções sobre as categorias de análise;

- As técnicas de pesquisa costumam simplificar os fenômenos e apontar tendências, como as pesquisas de opinião que desconsideram a vida cotidiana - o vivido, o concebido e o percebido - do público pesquisado. Em contraposição e a título de exemplo, outras técnicas de pesquisa na cidade do Natal-RN trouxeram uma abordagem qualitativa considerando o percebido e o vivido da população participante do processo (VELOSO; ELALI, 2006)²⁵⁵;

²⁵⁵ VELOSO, Maísa; ELALI, Gleice, A. **Qualidade de vida urbana em Natal: Mitos e realidades**. Natal-RN: EDUFRN-Editora da UFRN, 2006. A publicação trata de uma pesquisa com base na percepção de 800 moradores sobre a qualidade de vida na cidade do Natal-RN, com destaque para propriedades ambientais difundidas pela mídia local. Questiona se a suposta qualidade de vida é de fato percebida e vivida pela maioria da população, apontando a existência de várias 'Natais' vividas diferentemente, bem como a necessidade de considerar tanto a

- A linguagem dos pesquisadores normalmente difere daquela do entrevistado e o conteúdo, das perguntas, deixa escapar fatos simples do cotidiano que são vividos pelos dois de modo diferente;

- A dificuldade do pesquisador em abster-se de pré-julgamentos, de juízos de valor e de apreender o que existe entre a terminologia científica e a práxis, entre a ciência e a poética da vida;

- A universidade, que ao fragmentar trabalhos intelectuais se adapta e corrobora com a divisão social do trabalho. Em outro sentido complementar, a dificuldade de atuar de modo interdisciplinar com as disciplinas especializadas, cada qual pondo as outras como auxiliares;

- O problema da linguagem e das terminologias, o imperialismo acadêmico, a desigualdade entre os participantes, o descompasso com a informalidade e a prática social, e a imaturidade temporal das questões urbanísticas;

- As técnicas aplicadas aos planos e projetos de intervenção do espaço urbano e rural cuja gestão fica ao

complexidade, quanto a diversidade nos estudos relativos ao planejamento e aos projetos urbanos.

encargo de especialistas (técnicos/tecnocratas) que tomam decisões somente em razão de soluções técnicas e por isso convencem o público dissimulando, exatamente, o mínimo que se utiliza da técnica em benefício da vida.

A ‘Cooperativa de habitação dos agricultores familiares’, com o Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR) - Minha Casa Minha Vida exemplifica a questão, tanto com o texto (abaixo) quanto com as imagens do ‘antes’ e do ‘depois’ da habitação construída (Ilustração 42)²⁵⁶:

Casas coloridas, sem muros, paisagem verde [...]. Na pequena propriedade rural, com três hectares de terra, [...] no Paraná, vive a família [...] O sustento da família vem da plantação de milho, sendo complementado com a produção de leite das poucas vaquinhas que possuem. A presidente do STR de Francisco Beltrão, Daniela Celuppi, que também contribui no desenvolvimento do projeto de habitação rural Caprichando a Morada, diz que é absolutamente motivador fazer parte desse processo. “É emocionante ver no sorriso, na expressão e nos olhos dos agricultores o quanto ficam satisfeitos e motivados com uma

casa nova. Muito mais que incentivar eles a permanecer no meio rural é proporcionar uma vida digna a quem tem as mãos que alimentam a nossa nação”, revela emocionada. (COOPERHAF, 2011).

Ilustração 42 - Moradia rural paranaense antes (esquerda) e depois (direita) da inserção da família no Programa nacional de habitação Rural- Minha casa, minha vida.



Fonte: COOPERHAF (2011)

- A criação/transposição de células ou módulos (soluções técnicas analíticas) envolvendo hierarquia de serviços, traçados de tráfego, de circulação, divisão de superfícies, são procedimentos falhos e não permitem a análise do fenômeno em sua totalidade;

- O Estado centralizador prescinde dos interessados e coopera para a inexistência de uma gestão participativa. O

²⁵⁶ COOPERHAF. **Casa nova, mais do que um sonho realizado**. 27 set 2011. Disponível em: <<http://www.cooperhaf.org.br/site/#/noticias/casa-nova,-mais-do-que-um-sonho-realizado>>. Acesso em: 10 out. 2011. Ver também: www.cooperhaf.org.br.

Estado, nascido na e da divisão técnica do trabalho, a aplica ao seu bel prazer, incluindo aí o espaço enquanto mercadoria e um poderoso aliado. Além de partir o espaço e vendê-lo em pedaços, age em função de cargos (institucionalizados, ou não) e de alianças com empreendedores, bancos e outras instituições capitalistas;

- O 'mito' da tecnocracia impede que outra política empregue toda a técnica a serviço, tanto da vida cotidiana, quanto da vida social nos espaços-tempos urbanos;

- O 'sistema' técnico, econômico e financeiro exclui a utopia e a imaginação. Aqui se registra a disposição do arquiteto urbanista que serve ao funcional determinado por razões técnicas e concebe um espaço previsto, geométrico, que distante das necessidades e desejos dos habitantes, dissimula, interferindo na apropriação do habitar e da obra 'cidade'. Em sentido análogo, a concepção burocrática de mundo que desconsidera a vida social urbana, a vida cotidiana, o habitar.

Por outro lado, outras questões trazem novas possibilidades para se pensar no ensino, na pesquisa e na

extensão na disciplina de arquitetura e urbanismo e são sublinhadas no sentido de compor com as orientações teórico-metodológicas de Henri Lefebvre, quais sejam:

- A universalidade do fenômeno urbano deve ser concebida, de acordo com Lefebvre (1970a)²⁵⁷, a partir da problemática e de uma faculdade que agrupe em torno deste fenômeno todas as disciplinas conexas. Nesse sentido, é preciso determinar os objetos e objetivos de cada disciplina especializada e definir suas relações com o fenômeno urbano, este enquanto uma ciência da realidade social;

- O método (transdução) que parte da realidade com seus problemas, do vivido e suas possibilidades (virtualidades), evita a constatação simplesmente empírica, o registro puro e simples, buscando conceber o possível. Do contrário, as pesquisas correm o risco de se restringem ao campo das operações técnicas quantitativas;

- A ultrapassagem da análise estrutural pode se efetuar por meio dos momentos descritivo, analítico- regressivo e histórico-genético onde o pensamento, após o momento da

²⁵⁷ LEFEBVRE, H. *Du rural à l'urbain*. Paris: Anthopos, 1970.

descrição e do conhecimento do passado, volta-se na direção do momento atual, considerando as diferenças, conflitos e rupturas. Para evitar o reducionismo nos procedimentos mentais, para o pesquisador construir um todo, não deve apoiar-se em elementos já averiguados, pois com isso desconsidera aspectos da virtualidade;

Nessa direção, para incluir o 'vir a ser' é preciso considerar os momentos da descrição (incorporando as técnicas - entrevistas, questionários, estatística), do procedimento analítico-regressivo (que analisa a realidade, indo ao passado descrevendo e datando de modo a poder comparar) e do procedimento histórico-genético (que volta ao presente agora explicado). Esse procedimento, no tempo e no espaço, aliado da transdução e do pensamento dialético, permite compreender o objeto de estudos em sua totalidade;

A operação mental designada por transdução, em acordo com Lefebvre é, potencialmente, a que dá conta de compreender a realidade (concreta/prática) que se vive - as duplas complexidades - e de pôr em evidência contradições do urbano, que são também contradições de classes sociais.

De modo complementar, outras questões podem se somar às expostas anteriormente, quais sejam:

- É fundamental compreender como se dá a apropriação de determinado espaço físico, que pode ser apreendida, também, por meio daquela qualidade ambiental;

- A perda do direito à cidade tem vínculo direto com a compreensão do que seria a urbanização. O que se dá no espaço social está relacionado aos modos de produção e a reprodução desses modos, aos pensamentos filosóficos, que distinguem o racional dos sentidos separando o intelecto da prática social, bem como a estratégias e ações promovidas pelo Estado, por profissionais de diversas áreas, por empresas e pela mídia;

- A problemática urbana situa-se em uma esfera ainda atrelada à industrialização, que ao fragmentar o 'ser' acaba por fragmentar todas as dimensões e relações possíveis, alterando as percepções e incapacitando-as para a compreensão de um mundo totalitário;

- O desenvolvimento sócio econômico acaba por promover a redução e a sistematização da sociedade de modo

geral, bem como da vida cotidiana nas cidades contemporâneas, criando espaços de segregação motivados pela concentração do capital que atrela em si as concentrações urbanas;

- Formular uma teoria para o urbano significa pensar na prática desse urbano e para isso é preciso que os conceitos que temos sejam revistos e modificados na direção de outras possibilidades. As ciências podem cooperar na medida em que cada especialidade se volte para a problemática, considerando as questões globais separadas de ideologias e mantendo no centro os 'usuários'²⁵⁸. O que anuncia, também, as ordens: próxima e distante;

- Dificuldades são constatadas ao relacionar elementos de análise, os quais são parte de um todo. O procedimento de retorno das partes ou elementos para construção do todo, anteriormente pesquisado, estabelecido, refaz aquele mesmo todo, impedindo qualquer outra possibilidade e mantendo o mesmo ciclo vicioso;

- Em um estudo, os conceitos a serem utilizados têm certa relatividade, não são sistemas e nem dogmas que já os aponte enquanto prontos e distintos da prática da vida. No cerne dos estudos deve estar a apropriação do tempo e do espaço daquela determinada prática social restituindo, assim, seu valor de uso;

- A arquitetura e urbanismo podem vincular as ordens, próxima e distante. A projeção de uma prática social, talvez possa ser mais eficiente tecnicamente se o procedimento mental dialético e processual, em si, for incluído enquanto possibilidade teórico-metodológica para o ensino, a pesquisa e a extensão na disciplina;

- A ação do profissional deve abranger tanto o diálogo, quanto a representação gráfica (no plano ou tridimensional) e no entendimento de que os conceitos se relativizam, eles 'são' na/da prática social. Desse modo, o profissional intermediaria as possibilidades da vida cotidiana com aquelas do espaço social promovendo qualidade nas relações sociais de modo geral;

²⁵⁸ Sobre usuários ver p. 135 desta tese.

- A distinção de estratégias e lógicas, também no nível das ideologias e valores morais, pode denunciar a representação sistematizada que reduz o habitar ao habitat – dentre elas o urbanismo funcionalista que estrutura a vida (família -trabalho- lazer) e a mídia, que além de fabricar bens de consumo (incluindo a moradia, o espaço e o tempo produzido na cidade), fabrica também o consumidor desses bens - alienado e ‘doutrinado’ a outras necessidades sociais e a uma cotidianidade refém;

- A cidade deve ser reconhecida como obra por seus habitantes. Nesse sentido, o equilíbrio de símbolos, signos e sinais é imprescindível, pois oferece ritmo, memória e possibilidades à cotidianidade, a vida na cidade, ao mesmo tempo em que promove o sentimento de apropriação influenciando na qualidade sócio-espacial.

Confrontando essa ideia, o Forte dos Reis Magos que antes da construção da Ponte Newton Navarro, Natal-RN, estampava aos olhos enquanto símbolo da cidade. Hoje, encontra-se ‘meio camuflado’ parecendo perder sua

importância diante da moderna construção da Ponte (Ilustração 43).

Ilustração 43 - Forte dos Reis Magos, Natal, RN (esquerda) e sua imagem por entre o gradil da Ponte (direita).



Fonte: Nobre ([s.d.]).²⁵⁹

- O estudo do fenômeno urbano pode considerar as topias (iso/hetero/u) e métodos descritivos para apreensão de realidades estáticas, mas aliados a dimensões e níveis que se correlacionam com aquele campo de estudos para dar conta do vivido/viver/vir a ser daquela determinada realidade . A cada nível, um item se relaciona às dimensões evitando seu envolvimento com estratégias políticas;

²⁵⁹ NOBRE, Esdras. **Forte dos Reis Magos**. [s.l.: s.d.]. Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=866432>> Acesso em: 10 out. 2011.

- A inversão do mundo, invertido pela lógica da mercadoria, pode ser iniciada por meio do estudo do habitar e da vida cotidiana, e não da monumentalidade. A sociedade contemporânea tende a dar importância a questões vultosas, de grande impacto. O habitar e a vida cotidiana passam despercebidos, e por isso mesmo apresentam-se enquanto estratégia viável;

- A tendência à centralidade, ao espaço onde se dão as atividades dominantes, é uma tendência que contém o movimento dialético que destrói e constrói, e é o que há de mais essencial no fenômeno urbano. O estudo da centralidade pode envolver: descrição e análise das funções políticas, administrativas, comerciais em suas relações de controle, tanto internas quanto externas a cidade; a estrutura morfológica dos sítios, imóveis, ruas, as praças; e, os símbolos, signos, sinais, etc. No entanto, a simultaneidade não envolve só a forma lógica, matemática, e geométrica. Envolve o movimento 'no real', a forma legível análoga a da escrita e a leitura dessa escrita - a prática da vida urbana.

Diante disso, afirma-se a necessidade da compreensão das várias possibilidades apresentadas por Henri Lefebvre para conduzir a reflexão na direção da totalidade do mundo e do fenômeno urbano em si, portanto, essas possibilidades são, também, fundamentais para o ensino, a pesquisa e a extensão na arquitetura e urbanismo.

Por conseguinte, e na direção dessa totalidade, registra-se que é fundamental compreender a noção relacional das categorias de análise, a relação conflitual e em movimento das características do fenômeno, as ordens, próxima e distante, o sentimento de apropriação/dominação, o equilíbrio nas análises da forma, função e estrutura, a inclusão nas análises de elementos transfuncionais (jogo, rua e vida cotidiana), os vários níveis e dimensões do campo de estudos em questão e suas tendências em movimento 'no real' e, potencialmente, a necessidade da interdisciplinaridade e da união de todas as especialidades em torno da problemática urbana, considerando a política com suas estratégias e táticas.

O que implica em dizer que é uma escolha tratar o espaço-tempo social urbano não enquanto mercadoria, mas

como uma possibilidade na construção de outra sociedade, na direção da apropriação espaço-temporal e da qualidade tanto para a vida imediata, quanto para a sociedade em seu conjunto.

As últimas considerações deste capítulo sublinham, enquanto possibilidades teórico-metodológicas de Henri Lefebvre fundamentais para a disciplina de arquitetura e urbanismo, a compreensão do pensamento dialético, do movimento progressivo-regressivo no espaço e no tempo, da utopia experimental e da transdução, que conjuga procedimentos anteriores não excluindo qualquer outro já utilizado pelas ciências, de modo geral. São estes os procedimentos que, potencialmente, permitem a união entre conhecimento e ação, na direção de romper com a fragmentação imposta e traçar uma estratégia que permita compreender o fenômeno urbano como uma ciência fundamentada na práxis, e assim alcançar a totalidade da vida cotidiana e da sociedade como um todo.

CAPÍTULO 6: CONCLUSÃO

Esta tese defende que as possibilidades teórico-metodológicas de Henri Lefebvre são fundamentais para que disciplina de arquitetura e urbanismo contribua com transformações para a vida cotidiana e da sociedade de modo geral, do rural ao urbano.

Iniciando o capítulo, apresenta-se uma visão do trabalho a partir das premissas que podem ser sintetizadas da seguinte forma: arquitetura e urbanismo, enquanto uma disciplina propositiva tem interferência direta na vida cotidiana e social urbana; Henri Lefebvre tratou em vários estudos de outras possibilidades para se pensar no fenômeno que se apresentava no decorrer do século XX, o ‘urbano’.

As questões apontadas pelo autor na principal obra de referência desta tese (LEFEBVRE, 1970a) foram estudadas individualmente e nos grupos dirigidos pela prof^a Dr^a Amadja Henrique Borges, se estendendo a outras publicações do autor, a pesquisas bibliográficas editadas e por meio

eletrônico e a inúmeras discussões sob a competente orientação da referida professora.

A obra escolhida, *Du rural à l’urbain* (LEFEBVRE, 1970a), uma brilhante iniciativa de Mário Gaviria²⁶⁰, comprovou-se fundamental e promoveu, também, o entendimento de que a disciplina de arquitetura e urbanismo, a partir de Lefebvre, poderia romper com a fragmentação imposta também às ciências de modo geral e buscar alcançar a totalidade da vida contemporânea.

Nessa direção, as análises, as contextualizações das referências do autor e os principais temas da obra escolhida, inter-relacionaram-se ao recorte espaço-temporal definido (1968 a 1974) o que permitiu, ainda, um aprofundamento pela perspectiva do autor na questão do espaço inserido na filosofia (ou doutrina) de Karl Marx e, também por isso, precisando de outros modos de conjugar o pensamento na direção de alcançar a dimensão de sua atuação.

²⁶⁰ Mario Gaviria compilou na obra *Du rural à l’urbain* (LEFEBVRE, 1970) seis apresentações em seminários, conferências/palestras, uma seção enciclopédica, dois prefácios e 12 artigos em revistas de sociologia, todos do autor, além da introdução também elaborada por ele.

Mais especificamente, para orientar os procedimentos na direção da disciplina considerou-se, 'a priori', a obra *Du rural à l'urbain* (1970a) e em especial, termos universais das ciências de modo geral e termos comuns à arquitetura e urbanismo, procedendo por análises do conteúdo das palestras, artigos e discursos proferidos pelo autor nas décadas de 1950 e 1960, averiguados à luz do objeto de pesquisa.

A construção do corpo do texto envolveu, ainda, investigação dos momentos vividos por Henri Lefebvre e significativos para o objeto da pesquisa, buscas eletrônicas nos trabalhos da CAPES e em outros trabalhos científicos e publicações a ele correlacionadas, além de aportar os procedimentos apresentados pelo autor nas obras do recorte espaço-temporal citado anteriormente.

A essas obras somaram-se outras contemplando o objetivo do trabalho e permitindo, pelo olhar de Lefebvre, apresentar possibilidades teórico-metodológicas para o ensino, a pesquisa e a extensão na disciplina de arquitetura e

urbanismo, as quais foram identificadas, analisadas, discutidas e referenciadas, constando no capítulo cinco desta tese.

De modo geral, Lefebvre confirmou-se extremamente atual, a exemplo dos estudos sobre habitar/habitat, jogo, vida cotidiana e rua, apropriação/dominação, público/privado bem como, dentre outros, suas proposições sobre centralidade, forma/função/estrutura e a simultaneidade do urbano. Outras questões se somaram envolvendo as disciplinas parceladas e institucionalizadas (como o urbanismo), o Estado, a política, a ideologia, a técnica, a tecnologia, a mídia e a necessária participação dos interessados em qualquer intervenção sócio-espacial. Todas fundamentais para romper com a fragmentação imposta à vida contemporânea e, portanto, fundamentais também para o ensino, a pesquisa e a extensão em arquitetura e urbanismo.

Lefebvre proporcionou, ainda, a compreensão de questões teórico-metodológicas essenciais, como a relatividade das categorias de análise, as ordens próxima e distante, os elementos transfuncionais, sem forma e função e, particularmente, a necessidade de outros modos de pensar, de

outras condutas para a reflexão que unem conhecimento-prática e aportam teorias-metodologias a depender do 'objeto' estudado.

É importante perceber, também, que ao tratar da problemática urbana Lefebvre sinaliza para uma ciência do fenômeno urbano que, levando em conta a relação entre as ordens, conjugaria todas as disciplinas conexas para resolução de sua problemática, fundamentadas na práxis. Carlos (2007)²⁶¹ cita Lefebvre e, corroborando com a amplitude do fenômeno, trata dessa complexidade diferenciando cidade e urbano na perspectiva que vincula o urbano ao global e a cidade aos processos relativos à vida cotidiana em suas inter-relações com o espaço-tempo mais próximos.

Especificamente quanto ao fenômeno urbano, apesar de ter aparecido historicamente muito antes da apressada

²⁶¹ "Para Lefebvre a cidade constituiria a "ordem próxima", enquanto o urbano se referiria ao que chama de uma "ordem distante" e nesta dimensão, o urbano revelaria o processo de generalização da urbanização e da formação de uma sociedade urbana enquanto possibilidade posta no horizonte capaz de superar a realidade urbana cindida, tal qual vivida hoje." Em: CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade.** São Paulo:FFLCH, 2007. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/dg/gesp/baixar/Espaco_urbano1.pdf>. Acesso em: 8/10/2011.

simultaneidade de hoje, é um processo que chega às cidades contemporâneas a partir da relação de conflito entre o antigo campo e a antiga cidade medieval. Em acordo com Lefebvre (1986)²⁶² o urbanismo, nascido do desuso de 'urbanidade' como oposição à barbárie do século XVIII, surge como um código ordenador da vida e substituto da prática social. É um conceito nostálgico que nasce exatamente dos problemas e da deteriorização da vida urbana.

Para o autor, o 'urbano' apresenta contradições, tem inúmeras frentes, é interdependente da história e dos modos de produção e de reprodução da vida social. É em movimento e carrega consigo conexões com várias disciplinas parceladas e com diversos níveis, dimensões, relações, aspectos. Mas, de todo modo continua se constituindo, refletindo e sendo refletido por determinado espaço-tempo social (urbano ou rural), na medida em que a própria vida com suas inter-relações se constituem. Mais atualmente, o processo de transformação se agrava e se acelera mediante as contínuas inserções (informação, capital financeiro) em nível mundial.

²⁶² LEFEBVRE, H. **Le retour de la dialectique: 12 mots clefs.** Paris: Messidor/Éditions sociales, 1986.

Nessa direção somam-se, ainda, questões relativas às formações rural-industrial-urbana, cada qual com seus modos de produzir, pensar, agir, viver, que existem em correlação indicando interações ou desigualdades de desenvolvimento e, por vezes, visíveis em determinadas práticas sócio-espço-temporais.

O autor defende, portanto, que o conceito que temos sobre urbano precisaria ser revisto, pois estaria vinculado a pensamentos e práticas advindos da industrialização e do pensamento exageradamente racional e analítico, precisando de outros modos de conjugar o pensamento e a ação para alcançar toda sua complexidade e dar conta da totalidade da vida.

De todo modo, Lefebvre fez uma opção que refletiu em sua teoria-práxis: a escolha de sua concepção de vida – a ‘doutrina’ marxista, como ele mesmo denomina. (LEFEBVRE, 1970b, 2009a).²⁶³ Esta é a concepção que lhe permitiu inserir o espaço no bojo da produção capitalista, enquanto

produto/produtor, mercadoria de compra e venda, enquanto partícipe da mais valia global (as raridades).

Nas obras analisadas nesta tese, essa concepção de vida é questão primordial envolvendo, necessariamente, outro modo de compreender o mundo. Portanto, de produzir de outro modo o espaço em que vivemos para que se possa ter a perspectiva de uma vida mais plena. Na arquitetura e urbanismo essa questão é essencial para aqueles que querem participar de uma transformação significativa.

Diante disso, dentre as questões identificadas, analisadas, contextualizadas e discutidas neste trabalho de tese, destaco duas vertentes que de modo análogo ao do autor podem ser consideradas em duas ordens: a distante, referindo-se a procedimentos mais gerais para uma reflexão sobre a disciplina; e a mais próxima, as possibilidades teórico-metodológicas de Henri Lefebvre relativas ao método progressivo-regressivo e a utopia experimental que conjugam o pensamento dialético e dizem respeito à transdução.

Na ordem distante, para uma reflexão sobre a disciplina de arquitetura e urbanismo, por um lado aponta-se a

²⁶³ LEFEBVRE, H. **Para compreender o pensamento de Marx**. São Paulo: Elo-Mafra, 1970.; LEFEBVRE, H. **Marxismo**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2009. A publicação original é de 1948.

importância do pensamento dialético na união da teoria com a práxis e por outro, a permanente crítica do pensamento e da ação. O procedimento mental em movimento dialético parte do 'ser' na natureza e não de fatos isolados, leis ou relações absolutas. Refere-se, também, à possibilidade de uma ultrapassagem considerando todas as vantagens técnicas/tecnológicas e noções adquiridas até então, indo para além ao construir de modo contínuo o conhecimento a partir da práxis e, assim, unir o 'homem' ao 'mundo onde vive'. Nesse sentido, torna-se fundamental a compreensão de que o real é com sua tendência, constituindo-se de passado, presente e futuro, e, da virtualidade (os possíveis).

O conhecimento, portanto, é permanentemente construído numa dialética com a prática da vida, que para além das dualidades apresenta diferenças, conflitos, os entres e entremeios, as ambiguidades nas inter-relações que são refletidas e refletem determinada conjuntura sócio-espaco-temporal. Diante disso, é preciso que tanto o conhecimento quanto a ação se mantenham sob crítica permanente,

evitando seu estancamento em modelos já existentes e discernindo o que nos é dado pela ideologia dominante.

Na ordem mais próxima, tem-se a transdução que trabalha com um objeto virtual cujos dados são assentados no real, em movimento. Desse modo, os conceitos ou categorias analíticas inter-relacionam-se permanentemente, e a imaginação (utopia experimental) conjuga-se com as observações empíricas, mantendo em perspectiva os níveis e as dimensões do objeto estudado (envolvendo o método progressivo-regressivo no tempo e no espaço).

O procedimento parte do problema, que é descrito com seus termos no real e sua descrição alia, no espaço tempo, seu trajeto no sentido regressivo, mas sem deixar que os conceitos se estacionem. Chegando lá no passado, volta-se na direção do presente. Não no sentido do historiador, mas considerando as diferenças, os contrastes, as rupturas para, assim, visitar o presente explicado. Essa é uma dificuldade, pois a ideologia embaça o real e por isso também, não é fácil alcançar essa chegada no presente, explicando-o com suas possibilidades, com as tendências que apresenta.

Mais detalhadamente, a transdução pode ser explicada da seguinte maneira:

- o objeto virtual, possível, é constituído do quadro conceitual a partir da realidade, da problemática do vivido;
- a metodologia implica em retroalimentar, constantemente, o quadro conceitual estabelecido com as observações empíricas, numa relação do ideal (imaginado possível) com o real (a realidade vivida) em movimento;
- o momento da descrição é seguido do momento analítico-regressivo, que parte da análise da realidade e vai em direção ao passado, descrevendo e datando para comparações, considerando as complexidades horizontais (no espaço) e verticais (no tempo), e do momento histórico-genético que retornando ao presente o explica com seu devenir, com as possibilidades que ele contém.

A operação designada por Lefebvre de transdução, aliada do pensamento dialético, é o procedimento que dá conta de compreender a realidade (concreta/prática) que se vive e de pôr em evidência as contradições do urbano e as contradições das classes sociais. É o método que evita o limite

da descrição por um lado, e por outro a extrapolação em direção à utopia abstrata, pois o virtual (utopia experimental) parte do real.

Nessa perspectiva, a disciplina de arquitetura e urbanismo poderia unir o conhecimento e a ação na direção da construção de outra materialidade espaço-temporal para a vida cotidiana e da sociedade em geral considerando, potencialmente, as possibilidades teórico-metodológicas de Henri Lefebvre. De maneira semelhante, Carlos (2011)²⁶⁴ propõe “uma orientação teórico-metodológica, a partir da qual é possível construir uma “análise da realidade” prolongando o pensamento dos autores (Karl Marx e Henri Lefebvre) como movimento de superação, a partir da Geografia”. A autora discute uma proposta de análise da totalidade em contraposição à Geografia enquanto disciplina parcelar e levanta importantes considerações sobre outro modo de se pensar a Geografia, que a partir de Henri Lefebvre e Karl Marx, ultrapassaria a análise fenomenológica por meio

²⁶⁴ CARLOS, Ana Fani A.; SOUZA, Marcelo L.; SPOSITO Maria encarnação B. (orgs). **A produção do espaço urbano: Agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011.

de uma abordagem social, envolvendo o processo apropriação/ produção/reprodução do espaço.

Mais especificamente quanto à cidade, sabe-se que ela reflete uma parte do processo da urbanização que se acentuou na Europa no decorrer do século XX e continua se estendendo até o século XXI. No decorrer do tempo, mudanças significativas afloraram apresentando outras relações espaço-temporais decorrentes, também, de outras possibilidades tecnológicas (meios de comunicação-informação, transporte, intercambialidade do espaço e do tempo).

A indústria definiu o século XIX, a urbanização o século XX, que prosseguindo com as transformações nas relações campo-cidade apresenta no século XXI a mundialização do capital financeiro, o encurtamento das distâncias (informática) e a perda de interesse pelo urbanismo, tanto nas cidades planejadas quanto nas cidades espontâneas. (BORGES, 2011)²⁶⁵. O domínio do setor de serviços (turismo) alcança, com velocidade, as áreas periféricas ou mais distantes das

cidades avançando, principalmente, para o 'interior', seja adentrando o território ou no litoral.

Lefebvre (1961), por outro lado, indica que “as necessidades existem e é a partir delas que o homem explora as várias possibilidades que possa ter. Ele as cria, escolhe entre elas e as realiza”, mas é a partir da práxis que o ser humano produz ideias, consciência, linguagem e cria suas relações. As relações da/na vida são, portanto, determinantes da consciência.

Diante disso, caberia pôr em perspectiva outros estudos e outras práticas de vidas cotidianas e sociais (vilarejos, rearranjos metropolitanos, o meio rural) analisando elementos e aspectos presentes em sua realidade, em movimento, e a partir das possibilidades teórico-metodológicas de Henri Lefebvre. Nessa direção, cidade ou campo, áreas urbanas ou rurais poderiam ser analisadas em razão do conteúdo das ações daquela determinada sociedade a qual, num processo contínuo, também reflete e é refletida pelo espaço-tempo em que vive.

²⁶⁵ BORGES, Amadja, H. Orientação. PPGAU-UFRN, set./2011.

Mantendo no cerne da questão o sentimento de apropriação espaço-temporal, os processos que envolvem a propriedade público/privada, os bens e os modos de sua produção/reprodução, os estudos considerariam o desenvolvimento social em detrimento do crescimento econômico, empregariam estratégias políticas, do conhecimento e da ação, pondo em perspectiva a dimensão da cidade (nível da realidade cotidiana e social urbana) e do urbano (nível da sociedade em seu conjunto global). Desse modo, possibilitaria a união teoria-práxis em benefício das relações, tanto as mais imediatas quanto as mais amplas, tendo na mediação dessas outras possibilidades o espaço-tempo que reflete e é refletido por aqueles que lidam com outro modo de produzi-lo, que denominado de ‘interior’ denuncia, também, a existência do rural.

Em especial, os ambientes rurais no Brasil, bem como em outros países, estão negligenciados (propositadamente?) e atualmente estão sendo apropriados em benefício do turismo (agroturismo, ecoturismo, cicloturismo, turismo geológico, turismo comunitário) comprovando-se enquanto uma faceta

livre para ser totalmente dominada pelo capitalismo. E se no ‘interior’ podem ser apontados elementos que estão faltando na vida cotidiana e social urbana atual (apropriação, ludicidade, sociabilidade, solidariedade, outros modos de produção do espaço-tempo, outro modo de compreender a vida), porque não incluí-los nos estudos do fenômeno urbano, em si? Por que não considerá-los nas possibilidades de outra urbanidade de modo que a vida possa ser contemplada em sua totalidade? Apesar de já existirem experiências nesse sentido, parece que este campo de estudos ainda está em aberto.

De todo modo, as possibilidades teórico-metodológicas de Henri Lefebvre apresentadas para a disciplina de arquitetura e urbanismo não se esgotaram aqui, pois o autor tem a capacidade de ser compreendido dependendo das possibilidades de quem o lê, a exemplo de Nascimento (2011)²⁶⁶.

²⁶⁶ NASCIMENTO, José Clewton. **(Re)descobriram o Ceará? Representações dos sítios históricos de Icó e Sobral:** entre areal e patrimônio nacional. Salvador: EDUFBA, PPGAU; Florianópolis: ANPUR, 2011. O estudo do arquiteto e urbanista tem seu percurso fundado em duas vertentes (prática conceitual e prática da experimentação), onde o autor percorre a história de cidades tombadas entrelaçando-a com o momento vivente e apontando fissuras advindas desse processo. Trata em especial dos

Nesse sentido, outros estudos relativos a Henri Lefebvre podem acrescentar questões significativas para esta e outras disciplinas conexas. O que reforça, ainda, a vertente multidisciplinar do autor, que muito adequadamente propõe que as disciplinas parcelares se unam em torno de uma ciência nova, a ciência do fenômeno urbano, operando no sentido de outras possibilidades na direção da totalidade desse mundo fragmentado no qual nos encontramos.

Especificamente, com relação à arquitetura e urbanismo, diante da luta pela reforma urbana mais evidente no Brasil a partir da década de 1980, alguns instrumentos inclusivos que têm em seu cerne outra concepção política, sem dúvidas, avançam na direção da resolução de problemas rurais e urbanos. De modo complementar, a própria disciplina de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, que por meio de alguns luta pelo

conceitos de Henri Lefebvre (espaço percebido, espaço diferencial, ordem próxima e seus complementares) e da apreensão dos espaços a partir das experiências espacial e temporal, apontando enquanto fundamental a compreensão de espaço abstrato e espaço diferencial nos espaços urbanos sob intervenção de políticas e programas institucionais.

currículo integrado, pela interdisciplinaridade e que se confronta com a proposta neoliberal de flexibilização e da continuada prática parcelar (BORGES, 2011).²⁶⁷ É nesse sentido, também, que Henri Lefebvre tem importante papel, pois oferece uma fundamentação teórico-metodológica para que a disciplina entre na correlação de forças e, potencialmente, alcance outras possibilidades para a vida cotidiana e social contemporâneas.

Portanto, a escolha deste trabalho visou a contribuir com os que querem transformar o ensino, a pesquisa e a extensão em arquitetura e urbanismo. Esta disciplina, enquanto propositiva, pode decidir confrontar o real e o possível mantendo uma crítica permanente às ideologias e práticas urbanísticas parciais e estratégias políticas, de modo a unir teoria e práxis para romper com a fragmentação instituída e participar na formulação de programas e projetos inclusivos, alcançando a verdadeira prática urbanística. (LEFEBVRE, 1970a, Capítulo 20)²⁶⁸.

²⁶⁷ BORGES, Amadja, H. Orientação. PPGAU-UFRN, out./2011.

²⁶⁸ LEFEBVRE, H. *Du rural à l'urbain*. Paris: Anthropos, 1970.

Finalizando, de modo análogo ao do autor, resta saber (LEFEBVRE, 1970a): será que nós queremos outro modo de viver? Será que queremos outra vida cotidiana e outra vida social? Será que o ensino, a pesquisa e a prática do arquiteto urbanista podem vir a alcançar essa virtualidade? E mais, será que esse profissional estará preparado para fazer esta escolha?

O mundo é o espelho do homem porque ele é sua obra: a obra de sua vida prática, cotidiana. Mas não é um espelho passivo. O homem se conhece, toma consciência de si na sua obra. Ela vem dele, mas ele vem dela, ela é feita por ele, mas ele se faz nela e por ela. (LEFEBVRE, 1958)²⁶⁹.

²⁶⁹ LEFEBVRE, Henri. **Critique de la vie quotidienne I**: Introduction. Paris: L'Arche, 1958.

REFERÊNCIAS

- ABRAÃO, Sérgio Luís. **Espaço público**: do urbano ao político. São Paulo: Annablume, 2008.
- AGÊNCIA SEBRAE DE NOTÍCIAS. **Falta de calçadas põe em risco a segurança das pessoas, que dividem espaço com os veículos**. Natal, 30 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.agenciasebrae.com.br/noticia.kmf?canal=36&cod=9726669&indice=80>>. Acesso em: 04 out. 2011).
- ALLOCINE. **Ode pavillonnaire**: photos du film, 2008. Disponível em: <<http://www.allocine.fr/film/fichefilm-129909/photos/detail/?cmediafile=18930708>>. Acesso em: 30 set. 2011.
- ALVES, Isabel Aparecida Pinto. **A reprodução da metrópole**: o projeto Eixo Tamanduatehy'. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- AMARAL, Emanuel. Escola Doméstica fez história em Natal e hoje consegue unir o moderno e o tradicional com sucesso. In: ED comemora 95 anos de tradição e modernidade. **Tribuna do Norte**. 17 maio 2009a. Disponível em: <<http://tribunadonorte.com.br/noticia/ed-comemora-95-anos-de-tradicao-e-modernidade/109602>>. Acesso em: 04 out 2011.
- AMARAL, Roberto Antônio Penedo do. Poeticamente o homem habita. **Webartigos**. 11 dez 2009b. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/29825/1/O--poeticamente-o-homem-habita-holderlin-heideggeriano/pagina1.html>>. Acesso em: set. 2009.
- ANDRADE, Afonso Martins. **A formação do professor de matemática na perspectiva de Kark Popper**: da realidade contextualizada ao contexto das diversas realidade. [20--?]. Disponível em:<<http://www3.fe.usp.br/secoes/semana08/completos/12.swf>>. Acesso em: set. 2010.
- ANTIQUE and classic photographic images. 2011. Disponível em: <<http://servatius.blogspot.com/2011/03/avenue-du-bois-de-boulogne-paris-1928.html>>. Acesso em: 12 abr. 2011.
- ANTUNES, Ricardo (Org.). **A dialética do trabalho**: escritos de Marx e Engels. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- ARNDT, J. R.; PIMENTA, M. S.; CORRÊA, M. L. (Orgs). **Turismo, sustentabilidade e meio ambiente**: contradições e convergências. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. Tradução de Pedrinho A. Guarechi.
- BELLINCIONI, Luca. **Ambiente e paesaggio 2000**. 2008. Disponível em:<

<http://ambientepaesaggio2000.splinder.com/archive/2008-12>>. Acesso em: 4 nov. 2010.

BOOKCHIN, M.; BOINO, P.; ENCKEL, M. **O bairro, a comuna, a cidade... Espaços libertários**. São Paulo: Imaginário, 2003.

BORGES, Amadja H. PPGAU/UFRN, Natal, 2011. Notas de aula.

BORGES, Amadja H. **MST: habitats em movimento**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BRAUNA. Mais transparência. **Diário do Congresso: Os Bastidores do Poder** On-line. 09 jun. 2011, Brasília. Disponível em: <<http://diariodocongresso.com.br/novo/2011/06/mais-transparencia/>>. Acesso em: 30 nov. 2011

CARLOS, Ana Fani A. C.; SOUZA, Marcelo L.; SPOSITO, Maria Encarnação B. (Orgs). **A produção do espaço urbano**. São Paulo: Ed Contexto, 2011.

CARLOS, Ana Fani. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARLOS, Ana Fani; SEABRA, Odette Carvalho (Orgs.). **O espaço no fim do século: A nova raridade**. São Paulo: Contexto, 2001.

CATEGORY: FRANCE IN THE 1920S. In: WIKIMEDIA COMMONS. 2010. Disponível em: <

http://commons.wikimedia.org/wiki/Category:France_in_the_1920s>. Acesso em: 12 abr. 2011.

CAVALCANTE, Jorge. **Sozinho comigo: “Sou feliz sozinho”** (revista Isto é). Disponível em: <<http://sozinhocomigo.wordpress.com/2009/10/24/sou-feliz-sozinho-revista-isto-e/>>. Acesso em: 24 out. 2009.

CITÉ Frugès Le Corbusier: Les quartiers modernes Frugès. [20--?]. Disponível em: <<http://www.pessac.fr/content/cit%C3%A9-frug%C3%A8s-le-corbusier>>. Acesso em: 18 abr. 2011.

CONSTRUBASE ENGENHARIA. **Ponte Redinha: Ponte Estaiada Forte Redinha sobre o Rio Potengi**. [200-?]. Disponível em: <<http://www.construbase.com.br/areas-de-atuacao/construcoes/ponte-redinha.php>>. Acesso em: 04 out. 2011.

CORREA, Telma de Bastos. **A construção do habitat moderno no Brasil – 1870-1950**. São Paulo: RiMa Editora, 2004.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Marxismo e Política: a dualidade de poderes e outros ensaios**. São Paulo: Cortez, 2008.

DANA. **Natal/RN: vista do 27º andar**. Foto feita para o fórum da Secretaria de Trânsito e Transporte Urbano (STTU). 08 nov. 2006. Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/danapeper/292745553/>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

DECITRE. **Les pavillonnaires [imagem]**. [20--?]. Disponível em: <<http://www.decitre.fr/livres/Les-pavillonnaires.aspx/9782747502702>>. Acesso em: 13 nov. 2009.

DECITRE. **L'habitat pavillonnaire [imagem]**. [2011?]. Disponível em: <<http://www.decitre.fr/livres/L-habitat-pavillonnaire.aspx/9782747502719>>. Acesso em: 13 nov. 2010.

DESIGNBOOM. **Zaha hadid: galaxy SOHO (chaoyangmen SOHO) now under construction**. [200-?]. Disponível em: <<http://www.designboom.com/weblog/cat/9/view/14705/zaha-hadid-galaxy-soho-chaoyangmen-soho-now-under-construction.html>>. Acesso em: 04 out. 2011.

DONNE, M Delle. **Teorias sobre a cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

ENGELS, Friedrich . **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Escala, (?).

ENGELS, Friedrich. **O Problema da Habitação**. Santos: Estampa, 1975.

O ENSINO de métodos e técnicas de pesquisa nos cursos de Ciências Sociais. **Cronos**, Natal-RN, v. 8, n. 2, p. 387-394, jul./dez. 2007

EXCELENCE IMÓVEIS. **Carpe Diem Residencial**. Disponível em: <http://www.excelenceimoveis.com.br/imovel_35_Apartamento_Itacoatiara_Niteroi_RJ.html>. Acesso em: 15 ago. 2011.

FURTADO, Sônia. **Praia da Redinha: litoral norte vista da ponte Newton Navarro**. 01 dez. 2007. Disponível em: <http://www.flickr.com/photos/sonia_furtado/2100153913/>. Acesso em 04 out 2011.

GONÇALVES, Thiago. **A questão do programa Minha casa, minha vida**. 2011. Disponível em: <<http://www.culturamix.com/noticias/brasil/a-questao-do-programa-minha-casa-minha-vida>>. Acesso em: 11 nov. 2010.

GOOGLE MAPS. **Pyrénées-orientales**. [20--?]. Disponível em: <<http://maps.google.com.br/maps?um=1&hl=pt-BR&q=Pyr%C3%A9n%C3%A9es-Orientales%2C%20Languedoc-Roussillon>>. Acesso em: 7 out. 2011.

GUIMARÃES, Antônio Monteiro (Org). **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

HAROUËL, Jean-Louis. **História do urbanismo**. São Paulo: Papirus editora, 1990.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

HARVEY, D. **Espaço de esperança**. São Paulo: Loyola, 2004a.

HARVEY, D. **O novo imperialismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2004b.

HENRI Lefebvre (1901 - 1991). [20--?]. Disponível em: <<http://www.jahsonic.com/HenriLefebvre.html>>. Acesso em: jun. 2009.

HESS, Remi. **Henri Lefebvre et l'aventure du siècle**. Paris: A.M. Métailié, 1988.

INSTITUT OLIVIER DE SERRES. **Les grands hommes**: Le théâtre d'agriculture d'Olivier de Serres (1539-1619). 2010. Disponível em: <<http://agriculture.gouv.fr/le-theatre-d-agriculture-d-olivier>>. Acesso em: 15 abr. 2009.

JESUS, Patrícia Maria de. **Território do cotidiano**: tramas e dramas - Estudo do conjunto habitacional Parque Continental – SP. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008a.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**: Resenha. Revista do Departamento de Geografia. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **A sociologia de Marx**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1968.

LEFEBVRE, Henri. **Critique de la vie quotidienne I**: introduction. Paris: L'Arche, 1958.

LEFEBVRE, Henri. **Critique de la vie quotidienne II** : Fondements d'une sociologie de la quotidienneté. Paris: L'Arche, 1961.

LEFEBVRE, Henri. **De lo rural a lo urbano**. Barcelona: Península, 1974a.

LEFEBVRE, Henri. **Du rural à l'urbain**. Paris: Anthropos, 1970a.

LEFEBVRE, Henri. **Éléments de rythmanalyse**: introduction à la connaissance des rythmes. Paris: Syllepse, 1992.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008b.

LEFEBVRE, Henri. **La présence et l'absence** : contribution à la theorie des représentations. Paris: Casterman, 1980.

LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia**. México: Fondo de Cultura Econômica, 1983.

LEFEBVRE, Henri. **La Production de l'espace**. Paris: Anthropos, 1974b.

LEFEBVRE, Henri. **Le matérialisme dialectique**. Paris: Presse Universitaire de France, 1939.

LEFEBVRE, Henri. **Le retour à la dialectique**: 12 mots clés. Paris: Médissor/Édition Sociales, 1986.

LEFEBVRE, Henri. **Marxismo**. Porto Alegre: L&PM, 2009a. (Coleção L&PM Pocket; 784).

LEFEBVRE, Henri. **Méthodologie des Sciences**. Paris: Antrhopos, 2002.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2009b.

LEFEBVRE, Henri. **Para compreender o pensamento de Marx**. São Paulo: Elo-Mafra, 1970b.

LESCAUT, Paulo. **Conjuntos habitacionais**: experiências. 2008. Disponível em: <
<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=43479788>
>. Acesso em: 10 nov. 2010.

LETHIERRY, Hugues. **Penser avec Henri Lefebvre**: Sauver la vie et la ville. Lyon, França: Chonique sociale, 2009.

LIMONAD, Ester. **Entre a Ordem Próxima e a Ordem Distante**: contribuições a partir do pensamento de Henri Lefebvre. Niterói: UFF/GECEL, 2003. Disponível em: <
<http://www.uff.br/posgeo/publicacoes.htm>>. Acesso em: mar. 2009.

LOVE & Struggle: Henri Lefebvre. 2005. Disponível em:<<http://www.ualberta.ca/~rshields/Lefebvre.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2009.e

MACHADO, Carlos R. S. **A educação e a natureza na/da cidade**: contribuições de Henri Lefebvre. Natal, 2009. Projeto de Pós-Doutorado/FURG.

MACHADO, Carlos R. S. **Momentos da obra de Henri Lefebvre**: uma apresentação. Natal: Universidade Federal do Rio Grande/FURG. 2009.

_____; CIPRIANO, Diego Mendes; SCHNEIDER, Nairana. **A Educação, a Natureza e a Cidade em Henri Lefebvre**. Pesquisa financiada por PIBIC/FURG/CNPq 2007-2008 RG, Universidade Federal do Rio Grande. Disponível em:<
http://egal2009.easyplanners.info/programaExatendido.php?sala_=C%20-%2016&dia_=SABADO_AREAS_6_7_8#>. Acesso em: jun. 2010.

MAGRI, Susanna. Le pavillon stigmatisé. Grands ensembles et maisons individuelles dans la sociologie des années 1950 à 1970. **L'année sociologic**, v. 58, 2008. Disponível em: <
http://www.cairn.info/resume.php?ID_ARTICLE=ANSO_081_0171> Acesso em: 21 nov. 2010.

MARTINS, José de Souza (Org.). **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Contexto, 2008a.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo**: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Rio de Janeiro: Vozes, 2008b.

MARX, Karl. **O Capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

MASCLET, Oliver. Du bastion au ghetto: Le communisme municipal en butte à l'immigration. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 4, n. 159, p. 10-25, 2005. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-actes-de-la-recherche-en-sciences-sociales-2005-4-page-10.htm>>. Acesso em: 6 nov. 2010.

MOREIRA, Ana Maria de Albuquerque et al. A vida cotidiana e a docência universitária. **Linhas críticas**, v.10, n.19, p. 203 - 216, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://www.fe.unb.br/linhascriticas/n19/a_vida_cotidian_a_e_a_docencia_universitaria.html>. Acesso em: 14 out. 2008.

NASCIMENTO, José Clewton. **(Re)descobriram o Ceará? Representações dos sítios históricos de Icó e Sobral**: entre areal e patrimônio nacional. Salvador: EDUFBA, PPGAU; Florianópolis: ANPUR, 2011.

NESBITT, Kate (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura** : Antologia Teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras Completas**. São Paulo: Abril Cultura, 1983. (Coleção Os Pensadores).

OLIVEIRA, Adilson de. O caos e a ordem. **Ciência Hoje**. 18 ago. 2006. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/55440>>. Acesso em: 29 maio 2009

OLIVEIRA, Cínthia S. **Muitas histórias, uma imagem**: A percepção sócio-ambiental de alunos residentes da Escola Agrícola de Jundiá. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.

OLIVEIRA, Cínthia Soares de. **[Montagem**: edifício misto em Veneza, edifícios da metrópole (RJ) e edifício em Ponta Negra]. Natal, [2011a]. 3 Fotografias.

OLIVEIRA, Cínthia Soares de. **Dois cotidianos vividos diferentemente**: complexidade espaço-temporal na cidade do Rio de Janeiro- RJ e no Distrito de Diogo Lopes – RN. Natal, [2011b]. 2 Fotografias.

OLIVEIRA, Cínthia Soares de. **Espaço de encontro no Rio de Janeiro/RJ**. Natal, 2010a. 1Fotografia.

OLIVEIRA, Cínthia Soares de. **Espaços de encontro em Natal/RN e em Paris/FR**. Natal, [2010b]. 2 Fotografias.

- OLIVEIRA, Cíntia Soares de. **Evento na Praça São Salvador, bairro de Laranjeiras, RJ.** Natal, 2010c. 2 Fotografias.
- OLIVEIRA, Cíntia Soares de. **Temporada turística na Praça de São Marco, Veneza, Itália.** Natal, 2009b. 3 Fotografias.
- OLX. **Apartamento na Barra da Tijuca:** Barra Adventure. Disponível em: <<http://cidaderiodejaneiro.olx.com.br/apartamento-na-barra-da-tijuca-barra-adventure-lancamento-iid-70202702>>. Acesso em: 30 set 2011.
- PACA, Penha Elizabeth. **A estagnação urbana como parte da metrópole paulista do século XXI – o caso do Pari.** 2010. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- PADOVANI, U.; CASTAGNOLA, L. **História da filosofia.** São Paulo: Editora Melhoramento, 1993.
- PAULO NETTO, José. **Introdução ao estudo do método de Marx.** São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.
- PLANO CIDADE. **Plan Voisin de Le Corbusier.** 2010. Disponível em: <http://planocidade.wordpress.com/page/2/>. Acesso em: 5 set. 2011.
- POPULAÇÃO do RN. **Tribuna de Notícias.** 30 ago. 2008. Disponível em: <<http://tribunadenoticias.blogspot.com/2008/08/populao-do-rn.html>>. Acesso em 18/10/2011.

O QUE é Psicologia da Gestalt. Porto Alegre: Gestalt-Centro, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.igestalt.psc.br/psicogest.htm>>. Acesso em 7/10/2011

REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS URBANOS E REGIONAIS. [S.l.]: ANPUR, v. 5, n.1, 2003.

REVISTA CRONOS, Natal-RN, v. 8, n. 2, p. 387-394, jul./dez. 2007.

REVISTA DE HISTÓRIA REGIONAL 8(1): 163-167, Verão, 2003.

ROCHA, Alexandre Souza da. **Objetos, atos e situações no morar na periferia da metrópole :** momentos e implicação. 2007. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

ROCHA, Marília. **Complexo viário da Arena das Dunas incluirá construção de viaduto e túnel.** 2010. Disponível em: <<http://www.nominuto.com/esporte/copa-do-mundo/complexo-viario-da-arena-das-dunas-inclui-construcao-de-viaduto-e-tunel/54155/>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

SCHRODER, Victor F.; KONRAD, Joice; RODRIGUES, Paulo R. Q. **A produção do espaço no Rio Grande do Sul no período colonial.** Pelotas, 2006. Grupo de Estudos “Cidades do Prata”, do Laboratório de Estudos Urbanos — LEUR — ICH/UFPel.

- SOUZA, A. G. **Limites do habitar**: segregação e exclusão na configuração urbana contemporânea de Salvador e perspectivas no final do século XX. Salvador: EDUFBA, 2008.
- SOUZA, Charles Benedito Gemaque. A contribuição de Henri Lefebvre para reflexão do espaço urbano da Amazônia. **Confins**, n. 5, [maio] 2009. Projeto de pesquisa. Disponível em: <<http://confins.revues.org/document5633.html>>. Consultado em 29 abril 2009>. Acesso em: set. 2009.
- SOUZA, L. M. **Políticas públicas**. Natal: EDUFRN, 2009.
- TAKEITEASY. **[Janela para o céu]**. Disponível em: <<http://daanyborges.tumblr.com/>>. Acesso em: 25 out. 2011.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Centro de Tecnologia. Departamento de Arquitetura. **Projeto Político-Pedagógico do Curso de Arquitetura e urbanismo**. Natal, 2006. Disponível em: <<http://www.darq.ufrn.br/webroot/files/projetos/prj4b472a107dd96.pdf>>. Acesso em: 11/10/2011.
- VELOSO, Maísa; ELALI, Gleice, A. **Qualidade de vida urbana em Natal**: Mitos e realidades. Natal-RN: EDUFRN-Editora da UFRN, 2006.
- VELLOSO, Rita de Cássia Lucena. Cotidiano selvagem. *Arquitetura na Internationale Situationniste*. **Arquitextos**, ano 3, 27 aug. 2002. Disponível em:

<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq027/arq027_02.asp>. Acesso em: out. 2009.

VICENTE, Neto; MARQUES, Ciro. Imóveis e construção. Crescimento em ritmo alucinado. **Tribuna do Norte**. 3 setembro 2011. Disponível em: <<http://www.google.com.br/imgres?q=tribuna+do+norte+pon+ta+negra+d%C3%A9cada+de>>. Acesso em: out. 2011.

VIE MODERN II. **[Complexo industrial implementado em Lacq, área vizinha a cidade de Mourenx]**. 2008a. Disponível em: <<http://viemoderne2.blogspot.com/>>. Acesso em: 11 jul. 2009.

VIE MODERN II. **[Imagem da cidade de Mourenx, França]**. 2008b. Disponível em: <<http://viemoderne2.blogspot.com/>>. Acesso em: 11 jul. 2009.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

VISITNATALBRAZIL. **Onde vão os natalenses**. 2010. Disponível em: <<http://www.visitnatalbrazil.com/pt/o-que-fazer/vida-noturna/onde-vao-os-natalenses/>>. Acesso em: 30 set. 2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Grupo de Pesquisa em Análise e Planejamento Territorial – Gpapt - Diretório Cnpq - Unesp/Igce/Deplan/Lpm**. [20--?]. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/igce/planejamento/gpapt/gpapt.htm>>. Acesso em: nov. 2009.

YOUTUBE. **Neosaldina balões**. 2011. Disponível em:
<<http://www.youtube.com/watch?v=2ngcWkiUf2Y&NR=1>>
Acesso em: 04 out. 2011.

Sites

<<http://www.lasommeetlerest.com>> Études lefebvriennes -
Réseau mondial. Acesso em 2010 e 2011.

<<http://www.rizoma.net/interna>.
Entrevista com Lefebvre. Acesso em maio/2009.

<<http://netx.u-paris10.fr/actuelmarx/cm5/S&R11.pdf>>
Durham University. Professor Stuart Elden . Acesso em
outubro/2010.

APÊNDICE A - CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA INVESTIGAÇÃO DOS TRABALHOS DA FUNDAÇÃO COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES).

Teve por objetivo visualizar um panorama da presença de Henri Lefebvre nos trabalhos divulgados pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) desde 1986, ano em que os dados tornaram-se disponíveis por meio eletrônico. Os caminhos metodológicos englobaram, primeiramente, trabalhos relativos ao período 1986 a 2009, quando foi oferecida a disciplina Seminário de Tese, do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da UFRN. Os trabalhos divulgados a partir de 2010 foram pesquisados posteriormente.

A investigação pautou-se na definição de algumas palavras/expressões-chave, a partir dos estudos sob a orientação da prof^a Dr^a Amadja Henrique Borges e centrou-se em: Lefebvre; metodologias para arquitetura e urbanismo;

habitat e moradia; metodologias para o urbanismo; dialética espaço-tempo; vida cotidiana em Lefebvre; vida cotidiana e cotidianidade em Henri Lefebvre; lógica formal e dialética; teorias e práticas urbanísticas; materialismo histórico-dialético; o espaço do habitar; e, rural e urbano. Considerou-se, a princípio, a distinção entre trabalhos de doutorado e mestrado, a seguir (Quadro 1):

Quadro 1: Organização por palavras/expressões-chave.

Palavras/expressões-chave	Doutorado	Mestrado	Total
1. Lefebvre	1	2	3
2. Metodologias para arquitetura e urbanismo	-	21	21
3. Habitat e moradia	2	11	13
4. Metodologias para o urbanismo	14	51	65
5. Dialética espaço-tempo	5	16	21
6. Cotidiano (vida cotidiana e cotidianidade/Henri Lefebvre)	7	7	14
7. Lógica formal e dialética	6	5	11
8. Teorias e práticas urbanísticas	5	14	19
9. Materialismo histórico-dialético	7	36	43
10. O espaço do habitar	106	-	106
11. Rural e urbano	53	-	53
Total	199	163	359

Os detalhes deste procedimento são explicados do seguinte modo:

a) uma primeira seleção dos trabalhos dispostos no banco de dados da CAPES considerando as ‘palavras-chave’ e salvando em meio eletrônico (pastas separadas para cada palavra-chave) aqueles mais diretamente ligadas ao objeto da tese. Essa primeira análise pautou-se, principalmente, nos títulos das teses e dissertações e nas áreas de estudos afins apontando a necessidade de se considerar áreas como geografia e educação, dentre outras, ou seja, para além da arquitetura e urbanismo.

b) observações relevantes as expressões/palavras-chave pesquisadas, separadas em arquivo eletrônico de modo a compor qualitativamente o trabalho aqui desenvolvido. Como exemplo, a tese intitulada ‘São Paulo, as desigualdades sociais e o descontrole de uso e ocupação do solo’, de 2007, cuja metodologia envolveu o estudo das relações estado e sociedade, recorrendo à microeconomia, direito e áreas do comportamento coletivo, em particular a ‘teoria da janela quebrada’. Para a contextualização e o entendimento do trabalho pesquisou-se, então, a referida teoria, que resumidamente indica que caso se quebre uma janela de um

edifício e não haja conserto imediato, logo haverá mais janelas quebradas.

c) análise dos resumos da cada trabalho selecionado da CAPES para uma segunda avaliação mais conexa ao tema desta pesquisa e que pudesse contribuir para uma visão geral do estado da arte;

d) elaboração de outro quadro para facilitar o agrupamento de informações e evitar duplicidade, haja vista a grande quantidade de trabalhos encontrados a partir de 1987. Nessa etapa, foram observados nos trabalhos eletrônicos, teses ou dissertações, ano de publicação, título e área de conhecimento, objeto/objetivo, metodologia/método e técnicas/ferramentas, a seguir (Quadro 2):

Quadro 2: Organização dos trabalhos selecionados da CAPES, onde D=doutorado e M=mestrado

D/M/ano	Título	Área	Objeto	Metodol.	Técnicas
			Objetivo	Método	Ferramentas

e) a partir desta organização, foram averiguadas as palavras-expressões/chave com relação aos conteúdos dos trabalhos e aos objetivos traçados no início da pesquisa e, assim, redirecionar a busca ou mesmo aprofundar em algumas expressões ou palavras-chave. No entanto, a análise apontou que havia alguns trabalhos duplicados e elaborou-se novo quadro (3) constando de: trabalhos já analisados; palavras ou expressões/chave; dados da CAPES - computando o total de trabalhos (teses e dissertações) e total de trabalhos selecionados.

Quadro 3: Trabalhos analisados e totais de trabalhos pesquisados

Analisados	PALAVRAS/EXPRESSÃO-CHAVE	CAPES Total	SELEÇÃO		
			D	M	Total

Chegou-se à conclusão que algumas expressões/palavras-chave poderiam ser substituídas ou mesmo excluídas, como 'teorias e práticas urbanísticas'; 'materialismo histórico – dialético' e 'o espaço do habitar', que apresentavam grandes variações quanto às áreas de

conhecimento onde estavam alocadas no banco de dados da CAPES, o que dificultaria em muito um direcionamento mais efetivo para área de arquitetura e urbanismo. Em contraposição ampliou-se a pesquisa na direção de outra expressão/palavra-chave: 'rural e urbano'.

Após estes procedimentos partiu-se, então, para o tratamento dos dados, tanto quantitativamente, quanto qualitativamente. Do ponto de vista quantitativo e para efeito de organização obteve-se a seguinte disposição de expressões/ palavras-chave:

1. 'Henri Lefebvre': Nenhum trabalho.
2. 'Lefebvre': um trabalho de doutorado e dois de mestrado (pasta eletrônica única para item 1 e 2).
3. 'Metodologias para arquitetura e urbanismo': duas teses e 21 dissertações. Uma das teses sobre fitotecnia e a outra já selecionada (item posterior - a expressão-chave- 'metodologias para o urbanismo'). Quanto as dissertações, todas foram inseridas no item 'metodologias para o urbanismo'. Essa decisão se baseou na vinculação com a área de pesquisa do PPGAU/UFRN - Política físico-territorial do

espaço urbano. Foi, então, efetivada nova busca com a expressão ‘metodologia para o urbanismo’.

4. ‘Habitat e moradia’: duas teses e 16 dissertações. Destas foram selecionadas 11 dissertações e as duas teses totalizando 13 trabalhos referentes a esta expressão-chave.

5. ‘Metodologias para o urbanismo’: Ao nível de doutorado somaram 51 trabalhos. Destes, 14 foram selecionados. O total de dissertações alcançou 200 trabalhos. Destes foram selecionados 72, somando um total de 86 trabalhos a serem estudados com essa expressão-chave.

6. ‘Dialética espaço-tempo’: nove trabalhos de doutorado, destes, cinco foram selecionados. O total de 22 trabalhos de dissertações proporcionou a seleção de 16. Alguns trabalhos com esta expressão-chave são relacionados a áreas diversas, mas buscou-se ampliar o foco para outras áreas de conhecimento que possibilitassem observar diferentes metodologias, pois a expressão-chave ‘dialética espaço-tempo’ abrangeu para além a arquitetura e urbanismo, incluindo física, educação, administração, sociologia, filosofia, música. Observou-se, também, a presença do termo ‘cotidiano’,

principalmente com relações mais diretas com o campo de estudos da educação e dos processos de ensino. Portanto, a busca que incluiu a definição doutorado-mestrado, inter-relacionada a palavra-chave ‘cotidiano’, resultou em 2236 e 9461 teses/dissertações.

Nova tentativa efetivou-se com a expressão ‘vida cotidiana’, relacionando-a a palavra-chave anterior (cotidiano) e objetivando a concentração de trabalhos direcionados ao objetivo principal. Esse procedimento apontou: 871 teses/dissertações e 3085 teses/dissertações, abrangendo inúmeras áreas de estudo.

Quanto à expressão ‘vida cotidiana em Lefebvre’ somente uma dissertação, que ficou disponibilizada para consulta na pasta arquivada de mesmo título. Quanto à expressão ‘vida cotidiana e cotidianidade’ obteve-se: 871 teses/dissertações e 3085 teses/dissertações. Com a expressão: ‘vida cotidiana e cotidianidade em Henri Lefebvre’, 7 teses/dissertações e 6 teses/dissertações, dispostas na pasta intitulada ‘vida cotidiana em Lefebvre’.

7. 'Cotidiano' e as demais palavra/expressão-chave especificadas no item anterior ('vida cotidiana em Lefebvre' e 'vida cotidiana' e 'cotidianidade em Henri Lefebvre') foram diferenciadas numericamente para efeito de localização em pasta de arquivos específica.

8. 'Lógica formal e dialética' contou com 15 teses e 19 dissertações. Foram selecionadas seis teses e cinco dissertações.

9. 'Teorias e práticas urbanísticas': cinco teses e 18 dissertações. Destas foram selecionadas cinco teses e 14 dissertações.

10. 'Materialismo histórico-dialético': 59 teses e 217 dissertações. Selecionaram-se sete teses e 36 dissertações. Quanto às teses, a maioria dos trabalhos tratou de assuntos pertinentes à enfermagem, educação, serviço social e escolas. Nenhum deles fez menção diretamente à arquitetura e urbanismo, ou Lefebvre. As mesmas questões foram observadas quanto às dissertações.

11. 'O espaço do habitar': 110 teses, em várias áreas de conhecimento, dificultando a pesquisa no banco de dados.

Selecionaram-se, então, todas as expressões-chave novamente e incluíram-se os nomes Henri Lefebvre e Lefebvre, na sequência da pesquisa já realizada, mas não foi observado nenhum trabalho novo.

12. Para a expressão-chave 'rural e urbano' foram encontradas em nível de mestrado 1.193 trabalhos e de doutorado 302. Foram priorizados os trabalhos de doutorado e selecionados os títulos e conceitos mais relacionados à arquitetura e urbanismo e separados na pasta 'Capes- rural e urbano', em acordo com os procedimentos anteriores. Portanto, 53 trabalhos de doutorado ficaram disponíveis para consulta.

Do ponto de vista qualitativo, cada uma das palavras/expressões-chave teve o mesmo procedimento de 'cotidiano' (vida cotidiana em Lefebvre e vida cotidiana e cotidianidade em Henri Lefebvre), conforme especificado adiante (Quadro 4):

Quadro 4: Procedimentos para expressões/palavras-chave²⁷⁰ contemplando objeto/objetivo, metodologia/método e técnicas/ferramentas utilizadas.

Objeto/objetivo	Metodologia /Método	Técnicas /Ferramentas
[...] práticas e representações do lazer dos moradores [...] SP. Objetivo: analisar as representações e compreender uma dimensão da vida urbana paulista. [...] obter informações relativas à formação da Favela [...]; apreendeu o processo de luta de seus moradores com o poder público, quando esta foi selecionada para a Fase III do Projeto Cingapura.	Produto da sociedade moderna, com fundamento nas teorias de Henri Lefebvre, o lazer foi compreendido como um dos elementos que, juntamente com a família e o trabalho, constitui a totalidade vida cotidiana.	Depoimentos orais possibilitaram dados relativos às práticas e representações do lazer dos moradores da Favela

A partir daí, procedeu-se com a discussão que avaliou todos os trabalhos com igual importância para o delineamento do estado, temporário, da arte. As análises dispensaram a

²⁷⁰ Os procedimentos para as palavras/expressões-chave abrangeram para além do ano de publicação, do título e da área de estudos, englobando também, objeto/objetivo, metodologia/método e técnicas/ferramentas.

diferenciação da classificação ‘doutorado’ ou ‘mestrado’ e, em acordo com Henri Lefebvre, envolveram a multidisciplinaridade. Nessa direção, foram consideradas datas, unidades acadêmicas, objetivos, metodologias/método e técnicas/ferramentas que mais ilustraram o universo pesquisado com relação ao autor, e que se encontram no corpo do texto da tese.

Algumas outras questões pertinentes aos caminhos metodológicos aqui traçados para investigação dos trabalhos da fundação coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior (capes) são apontados, a seguir:

- Durante o processo de identificação dos trabalhos mais diretamente vinculados à área de arquitetura e urbanismo foi possível inserir comentários que poderiam ser úteis no decorrer desta tese;

- A realização de pesquisas paralelas a coleta de dados da CAPES, dentre alguns exemplos, a criação do conceito de nicho geográfico (de instalação industrial a partir de uma estrutura metodológica para a avaliação de impactos ambientais de projetos industriais), a correlação entre a área

de transportes urbanos e preço do uso do solo, bem como com os tempos, imposto, gasto e de lazer e um estudo sobre u-topos - um não-espço, também denominado hiperespço;

- A busca da expressão-chave 'rural e urbano' que proporcionou a possibilidade de um aprofundamento analítico na obra de referência desta tese;

- A dificuldade de detectar, em primeira vista, as áreas de conhecimento, principalmente quando o título se relaciona ao tema da tese. As informações do banco de dados apontam uma amplitude que alcança desde geografia, história, filosofia, educação, ciências sociais, até enfermagem, fitotecnia, dentre outras. Portanto, impede o direcionamento da primeira busca no banco de dados, gerando um enorme volume de teses e dissertações a serem analisadas num momento posterior;

- Quanto à duplicidade de trabalhos, não existe meio que facilite este procedimento, mesmo com a utilização de palavras/expressões-chave diferentes. Corre-se, portanto, esse risco sendo necessário recorrer à ferramenta do Word (LOCALIZAR tal palavra). A ideia de tentar selecionar nos campos de pesquisa da CAPES o assunto desejado

concomitante a outro aspecto que deva ser pesquisado não procede. Como exemplo, a pesquisa relativa ao 'espço do habitar' que apresentou tantas variedades nas áreas de conhecimento que impossibilitou a pesquisa. Isso indicou que a composição dos campos a serem preenchidos no banco de dados, pelo pesquisador, poderia ser reavaliada e, assim, possibilitar buscas mais produtivas.

- Ainda nessa direção, o não preenchimento, pelo pesquisador, dos campos indicados pela CAPES, como exemplo a área de conhecimento e a linha de pesquisa, o que atrasa em muito as buscas, pois quando não são oferecidas essas informações, é necessário analisar o Resumo e este pode ou não corresponder à expectativa inicial aumentando o número de trabalhos a serem observados desnecessariamente. Nesse sentido, registra-se que em 2010 houve modificação no banco de dados o que facilitou em muito as buscas eletrônicas que se sucederam.

- Diferenças significativas na qualidade e quantidade dos resumos dispostos no banco de dados;

- A denominação variada dos cursos como os de

arquitetura, de urbanismo, de desenvolvimento urbano, de engenharia urbana, de planejamento urbano, dentre outros, o que reforça o parcelamento do conhecimento em áreas afins, ao mesmo tempo em que reforça a presença de áreas multidisciplinares;

- A quantidade de trabalhos pautados exclusivamente em dados computadorizados.

Finalizando, esta etapa dos estudos colaborou bastante com o objetivo da tese. É importante indicar, também, que além da assistência fundamental da profª Drª Amadja Henrique Borges, orientadora deste trabalho, houve a colaboração da Drª Marise Costa de Souza Duarte, procuradora do município de Natal-RN, mestre em direito e doutora em arquitetura e urbanismo pelo PPGAU/UFRN, que generosamente dividiu seus conhecimentos cooperando com a elaboração desta fase do trabalho.